

CYNTIA GRIZZO MESSENERG

**A SÉRIE NA ROÇA, DE RENATO S. FLEURY,
NA HISTÓRIA DO ENSINO DA LEITURA NO BRASIL**

**Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
Faculdade de Filosofia e Ciências
Campus de Marília
Programa de Pós-Graduação em Educação
Marília-SP
26 de março de 2012**

CYNTIA GRIZZO MESSENBURG

**A SÉRIE NA ROÇA, DE RENATO S. FLEURY,
NA HISTÓRIA DO ENSINO DA LEITURA NO BRASIL**

DISSERTAÇÃO apresentada à banca examinadora
do Programa de Pós-Graduação em Educação da
Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade
Estadual Paulista, campus de Marília.

Área de Concentração: Políticas Públicas e
Administração da Educação Brasileira.

Linha de Pesquisa: Filosofia e História da Educação
no Brasil

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria do Rosário Longo
Mortatti.

Marília-SP
26 de março de 2012

Messenberg, Cyntia Grizzo.
M584s A série Na roça, de Renato S. Fleury, na história do
 ensino da leitura no Brasil / Cyntia Grizzo Messenberg. –
 Marília, 2012
 176 f. + anexos ; 30 cm.

 Dissertação (Mestrado) Universidade Estadual Paulista,
 Faculdade de Filosofia e Ciências, 2012
 Bibliografia: f. 161-173
 Orientadora: Maria do Rosário Longo Mortatti

 1. Fleury, Renato Sêneca. 2. Educação – História – Brasil.
 3. Leitura (Ensino de 1ª grau) – Aprendizagem. 4. Métodos
 de ensino. 5. Pesquisa histórica. I. Autor. II. Título.

CDD 371.3

CYNTIA GRIZZO MESSENERG

**A SÉRIE NA ROÇA, DE RENATO S. FLEURY,
NA HISTÓRIA DO ENSINO DA LEITURA NO BRASIL**

Banca Examinadora

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria do Rosário Longo Mortatti
Faculdade de Filosofia e Ciências-Unesp-Marília

2º. Examinador: Prof^a. Dr^a. Helenise Sangoi Antunes
Universidade de Santa Maria

3º. Examinador: Prof. Dr. Pedro Ângelo Pagni
Faculdade de Filosofia e Ciências-Unesp-Marília

**Marília-SP
26 de março de 2012**

**Para minha família,
meu eterno alicerce**

AGRADECIMENTOS

Ao criador de tudo: Deus;

Aos que me colocaram no caminho e me ensinaram os primeiros passos:

Maria Lúcia e Gustavo;

Aos que encontrei nesse caminho e me ajudaram com palavras de incentivo a superar os inúmeros obstáculos: família (Carlos Rô e Gustavo), familiares e amigos;

A quem me mostrou que todo caminhar exige escolhas e para entrar em um caminho e seguir em frente é preciso pensar, pensar e pensar. Sem o seu direcionamento criterioso, eu não teria chegado ao fim desse longo caminhar: Maria do Rosário;

Aos que iluminaram esse caminho em momentos difíceis: professores Flávia Obino Corrêa Werle e Pedro Ângelo Pagni;

Aos que me forneceram informações importantes para que eu seguisse em frente: funcionários de bibliotecas e acervos que visitei e funcionários da seção de Pós-Graduação,

Aos que me auxiliaram a compreender as peculiaridades desse caminhar, colegas do GPHELLB, Fernando, Agnes, Thabatha, Franciele, Sueli e Bárbara;

A quem me concedeu bolsa, sem a qual eu não teria condições para me dedicar exclusivamente ao desenvolvimento da pesquisa científica: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP);

A quem me forneceu informações pessoais sobre Renato Fleury: Maria Helena Granja Fleury (neta de Renato Fleury);

Àquele que me acompanhou incansavelmente na etapa final: Daniel.

Resumo

Nesta dissertação, apresentam-se resultados de pesquisa de Mestrado em Educação (bolsa FAPESP), vinculada à linha “História da Alfabetização” do Grupo de Pesquisa, do Projeto Integrado de Pesquisa “História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil” e também do Projeto Integrado de Pesquisa “Bibliografia Brasileira sobre História do Ensino de língua e literatura no Brasil” (2003-2011) (CNPq), todos coordenados por Maria do Rosário Longo Mortatti. Com o objetivo geral de contribuir para a produção de uma história do ensino de língua e literatura no Brasil, em continuidade às atividades desenvolvidas, desde 2008, como bolsista de iniciação científica (PIBIC/CNPq/UNESP), focaliza-se, nesta dissertação, a proposta para o ensino da leitura apresentada na cartilha e nos três livros de leitura que integram a série *Na roça*, de Renato Fleury (1895-1980), publicada pela Companhia Melhoramentos de São Paulo e destinada aos alunos das escolas localizadas na zona rural do Brasil. Mediante abordagem histórica centrada em pesquisa documental e bibliográfica, desenvolvida por meio da utilização de procedimentos de localização, recuperação, reunião, seleção, ordenação e análise de fontes documentais e de leitura da bibliografia especializada sobre o tema, elaborou-se instrumento de pesquisa contendo a bibliografia *de* e *sobre* Renato Fleury. Dentre os documentos localizados e reunidos, foram selecionados como *corpus* para análise a cartilha e os livros da série *Na roça*. Analisou-se a configuração textual dos textos do *corpus*, para compreender diferentes aspectos constitutivos do seu sentido: quem foi Renato Fleury e qual foi sua formação e atuação profissional; com qual objetivo ele escreveu a série *Na roça*; a quem essa série de leitura foi destinada; como e o que foi proposto nessa série para o ensino da leitura; em que contexto histórico-educacional a série *Na roça* foi publicada; qual a repercussão que essa série teve no ensino da leitura no Brasil e como essa série dialoga com a produção sobre o ensino da leitura no momento em que foi publicada. Essa análise possibilitou constatar que, considerando as necessidades de “agilizar” o ensino da leitura, respeitar as individualidades e as etapas do desenvolvimento da criança, Renato Fleury propôs, na cartilha, publicada em 1935, método misto para o ensino inicial da leitura e, nos livros de leitura, publicados em 1936, lições fundamentadas em princípios pedagógicos que foram divulgados, pelo movimento da “Escola Nova”. Considerando, principalmente, que, tanto as lições da cartilha, quanto as dos livros de leitura, estão relacionadas com aspectos presentes na zona rural brasileira e com atividades nela praticadas, foi possível constatar que a série *Na roça* representou uma das contribuições de Renato Fleury para o movimento de “ruralização do ensino” no Brasil, que ocorreu naquele momento histórico.

Palavras-chave: Renato Fleury. Ensino da leitura. Série *Na roça*. História da Educação.

Abstract

In this dissertation are presented the results of research the Master in Education, linked to the line “History of Literacy”, from the Research Group and Integrated Research Projects “History of Teaching Language and Literature in Brazil” and “Brazilian Bibliography about Teaching Language and Literature in Brazil” (2003-2011) (CNPq), all coordinated by Maria do Rosário Longo Mortatti. Aiming to contribute to the production of a language and literature teaching history in Brazil, in continuity to the activities developed since 2008, in the scientific initiation (PIBIC/CNPq/Unesp), it focus in the dissertation the proposal for the teaching of reading presented in cartilha *Na roça* and three books for to reading that comprise the série *Na roça*, written by Renato Fleury (1895-1980), published by the Companhia Melhoramentos de São Paulo and destined for the students the schools located in the Brazilian’s area rural. Through historical approach centered on documentary and bibliographical investigation, and by means of localizing, retrieving, assembling, selecting and ordering proceedings and reading of relevant literature, it was elaborated an instrument of research containing the bibliography of an about Renato Fleury and those books textual configuration was analyzed, that is to say, to focus on different constitutive aspects of their meanings: who is Renato Fleury and what is what was your training and your experience; what purpose he wrote the serie *Na roça*; who was designed this serie; how and what was proposed in this series for the teaching of reading; which historical context and educational fields in the serie was published; what effect that this series was to teach reading in Brazil and how this serie speak to the production of teaching reading at time it was published. This analysis made it possible to see that, considering the needs of “make fast” the teaching of reading, to respect the particularities the stages of children development, Renato Fleury proposed mixed method in the cartilha *Na roça*, published in 1935, and in reading books, published in 1936, lessons based on the political and educational principles that have been published in the movement of “New Education”. Also, can be seen that the serie *Na roça* represented one contribution of Renato Fleury for the movement of “ruralization of teaching” in Brazil, what happened in this historical moment, considering that lessons of cartilha *Na roça*, as those reading books, presented aspects are related in rural Brazil and activities practiced it.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Antônio Gonzaga de Sêneca de Sá Fleury e Thereza Guilhermina Grohmann.....	47
Figura 2 –	Renato Fleury em sua formatura pela Escola Normal de São Paulo, em 1912.....	50
Figura 3 –	Renato Fleury (ao meio, na ponta inferior da foto) com a turma de formandos pela Escola Normal de São Paulo, em 1912.....	52
Figura 4 –	Renato Fleury e sua primeira esposa, Carmem Seabra.....	54
Figura 5 –	Participantes do curso de higiene realizado em 1918, em São Paulo, no Instituto Soroterápico do centro de pesquisa Butantan	56
Figura 6 –	Exemplar do <i>Ypiranga</i> , edição de 30 de novembro de 1907.....	67
Figura 7 –	Quadro para ensino intuitivo, intitulado “A cana-de-açúcar”.....	69
Figura 8 –	Biografias escritas por Renato Fleury.....	77
Figura 9 –	Livros que integram a série de leitura <i>Vamos ler?</i>	80
Figura 10 –	Livros leitura que integram a <i>Série Pátria Brasileira</i>	82
Figura 11 –	Cartilhas de alfabetização de autoria de Renato Fleury.....	87
Figura 12 –	“Capa 1” das edições da cartilha e dos livros de leitura que integram a série <i>Na roça</i>	104
Figura 13 –	“Capa 2” das edições da cartilha e dos livros de leitura que integram a série <i>Na roça</i>	104
Figura 14 –	133 ^a . edição, de 1958, da cartilha <i>Na roça</i>	110
Figura 15 –	1 ^a . lição de recordação da cartilha <i>Na roça</i>	112
Figura 16 –	5 ^a . lição das 1 ^a ., 47 ^a . e 133 ^a . edições da cartilha <i>Na roça</i>	114
Figura 17 –	1 ^a . lição das 39 ^a . e 133 ^a . edições da cartilha <i>Na roça</i>	118
Figura 18 –	28 ^a . lição de <i>Na roça</i> : primeiras leituras.....	124
Figura 19 –	3 ^a . lição de <i>Na roça</i> : primeiras leituras.....	125
Figura 20 –	12 ^a . lição de exemplar sem número de edição de <i>Na roça</i> : segundas leituras.....	129
Figura 21 –	13 ^a . lição de exemplar sem número de edição de <i>Na roça</i> : segundas leituras.....	130
Figura 22 –	21 ^a . lição de exemplar sem número de edição de <i>Na roça</i> : terceiras leituras.....	135
Figura 23 –	38 ^a . lição de exemplar sem número de edição de <i>Na roça</i> : terceiras leituras.....	136
Figura 24 –	Adivinhações contidas em <i>Na roça</i> : primeiras leituras, 21 ^a . edição; <i>Na roça</i> : segundas leituras, exemplar sem número de edição; e <i>Na roça</i> : terceiras leituras, exemplar sem número de edição.....	140

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	– Bibliografia <i>de</i> Renato Fleury por tipo de texto e ano de publicação, entre 1921 e 1929.....	66
Quadro 2	– Bibliografia <i>de</i> Renato Fleury por título de jornal e década de publicação, entre 1920 e 1970.....	70
Quadro 3	– Bibliografia <i>de</i> Renato Fleury por tipo de texto e década de publicação, entre 1930 e 1970.....	73
Quadro 4	– Número das edições das cartilhas de alfabetização de Renato Fleury por datas de primeira edição e de edição mais recente.....	84
Quadro 5	– Bibliografia <i>sobre</i> Renato Fleury por tipo de texto e ano de publicação, entre 1933 e 2010.....	90
Quadro 6	– Ano de publicação das edições que localizei dos livros da série <i>Na roça</i> , diferentes capas e total de exemplares publicado.....	101
Quadro 7	– Número de edições que localizei da cartilha <i>Na roça</i> por data de publicação.....	116
Quadro 8	– Conteúdo das lições da cartilha e dos livros que integram a série <i>Na roça</i>	139

SUMÁRIO

Introdução	11
Capítulo 1 – Considerações sobre pesquisas históricas sobre alfabetização e educação rural, desenvolvidas nos séculos XX e XXI	26
Capítulo 2 – Aspectos biográficos de Renato Fleury	45
Capítulo 3 – Aspectos da Bibliografia de e sobre Renato Fleury.....	63
3.1 Bibliografia de Renato Fleury	64
3.1.1 Artigos em jornais	69
3.1.2 Livros de literatura infanto-juvenil	72
3.1.3 Livros de leitura.....	78
3.1.4 Artigos em revistas.....	82
3.1.5 Cartilhas de alfabetização.....	84
3.1.6 Outras seções do instrumento de pesquisa.....	88
3.2 Bibliografia sobre Renato Fleury.....	88
Capítulo 4 – Apresentação da série <i>Na roça</i> e aspectos gerais da editora.....	94
4.1 Aspectos do mercado editorial brasileiro na década de 1930: a Companhia Melhoramentos e a publicação da série <i>Na roça</i>	98
Capítulo 5 – Renato Fleury e a série <i>Na roça</i>: aspectos dos exemplares analisados.....	100
5.1 A série <i>Na roça</i> e as Séries de leitura analisadas no âmbito do GPHELLB.....	106
5.2 Cartilha <i>Na roça</i>	109
5.2.1 As lições	111
5.2.2 Os temas das lições.....	113
5.2.3 As mudanças feitas com o passar dos anos.....	115
5.2.4 Renato Fleury e a proposição do “método misto” para o ensino inicial da leitura.....	119
5.3 <i>Na roça</i> : primeiras leituras.....	121
5.3.1 As lições.....	122
5.3.2 As explicações do autor	126
5.4 <i>Na roça</i> : segundas leituras.....	127
5.4.1 As lições	128
5.4.2 As explicações do autor	132
5.5 <i>Na roça</i> : terceiras leituras	133
5.5.1 As lições.....	133
5.5.2 As explicações do autor	136
5.6 Considerações sobre os livros que integram a série <i>Na roça</i>	137
Capítulo 6 – O momento histórico de publicação da série <i>Na roça</i>.....	142
6.1 A escola isolada rural no Brasil, a “ruralização do ensino” e a série <i>Na roça</i>	147
6.2 Considerações sobre a relação entre a série <i>Na roça</i> e o movimento da “Escola Nova”	151
Considerações finais.....	155
Referências	161
Instituições, acervos e sites consultados	174
Apêndice – Instrumento de pesquisa <i>Bibliografia de e sobre Renato Fleury (1895-1980): um instrumento de pesquisa</i>.....	177

INTRODUÇÃO

Para estudar alfabetização, tema que me despertou interesse durante a graduação em Pedagogia da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) da Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Marília, em março de 2008, procurei a professora Maria do Rosário Longo Mortatti. Ao conhecer o grupo que ela coordena, o GPHELLB – Grupo de Pesquisa História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil¹, me interessei por desenvolver pesquisa científica sobre a história alfabetização. Em março de 2008, ingressei nesse grupo e, sob orientação dela, passei a desenvolver pesquisa de iniciação científica, vinculadamente à linha “História da Alfabetização”², com bolsa PIBIC/CNPq/Unesp³.

O GPHELLB decorre do Programa de Pesquisa “História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil” (PPHELLB) e, desse grupo e desse programa de pesquisa, em funcionamento desde 1994, resultaram o Projeto Integrado de Pesquisa “História do ensino de língua e literatura no Brasil” (PIPHELLB), em desenvolvimento desde 1995, e o Projeto Integrado de Pesquisa “Bibliografia Brasileira sobre História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil (2003-2011)” (BBHELLB)⁴.

O GPHELLB, o PPHELLB, o PIPHELLB e o BBHELLB estão organizados em torno do tema geral, método de investigação e objetivo geral que são comuns a todas as pesquisas de seus integrantes. O tema geral — ensino de língua e literatura no Brasil — se subdivide em cinco linhas de pesquisa, a saber: “História da Formação de professores de língua e literatura” (inclusive alfabetizadores); “História da Alfabetização”, “História do Ensino de língua portuguesa”; “História do Ensino de literatura”; e “História da Literatura infantil e juvenil”. O método de investigação está centrado em abordagem histórica, com análise da configuração textual de fontes documentais, que consiste analisar:

[...] o conjunto de aspectos constitutivos de determinado texto, os quais se referem: às opções temático-conteudísticas (o quê?) e estruturais formais (como?), projetadas por um determinado sujeito (quem?), que se apresenta como autor de um discurso produzido de determinado ponto de vista e lugar social (de onde?) e momento histórico (quando?), movido por certas necessidades (por quê?) e

¹ O GPHELLB está cadastrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa do Brasil – CNPq e é certificado pela UNESP, desde 1994. Das atividades desenvolvidas no GPHELLB, foram sendo criados projetos integrados de pesquisa, que discrimino no apêndice deste texto. Essas e outras informações sobre o GPHELLB também estão disponíveis no site: <http://www.marilia.unesp.br/gphellb>.

² As cinco linhas de pesquisa do GPHELLB são “História da Formação de professores”, “História da Alfabetização”, “História do Ensino de língua portuguesa”, “História do Ensino de literatura” e “História da Literatura infantil e juvenil”.

³ Bolsa concedida de agosto de 2008 a janeiro de 2009.

⁴ Apoio CNPq, Edital Universal, processo n°. 482749/2009-1.

propósitos (para quê?), visando a determinado efeito em determinado tipo de leitor (para quem?) e logrando determinado tipo de circulação, utilização e repercussão. (MORTATTI, 2000a, p. 31).

O objetivo geral é:

[...] contribuir tanto para a produção de uma história do ensino de língua e literatura no Brasil, que auxilie na busca de soluções para os problemas desse ensino, no presente, quanto para a formação de pesquisadores capazes de desenvolver pesquisas de fundo histórico, que permitam avanços em relação aos campos de conhecimento envolvidos. (MORTATTI, 2003, p. 3).

Com esse objetivo geral, para definir o tema da pesquisa que eu desenvolveria na iniciação científica, minha orientadora recomendou que eu escolhesse, no acervo do GPHELLB, uma cartilha de alfabetização para que, a partir da análise da configuração textual dela, pudesse compreender a proposta para o ensino inicial da leitura em um determinado momento da história da alfabetização no Brasil. Dentre as inúmeras possibilidades, optei pela cartilha *Na roça*, de Renato Fleury (1895-1980), principalmente por observar que, no âmbito do GPHELLB, apesar de terem sido desenvolvidas pesquisas resultantes da análise da configuração textual de cartilhas de alfabetização, nenhuma cartilha tinha destinação específica aos alunos que frequentavam escolas rurais e isso despertou em mim curiosidade para saber se havia diferenças.

Após essa escolha, como metodologia de pesquisa desenvolvida por todos integrantes do GPHELLB, elaborei instrumento de pesquisa relativo à bibliografia *de e sobre* Renato Fleury, por meio de procedimentos de localização, recuperação, reunião, seleção, ordenação e análise de referências de textos escritos por esse professor, “Bibliografia *de* Fleury” e textos de outros autores, incluindo textos que abordavam especificamente aspectos da vida e da produção escrita de Renato Fleury, além de textos que continham menções a ele, sua atuação profissional, sua produção escrita e/ou citavam textos seus, “Bibliografia *sobre* Fleury”.

Apresentei resultados do desenvolvimento dessa pesquisa no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado *Um estudo sobre Na roça: cartilha rural para alfabetização rápida (1935), de Renato Sêneca Fleury* (MESSENBURG, 2008a)⁵, que

⁵ Esse TCC foi apresentado em 2008 e aprovado com nota 10 pela banca examinadora. A banca examinadora foi composta pelas professoras: Maria do Rosário Longo Mortatti (orientadora), Norma Sandra de Almeida Ferreira (Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP), e Rosane Michelli de Castro (UNESP, campus de Marília).

tem como apêndice o instrumento de pesquisa mencionado, intitulado: *Bibliografia de e sobre Renato Sêneca Fleury (1895-1980)*: um instrumento de pesquisa.

Mediante os resultados apresentados nesse TCC, optei por continuar desenvolvendo a pesquisa, principalmente pelo fato de não ter localizado nenhuma pesquisa sobre Renato Fleury e sua contribuição para a história da alfabetização no Brasil. Além disso, durante o desenvolvimento da pesquisa, constatei que um ano depois da publicação da cartilha destinada ao ensino inicial da leitura, foram publicados mais três livros para o ensino da leitura, intitulados, respectivamente, *Na roça*: primeiras leituras, *Na roça*: segundas leituras e *Na roça*: terceiras leituras. A cartilha e esses três livros integram a série de leitura *Na roça*, de autoria de Renato Fleury, foram publicados pela Companhia Melhoramentos de São Paulo⁶ e adotados em todos estados do Brasil.

Elaborei, então, pré-projeto de pesquisa intitulado *A série Na roça, de Renato Fleury e o ensino da leitura* e participei do processo de seleção do Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da FFC-Unesp-Marília, tendo ingressado, em março de 2010. Submeti pedido de bolsa à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), tendo obtido sua concessão em março de 2011⁷.

Conforme havia estabelecido no projeto de pesquisa, o desenvolvimento da pesquisa no mestrado consistiu em aprofundar a análise da compreensão do modo de processuar o “método misto” para o ensino inicial da leitura proposto, em 1935, por Renato Fleury em *Na roça*: cartilha rural para alfabetização rápida, de compreender a proposta para o ensino da leitura nos três livros de leitura que teve publicado no ano subsequente e de compreender qual a repercussão que essa série teve nas escolas isoladas localizadas na zona rural em diferentes cidades do Brasil. Para isso, localizei, recuperei e selecionei para análise da configuração textual, diferentes edições da cartilha e dos livros de leitura. Meu *corpus* para análise, ficou assim constituído:

⁶ Com relação à nomenclatura dessa editora, segundo Donato (1990, p. 96), até 1938, os volumes apresentavam na capa a razão social Companhia Melhoramentos de São Paulo – Irmãos Weiszflog Incorporada. A partir de 2 de dezembro de 1938, passou a constar “Edições Melhoramentos”. Donato (1990) explica que “A novidade fora expressão lentamente elaborada nas escolas, na imprensa noticiosa, nas colunas de crítica. Ao longo dos anos a frase ‘livro editado pela Melhoramentos’ depurou em ‘edições Melhoramentos’ e por fim concretizou em ‘Edições Melhoramentos.’” (DONATO, 1990, p. 96). A partir daqui, toda vez que mencionar essa editora, utilizarei a formulação Companhia Melhoramentos. Apresentarei maiores informações sobre essa editora no capítulo 4 deste texto.

⁷ Bolsa concedida pela FAPESP entre março de 2011 e março de 2013. Processo número 2010/04078-6.

- *Na roça*: cartilha rural para alfabetização rápida⁸: primeira edição (1935), 25ª. edição (presumivelmente publicada em 1941)⁹, 39ª. edição (1943), 47ª. edição (1944), 107ª. edição (1952), 123ª. edição (1955) e 133ª. edição (1957);
- *Na roça*: primeiras leituras: 13ª. edição (1940), 17ª. edição (1942), 21ª. edição (1944) e 26ª. edição (1952);
- *Na roça*: segundas leituras: 13ª. edição (1942), 16ª. edição (1947), 19ª. edição (1951) e um exemplar sem data de publicação e sem número de edição;
- *Na roça*: terceiras leituras: 3ª. edição (sem data de publicação), 9ª. edição (1943), 11ª. edição (1944) e 12ª. edição (1948).

Ao constatar que não houve significativas alterações entre uma edição e outra, tanto da cartilha quanto dos livros de leitura, optei por analisar somente a configuração textual dos exemplares de primeira edição ou da edição mais antiga que localizei, a fim de preservar a proposta inicial do autor. Apesar de não analisar a configuração textual das outras edições, apresento nesta dissertação as principais alterações que foram feitas.

A partir da seleção desse *corpus*, formulei, para o desenvolvimento desta pesquisa, o seguinte problema para investigação: qual a proposta de Renato Fleury para o ensino da leitura aos alunos das escolas isoladas situadas na zona rural de diferentes estados brasileiros?

A partir desse problema, formulei as seguintes questões norteadoras de pesquisa:

- Quem foi Renato Fleury e qual foi sua formação e atuação profissional?
- Com qual objetivo escreveu a série *Na roça*?
- A quem se destinava a cartilha e os três livros que integram essa série de leitura?
- Como e o que foi proposto nessa série para o ensino da leitura?
- Em que contexto histórico-educacional foi publicada?
- Qual a repercussão da série *Na roça* no ensino da leitura no Brasil?

⁸ Considerando a extensão do título da cartilha e para diferenciar do título da cartilha do título dos livros de leitura, a partir daqui, todas as vezes em que mencionar a *Na roça*: cartilha rural para alfabetização rápida, utilizarei a formulação “cartilha *Na roça*”.

⁹ Presumi essa data a partir de análise comparativa entre as datas de publicação das outras edições que localizei.

- Como essa série de leitura dialoga com a produção sobre o ensino da leitura no momento histórico em que foi publicada?

Como objetivos da pesquisa, defini os seguintes:

Geral:

- contribuir para a produção de uma história do ensino de língua e literatura no Brasil.

Específicos:

- contribuir para a compreensão de um importante momento da história da alfabetização no Brasil;
- complementar o instrumento de pesquisa contendo a produção *de e sobre* Renato Fleury;
- ampliar a análise da configuração textual da cartilha e analisar a configuração textual dos três livros de leitura que integram a série *Na roça*; e
- contribuir para o desenvolvimento de pesquisas correlatas.

A hipótese que conduziu o desenvolvimento da pesquisa, cujos resultados apresento nesta dissertação, foi que Renato Fleury escreveu a cartilha e os livros de leitura que integram a série *Na roça* para contribuir com o movimento de “ruralização do ensino”, que ocorreu no Brasil naquele momento histórico. Além disso, considerando as necessidades de “agilizar” o ensino da leitura, respeitar as individualidades e as etapas do desenvolvimento da criança, Renato Fleury propôs, na cartilha, “método misto” para o ensino inicial da leitura e, nos livros de leitura, lições fundamentadas em princípios pedagógicos que foram divulgados pelo movimento da “Escola Nova”.

Considerando minha opção pela abordagem histórica, desenvolvi pesquisa documental e bibliográfica, mediante utilização de procedimentos de localização, recuperação, reunião, seleção, ordenação e análise de fontes documentais. Os procedimentos de localização e recuperação dos textos, que posteriormente selecionei como fontes documentais para serem analisadas, envolveram consultas a acervos físicos de instituições localizadas nas cidades de Marília-SP, Campinas-SP, Sorocaba-SP e São

Paulo-SP, além de base de dados disponíveis *on-line* e catálogos digitais disponíveis na *internet*.

Coerentemente com essa abordagem e a fim de manter a proposta inicial do autor, mantive a ortografia da época, tanto nos títulos dos documentos, quanto em citações que tirei desses documentos.

Realizei leitura de bibliografia especializada, em especial com abordagem histórica, sobre alfabetização, métodos de alfabetização, livros de leitura, “ruralização do ensino” e aspectos correlatos, tais como, características do momento histórico de publicação da série, característica da editora, dentre outros que se fizeram necessários para analisar a configuração textual da cartilha e dos livros de leitura.

Com relação à metodologia de análise da configuração textual, ela foi proposta por Mortatti diante da necessidade de:

[...] pensar em um método de investigação que, por um lado, não obliterasse as diferenças constitutivas do passado, nem buscasse enquadrá-lo, anacronicamente, em critérios apriorísticos produzidos no presente; e, por outro lado, permitisse compreender o presente em sua diversidade e historicidade, contribuindo para tomadas de decisão fundamentadas, por parte dos sujeitos envolvidos na busca de soluções para os problemas e urgências sociais, culturais e educacionais no Brasil. (MORTATTI, 2011, p. 72).

Essa metodologia de análise consiste, então, em analisar os diferentes aspectos constitutivos da configuração textual de um texto,

[...] os quais se referem: às opções temático-conteudísticas (o quê?) e estruturais formais (como?), projetadas por um determinado sujeito (quem?), que se apresenta como autor de um discurso produzido de determinado ponto de vista e lugar social (de onde?) e momento histórico (quando?), movido por certas necessidades (por quê?) e propósitos (para quê?), visando a determinado efeito em determinado tipo de leitor (para quem?) e logrando determinado tipo de circulação, utilização e repercussão. (MORTATTI, 2000a, p. 31).

Passo a apresentar a fundamentação teórica que utilizei para definir os seguintes conceitos: “alfabetização”, “métodos de alfabetização”, “livro didático”, “séries graduadas de leitura”, “escolas isoladas rurais”, “ruralização do ensino” e “Escola Nova” de acordo com a abordagem histórica e a fundamentação teórica que aqui proponho.

Para o desenvolvimento da pesquisa, me fundamentei na concepção apresentada por Le Goff (2003) de que o desenvolvimento de pesquisa histórica deve se basear em “documentos” que posteriormente serão considerados “monumentos”. Segundo esse historiador:

[...] as condições de produção do documento devem ser minuciosamente estudadas. As estruturas do poder de uma sociedade compreendem o poder das categorias sociais e dos grupos dominantes ao deixarem, voluntariamente ou não, testemunhos suscetíveis de orientar a história num ou noutro sentido; o poder sobre a memória futura, o poder de perpetuação deve ser reconhecido e desmontado pelo historiador. Nenhum documento é inocente. Deve ser analisado. Todo o documento é um monumento que deve ser desestruturado, desmontado. O historiador não deve ser apenas capaz de discernir o que é "falso", avaliar a credibilidade do documento, mas também saber desmistificá-lo. Os documentos só passam a ser fontes históricas depois de estarem sujeitos a tratamentos destinados a transformar sua função de mentira em confissão de verdade. (LE GOFF, 2003, p. 110).

Chartier (1998, p. 4), escreve sobre o processo de alfabetização na França e enfatiza que ensinar a ler e escrever:

[...] tanto ontem como hoje, nem por isso se define por um objetivo permanente desde o século XVII até hoje. A alfabetização não é uma realidade fora da história. Por trás daquilo a que se chama “saber ler” estão competências específicas de cada época [...]

Mortatti (2011), ao fazer um balanço das pesquisas apresentadas no I Seminário Internacional sobre História do Ensino da Leitura e Escrita – SIHELE – constatou que, no Brasil, o termo “alfabetização” consolidou-se:

[...] para designar/explicar fenômeno de natureza predominantemente pedagógica/didática constituído historicamente em relação direta com processos de escolarização e urgências políticas e sociais de nosso país. Trata-se, portanto, de um “conceito *brasileiro* de alfabetização”, de uso corrente nos dias atuais e constituído com base tanto nos diferentes sentidos atribuídos ao processo correspondente quanto nos correlatos termos utilizados para designá-lo, ao longo de sua história em nosso país: “ensino de primeiras letras”; “ensino da leitura”; “ensino da leitura e da escrita”; e, mais recentemente, “letramento (escolar)”. (MORTATTI, 2011, p. 9).

Considerando então, as “especificidades de cada época” e os diferentes “sentidos que foram sendo atribuídos ao longo de sua história no Brasil”, utilizo “alfabetização” no sentido de: “[...] ensino da língua escrita na fase inicial de escolarização de crianças.” (MORTATTI, 2000a, p. 17).

Com relação aos “métodos de alfabetização”, Rafael Grisi (1946)¹⁰ classifica-os em três:

Método sintético – Considerado historicamente como o primeiro – é o que consiste no ensino ou aprendizado da leitura e da escrita segundo a ordem de complexidade crescente do material gráfico, a partir dos “elementos” alfabéticos. [...] **Método analítico** – É o que consiste no ensino ou aprendizado da leitura e da escrita segundo a ordem de decomposição progressiva do material, a partir portanto de “todos” gráficos, isto é, sentenças ou palavras. [...] **Método misto ou analítico-sintético** – [...] tende a reunir as simpatias gerais. Teoricamente, duas são as suas modalidades: a primeira consiste no ensino prévio das letras ou sílabas, seguido imediatamente de suas combinações em palavras e sentenças; a segunda, na apresentação de frases e vocábulos que são imediatamente decompostos em sílabas e letras. (GRISI, 1946, p. 3-4, grifos do autor)

Mortatti (2006, p. 5), ao definir os métodos para o ensino da leitura e escrita na história da alfabetização no Brasil, destaca que as primeiras cartilhas brasileiras, escritas por professores paulistas e fluminenses por meio de suas experiências didáticas, baseavam-se nos métodos de marcha sintética. O ensino da leitura começava, então,

[...] com a apresentação das letras e seus nomes, de acordo com certa ordem crescente de dificuldade. Posteriormente reunidas as letras em sílabas e conhecendo-se as famílias silábicas, ensinava-se a ler palavras formadas com essas sílabas e letras e, por fim, ensinavam-se frases isoladas ou agrupadas [...] (MORTATTI, 2000b, p. 44).

O método sintético se diferenciava, pois podia ter início com a apresentação “[...] das letras e seus nomes (método da soletração/alfabético), ou de seus sons (método fônico), ou das famílias silábicas (método da silabação)”. (MORTATTI, 2006, p. 5).

Entretanto, no início do século XX começou a ser divulgado método de marcha analítica que “[...] sob forte influência da pedagogia norte-americana, baseava-se em princípios didáticos derivados de uma nova concepção – de caráter biopsicofisiológico – da criança [...]” (MORTATTI, 2006, p. 7).

De acordo com esse método analítico, o ensino da leitura deveria ser iniciado pelo “todo”, para depois se proceder à análise de suas partes constitutivas. No entanto, diferentes se foram tornando os modos de processuação do método, dependendo do que os seus defensores consideravam o “todo”: a palavra, ou a sentença, ou a “historieta”. (MORTATTI, 2006, p. 7).

¹⁰ A opção em apresentar a definição de Grisi para métodos de ensino se deve, principalmente, pelo fato de ele ter sido um pioneiro a sistematizá-los, conforme a utilização naquele momento histórico; e as definições que o sucederam compartilham com a sua definição, conforme apresento na definição de Mortatti (2000a).

Começaram, então, a surgir divergências quanto à forma de processar o método para o ensino da leitura e escrita e, “[...] buscando conciliar os dois tipos básicos de métodos de ensino da leitura e escrita (sintéticos e analíticos), em várias tematizações e concretizações das décadas seguintes, passaram-se a utilizar métodos mistos ou ecléticos (analítico-sintético e vice-versa).” (MORTATTI, 2006, p. 8).

Considerando, então, os novos fins atribuídos à alfabetização, a partir da década de 1920, passou-se a se utilizar método “misto” para o ensino da leitura. Apesar de o método “misto” não ser classificado como um tipo de método, ele era considerado melhor e mais eficiente naquele momento histórico, pois nele reuniam-se as concepções do método sintético e do analítico propostos e divulgados nos momentos anteriores.

Quanto à definição de “livro didático”, segundo Choppin (2004): “Na maioria das línguas, o ‘livro didático’ é designado de inúmeras maneiras, e nem sempre é possível explicitar as características específicas que podem estar relacionadas a cada uma das denominações [...]” (CHOPPIN, 2004, p. 549). Dessa forma, Choppin (2004) defende que:

[...] a imagem da sociedade apresentada pelos livros didáticos corresponde a uma reconstrução que obedece a motivações diversas, segundo época e local, e possui como característica comum apresentar a sociedade mais do modo como aqueles que, em seu sentido amplo, conceberam o livro didático gostariam que ela fosse, do que como ela realmente é. Os autores de livros didáticos não são simples espectadores do seu tempo: eles reivindicam um outro status, o de agente. O livro didático não é um simples espelho: ele modifica a realidade para educar as novas gerações, fornecendo uma imagem deformada, esquematizada, modelada [...] (CHOPPIN, 2004, p. 557).

A partir do exposto, utilizo, nesta dissertação, a expressão “livro didático” para me referir às cartilhas ou livros de leitura, ou seja, aos textos utilizados por alunos para o aprendizado da leitura e da escrita em situação escolar. Ressalto, porém, que especificamente a cartilha de alfabetização,

[...] serve a um fim específico, de introduzir os leitores no aprendizado dos princípios da leitura e esses princípios vão condicionar a escolha dos recursos e da forma de apresentação, fazendo com que esse livro tenha identidade especial, mesmo quando comparado com coleções de livros de leitura produzidos por um mesmo autor e editora. (FRADE, 2010, p. 142).

Com relação às “séries graduadas de leitura”, segundo Oliveira (2004):

[...] surgem para preencher uma lacuna. Essa lacuna é alardeada a partir da constatação da falta de materiais escolares necessários para a implementação e desenvolvimento do conhecimento escolar que se adequasse ao modelo de escola graduada. Esses livros são considerados suportes discursivos que compreendem um dado conjunto de conteúdos culturais e sua circulação contribuiu para a implementação de uma cultura escolar até então existente. (OLIVEIRA, 2004, p. 50).

Ainda segundo Oliveira e Souza (2000), as “séries de leitura” são o conjunto de “[...] três, quatro e até cinco livros (primeiro, segundo, terceiro, quarto e quinto livros de leitura), nos quais estão distribuídos todos os conhecimentos a serem ensinados desde o primeiro até o último ano da escola primária.” (OLIVEIRA; SOUZA, 2000, p. 27); sendo, cada livro, utilizado por um ano letivo.

Souza (2009) explicita como eram utilizados os livros que integravam as séries de leitura e como deveria ser o ensino da leitura.

Da leitura das palavras e sentenças escritas pelo professor no quadro negro, o ensino da leitura evolui para o uso da cartilha e dessa para o 1º. livro de leitura. Depois, a interpretação de pequenos trechos lidos, para a leitura em prosa e verso e leitura de manuscritos; do 2º. livro de leitura ao 3º. e 4º. sucessivamente seguindo a graduação do ensino primário. Da leitura corrente move-se para a leitura silenciosa, e dessa para a suplementar, e, por último, para a expressiva. (SOUZA, 2009, p. 108).

Ao fazer uma distinção entre “séries de leitura” e “livros isolados”, Batista, Galvão e Klinke (2002, p. 34), as definem como:

[...] coleções de livros destinados às quatro séries do ensino elementar, podendo incluir um quinto, voltado para a alfabetização ou para uma outra série, de acordo com a organização do sistema de ensino. Apresentam, por essa razão, uma progressão tanto no interior dos livros quanto em suas relações com os demais livros da série, em geral baseada na extensão e na complexidade dos textos utilizados. De modo mais claro que os livros isolados, assumem, como já se observou, as funções e características de um manual: tendem a apresentar uma clara destinação à escola, ao trabalho com a leitura; vinculam-se, com maior ou menor grau de explicitação, a uma série ou nível e organizam-se em lições ou unidades. (BATISTA; GALVÃO; KLINKE, 2002, p. 34).

Outros conceitos operativos que utilizo nesse texto referem-se, especificamente, às “escolas isoladas rurais” e aos movimentos educacionais que ocorreram no momento

histórico de publicação da cartilha e dos livros de leitura que integram a série *Na roça*, a saber: “ruralização do ensino” e “Escola Nova”.

As escolas primárias rurais foram criadas, no Brasil, em 1893, como escolas preliminares, “[...] em todas as localidades onde houvesse de vinte a quarenta alunos matriculáveis.” (REIS FILHO, 1981, p. 116). Posteriormente, essas escolas foram “[...] designadas e conhecidas por escolas isoladas. Nesse tipo de escola, o mesmo professor continuava ministrando o ensino para diferentes classes de alunos, numa mesma sala de aula.” (SOUZA, 2008, p. 45). Segundo Marcílio (2005), com a Reforma de 1920 essas escolas “[...] foram classificadas como rurais, distritais e urbanas. Para as primeiras, o governo nomeava livremente o professor normalista para regê-las.” (MARCÍLIO, 2005, p. 170).

Segundo Mendonça (1999), no final da chamada “Primeira República” no Brasil se encontram as primeiras concretizações do movimento conhecido como “ruralismo”. Como forma de legitimar a existência desse movimento, foi criada, em 1897, a Sociedade Nacional da Agricultura (SNA), no estado brasileiro do Rio de Janeiro, para congregar interesses de uma parcela da população brasileira que, em quase sua totalidade, era composta por proprietários rurais. Essa Sociedade viria se concretizar em 1909, com a instalação do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio (MAIC), “[...] una de las más intensas competiciones políticas intreclase dominante agraria del período, pues todas sus fracciones intentaron inscribir voceros de sus intereses em dicho organismo.” (MENDONÇA, 2011, p. 466).

Segundo Mendonça (1999), como forma de garantir os interesses de uma “oligarquia rural” brasileira, preocupada com a falta de mão-de-obra advinda com a Abolição da Escravatura (1888), a necessidade de inserção de produtos agrícolas no mercado externo, a necessidade de evitar o deslocamento em massa da população para os centros urbanos e a necessidade de garantir um espaço de representação política, o “[...] Ruralismo acabaria por desempenhar importante papel na configuração da nova ordem industrial emergente, balizando seus contornos possíveis, em função do grau de aceitabilidade socialmente imposto à mudança [...]” (MENDONÇA, 1999, p. 24).

Embasada em Mendonça (1999), então, compreendo “ruralização do ensino” como um movimento político brasileiro que teve início desde o final do século XIX,

[...] integrado por agências e agentes dotados de uma dada inserção na estrutura social agrária e sustentado por canais específicos de organização, expressão e difusão de suas demandas as quais, por seu turno, corresponderiam a interesses de proprietários distintos, o que

aponta para segmentações no seio da classe dominante, bem como para oposições à sua fração hegemônica, oriundas de “frações dominadas” dessa mesma classe, identificadas ou não com oligarquias de outros estados da federação. (MENDONÇA, 1999, p. 25-26).

Na década de 1920, no Brasil, diante do acelerado crescimento e industrialização nas cidades, grande parte dos trabalhadores rurais estavam deixando a zona rural. Com isso, uma parcela da população brasileira, principalmente proprietários rurais, educadores renomados e políticos que representavam o país se preocupavam em “fixar” o trabalhador na zona rural, para trabalhar e produzir a matéria prima necessária para as indústrias e para o mercado externo. Segundo Souza (2009, p. 150), entre 1920 e 1930 “[...] muitos educadores auto intitulados ‘ruralistas’ buscaram colocar em evidência os problemas da educação rural ancorados em projetos mais amplos para a sociedade brasileira.”. Nessa década, a “ruralização do ensino”:

[...] constitui mais uma ideologia em desenvolvimento. Isso quer dizer que vai progressivamente se estruturando como um corpo de idéias por meio das quais são encobertos determinados interesses, mas de maneira que, nesse decênio, os resultados práticos ainda não se manifestam inteiramente, no sentido de fornecerem uma conformação especial às instituições escolares. (NAGLE, 1974, p. 235).

Com relação ao movimento da “Escola Nova” e os princípios pedagógicos que foram divulgados com esse movimento, segundo Ribeiro e Pagni (2003), no Brasil, esse movimento teve início durante a década de 1920 e teve como:

[...] uma de suas metas eliminar o ensino tradicional que mantinha fins puramente individualistas, pois buscava princípios da ação, solidariedade e cooperação social. Para isto, propunha a introdução de novas técnicas e idéias pedagógicas. (RIBEIRO, PAGNI, 2003, p. 152).

A partir da reforma realizada por Fernando de Azevedo¹¹, em 1928¹², no Distrito Federal, esse movimento ganhou forças principalmente por ser considerado como um

¹¹ Fernando Azevedo nasceu em São Gonçalo do Sapucaí-MG em 20 de abril de 1894 e faleceu em São Paulo, em 17 de setembro de 1974. “Realizou seus primeiros estudos no Colégio Francisco Lentz, em São Gonçalo (1901-1902); em Nova Friburgo, Rio de Janeiro, sob a direção dos padres jesuítas, fez o curso ginasial entre 1903 e 1909.”. (PILETTI, 2002, p. 349). Iniciou formação jesuítica, na Companhia de Jesus, mas abandonou em 1914. Formou-se em Direito, em 1918, apesar de ter iniciado atuar no magistério em 1914. “[...] como professor de Latim e Psicologia no Ginásio do Estado em Belo Horizonte, onde também foi nomeado bibliotecário”. (PILETTI, 2002, p. 349). Todas as informações apresentadas nesta nota foram localizadas em Piletti (2002).

¹² O projeto de Reforma da Instrução Pública no Rio de Janeiro, capital do Brasil em 1928, foi aprovado em 23 de janeiro daquele ano. Fernando de Azevedo, autor do projeto, propunha uma renovação da escola pública do Rio de Janeiro. Dentre as inúmeras inovações propostas, a partir do alto índice de analfabetismo (aproximadamente 80% da população), Fernando de Azevedo propunha articular todas as

processo “revolucionário”, que contribuiria para a “democratização” da educação e para “acelerar” as reformas educacionais.

A concepção Escola Nova está relacionada ao conjunto de idéias e realizações voltadas para a renovação da mentalidade dos educadores e das práticas pedagógicas. Contudo, acreditamos que essa concepção se consolidou entre os educadores somente nos anos 1930. [...] pretendeu-se nessa época implantar no Brasil uma concepção democrática de educação, baseada na idéia de "educação universal" para todos e em propostas pedagógicas inspiradas, entre outros, pelo filósofo norte-americano John Dewey.

No plano político-educacional, ainda, tal concepção estaria voltada à realização do ideal de liberdade e de igualdade de oportunidades para todos, em matéria de educação, sendo estes os fins do movimento da Escola Nova no Brasil. (RIBEIRO; PAGNI, 2003, p. 152).

Apesar de existirem diferenças entre os defensores desse movimento no Brasil, em 1932 foi publicado *O Manifesto dos pioneiros da educação nova: a reconstrução educacional do Brasil – ao povo e ao governo*, assinado por 21 signatários e “[...] foram definidos e traçados os princípios e as diretrizes de um programa geral de educação de uma forma orgânica e sistemática, formulando uma ‘nova’ política educacional e aglutinando as modernas teorias da educação.” (RIBEIRO; PAGNI, 2003, p. 153).

Passo a apresentar os resultados do desenvolvimento da pesquisa de mestrado em Educação, que foram organizados da seguinte forma:

No capítulo 1, apresento considerações acerca da leitura de resultados de pesquisas científicas sobre alfabetização e sobre o ensino rural, que foram

instituições escolares de diferentes graus e tipos e criar outras para atender as necessidades dos novos grupos sociais. Além disso, instituiu o ensino primário obrigatório, concursos para ingresso no magistério, maiores investimentos na construção de escolas primárias. A partir da constatação que as escolas primárias estavam funcionando em propriedades sem estrutura física e sem condições adequadas de higiene, foram construídas novas escolas, “[...] idealizadas no estilo neocolonial, concebido por Fernando de Azevedo, como o mais apropriado à edificação escolar, porque resgatava a tradição estética brasileira e difundia valores nacionalizantes a alunos e comunidade”. (INSTITUTO DE ESTUDOS...). Além disso, a Educação Física passou a ser componente curricular do ensino primário, como forma de estabelecer relações com a higiene no cotidiano escolar. Nessa perspectiva, “[...] a Reforma Fernando de Azevedo constituía um discurso que ao mesmo tempo projetava um novo futuro para a educação pública e pretendia romper com as iniciativas anteriores. Defasada da evolução da sociedade, após anos de ações isoladas e dispersas e de intervenções pouco ou nada alicerçadas em conhecimentos científicos e pedagógicos, a escola deveria buscar outro rumo, guiada pelo saber da ciência. Nascia uma nova educação. Finalmente, afirmava Azevedo, agia-se de forma que se instalasse no território nacional um sistema educativo que, prevendo a obrigatoriedade, atingiria a maioria da população infantil e se propunha a mantê-la na escola por um período de cinco anos.”. (VIDAL; FILHO, 2002, p. 33). As informações apresentadas nesta nota foram localizadas em Piletti (2002); Marcílio (2005) e Vidal e Filho (2002).

desenvolvidas com abordagem histórica e que dialogam diretamente com esta dissertação; no capítulo 2, apresento os aspectos da vida, da formação e da atuação profissional de Renato Fleury; no capítulo 3, apresento aspectos da bibliografia *de e sobre* Renato Fleury; no capítulo 4, apresento aspectos gerais da série *Na roça* e da editora responsável pela solicitação e publicação dessa série de leitura; no capítulo 5 apresento aspectos da cartilha *Na roça* e dos três livros de leitura analisados, comparando a outras séries de leitura; no capítulo 6, apresento aspectos referentes a dois movimentos educacionais que ocorreram no momento histórico de publicação da série *Na roça*; e ao final apresento considerações sobre o desenvolvimento da pesquisa.

Em seguida, apresento as referências citadas no texto e, por fim, o apêndice que contém o documento intitulado *Bibliografia de e sobre Renato Fleury (1895-1980): um instrumento de pesquisa* (MESSENBURG, 2011).

CAPÍTULO 1
CONSIDERAÇÕES SOBRE PESQUISAS HISTÓRICAS SOBRE
ALFABETIZAÇÃO E EDUCAÇÃO RURAL,
DESENVOLVIDAS NOS SÉCULOS XX E XXI

Partindo da perspectiva de que “[...] fazer história como conhecimento e como vivência é recuperar a ação dos diferentes grupos que nela atuam, procurando entender por que o processo tomou um dado rumo e não outro; significa resgatar as injunções que permitiram a concretização de uma possibilidade e não de outras.” (VIEIRA; PEIXOTO; KHOURY, 2005, p. 11), localizei e recuperei pesquisas históricas sobre alfabetização no Brasil, a fim de conhecer a produção científica desenvolvida sobre essa temática, além das desenvolvidas no âmbito do GPHELLB.

Constatei que em *O livro na educação*, publicado em 1974, Pfromm Neto, Rosamilha e Dib escrevem sobre a necessidade de estudar a história dos livros e do ensino da leitura no Brasil. No capítulo 12 “Cartilhas, gramáticas, livros de texto”, os autores mencionam as origens, o desenvolvimento e a importância dos livros didáticos destinados ao ensino da leitura desde o século XV, enfatizando a importância de se realizarem estudos sobre essa história.

Soares (1989) desenvolveu, pioneiramente, pesquisa do tipo “estado do conhecimento”, para inventariar a produção acadêmica sobre alfabetização desenvolvida no Brasil, entre 1954 e 1986. A autora reuniu 109 artigos publicados em artigos de periódicos e 75 teses e dissertações de doutorado e mestrado, defendidas em programas de pós-graduação. Em continuidade e para atualizar essa pesquisa, Soares e Maciel (2000), abordaram essa produção, no período de 1961 a 1989, mas excluem as pesquisas acadêmicas publicadas sob a forma de artigos. Os resultados apresentados pelas autoras indicam que, na última década abrangida pela pesquisa, intensificaram-se no Brasil as pesquisas e os estudos sobre alfabetização. Porém, dentre todas as pesquisas, as autoras consideraram apenas uma com abordagem histórica sobre a alfabetização. Trata-se da dissertação de mestrado de Mary Júlia Dietzch (1979)¹³, em que a autora faz uma análise das oito cartilhas de alfabetização mais utilizadas em São Paulo, no período entre 1930-1970 e constata que, apesar de mudanças nos aspectos gráficos, são insignificantes as mudanças nos conteúdos das cartilhas.

Mortatti (2003), também em pesquisa do tipo “estado do conhecimento”, reuniu 2.025 referências de textos produzidos por brasileiros, entre 1874 e 2002, relativas às cinco linhas de pesquisa do GPHELLB, de acordo com o resultado das atividades do

¹³ Presumivelmente, pelo fato de não contemplarem critérios estabelecidos por Soares (1989) e Soares e Maciel (2000), a pesquisa de Pfromm Neto; Rosamilha; Dib (1974), que inventariam a produção de livros didáticos (cartilhas, livros de leitura e manuais) que foram utilizados no Brasil, não foi considerada pelas autoras.

Projeto Integrado de Pesquisa “Ensino de Língua e Literatura no Brasil: repertório documental republicano”¹⁴. Desse total, o maior número, 560, se refere à linha “Alfabetização”, distribuídas em 103 referências de livros; 25, de capítulos de livros; 167, de artigos em periódicos; 7, de número de periódicos; 138, de dissertações e teses; 34, de publicações institucionais; 78, de cartilhas; e 8, de obras de referência. A autora conclui então que no período abordado, apesar de aumentar o número, ainda eram escassas as pesquisas históricas sobre alfabetização.

Em continuidade à pesquisa desenvolvida por Soares e Maciel (2000) e, em complemento à pesquisa de Mortatti (2003), Oriani (2008)¹⁵ focaliza a abordagem histórica na produção acadêmica sobre alfabetização no Brasil publicada ou publicizada entre 1979 e 2007. A partir da análise das 226 referências reunidas em instrumento de pesquisa, a autora concluiu, assim como Soares e Maciel (2000) e Mortatti (2003) que, apesar de nos últimos anos ter se intensificado no Brasil a produção acadêmica com fundo histórico, esse tipo de pesquisa “[...] ainda é escassa no Brasil, uma vez que são predominantes nessa produção os temas e as abordagens referentes a propostas didáticas, que visam à intervenção direta na prática docente.” (ORIANI, 2008, p. 163). Com base nisso, Oriani (2009) concluiu que:

Pesquisas que, atualmente, podem ser consideradas como abordagem histórica sobre alfabetização e que foram concluídas antes da defesa da tese de livre-docência de Magnani (1997) e/ou de sua publicação em livro (MORTATTI, 2000a) não eram propostas sistematicamente como “históricas” pelos seus autores, aspecto que se altera nas pesquisas desse tipo e sobre esse tema divulgas após 1997 e, principalmente, a partir de 2000. (ORIANI, 2009, p. 14-15) [...]

A publicação do livro de Mortatti (2000) – por uma editora universitária de grande reconhecimento no mercado editorial brasileiro – propiciou maior divulgação da abordagem histórica utilizada pela autora, cujo caráter inaugural, apontado por Soares (2000), contribuiu, principalmente, para suscitar e oferecer possibilidades investigativas aos que se interessaram pela abordagem histórica da alfabetização; suas influências podem ser sentidas, principalmente, na formação de novos pesquisadores interessados na temática, utilizando para isso, uma “nova” abordagem na produção acadêmica sobre alfabetização desenvolvida e veiculada, no Brasil, daquele momento em diante. (ORIANI, 2009, p. 15),

A partir dessas leituras e dos resultados de pesquisas que vêm sendo apresentadas em eventos científicos nacionais e internacionais, constatei que a história

¹⁴ Esse projeto foi coordenado por Maria do Rosário Longo Mortatti e foi desenvolvido entre 1999 e 2003, com apoio e auxílio financeiro do CNPq e com auxílio FAPESP.

dos métodos de ensino, das cartilhas e dos livros destinados ao ensino da leitura e escrita, tem aumentado em pesquisas científicas desenvolvidas no Brasil, nos últimos anos. Com isso, pesquisadores vêm contribuindo para que inúmeros aspectos da história do ensino da leitura no Brasil sejam compreendidos, possibilitando, dessa forma, pensar em soluções para os problemas desse ensino no presente.

Segundo Mortatti (2011),

Como resultado desse movimento e do significativo acúmulo de conhecimentos sobre o tema, nesta primeira década do século XXI constata-se a tendência à história da alfabetização se constituir como campo de conhecimento específico e autônomo, por meio da crescente definição de objetos de estudo, fontes documentais, vertentes teóricas e abordagens metodológicas. Tal tendência, por sua vez, vem-se explicitando sem prejuízo das possibilidades de estudos e pesquisas necessariamente interdisciplinares, a fim de se explorarem os diferentes aspectos envolvidos na complexidade e na multifacetação da alfabetização. (MORTATTI, 2011, p. 2).

O livro *Os sentidos da alfabetização* contribuiu para a divulgação da pesquisa histórica em alfabetização no Brasil. Nele, Mortatti (2000a)¹⁶, apresenta resultados de pesquisa histórica sobre o ensino inicial da leitura e escrita no Brasil, com ênfase no estado de São Paulo, no período entre 1876 e 1994. A autora elegeu quatro momentos que considera cruciais na história da alfabetização ao longo desse período e, a partir da recuperação e análise de fontes documentais que circularam no Estado de São Paulo nesses diferentes momentos, constatou “[...] a persistência de uma certa tensão entre semelhanças e diferenças, no que se refere aos anúncios e necessidades em alfabetização.” (MORTATTI, 2000a, p. 21). Os quatro momentos são:

- “1º. momento crucial” (1876 – 1890) — “metodização do ensino da leitura”: caracteriza-se pela disputa entre o professor paulista Antonio da Silva Jardim¹⁷, defensor do “método João de Deus”, contido em *Cartilha Maternal ou Arte da Leitura*

¹⁵ Essa pesquisa foi realizada no âmbito do GPHELLB, sob a orientação da professora Maria do Rosário Longo Mortatti.

¹⁶ O livro *Os sentidos da alfabetização: São Paulo/1876-1994*, publicado em 2000, resulta da tese de livre-docência da autora defendida em 1997, intitulada *Os sentidos da alfabetização: a “questão dos métodos” e a constituição de um objeto de estudo (São Paulo: 1876/1994)*.

¹⁷ Antonio da Silva Renato Jardim nasceu em agosto de 1860, em Capivari, no Rio de Janeiro e faleceu acidentalmente em uma viagem que fez para Europa, aos 31 anos de idade. Apesar de ter se formado, em 1882, na Faculdade de Direito de São Paulo, sua contribuição foi no magistério paulista. Ocupou, em 1883, a cadeira de português da Escola Normal e contribuiu para tematizar sobre esse ensino em livros. Além disso, “A curta vida de Silva Jardim foi pautada pela defesa intransigente de suas idéias, que o levou a colecionar adversários em vários campos. Se não foi um ortodoxo positivista, diríamos que foi um ‘ortodoxo defensor da república’, e foi em nome dela que a propaganda e as polêmicas [...] foram travadas.” (FERNANDES, 2008, p. 104). Todas as informações biográficas apresentadas nesta nota foram localizadas em Fernandes (2008).

(1876), (escrita pelo português João de Deus¹⁸) e pautada na palavrção, e os defensores dos métodos sintéticos (alfabético, fônico e silábico) utilizados até então. Nesse momento, a questão do método assume caráter decisivo nas discussões sobre o ensino inicial da leitura e a atuação de João de Deus funda uma nova tradição: “[...] o ensino da leitura envolve necessariamente uma questão de método, apresentando-se o ‘método João de Deus’ (palavrção) como fase científica e definitiva nesse ensino e fator de progresso social”. (MORTATTI, 2000a, p. 73).

- “2º. momento crucial” (1890 – meados dos anos 1920) — “institucionalização do método analítico”: caracteriza-se pelas discussões entre os defensores do método analítico em oposição aos tradicionais métodos sintéticos e à institucionalização do método analítico após a reforma da instrução pública paulista. Nesse momento, a autora destaca a existência de disputa entre modernos e os “mais modernos” acerca dos diferentes modos de processuação do método analítico (pela palavrção, pela sentencição ou pela “historieta¹⁹”). Funda-se, então, uma nova tradição: o método analítico é tido como o mais “adequado às condições biopsicológicas da criança” (MORTATTI, 2000a, p. 73).

- “3º. momento crucial” (meados de 1920 – final dos anos 1970) — “alfabetização sob medida”: caracteriza-se pelas disputas entre os defensores do método analítico e os do método sintético, “rotinizando-se” o “método misto” de alfabetização. A principal característica desse momento é a “relativização” do método de ensino da leitura e escrita pautada no processo de “hegemonização das bases psicológicas do processo de alfabetização” (MORTATTI, 2000a, p. 212) proposto e disseminado por Manuel Bergström Lourenço Filho²⁰, no livro *Testes ABC: para verificação a maturidade*

¹⁸ João de Deus de Nogueira Ramos nasceu em Portugal, em São Bartolomeu de Messines, em março de 1830 e faleceu em Lisboa em janeiro de 1896. Apesar de sua formação em bacharel, pela Universidade de Coimbra, em 1859, se destacou ao propor método para o ensino da leitura e escrita na mencionada *Cartilha Marternal*. Todas as informações biográficas apresentadas nesta nota foram localizadas em: <http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/JoaDNRam.html>. Acesso em set. de 2011.

¹⁹ Com base na definição contida no documento *Instruções praticas para o ensino da leitura pelo Methodo Analytico*, publicado em 1915 e assinado por Ramon Roca Dordal, Mariano de Oliveira e Arnaldo Barreto, defino “historieta” como “[...] um conjunto de sentenças, enunciadas pelos alunos a partir do estímulo visual gerado pela observação e fixadas pela memória, que mantém nexos lógico-gramaticais entre si [...]”. (MORTATTI, 2000a, p. 124).

²⁰ Manuel Bergström Lourenço Filho nasceu no dia 10 de março de 1897, em Porto Ferreira-SP e faleceu em agosto de 1970. “Fêz os estudos preliminares em sua cidade natal [...] Formado, em 1914, pela Escola Normal de Piraçununga; em 1917, pela Escola Normal Secundária da Capital e, em 1929, pela faculdade de Direito de S. Paulo. Frequentou durante dois anos a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Exerceu o magistério de 1920 a 1930.” (MELO, 1954, p. 320). Segundo Bertolleti (2006), além do magistério, exerceu diferentes funções no meio acadêmico de sua época, como: chefe de gabinete, diretor, redator de textos publicados em revistas e jornais, entre outros. Por meio de informações que localizei, presumo que Lourenço Filho teve contato direto com Renato Fleury, tanto quando era parecerista dos livros da

necessária ao aprendizado da leitura e escrita (1934), que contribui para a fundação de uma nova tradição, “[...] abordando-se a alfabetização como fenômeno verificável e diretamente dependente de um nível de maturidade passível de medida” (MORTATTI, 2000a, p. 214).

- “4º. momento crucial” (início dos anos 1980 – dias atuais) — “Alfabetização: construtivismo e desmetodização”: caracteriza-se pela disputa entre defensores do construtivismo, decorrente de pesquisas desenvolvidas da pesquisadora argentina Emilia Ferreiro e os defensores dos métodos tradicionais (principalmente o misto), das cartilhas e dos defensores dos testes ABC. Nesse momento, funda-se outra tradição, “[...] o eixo da discussão é deslocado para o processo de aprendizagem do sujeito cognoscente e ativo, em detrimento dos métodos de alfabetização e da relevância do papel da escola e do professor nesse processo.” (MORTATTI, 2000a, p. 254).

A partir do exposto e observando as diferentes propostas educacionais que estavam relacionadas às aspirações daquele momento histórico é possível perceber que, em cada momento, os sujeitos envolvidos nas disputas mencionadas, se:

[...] consideravam modernos e fundadores do novo em relação ao ensino da leitura e escrita. Entretanto, no momento seguinte, esses sentidos acabaram por ser paradoxalmente configurados, pelos pósteros imediatos, como um conjunto de semelhanças indicadoras da continuidade do antigo, devendo ser combatido como tradicional e substituído por um novo sentido moderno. (MORTATTI, 2000a, p. 32).

Em continuidade à pesquisa apresentada no livro *Os sentidos da alfabetização*, “[...] uma vez que este quarto momento da alfabetização no Brasil se encontra ainda em curso [...]” (MORTATTI, 2007, p. 156), a pesquisadora teve outros artigos publicados.

No artigo “Letrar é preciso, alfabetizar não basta...mais?”, Mortatti (2007) problematiza o termo “letramento”, introduzido no Brasil em meados da década de 1980 e sua relação com as perspectivas teóricas construtivista e interacionista que estavam em circulação no “4º. momento crucial” na história da alfabetização no Brasil. A autora explicita a diferença entre os conceitos de letramento, interacionismo e construtivismo e, que apesar de eles estarem sendo utilizados “[...] de maneira eclética e apresentados como se fossem homogêneos e complementares entre si e como se todos pudessem ser

Biblioteca Infantil, na Companhia Melhoramentos; como quando prefaciou o livro *Proezas na roça* de Renato Fleury que, em 1943, ganhou o primeiro Prêmio Jabuti de Literatura Infantil. Para maiores informações sobre a vida e atuação profissional desse educador, ver, especialmente, Mortatti (2000a) e Bertolotti (1997, 2006).

entendidos, de forma redutora, como correspondentes a três novos ‘métodos de ensino’.” (MORTATTI, 2007, p. 157), são diferentes tanto na teoria, quanto nas implicações para a prática pedagógica. A autora conclui que o termo “letramento” pode significar “[...] uma nova denominação, cuja função principal é trazer ao centro da cena algo que, embora antigo, é novo, porque ainda espera seu lugar.” (MORTATTI, 2007, p. 165) e defende a perspectiva do interacionismo linguístico por acreditar que ela:

[...] propicia compreender que o que está em jogo, quando se trata de ensinar e aprender a ler e escrever, não são apenas finalidades pragmáticas e de adaptação aos precários usos e funções sociais da língua escrita numa sociedade (semi-)letrada como esta em que vivemos. Para além dessas finalidades, o interacionismo propicia ousarmos pensar em ampliar as possibilidades de uso e funções sociais do ler e escrever, porque nos propicia pensar na contribuição dessas atividades especificamente humanas para o processo de constituição do sujeito (professor e alunos, no caso da alfabetização escolar), que se constituem também como leitores e produtores de textos como quem busca atribuir sentidos para a vida. (MORTATTI, 2007, p. 166).

No artigo “A ‘querela dos métodos’ de alfabetização no Brasil: contribuições para metodizar o debate”, Mortatti (2008) problematiza os principais aspectos da proposta do método fônico para alfabetização de crianças, divulgada recentemente no Brasil e destaca que, apesar de aparentemente novo, trata-se de um discurso que já foi muito utilizado “[...] por aqueles que, em cada um dos quatro momentos [...] buscaram convencer seus contemporâneos de que eram portadores de nova, científica e definitiva solução para os problemas da alfabetização no Brasil. (MORTATTI, 2008, p. 109). Partindo disso, conclui que o ensino da leitura e da escrita,

Por ser um processo escolarizado, sistemático e intencional, [...] não pode prescindir de método, ou seja, de uma seqüência de passos planejados e organizados para o professor ensinar e as crianças conseguirem aprender a ler e escrever [...] um método de ensino é apenas um dos aspectos de uma teoria educacional relacionada com uma teoria do conhecimento e com um projeto político e social. Trata-se, assim, de pensar mais seriamente em todos os aspectos envolvidos nesse processo complexo e multifacetado que é a alfabetização e nesse que continua sendo nosso maior desafio: a busca de soluções rigorosas, conseqüentes e relativamente duradouras para se enfrentarem as dificuldades de nossas crianças em aprender a ler e escrever e de nossos professores em ensiná-las. (MORTATTI, 2008, p. 111-112).

No artigo “Cartilha de alfabetização e cultura escolar: um pacto secular”, Mortatti (2000b) analisa e problematiza o uso de cartilhas em escolas brasileiras, desde

o final do século XIX, como instrumento de aplicação dos métodos de ensino vigentes, visando à finalidade de leitura e escrita restrita à escola. A autora apresenta os diferentes métodos de alfabetização: sintéticos (alfabético, fônico e silábico) e analíticos (palavração, sentencição e “historieta”) e conclui questionando e convidando à reflexão sobre a cartilha ser ou não um “mal necessário” e, ainda, quais poderiam ser outras concepções, práticas, conteúdos, finalidades da alfabetização e formas de acesso ao mundo letrado que seriam capazes de romper o pacto secular entre cartilhas de alfabetização e cultura escolar, para cuja perpetuação as cartilhas contribuem significativamente.

No capítulo 3 do livro *Educação e letramento*, Mortatti (2004) faz síntese histórica do ensino da leitura e da escrita no Brasil e apresenta os diferentes significados que foram sendo atribuídos, ao longo dessa história, aos termos: “analfabeto”, “analfabetismo”, “alfabetizar”, “alfabetização”, “alfabetizado”, “letramento”, “alfabetismo”, “letrado” e “iletrado”. A autora explica que, ao final do século XX, foi “criado” o termo “letramento”, devido ao “[...] esgotamento das possibilidades explicativas do termo ‘alfabetização’” (MORTATTI, 2004, p. 120) e conclui que “[...] a história da educação e da alfabetização ainda continua; a do letramento está apenas começando; esperamos que com ela comece a se encerrar a história do analfabetismo no Brasil.” (MORTATTI, 2004, p. 120).

Além dessas leituras, a fim de situar a minha pesquisa no âmbito do GPHELLB, li também livros, teses, dissertações e TCC’s desenvolvidos desde 1997 nesse grupo, vinculadas à linha “História da alfabetização”, a saber: Bertoletti (1997, 2006), Amâncio (2000, 2008), Ribeiro (2001), Mello (2003, 2007) Bernardes (2003), Pereira (2006, 2009), Sobral (2007), Gazoli (2007, 2010), Santos (2008), Oriani (2010) e Pasquim (2010)²¹. Com o objetivo geral de contribuir para a produção de uma história do ensino de língua e literatura no Brasil e mediante utilização de procedimentos de localização, recuperação, reunião, seleção e análise de fontes documentais, nessas pesquisas foram analisadas: cartilhas, livros de leitura, documentos oficiais e manuais para o ensino da leitura e escrita, que circularam em diferentes estados do Brasil, desde o final do século XIX até os dias atuais. Segundo Mortatti (2011), essas pesquisas “[...]”

²¹ Todas essas pesquisas foram desenvolvidas sob orientação de Maria do Rosário L. Mortatti.

passaram a se situar em cada um dos quatro momentos, tendo a tese e o livro²² passado a configurar um subprograma de pesquisa específico.” (MORTATTI, 2011, p. 85).

No livro *Lourenço Filho e a alfabetização: um estudo de Cartilha do povo* e da cartilha *Upa, cavalinho!*, que resultou da tese de doutorado da autora defendida em 1997, Bertoletti (2006) apresenta resultados da análise da configuração textual de *Cartilha do povo: para ler rapidamente* (1928) e *Upa, cavalinho!* (1957), ambas de autoria de M. B. Lourenço Filho (1897-1970) e publicadas pela Companhia Melhoramentos. A autora conclui que as duas cartilhas contêm sínteses de teorias científicas sistematizadas e propostas por Lourenço Filho para o ensino e aprendizagem da leitura e escrita e que, essas propostas, permaneceram ao longo do tempo, sendo suas influências sentidas até os dias atuais.

No livro *Ensino de leitura e grupos escolares: Mato Grosso (1919-1930)*, que resultou da tese de doutorado da autora defendida em 2000, Amâncio (2008) apresenta resultados de pesquisa de doutorado a partir da análise da configuração textual de dois documentos oficiais, considerados emblemáticos no processo de oficialização e institucionalização do método analítico para o ensino da leitura em Mato Grosso, de 1911 e de 1915. Segundo a autora, o discurso institucional sobre alfabetização, no estado do Mato Grosso, foi produzido a partir da mediação do discurso de dois professores paulistas, Leowigildo Martins de Mello (1889-1922) e Gustavo Kuhlmann (1890-[19--])²³, incumbidos de reorganizarem a escola primária naquele estado, a partir de 1910 e conclui que:

A constituição de um discurso institucional sobre o ensino da leitura teve início com a reforma do ensino primário, empreendida por normalistas paulistas, ocasião em que se introduziu um método de ensino de leitura – o método analítico – nas escolas de Mato Grosso. A introdução desse método de ensino constitui-se como marco para a compreensão de um discurso institucional sobre o ensino da leitura. (AMÂNCIO, 2008, p. 235).

No TCC *Um estudo sobre A leitura analítica (1896), de João Köpke*, Ribeiro (2001) apresenta resultados da análise da configuração textual da versão impressa da

²² Mortatti (2011) se refere ao livro *Os sentidos da alfabetização: São Paulo – 1876/1994*, que resultou da tese de livre-docência defendida por ela em 1997, intitulada *Os sentidos da alfabetização: a “questão dos métodos” e a constituição de um objeto de estudo* (São Paulo – 1876/1994), Magnani (1997).

²³ Segundo Amâncio (2008, p. 83), ambos se formaram em 1909 pela Escola Normal de São Paulo e foram contratados pelo presidente do estado de Mato Grosso, padre Celestino, para remodelarem o ensino nesse estado. Não localizei outras informações biográficas desses autores.

conferência proferida, em 1896, por João Köpke²⁴ (1852-1926), intitulada *A leitura analytica*. Nesse documento, Köpke, ao apresentar sua concepção sobre os modos de processuar o método analítico para o ensino da leitura e escrita, explicita a necessidade de considerar o discurso como unidade de sentido no processo inicial da leitura e da escrita. A autora concluiu que, no Brasil, esse professor foi um precursor da proposta para o ensino inicial da leitura e escrita pelo método analítico.

No livro *Emilia Ferreiro e a alfabetização no Brasil: um estudo sobre a psicogênese da língua escrita*, que resultou da tese de doutorado da autora defendida em 2003, Mello (2007) apresenta resultados da análise da configuração textual do livro *Psicogênese da língua escrita*, de Emilia Ferreiro²⁵ e Ana Teberosky²⁶, traduzido no Brasil em 1985. A autora conclui que as características desse livro permitem considerá-lo como “[...] um marco do pensamento construtivista de Emilia Ferreiro sobre alfabetização.” (MELLO, 2007, p. 19) e que as idéias dessa pesquisadora “[...] ainda estão presentes no discurso brasileiro sobre alfabetização [...]. (MELLO, 2007, p. 19-20).

No TCC *Um estudo sobre Cartilha analytica*, de Arnaldo de Oliveira Barreto (1869-1925), Bernardes (2003) apresenta resultados da análise da configuração textual de *Cartilha analytica*, publicada em 1909 e escrita pelo professor paulista Arnaldo de Oliveira Barreto. Ela conclui que nessa cartilha se concretiza o método analítico, considerado pelo autor como o mais eficiente para o ensino da leitura e da escrita e que influenciou, por mais de cinco décadas, educadores e alunos do ensino primário no Brasil.

Na dissertação de Mestrado *Theodoro de Moraes (1877-1956): um pioneiro no ensino da leitura pelo método analítico no Brasil*, que resultou do TCC da autora, apresentado em 2006, Pereira (2009) apresenta a proposta do método analítico,

²⁴ Segundo Ribeiro (2001), João Köpke nasceu em Petrópolis-RJ, em 1875, e faleceu na cidade do Rio de Janeiro, em 1926. Segundo Mortatti (2002, p. 546) “Iniciou seus estudos superiores na Faculdade de Direito de Recife-PE e, em 1871 mudou-se para a Cidade de São Paulo, dando continuidade a seus estudos na Faculdade de Direito de São Paulo [...] Bacharelou-se em 1875, tendo sido o primeiro petropolitano a se diplomar em curso superior.” (MORTATTI, 2002, p. 546). Em 1878 passou a dedicar-se ao magistério e por aproximadamente 50 anos se destacou “[...] pelo envolvimento com a causa republicana, pelo pioneirismo na divulgação de modernas idéias e práticas pedagógicas e pela especial atenção dedicada à criança e ao ensino da leitura.” (MORTATTI, 2002, p. 548).

²⁵ Segundo Mello (2007), Emilia Beatriz Ferreiro Schavi nasceu na Argentina, em 1937 e se formou em psicologia, para posteriormente fazer doutorado sob a orientação de Jean Piaget. Escreveu diversos livros que foram publicados em diferentes países "tematizando" as formas a partir das quais as crianças "constroem" suas hipóteses sobre a língua escrita. A respeito do pensamento construtivista de Emilia Ferreiro sobre a alfabetização, ver, especialmente, Mello (2007).

defendida pelo professor paulista Theodoro de Moraes²⁷ (1877-1956), a partir dos resultados da análise da configuração textual do livreto *A leitura analytica*, publicado em 1909, do documento oficial *Como ensinar leitura e linguagem nos diversos annos do curso preliminar*, publicado em 1911 e de cinco livros didáticos escritos por esse professor: *Meu livro: primeiras leituras de accôrdo com o método analytico* (1909); *Meu livro: segundas leituras de accôrdo com o método analytico* (1910?); *Sei lêr: leituras intermediárias* (1928); *Sei lêr: primeiro livro* (1928); e *Sei lêr: segundo livro* (1930). A autora apresenta as contrariedades que havia entre as propostas defendidas, em 1896, por Köpke e “[...] sua opção, dissidente dos paulistas, de processuar o método analítico, a partir do conto e não da sentença ou da historieta, assim como defendia Theodoro de Moraes.” (PEREIRA, 2009, p. 93) e defendida, em 1909, por Theodoro de Moraes “[...] baseado nas concepções de um ensino moderno, de acordo com os pedagogistas norte-americanos [...]” em que “[...] afirma ser o melhor modo de processuar o método analítico, tendo como unidade de sentido um conjunto de sentenças, ou historietas.” (PEREIRA, 2009, p. 94). A partir disso, autora conclui que a atuação profissional e a produção escrita de Theodoro de Moraes, nas primeiras décadas do século XX e sua atuação ao lado do Diretor Geral da Instrução Pública, Oscar Thompson²⁸, representaram defesa pioneira do método analítico para o ensino da leitura que, ao ser adotado oficialmente, influenciou educadores e alunos até pelo menos a década de 1950, no Brasil.

No TCC *Um estudo sobre Nova cartilha analytico-synthetica* (1916), de Mariano de Oliveira, apresentado em 2007, Sobral apresenta resultados da análise da configuração textual de *Nova cartilha analytico-synthetica*, escrita pelo professor

²⁶ Segundo Mello (2007), Ana Teberosky é psicóloga e atua como professora em instituição de ensino e pesquisa na cidade espanhola de Barcelona. Foi colaboradora nos estudos e pesquisas de Emilia Ferreiro.

²⁷ Segundo Pereira (2009), Theodoro Jeronymo Rodrigues de Moraes nasceu em São Paulo-SP, em 18 de agosto de 1877 e faleceu, também em São Paulo, em 19 de abril de 1956. A partir da localização de informações esparsas, Pereira (2009) relata que ele se formou na Escola Militar da Praia Vermelha, no Rio de Janeiro, em 1894, o que possibilitou que ele iniciasse sua atuação no magistério paulista como professor adjunto, em Amparo-SP. Contribuiu com inúmeras publicações para o ensino da leitura do país, tendo apresentado proposta pioneira de como processuar o método analítico para esse ensino, em 1909. Para maiores informações ver, principalmente Mortatti (2000a) e Pereira (2007, 2009).

²⁸ Segundo Melo (1954), Oscar Thompson nasceu em fevereiro de 1872 e se diplomou pela Escola Normal de São Paulo em 1891. Foi diretor dessa Escola de 1901 a 1920 e Diretor Geral da Instrução Pública de 1909 a 1911 e de 1917 a 1920. Em 1930 foi eleito deputado estadual e “Foi, por algum tempo, agricultor, tendo promovido conferências e congressos agrícolas.” (MELO, 1954, p. 634). Renato Fleury menciona Thompson em prefácio do ensaio que escreveu, intitulado *Educação rural*, agradecendo o empenho dele em campanha ruralista, quando Diretor Geral da Instrução Pública pela segunda vez.

paulista Mariano de Oliveira²⁹ (1869-[19--]) e conclui que a forma de processuar o método analítico na cartilha gerou polêmicas, principalmente a partir das críticas feitas por João Köpke, mas isso não impediu que essa cartilha tivesse destaque no momento histórico de publicação e nas décadas seguintes.

Na dissertação de Mestrado *O método analítico para o ensino da leitura em Série de leitura Proença* (1926-1928), de Antonio Firmino de Proença, que resultou do TCC da autora apresentado em 2008, Gazoli (2010) apresenta resultados da análise da configuração textual dos livros que integram a *Série de leitura Proença*, escrita pelo professor paulista Antonio Firmino de Proença³⁰ (1880-1946) e conclui que essa série de leitura foi elaborada com base nos princípios do método analítico defendido pelos professores formados pela Escola Normal de São Paulo, em continuidade à proposta apresentada na cartilha de alfabetização. Proença utilizou, então,

[...] o recurso da “série de leitura”, que se tornou prática comum no “segundo e terceiro momentos cruciais” na história da alfabetização no Brasil. Nesse momento histórico buscava-se implementar políticas de expansão da escola pública e se expandia também o mercado editorial de livros didáticos, para o qual foi significativa a contribuição da Editora Melhoramentos (SP). (GAZOLI, 2010, p. 160).

No TCC *Um estudo sobre Cartilha da infância* (188?), de Thomaz do Bom Sucesso Galhardo, apresentado em 2008, Santos apresenta resultados da análise da configuração textual de *Cartilha da infância*, escrita pelo professor paulista Thomaz Galhardo³¹ (1855-1904), publicada no início da década de 1880. A autora constatou que, em 1890, essa cartilha foi modificada e ampliada pelo professor Romão Puiggari e adotada oficialmente pelo governo, tendo alcançado 233 edições até 1992. A partir da análise da configuração textual da 141ª edição, publicada em 1939, a autora conclui que *Cartilha da infância* “[...] se apresenta como uma das primeiras concretizações da

²⁹ Mariano de Oliveira nasceu em 1869 e se diplomou pela Escola Normal de São Paulo, em 1888. Atuou como diretor e professor em diversos grupos escolares e Escolas Normais paulistas. Todas as informações apresentadas nesta nota foram tiradas de Sobral (2007). Para maiores informações ver, especialmente, Mortatti (2000a) e Sobral (2007).

³⁰ Antonio Firmino de Proença nasceu em Sorocaba em julho de 1880 e faleceu, em São Paulo, em abril de 1946. Se formou pela Escola Normal de São Paulo, em 1904, e atuou por mais 35 anos no magistério paulista. Escreveu cartilhas e séries de leitura, em que concretizou o método analítico para o ensino da leitura. Todas as informações apresentadas nesta nota foram localizadas em Gazoli (2010). Para maiores informações sobre esse educador ver, especialmente, Mortatti (2000a, 2010), Gazoli (2007, 2009, 2010) e Razzini (2010).

³¹ Segundo Santos (2008), Thomaz Paulo do Bom Sucesso Galhardo diplomou-se pela Escola Normal de São Paulo no ano de 1876. Atuou como "professor, promotor público, secretário geral da Instrução

proposta de aplicação prática do método da silabação ou silábico para o ensino inicial da leitura, defendido pelo autor [...] como o método mais eficiente e mais adequado para ensinar a ler.” (SANTOS, 2008, p. 341).

Na dissertação de Mestrado *Série Leituras Infantis (1908-1919)*, de Francisco Vianna, e a *história do ensino da leitura no Brasil*, Oriani (2010) apresenta resultados da análise da configuração textual dos livros que integram a *Série Leituras Infantis*, escrita pelo professor Francisco Vianna³², publicados entre 1908 a 1919 e conclui que, nessa série, é concretizado o método analítico para o ensino da leitura que, processuado a partir das sentenças, era considerado “[...] mais adequado e racional para o ensino da leitura [...]” (ORIANI, 2010, p. 230).

No TCC *Um estudo sobre Cartilha infantil pelo methodo analytico [1910?]*, de Carlos Alberto Gomes Cardim, Pasquim (2010) apresenta resultados da análise da configuração textual de *Cartilha infantil pelo methodo analytico*, escrita pelo professor Gomes Cardim³³ (1875-1938) com data presumida de 1910 e conclui que nessa cartilha foi também concretizado o método analítico, processuado a partir das sentenças.

Os resultados dessas pesquisas contribuíram para eu compreender que as propostas de autores brasileiros publicadas em documentos oficiais, manuais de ensino, cartilhas, livros de leitura e séries de leitura destinadas ao ensino da leitura e escrita no Brasil, desde o final do século XIX, estavam diretamente relacionadas com interesses específicos de uma parcela da população brasileira. Dessa forma, esses autores se destacaram em diferentes “momentos” da história da alfabetização no Brasil.

Além disso, os resultados das pesquisas desenvolvidas no âmbito do GPHELLB propiciam conhecer diferentes propostas didáticas que constituem “os sentidos” que foram sendo atribuídos à alfabetização, a longo de sua história no Brasil. (MORTATTI,

Pública do Estado de São Paulo” (SANTOS, 2008). Para maiores informações ver, especialmente, Mortatti (2000a) e Santos (2008).

³² Segundo Oriani (2010), Francisco Furtado Mendes Vianna nasceu em 1876 e faleceu em 1935. Segundo Oriani (2010), se formou, em 1893, pela Escola Normal de São Paulo e, a partir disso, exerceu diferentes cargos no âmbito educacional, tendo escrito vários livros didáticos que foram publicados por diferentes editoras, alguns deles com circulação em outros estados brasileiros. Para maiores informações ver, especialmente Mortatti (2000a) e Oriani (2010).

³³ Segundo Pasquim (2010), Carlos Alberto Gomes Cardim nasceu em fevereiro de 1875, em São Paulo, em 1894 diplomou-se pela Escola Normal de São Paulo e, um ano depois, iniciou sua atuação em escola isolada. “Além de sua intensa atuação profissional como professor, administrador, autor de livros didáticos para o ensino de diferentes disciplinas e autor de artigos publicados em periódicos educacionais no magistério público, tanto no estado de São Paulo, quanto no estado do Espírito Santo, ao longo de 30 anos, Cardim foi, ainda, diretor do Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, tendo ocupado o cargo de Professor Catedrático do Curso de Música.”. (PASQUIM, 2010, p. 31-32). Segundo Pasquim (2010), faleceu em junho de 1938 em São Paulo-SP. Para maiores informações ver Mortatti (2000a) e Pasquim (2010).

2000a, 2011). Desde o final do século XIX, no Brasil, sempre havia aqueles que propunham método de ensino para contrapor, auxiliar, facilitar ou propagar o ensino da leitura e da escrita no país, tendo objetivos que iam além desse ensino. Dessa forma, esses autores “disputavam” um lugar de destaque, propondo “novo” método para o ensino da leitura.

Essas disputas têm seu ponto de convergência e sua face mais visível e mobilizadora na questão dos métodos de alfabetização, que, desde então até os dias atuais, torna-se objeto de estudo de tematizações, normatizações e concretizações e *locus* privilegiado, em que se manifesta a recorrência discursiva da mudança, indicadora de uma tensão permanente entre os autodeterminados “modernos” e aqueles a quem esses modernos denominam “antigos”.

Da permanência conflituosa dessa tensão configura-se um movimento histórico complexo, cujo ritmo é dado pela simultaneidade entre continuidade e descontinuidade de sentidos. (MORTATTI, 2000a, p. 22).

A publicação da série *Na roça*, está relacionada com as características do “3º momento” da história da alfabetização no Brasil tanto pela data em que foram publicados como também pelo método de ensino utilizado pelo autor e pelo conteúdo apresentado nas lições, conforme apresento no capítulo 3 desta dissertação. Apesar de o autor explicitar, em notas introdutórias da cartilha e dos livros de leitura que integram a série *Na roça*, que eles tinham destinação específica aos alunos que frequentavam escolas isoladas localizadas na zona rural, constatei que as lições pouco se diferenciavam das séries de leitura que não tinham essa destinação específica.

Para conhecer outras pesquisas sobre história da alfabetização, fiz pesquisa bibliográfica. Dentre aquelas que localizei, selecionei algumas que dialogam mais diretamente com a que proponho neste texto e apresento síntese a seguir. São elas: Oliveira e Souza (2000), Corrêa (2000), Batista, Galvão e Klinke (2002), Boto (2004), Bittencourt (2004), Campelo e Maciel (2008) e Antunes (2010).

Com o objetivo de “[...] delinear as diferentes faces do livro de leitura e seu uso na escola considerando o conteúdo, a finalidade, o formato, a autoria, buscando, dessa maneira, fazer a interseção entre a história das disciplinas escolares e a história da leitura.” (OLIVEIRA; SOUZA, 2000, p. 25-26), as autoras analisam duas séries graduadas de leitura muito utilizadas nas escolas primárias do estado de São Paulo entre

1820 e 1920: a de Felisberto de Carvalho e a de Puiggari-Barreto, uma representa o “modelo enciclopédico” de séries de leitura e a outra, o “modelo formativo”. A partir dessa análise, as autoras concluem que, por meio de suas diferentes “faces”, os livros de leitura “[...] retratam toda uma preocupação da época em legitimar a escola, como instituição responsável por introduzir conhecimentos básicos atinentes às ciências naturais, além da formação moral e cívica do cidadão.” (OLIVEIRA; SOUZA, 2000, p. 37).

Com o objetivo de situar o livro didático como fonte de pesquisa em História da Educação e de explicitar sua influência na cultura escolar, Corrêa (2000) apresenta diferentes perspectivas de conceber livros didáticos e a importância de utilizá-los como fontes, considerando que “[...] são veículos de circulação de idéias que traduzem valores [...] e comportamentos que se desejou fossem ensinados.” (CORRÊA, 2000, p. 13). A autora conclui que é um material que “[...] ao fazer parte da cultura da escola, não integra essa cultura arbitrariamente. É organizado, veiculado e utilizado com uma intencionalidade, já que é portador de uma dimensão da cultura social mais ampla.” (CORRÊA, 2000, p. 19).

Batista, Galvão e Klinke (2002) apresentam estudo sobre a morfologia, as variações e transformações dos livros escolares de leitura publicados entre 1866 e 1956 no Brasil e indicam que surgiram em decorrência da implantação do método simultâneo de ensino e pela necessidade de produzir materiais pedagógicos de acordo com a nova organização do ensino. Após descrição detalhada de como realizaram a pesquisa e quais os procedimentos que utilizaram para analisar livros escolares de leitura destinados ao ensino elementar localizados em acervos do estado de Pernambuco e de Minas Gerais destacam que “[...] embora os livros isolados sejam o tipo mais comum no início do período, são as séries graduadas que progressivamente se tornarão o tipo de livro de leitura por excelência.” (BATISTA; GALVÃO; KLINKE, 2002, p. 43) e concluem que:

Estudos e investigações a respeito de livros didáticos vinham apresentando sinais de esgotamento ao longo dos anos de 1990. A partir da segunda metade dessa década, assistiu-se a uma renovação do interesse por esse gênero de impresso, em decorrência das possibilidades abertas pela utilização de esquemas interpretativos, de procedimentos e pressupostos originados por estudos mais gerais a respeito da história do livro, da leitura e da educação, assim como do letramento. (BATISTA; GALVÃO; KLINKE, 2002, p. 45).

Com o objetivo de “[...] identificar o lugar social ocupado pela cartilha de primeira leitura nos usos e costumes da história da moderna escolarização primária.” (p. 493), Boto (2004) analisa uma cartilha portuguesa de Francisco Júlio Caldas Aulete, que circulou em meados do século XIX e constatou que nela há um “[...] rascunho nítido de um projeto de país: civilidade, civismo e civilização [...]” (BOTO, 2004, p. 493). Por meio da análise dessa cartilha concluiu que “A escola primária auxiliaria o país a se reerguer, pela trilha do conhecimento. Era dever precípua da civilização escolar auxiliar a construir esse país: um novo Portugal.” (BOTO, 2004, p. 509).

Com o objetivo de “[...] caracterizar o processo de intervenções de diferentes sujeitos [...]” (BITTENCOURT, 2004, p. 475) na produção dos primeiros livros didáticos brasileiros, entre 1810 e 1910, Bittencourt (2004) busca refletir sobre o problema da autoria do livro didático e escreve sobre a necessidade de não se ater somente ao autor e ao contexto biográfico quando se analisa a proposta de um texto, pois “[...] conflitos, tensões, acordos, discriminações, satisfações, fazem parte da história dos autores dos livros e há necessidade de inclusão de outras fontes documentais.” (BITTENCOURT, 2004, p. 479), para que se perceba que a “[...] história do livro didático mostra as mudanças quanto ao grau de interferência entre os diversos sujeitos assim como as mudanças das políticas educacionais em relação a esse significativo objeto cultural, símbolo da escola moderna.” (BITTENCOURT, 2004, p. 490).

Campelo e Maciel (2008) têm o objetivo de apresentar e analisar as cartilhas de alfabetização que circularam no estado brasileiro de Minas Gerais entre 1930 e 1945, por ser considerado um período de “[...] efervescência das políticas públicas que contemplaram o ensino nesse período [...]” (CAMPELO; MACIEL, 2008, p. 1). A partir dessa análise, as autoras constatarem que:

[...] nesse período, a quantidade de cartilhas enviadas às escolas correspondeu quase à metade de todos os livros didáticos distribuídos. Partindo-se da perspectiva de que a cartilha está intrinsecamente ligada à fase inicial do processo de ensino da leitura e escrita, pode-se inferir que o governo mineiro, nesse período, demonstrava sua preocupação com a alfabetização. O empenho do governo mineiro no combate ao analfabetismo era uma constante e teve maior repercussão a partir das primeiras décadas do século XX. Isso se deve ao fato de que a busca pela modernidade perpassava primeiramente pela formação do cidadão moderno. O imaginário construído sobre esse “cidadão” estava intrinsecamente relacionado à condição de alfabetizado. (CAMPELO; MACIEL, 2008, p. 5).

Com o objetivo de conhecer as lembranças escolares de alfabetizadoras de escolas rurais sobre as cartilhas de alfabetização, Antunes (2010) entrevistou treze professoras alfabetizadoras de escolas rurais de cidades do interior do Rio Grande do Sul e constatou que, dez utilizam para o ensino da leitura e escrita a metodologia e as cartilhas de alfabetização que foram utilizadas quando foram alfabetizadas, sendo a preferência de muitas aquelas em que há o “método misto”. A autora constatou ainda que “[...] em função de um longo processo histórico em que as professoras alfabetizadoras sempre ouviram falar sobre si mesmas e muito pouco sobre o poder instituído que as modelou, poucas vezes voltam a refletir sobre seu fazer docente.” (p. 55), e que é fundamental pesquisas autobiográficas em que os professores alfabetizadores são convidados a refletir sobre seus fazeres para que “[...] possam produzir novos saberes em relação aos processos de construção da leitura e da escrita.” (ANTUNES, 2010, p. 60).

Com relação ao ensino primário rural, localizei algumas pesquisas de abordagem histórica, dentre as quais apresento as de: Mendonça (2000), Damasceno e Beserra (2004), Garcia (2006), Werle e Brito (2006), Werle (2007) e Pérez e López (2009).

Com o objetivo de discutir a Sociedade Nacional de Agricultura (SNA), uma “[...] entidade agremiadora de segmentos de proprietários rurais” que foi criada em 1897, no Brasil, Mendonça (2000) estabelece relações entre essa “entidade” e ideologia, intelectuais e organização da cultura, naquele momento histórico. Segundo a autora, desde a Abolição da escravidão, tenta-se formar no Brasil uma sociedade civil e capitalista, considerando os interesses de uma “classe dominante agrária” atrelados aos interesses do Estado. Para isso, a SNA se legitimou efetivamente, em 1909, quando foi instalado o Ministério da Agricultura (MA). Mendonça (2000) constata que a partir do estudo da classe dominante agrária:

[...] a relação ideologia, intelectuais e cultura, pode prestar-se enquanto instrumento de análise para uma questão pouco priorizada de uma maneira geral: o da subordinação contestadora ou subordinação conflitiva entre frações de uma mesma classe ao projeto hegemônico, o qual é igualmente dinâmico e tenso. (MENDONÇA, 2000, p. 11-12).

Com o objetivo de mapear e discutir o conhecimento produzido na área da educação rural brasileira, entre 1980 e 1990, Damasceno e Beserra (2004) fazem pesquisa do tipo “estado da arte” e apresentam as temáticas mais recorrentes nessa área, a organização regional dessa produção e ressaltam quais os aspectos que foram poucos

explorados. As autoras constatarem que “[...] é cada vez maior o número de trabalhos que discutem o problema da educação rural na perspectiva da população a que se destina, ou seja, os trabalhadores rurais.” (DAMASCENO; BESERRA, 2004, p. 73) e concluem que essas pesquisas “[...] não preenchem as tantas lacunas existentes no projeto de um conhecimento mais abrangente e mais profundo da educação rural [...]” (DAMASCENO; BESERRA, 2004, p. 84). Por esse motivo sugerem que sejam desenvolvidas temáticas diferentes das que vêm sendo desenvolvidas e ressaltam que “[...] seria de enorme utilidade a produção de estudos sobre a história da educação rural nas diversas regiões brasileiras.” (DAMASCENO; BESERRA, 2004, p. 84).

Com o objetivo de discutir alguns significados atribuídos historicamente à educação e à população rural brasileira, Garcia (2006) analisa documentos de escolas rurais do município de Joanópolis-SP; revistas de educação e anuários de ensino publicados pelo Departamento de Educação do Estado de São Paulo, nas décadas de 1920 e 1940 e “[...] alguns materiais didático-pedagógicos produzidos naquele período especificamente para a educação das populações rurais.” (GARCIA, 2006, p. 5), dentre os quais encontra-se a cartilha *Na roça*, de Renato Fleury. A autora conclui que devido às transformações na industrialização e urbanização que ocorreram no Brasil, entre 1920 e 1940, muitas propostas foram feitas para o ensino rural, considerando a visão depreciativa que se tinha da população da zona rural, em decorrência do que os alunos das escolas primárias rurais passaram por um “[...] ‘processo civilizatório’, cujos pilares básicos são a disciplina, a higiene e o trabalho.” (GARCIA, 2006, p. 6).

Com o objetivo de discutir e problematizar a formação de professores, especificamente nas Escolas Normais rurais, Werle e Brito (2006) enfocam práticas e concepções presentes na Escola Normal Rural La Salle, localizada em Cerro Largo-RS. A partir de breve comparação entre princípios que norteavam a formação de professores no período imperial brasileiro e na década de 1930, as autoras enfatizam que a construção de uma concepção de professor primário rural foi apresentada e propagada, pioneiramente, por Sud Mennucci³⁴ em *A crise brasileira de Educação*, publicado em 1930. Werle e Brito (2006) finalizam o artigo enfatizando a necessidade e

³⁴Segundo Melo (1954) Sud Mennucci nasceu em Piracicaba-SP, em 20 de janeiro de 1892 e morreu em São Paulo, em 22 de julho de 1948. Formou-se pela Escola Normal de Piracicaba-SP, em 1908 e se destacou como educador, jornalista e escritor de livros. (MELO, 1954). “Em 1931, foi nomeado diretor da ‘Imprensa Oficial’ do Estado, ocupando, por duas vezes, depois de 1930, o cargo de diretor do Departamento de Educação da Secretaria da Educação de S. Paulo [...] Se destacou como crítico, ensaísta, historiador, sociólogo, educacionista, etc..” (MELO, 1954, p. 382). Foi, também, um dos fundadores do Centro do Professorado Paulista, em 1930. Segundo Monarcha (2007, p. 20), Sud Mennucci viria ser

[...] importância de estudos que atentem para o funcionamento de instituições escolares específicas, seus atores, proposta curricular, base material e de gestão, a partir das quais se considerem políticas educacionais o que se procurou demonstrar em relação à formação do professor rural. (WERLE; BRITO, 2006, p. 127).

Com o objetivo de reunir pesquisas sobre a educação rural em uma perspectiva histórica, desenvolvidas por pesquisadores do Brasil e da América Latina, Werle (2007) organizou uma coletânea que tem a participação de 20 pesquisadores do Brasil e de países da América Latina, tais como: Portugal, Argentina e México. Ao constatar que o tema da educação rural é pouco estudado e “[...] pouco difundido como área de pesquisa e de formação” (p. 10), a autora reuniu essas pesquisas, contribuindo, dessa forma “[...] para o debate da formação do professor, das práticas pedagógicas e das políticas de educação rural e seus contextos, objetivando também instaurar a discussão destas questões em perspectiva internacional.” (WERLE, 2007, p. 12).

Com o objetivo de olhar a educação rural por diferentes perspectivas ao longo do século XX e dar continuidade aos debates acerca da educação rural, Pérez e López (2009) reúnem pesquisas desenvolvidas na Colômbia, Argentina, Brasil e México destacando as propostas pedagógicas destinadas à educação dos “campesinos” ou indígenas, ressaltando as diferentes formas de conceber educação rural e as diferentes perspectivas para a sua proposição.

considerado o “pai do ruralismo brasileiro” e, o ruralismo que defendeu, “[...] trafega na contramão do contagiante urbano-industrial em ascensão denominado ‘Escola Nova’, segundo ele próprio das sociedades de grande avanço industrial, porém inadequado para um país agrário.”.

CAPÍTULO 2
ASPECTOS BIOGRÁFICOS DE RENATO FLEURY

Quando Renato Fleury foi solicitado pela Companhia Melhoramentos para elaborar a série de leitura *Na roça*, ele estava com 40 anos de idade e havia ganhado experiência e destaque, tanto como professor no magistério paulista quanto como escritor de artigos em jornais e de livros de literatura infantil. A formação, os contatos que foi estabelecendo durante sua atuação profissional, a presença de um irmão mais velho, Luiz Gonzaga Fleury³⁵, que também atuou ativamente e se destacou na área da educação, todas as oportunidades que teve e a maneira com que fez uso delas, lhes proporcionaram reconhecimento naquele momento histórico e político.

Nascido na região central em cidade do interior de São Paulo, em 22 de setembro de 1895, Renato Sêneca de Sá Fleury³⁶ foi o último dos seis filhos do casal Antônio Gonzaga Sêneca de Sá Fleury³⁷ e Thereza Guilhermina Grohmann³⁸. Perdeu seu pai quando tinha apenas três anos de idade e permaneceu em sua cidade natal, Sorocaba, até 1902, quando se mudou para a capital do estado de São Paulo para estudar.

³⁵ Luiz Gonzaga Fleury nasceu em Sorocaba em 8 julho 1891 e faleceu em 8 maio 1969. Formou-se pela Escola Normal de São Paulo, em 1910 e atuou em escolas primárias e secundárias do estado de São Paulo. Iniciou sua atuação como professor primário substituto em Franca-SP, no grupo escolar Francisco Martins. Foi diretor em Rio Claro-SP, substituto de Inspetor Escolar em Piracicaba-SP, Inspetor em São Carlos-SP e Chefe do Serviço de Educação Primária do Depto. de Educação do Estado, cargo em que se aposentou, em 1939. (MELO, 1954). Segundo Mello (2007), escreveu para revistas, jornais, livros de literatura infantil e cartilhas para o ensino da leitura, e se destacou com as traduções que fazia para a revista *Educação*, “[...] de autores estrangeiros como Eduard Claparède, Henri Piéron, John Dewey, Ovidio Decroly, Adolpho Ferrière, Charles Richet, Fritjof Dettow, Mary A. Adams, R. Duthil, Sarah Byrd Askew e Alfred Binet.” (MELLO, 2007, p. 145). Todas as informações biográficas contidas nesta nota foram localizadas em Melo (1954).

³⁶ Localizei as informações contidas neste capítulo em: Melo (1954), artigos de jornais pertencentes ao acervo do Instituto Geográfico e Genealógico de Sorocaba e em documentos do arquivo pessoal do autor pertencentes ao acervo da Biblioteca Municipal Infantil “Renato Sêneca Fleury” e do Museu Histórico Sorocabano, Centro Cultural “Antonio Francisco Gaspar”, todos situados em Sorocaba-SP. Além disso, algumas fotos que apresento neste capítulo, foram concedidas por Maria Helena Granja Fleury, neta de Renato Fleury.

³⁷ Nasceu em janeiro de 1835 em Meia Ponte, atual Pirenópolis-GO. Foi por muitos anos, Delegado de Polícia em Sorocaba, motivo pelo qual era conhecido como Major Fleury. Faleceu em setembro de 1898, em Sorocaba-SP.

³⁸ Nasceu em 25 dezembro de 1856 em Sorocaba-SP e faleceu na mesma cidade, em 24 maio 1950.

Figura 1 – Antônio Gonzaga de Sêneca de Sá Fleury e Thereza Guilhermina Grohmann



Fonte: Museu Histórico Sorocabano, Centro Cultural Antonio Francisco Gaspar. Sorocaba-SP.

Em 1902, aos sete anos, mudou para São Paulo-SP e a primeira escola em que estudou e aprendeu a ler e escrever foi a escola “Anália Franco”³⁹, no Largo do Arouche. Entre 1905 e 1907, estudou na Escola Modelo⁴⁰ “Prudente de Moraes”.

³⁹ Anália Franco Bastos nasceu em Resende, Rio de Janeiro, em 1853, e aos oito anos mudou para São Paulo, tendo sido uma das poucas mulheres a concluir o curso do magistério na Escola Normal de São Paulo. Segundo Oliveira e Kulhman Jr. (2006), na capital, “[...] desenvolveu seus projetos educacionais, fundando, em 1901, a Associação Feminina Beneficente e Instrutiva (AFBI), que disseminou pelo estado cerca de 110 escolas maternais, asilos e creches, liceus femininos, escolas noturnas para analfabetos e uma colônia regeneradora.”. (OLIVEIRA; KULHMAN JR., 2006, p. 1).

⁴⁰ As Escolas Modelos, segundo Souza (2008), foram criadas em 1890, a partir da reforma da instrução pública que iniciou na Escola Normal. Marcílio (2005) destaca que a Escola Modelo “[...] serviria de padrão para os Grupos Escolares [...] visando à prática de ensino dos alunos-mestres da Escola Normal e à experimentação de métodos novos de ensino primário.”. (MARCILIO, 2005, p. 166). Segundo a autora, entre 1894 e 1895, foram criadas quatro escolas Modelos, dentre elas, a “Prudente de Moraes”, em 1895.

Segundo Souza (1998) nas Escolas Modelos eram experimentados “[...] modernos métodos pedagógicos e de prática de ensino para os alunos-mestres.” (SOUZA, 2008, p. 40) e, além disso, diplomava professores sem os mesmos direitos daqueles que se formavam pela Escola Normal de São Paulo⁴¹.

Conforme Renato Fleury (1978) escreveu no artigo “O que eu lia quando menino”, publicado no *Diário de Sorocaba*⁴², o seu gosto pela literatura infanto-juvenil teve início nessa época com a leitura da revista educativa e humorística *O Tico-Tico*. Essa revista teve sua primeira edição publicada em 11 de outubro de 1905 e era escrita por Luís Bartolomeu de Sousa e Silva⁴³. Segundo d’Ávila⁴⁴ (1964) essa revista foi “[...] uma contribuição honesta, das mais caras ao nosso patrimônio moral e educativo [...]” (D’ÁVILA, 1964, p. 40) e dentre aqueles que a leram, naquele momento histórico, muitos se destacaram em nosso país como escritores, educadores e poetas.

Além dessa revista, Renato Fleury lia poesias, biografias e histórias policiais, que o motivaram a escrever, aos 12 anos, seu primeiro jornal mensal *O Ypiranga*. Localizei dois exemplares desse jornal que datam de 31 de outubro e de 30 de novembro de 1907, nos quais constam, na primeira coluna intitulada “Expdiente”, o

⁴¹ Segundo Tanuri (1979) desde sua fundação, em 1849, a Escola Normal de São Paulo passou por muitas modificações e teve diferentes denominações: “Escola Normal da Capital”, “Escola Normal Secundária”, “Escola Normal da Praça”. Porém, até 1911, foi a única Escola Normal que havia em São Paulo e “[...] ao que tudo indica, parece ter apresentado, nessas duas primeiras décadas da República, um padrão de estudos bastante satisfatório para a época. Sendo o que de melhor existia em matéria de instituição formadora do magistério, a Escola Normal da Capital conseguiu alto prestígio em seu tempo e correspondeu a esse prestígio formando uma plêiade de elementos que tiveram grande atuação no setor do ensino destacando-se em diversos cargos administrativos e docentes, bem como nos mais altos escalões do sistema escolar.” (TANURI, 1979, p. 112-113). Segundo Labegalini (2005, p. 55), a Escola Normal, em 1933, foi transformada no primeiro Instituto de Educação e, pelo Decreto 6.019, sua denominação passou a ser Instituto Educacional “Caetano de Campos”.

⁴² O *Diário de Sorocaba* foi fundado pelo jornalista Vitor Cioffi de Luca, em 6 de julho de 1958. Atualmente é um dos principais jornais de Sorocaba-SP e, segundo Alberto Grosso Cassone, atual diretor de marketing, “Foi um dos primeiros jornais do Brasil e [...] um dos primeiros jornais a separar matérias por cadernos”. Todas as informações biográficas apresentadas nesta nota foram localizadas em: <http://www.radiosorocabanoticia.com.br/noticias/diario-de-sorocaba-comemora-53-anos/>. Acesso em set. de 2011.

⁴³ Segundo D’Ávila (1964), Luís Bartolomeu da Sousa e Silva nasceu em Rio Preto-MG, em outubro de 1866 e faleceu no Rio de Janeiro, em julho de 1932. “Fêz os primeiros estudos no célebre colégio de Caraça e completou o curso secundário em S. Paulo, de onde se transferiu para o Rio de Janeiro, ingressando na Escola Militar de Praia Vermelha. Ardoroso propagandista da República, tomou parte na campanha de pregação do novo regime, fazendo parte do Batalhão de Jovens Republicanos, constituído de alunos desse estabelecimento superior de ensino. Foi depois promovido a alferes. [...]”. (D’ÁVILA, 1964, p. 91).

⁴⁴ Antônio d’Ávila nasceu em Jaú-SP, em julho de 1903 e faleceu em julho de 1989, em São Paulo, capital. Diplomou-se pela Escola Normal de São Paulo em 1920 e, além de ter contribuído com o ensino e com a administração escolar, “[...] participou ativamente de entidades profissionais e culturais ligadas à educação e, além disso, destacou-se com várias publicações [...]”. (TREVISAN, 2007, p. 57). Para maiores informações ver, especialmente, Trevisan (2001, 2007, 2010). Todas as informações biográficas apresentadas nesta nota foram localizadas em Trevisan (2001).

nome de Renato Fleury como “Redactor-chefe”. De acordo com Renato Fleury eram impressos 100 exemplares por mês em uma tipografia da Ladeira Santa Ifigênia, São Paulo-SP e, cada um, era vendido por dez mil réis.

Considerando que naquele momento histórico havia exame de seleção para ingressar na Escola Normal de São Paulo e considerando o anseio de Renato Fleury em ingressar nessa escola, estudou *Gramatica portugueza*, de Júlio Ribeiro⁴⁵. Segundo Fleury (1974a), essa foi a primeira gramática publicada e oficialmente adotada no Brasil⁴⁶.

Renato Fleury ingressou na Escola Normal de São Paulo em 1909 e, nesse período em que foi aluno dessa escola, os professores eram chamados de mestres, impunham autoridade e os alunos obedeciam⁴⁷. Renato Fleury teve dois professores conhecidos como “professores de Palácio” que, segundo Reis Filho (1981), tiveram os cargos conquistados em exames no Palácio do governo, “[...] perante Comissão Examinadora na presença do Presidente da Província, com a assistência do Inspetor Geral da Instrução Pública. Esses exames foram instituídos logo depois do fechamento da primeira Escola Normal da província, em 1867.” (REIS FILHO, 1981, p. 120). Ele teve, também, aula com José Feliciano de Oliveira (1868-1962), professor normalista que havia sido professor em Paris, na Sorbone, e dava aulas de Português e Latim “[...] dialogando com os estudantes e despertando-lhes o amor para com a literatura.” (FLEURY, 1976).

Renato Fleury diplomou-se, em 1912, em uma turma de 22 alunos⁴⁸.

⁴⁵ Segundo Fleury (1974a), Júlio Ribeiro foi patrono na Academia Brasileira de Letras, professor primário em escolas particulares de Sorocaba-SP, proprietário-redator do primeiro jornal diário do interior paulista, *Gazeta comercial* e era amigo do Major Fleury, pai de Renato Fleury. Todas as informações que apresento neste texto sobre Júlio Ribeiro foram localizadas no artigo intitulado “Aspectos de Júlio Ribeiro”, publicado em 1974, no jornal *Cruzeiro do Sul* e de autoria de Fleury. (FLEURY, 1974a).

⁴⁶ Essas informações foram localizadas no artigo intitulado “Aspectos de Júlio Ribeiro” publicado em 1974, no jornal *Cruzeiro do Sul*.

⁴⁷ Informações localizadas no artigo “A Escola Normal de S. Paulo há 25 annos”, de Renato Fleury, publicado em janeiro de 1938, na *Folha da manhã*.

⁴⁸ Os nomes dos alunos eram: Antonio Alencastro de Azevedo, J. J. Azevedo Antunes, Armando Gomes de Araujo, Joaquim Thomaz de Aquino, Luiz de Amaral Cezar, Isidro Romano, José Bella Junior, Mario Amaral, Francisco Antonio Dell’Appa, José Francisco Simões dos Santos, Luiz Antonio Fragozo, José Marcondes Rangel, Álvaro Roca Dordal, Fausto de Souza, Francisco de Souza Mello, Waldomiro Nascimento, Antonio Anselmo Gambôa, João Procópio e Durval Borba, Paulo Affonso Orozimbo de Oliveira, Francisco Kirschner Junior, Domingos Rotondaro de Azevedo e Serafim Romero Gil. Não

Figura 2 – Renato Fleury em sua formatura pela Escola Normal de São Paulo, em 1912



Fonte: Acervo pessoal de Maria Helena Granja Fleury, neta de Renato Fleury

Durante a sua formação, Renato Fleury teve como professores na Escola Normal de São Paulo, José Estácio Corrêa de Sá⁴⁹ e Benevides, Manuel Cyridião Buarque⁵⁰, Oscar Thompson (além de diretor daquela Escola Normal, ministrava aulas de Didática), Ruy de Paula Souza⁵¹, Reynaldo Ribeiro⁵², João Carlos da Silva Borges⁵³, J.

localizei informações biográficas deles, apenas, informações esparsas referente à atuação profissional de alguns.

⁴⁹ José Estácio Correia de Sá e Benevides nasceu em São Paulo em julho de 1858 e faleceu na mesma cidade em agosto de 1914. Não localizei maiores informações sobre sua formação e atuação profissional.

⁵⁰ Sobre Manuel Cyridião Buarque, não localizei informações biográficas ou de formação e atuação profissional. Segundo um testemunho de Almeida Júnior, de 1909, enquanto aluno do 4º. ano da Escola Normal de São Paulo, Cyridião Buarque ministrava mais de 60 aulas no 4º. ano, na Escola Normal, “[...] devendo lecionar, conjuntamente, Psicologia, Pedagogia, Didática e Educação Cívica. E efetivamente lecionava. Mas tudo tão condensado, numa síntese tão sintética, que no fim o que tínhamos era um extrato de Pedagogia, bondosamente reduzido pela mestre, a apostilas. A tarefa do aluno tornava-se relativamente fácil: copiar, decorar, reproduzir”. (JÚNIOR *apud* TANURI, 1979, p. 114).

⁵¹ Segundo informações da reportagem virtual *Impressões do Brasil no Século Vinte*, Ruy de Paula Souza nasceu em Itu-SP e “[...] fez os seus estudos em Paris, onde obteve o grau de bacharel em Ciências. Em

J. Azevedo Soares⁵⁴, Ascendino Ângelo dos Reis⁵⁵, Antonio Carlos Machado Ribeiro de Andrada e Silva⁵⁶, Thomaz Augusto Ribeiro de Lima⁵⁷, José Feliciano de Oliveira e Oscar de Sá Campello⁵⁸. Na sessão solene também estava presente Vieira de Almeida⁵⁹.

1893, voltou para o Brasil e durante algum tempo se ocupou de agricultura. Depois de prestar os necessários exames de suficiência, foi nomeado professor da Escola Normal, em 1904. Quando ele começou a ensinar, contava a Escola apenas 100 estudantes. Em 1908 foi o Dr. Paula Souza nomeado diretor interino da Escola e desde então se acha à testa da útil instituição.” (WRIGHT, 1913).

⁵² Sobre Reynaldo Ribeiro, localizei apenas a informação que era farmacêutico.

⁵³ Sobre João Carlos da Silva Borges, não localizei informações biográficas ou de formação e atuação profissional.

⁵⁴ Sobre J. J. Azevedo Soares, não localizei informações biográficas ou de formação e atuação profissional.

⁵⁵ Ascendino Ângelo dos Reis nasceu em abril de 1852, em Divina Pastora-SE. Formou-se em Medicina pela Faculdade da Bahia, em 1874 e bacharel em Direito, pela Faculdade de Direito de São Paulo, em novembro de 1889. Faleceu em São Paulo, em setembro de 1926. Todas as informações biográficas apresentadas nesta nota foram localizadas em: http://www.sbhbm.org.br/index.asp?p=medicos_view=240.

⁵⁶ Sobre Antonio Carlos Machado Ribeiro de Andrada e Silva, não localizei informações biográficas ou de formação e atuação profissional.

⁵⁷ Sobre Thomaz Augusto Ribeiro de Lima, localizei informação de era bacharel em Direito e era professor de caligrafia e desenho da Escola Normal. Informação disponível em <<http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1891/decreto%20n.191,%20de%2005.06.1891.html>>.

⁵⁸ Sobre Oscar de Sá Campello, localizei duas informações distintas: que foi preparador químico na Escola Politécnica de São Paulo, em 1899, em artigo intitulado *Os gabinetes e laboratórios da Escola Politécnica de São Paulo: espaços para a construção do conhecimento*, escrito por Ana Cláudia Souza e publicado em anais de evento, em 2008; e que foi professor de inglês, pela Escola Normal, em *Genealogia Paulista*, em <<http://www.arvore.net.br/Paulistana/Furtados.htm>>. Não localizei, porém, se atuou nas duas funções e qual a data de atuação em cada uma.

⁵⁹ Presumivelmente pelo fato de não localizar o nome completo de Vieira de Almeida, não localizei maiores informações sobre a vida, formação e atuação profissional.

Um ano depois de formar-se, Renato Fleury atuou em escolas isoladas rurais, como ocorria com todos recém-formados, para adquirir experiência. Ocupou o lugar de Sud Mennucci em escola isolada rural em Santo Antonio da Cachoeira-SP (atual Piracaia-SP) e, em setembro de 1913, foi nomeado para reger a primeira Escola Normal masculina em Sorocaba-SP, no bairro do Votorantim.

Entre 1914 e 1915 ministrou aulas na escola isolada rural “Visconde de Porto Seguro”⁶⁰, também em Sorocaba-SP e levava para as aulas pequenos animais presos, insetos, cobras vivas, vegetais. Levava, também, máquinas em miniatura, lanternas para fazer projeções. Segundo Silva (1957) o professor da escola rural deveria

[...] oferecer ensino que [respondesse] às necessidades e às características da vida regional, a fim de adaptar o indivíduo às realidades locais e fixá-lo ao meio, capacitando-o a reagir vigorosamente sobre o mesmo. (SILVA, 1957, p. 32).

Em 1914, com a colaboração do professor Bráulio Werneck⁶¹ e Camargo César⁶², Renato Fleury fundou importante revista da cidade de Sorocaba-SP, a revista *ABC*. De acordo com Pinto Junior (2006) essa revista foi organizada por Bráulio Werneck e editada pela Typographia Werneck.

No dia 25 de dezembro de 1915, Renato Fleury casou-se com Carmem Seabra e teve três filhos: Maria Helena Fleury, Cristovam Colombo Fleury e Milton Fleury.

⁶⁰ Segundo Ferreira e Sandano (2007), essa escola foi criada em 1914 “[...] na região central, com poucas vagas, ocupadas por crianças das famílias de maior prestígio da cidade.” (FERREIRA; SANDANO, 2007, p. 175).

⁶¹ Sobre Bráulio Werneck, não localizei informações biográficas ou de formação e atuação profissional. Segundo Pinto Jr (2006), “[...] é um nome com poucos registros na história da cidade. A sua chegada em Sorocaba ocorreu provavelmente no ano em que abriu seu estabelecimento comercial. Como proprietário de uma tipografia e papelaria no centro da cidade, à rua Barão do Rio Branco, seu nome poderia ter aparecido na primeira década do século XX. Contudo, os primeiros registros estão no Livro de Alvarás de Licenças da Câmara Municipal de Sorocaba. A procura por documentos em cartórios da cidade não gerou resultados. O nome do comerciante não foi encontrado nos cartórios mais antigos de Sorocaba.” (PINTO JR., 2006, p. 91-92).

⁶² Sobre Francisco Camargo César, localizei somente a informação de que nasceu em Sorocaba-SP, se destacou como jornalista e o foi o responsável por instituir a data de comemoração do aniversário de sua cidade natal. Todas as informações biográficas apresentadas nesta nota foram localizadas em: <<http://www.sorocaba.com.br/noticia-detalle/239.html>>. Acesso em set. de 2011.

Figura 4 – Renato Fleury e sua primeira esposa, Carmem Seabra



Fonte: Acervo pessoal de Maria Helena Granja Fleury, neta de Renato Fleury⁶³

Em 1915, com três anos de experiência em escolas rurais, Renato Fleury passou a ministrar aulas no Grupo Escolar “Antonio Padilha”⁶⁴, em Sorocaba-SP. Segundo Souza (2008), os primeiros Grupos Escolares foram implantados a partir de 1893 “[...] organizados nos moldes da escola graduada.” (SOUZA, 2008, p. 41). Segundo a autora, esses grupos tinham:

[...] um tipo de organização didático-pedagógica e administrativa de escola mais complexo, econômico e racional, adequado à expansão do ensino primário nos núcleos urbanos. Ele pressupunha um edifício com várias salas de aula e vários professores, uma classificação mais homogênea dos grupos de alunos por níveis de adiantamento, a divisão do trabalho docente, atribuindo a cada professor uma classe de alunos e adotando a correspondência entre classe, série e sala de aula. (SOUZA, 2008, p. 41).

⁶³ Maria Helena Granja Fleury localizou essa foto em álbum pessoal da família e não soube me informar nem a data, nem a ocasião em que essa foto foi tirada.

⁶⁴ Segundo Barreira (2005), esse foi o primeiro grupo escolar da cidade de Sorocaba-SP, criado em 1896, a partir da reunião das quatro escolas masculinas e das quatro femininas existentes na cidade e que normalmente funcionavam no período da manhã. Barreira (2005) destaca que “O grupo recebeu o nome de Antonio Padilha, professor e político local que muito lutou para a criação de um grupo escolar na cidade, mas morreu antes de ver esse seu sonho realizado.” (BARREIRA, 2005, p. 194).

Em 1918, Renato Fleury atuou pela primeira vez como diretor de escola, no Grupo Escolar de Igarapava, em Sorocaba-SP. Nesse mesmo ano, o governador de São Paulo, Altino Arantes Marques⁶⁵, solicitou a Oscar Thompson⁶⁶ que selecionasse alguns diretores de grupos escolares para fazerem um curso de higiene no Instituto Soroterápico⁶⁷ do Instituto Butantã⁶⁸, em São Paulo. Renato Fleury foi selecionado e fez o curso, ministrado por Vital Brazil⁶⁹, entre setembro e outubro de 1918.

De acordo com informações que Renato Fleury apresentou em nota do já mencionado jornal sorocabano *Cruzeiro do Sul*⁷⁰, em abril de 1965, todos que frequentaram esse curso de higiene admiravam a sabedoria e a maneira como Vital Brazil ministrava suas aulas, expondo conhecimento, sabedoria e experiência; chamavam-no, portanto, de “o sábio-Mestre” ou “o Mestre-sábio”. Renato Fleury concluiu o curso com uma boa nota, após apresentar um trabalho sobre hidrofobia, o

⁶⁵ Segundo Pereira (1953), Altino Arantes Marques nasceu em Batatais-SP em setembro de 1876 e faleceu em São Paulo, em julho de 1965. “Fez o curso de humanidades no Colégio São Luiz. Em 1892 matriculou-se na Faculdade de Direito de São Paulo, da qual, após proveitosos estudos, recebeu o diploma de bacharel em Direito, passando a exercer a profissão em sua terra natal. Foi Secretário do Interior nos governos de Albuquerque Lins (1911) e Rodrigues Aves (1912), tendo prestado os mais assinalados serviços, não só à instrução pública como, ainda, à higiene e a todos os ramos da administração paulista, dependentes daquela Secretaria do Estado. Foi ainda Secretário interino da Fazenda e da Agricultura. Eleito Presidente do Estado de São Paulo (1916-1920), no mais agudo e terrível período da Guerra Européia, soube o Dr. Altino conduzir o Estado com justiça e imparcialidade. Deixando o governo paulista, foi novamente, como deputado, para a Câmara Federal (1921-1930).” Todas as informações biográficas apresentadas nesta nota foram localizadas em: <http://www.familia.arantes.nom.br/index.php?pg=familia_americo>. Acesso em set. 2011.

⁶⁶ Segundo Gonçalves (2002), Oscar Thompson diplomou-se pela Escola Normal de São Paulo. Em 1898, passou a atuar na administração do magistério paulista e contribuiu para a implementação de reformas, com destaque para a oficialização do método analítico para o ensino da leitura neste estado. A respeito da atuação profissional de Oscar Thompson, ver, especialmente, Gonçalves (2002).

⁶⁷ O Instituto Soroterápico foi criado em São Paulo, em 1889 e “[...] reconhecido como instituição autônoma em fevereiro de 1901, sob a denominação de Instituto Serumtherápico, sendo designado para primeiro diretor, Vital Brazil Mineiro da Campanha, médico voltado para problemas de saúde pública. Graças ao idealismo de Vital Brazil, que além da produção de soros e vacinas, também se preocupava em desenvolver pesquisas, o Instituto tornou-se internacionalmente reconhecido.”. Todas as informações biográficas apresentadas nesta nota foram localizadas em: <<http://www.butantan.gov.br/home/quemsomos.php>>. Acesso em 20 maio 2011.

⁶⁸ Segundo Azevedo (1976), o Instituto de Butantã foi fundado em 1889 e as atividades científicas “[...] se iniciaram sob a direção de *Vital Brasil* [...]”. (AZEVEDO, 1976, p. 141).

⁶⁹ Vital Brazil Mineiro da Campanha nasceu em Campanha-MG em abril de 1865 e faleceu no Rio de Janeiro-RJ em maio de 1950. Formou-se em Medicina pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1891 e a partir de então se destacou como médico sanitário. Todas as informações biográficas apresentadas nesta nota foram localizadas em <http://www.miniweb.com.br/cidadania/Personalidades/vital_brasil.html>. Acesso em 26 set. 2011.

⁷⁰ Esse jornal sorocabano foi fundado em 1903 e, segundo Luca (2006), “[...] tinha modernos parques gráficos e uma estrutura editorial e comercial bastante profissionalizada, seguindo modelos, ainda que em escala menor, adotados pelos grandes jornais no país [e contava] com mais de cem profissionais em seus quadros, entre jornalistas, publicitários, gráficos e pessoal administrativo.”. (LUCA, 2006, p. 5)

qual Vital Brazil solicitara. Em artigo de jornal publicado em 1965, Renato Fleury escreve sobre as aulas de Vital Brazil, elogiando sua metodologia e sua inteligência.

Vital Brasil lecionava tranquilamente, pausadamente, com invejável capacidade didática, singelamente, despretensiosamente, com meridiana clareza, com um método intuitivo todo seu, esclarecendo dúvidas com dedicação e respeito para com o aluno. (FLEURY, 1965).

Figura 5 – Participantes do curso de higiene realizado em 1918, em São Paulo, no Instituto Soroterápico do centro de pesquisa Butantan⁷¹



Fonte: Acervo da Biblioteca Municipal Infantil “Renato Sêneca Fleury”, Sorocaba-SP

Na década de 1920, a Companhia Melhoramentos publicou “quadros” ilustrados que integravam o livro intitulado *Quadros para o ensino intuitivo*, de autoria de Renato Fleury. Segundo informações que Renato Fleury apresenta em nota de rodapé do livro *Educação rural*, essa foi sua primeira contribuição para a “ruralização do ensino”. A partir dessa publicação, “[...] a pena fecunda do Prof. Fleury jamais descansou e de ano

⁷¹ A partir de anotações feitas por Renato Fleury na foto reproduzida na figura 5, é possível identificar alguns dos fotografados: sentado no canto direito, o professor Oscar Thompson, sentado no canto esquerdo, o responsável por ministrar o curso, Vital Brazil. Em pé, à frente, no canto esquerdo, o engenheiro sanitário, cujo nome não está escrito na foto. Ao meio da foto há oito homens de branco que eram médicos. O primeiro, com o número 1, é o sorocabano Dr. Paulo de Araujo; ao meio, com o número

para ano o seu nome foi-se difundindo, foi-se assenhorando das esferas cultas [...]” (JUBILEU..., 1946).

Nos anos subsequentes, foi diretor e organizador de ginásios estaduais nas cidades de São Carlos-SP, Itu-SP e de Ribeirão Preto-SP e delegado de ensino, em Araraquara-SP.

Segundo Renato Fleury, “[...] em 1925 circunstancias especiais nos compeliram a declinar de um convite para reorganizar o ensino no [Estado de Goiás], feito por intermédio de monsenhor Joaquim Confúcio de Amorim, então vigário do Bispado Goiano [...]” (FLEURY, 1947). Até o término da redação desta dissertação, não localizei informação adicional sobre o motivo pelo qual Renato Fleury não pode reorganizar o ensino em Goiás.

Após a revolução de 1930⁷² e a consequente implantação do regime ditatorial, Renato Fleury foi exonerado, em 30 de outubro de 1930, pelo prefeito de Sorocaba-SP, de seu cargo de professor da Escola Normal dessa cidade. Passado um ano, prestou concurso composto por testes de Psicologia Geral e Educacional, Pedagogia, Didática e História da Educação e teve como examinadores: Fernando de Azevedo, Antônio Firmino de Proença (diretor do Instituto Pedagógico Caetano de Campos), Carlos da Silveira⁷³, Almeida Junior⁷⁴, César Pietro Martinez⁷⁵, Gastão Strang⁷⁶ e João Baptista

2, Dr. João Florêncio Gallez Gomes e, o número 3, Dr. Afrânio Amaral. Renato Fleury está ao fundo, no meio, de braços cruzados, indicado com uma seta.

⁷² A revolução de 1930 no Brasil foi liderada pelos estados de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraíba. Com a quebra da política do café-com-leite, feita pelas lideranças de São Paulo, esses estados se uniram para apoiar a candidatura do gaúcho Getúlio Vargas. (MATOS, 2008). Segundo Bueno (2007, p. 446), “[...] o principal fator explicativo para a Revolução de 1930 foi a recusa do presidente Washington Luis de apoiar a política de valorização do café no momento em que ela mais se fazia necessária, o que lhe retirou o apoio político e militar do Estado de São Paulo.”. Segundo Marcílio (2005), essa revolução “[...] veio agitar novas idéias e propor grandes reformas administrativas e a reordenação do ensino em âmbito nacional. [...] Ela começou em ambiente de grande efervescência ideológica. De um lado, estavam os defensores da Escola Nova, da laicidade do ensino, da co-educação dos sexos e da escola pública. No outro extremo, os conservadores, com a Igreja Católica à frente, contestavam esses princípios e defendiam a ‘liberdade de ensino’, ou seja, a escola particular.”. (MARCILIO, 2005, p. 144).

⁷³ Segundo Melo (1954, p. 596), Carlos da Silveira nasceu em Silveiras, em 1883 e formou-se em 1903 na Escola Normal de São Paulo. Em 1909 formou-se em Direito, mas atuou sempre no magistério paulista. Foi diretor de Grupo Escolar, secretário em Escola Normal, lente de psicologia experimental, pedagogia e educação cívica, dentre outros.

⁷⁴ Segundo Gandini (2010) Antônio Ferreira de Almeida Junior nasceu em Joanópolis-SP em 8 de junho de 1892 e faleceu em São Paulo em 4 de abril de 1971. Segundo Evangelista (2001, p. 254), formou-se em 1909 na Escola Normal de São Paulo e “Em 1921 formou-se na Faculdade de Medicina, doutorando-se em 1922.”. Segundo Gandini (2010), “[...] em 1920 assessorou Antonio Sampaio Dória, então Diretor do Ensino do Estado de São Paulo, realizando o primeiro recenseamento escolar; foi um dos signatários do *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova*, em 1932; auxiliou Fernando de Azevedo na elaboração do Código de Educação do Estado de São Paulo, em 1933; foi um dos autores do projeto de criação da Universidade de São Paulo, em 1934, importante colaborador da fundação da Escola Paulista de Medicina (hoje Universidade Federal de São Paulo) e Diretor do Ensino Público do Estado de São Paulo durante o período de setembro de 1935 a abril de 1938. (GADINI, 2010, p. 11).

Damasco Pena⁷⁷. Foi aprovado em quarto lugar e assumiu o cargo de professor fiscal na Escola Normal livre de Sorocaba, em fevereiro de 1931. Segundo informações apresentadas por Renato Fleury em artigo publicado no *Diário de Sorocaba*, em 1979, o prefeito da cidade “[...] danou-se com minha nomeação, ‘revolucionariamente’ inconformado. Mas teve de engolir-me...” (FLEURY, 1979).

No ano seguinte, foi paraninfo da primeira turma dos normalistas formados por essa escola e, no ano seguinte, com a reforma de Fernando de Azevedo, além de fiscal dessa escola, Renato Fleury assumiu a chefia da seção de Educação e ficou responsável por ministrar as aulas de Pedagogia, Psicologia e Didática. O método que adotou, quando ministrava essas aulas, era de preparar inicialmente exemplos na lousa, para, em seguida, propor atividades. Dessa forma, a preocupação de Renato Fleury:

[...] não era o de simplesmente corrigir erros, mas o de evitá-los mediante prévia preparação no exercício, no que tomavam parte muito aluno. O tema dado era, assim, estudado por todos, cada qual contribuindo com uma idéia, uma frase, uma palavra adequada, tudo criticado por discentes e docente. Os trabalhos de redação, assim, eram sempre bem sucedidos. (FLEURY, 1974b).

Entre 1932 e 1934, foi redator do semanário *A Vida de Sorocaba*, dirigido por Antônio de Alcântara Machado⁷⁸ e por Sérgio Milliet⁷⁹. Esse jornal teve 27 números e cessou com a extinção da empresa responsável pela sua impressão.

⁷⁵ Cézar Pietro Martinez nasceu em março de 1881, em São Paulo e faleceu em Santos, em novembro de 1815. Formou-se pela Escola Nomal e começou a atuação como professor em Jaú-SP, em 1901. Todas as informações biográficas apresentadas nesta nota foram localizadas em <<http://www.appsindicato.org.br/Include/Paginas/noticia.aspx?id=4828>>. Acesso em set. 2011.

⁷⁶ Gastão Strang nasceu em Santa Bárbara d’Oeste em 26 de fevereiro de 1886, em 1905 diplomou-se pela Escola Normal de São Paulo e dedicou-se intensivamente ao magistério paulista. Em 1925 foi nomeado Professor de Pedagogia e Didática da escola Normal “Caetano de Campos”. Se aposentou em 1935, como lente de Francês, por invalidez. Segundo informações contidas no site da Escola Estadual Prof. Gastão Strang “Gastão Strang nasceu para ensinar. Tinha o dom de se fazer respeitar sem usar da severidade. Foi até o fim de sua vida, extinta em 25 de julho de 1958, um lutador.” Todas as informações biográficas apresentadas nesta nota foram localizadas em: <http://gastaostrang.blogspot.com/>. Acesso em 3 de julho de 2011.

⁷⁷ João Baptista Damasco Pena nasceu em São Paulo em setembro de 1909. Licenciou-se pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. “Foi professor de psicologia no Colégio Universitário e professor de História da Educação na Faculdade de Filosofia de Campinas. Professor de Psicologia educacional na Faculdade de Filosofia do Instituto Mackenzie. Diretor do Colégio Rio Branco.” (MELO, 1954, p. 459). Se destacou, também, como tradutor de livros de pedagogia, tendo traduzido, juntamente com d’Ávilla, *Didática da Escola Nova*, de A. M. Aguayo, autor recorrentemente citado por Renato Fleury nas notas iniciais dos livros de leitura que integram a série *Na roça*. As informações biográficas apresentadas nesta nota foram localizadas em Melo (1954).

⁷⁸ Antônio Castilho de Alcântara Machado d’Oliveira nasceu em São Paulo, em maio de 1901 e faleceu nessa mesma cidade, em abril de 1935. Formou-se, em 1924, na Faculdade de Direito de São Paulo, mas nunca atuou nessa profissão, por ter preferido atuar como jornalista. Se destacou como escritor de livros e dentre suas obras, a mais conhecida é *Brás, Bexiga e Barra funda*, publicada em 1928. Todas as informações biográficas apresentadas nesta nota foram localizadas em <http://www.unicamp.br/iel/site/alu>

No ano de 1937, Renato Fleury foi eleito para ocupar a cadeira de Silvio Almeida⁸⁰, na Faculdade de Ciências e Letras de São Paulo e, nesse mesmo ano, foi publicada, no jornal sorocabano *Cruzeiro do Sul*, nota de homenagem a Renato Fleury.

Renato Fleury que soube fazer de sua vida uma preocupação espiritual constante, que soube dar ao seu tempo uma aplicação útil, que soube formar a sua cultura de maneira brilhante, que soube orientar a mocidade que o ouviu e o vem ouvindo de sua cátedra de professor, que soube dar aos pequeninos escolares, com os seus trabalhos pedagógicos, os ensinamentos indispensáveis, não pensou nunca, disso estamos certos, em preparar com as suas atividades, terreno propício para honrarias futuras. (O PROF. RENATO..., 1937).

Em 1939, Renato Fleury tinha 27 livros didáticos publicados e vendia média de seis edições por ano. Segundo Almeida (1943), Renato Fleury se orgulhava dos livros que escrevia e, apesar de não ser de muitas palavras,

[...] se o interlocutor lhe fala nos livros que publicou, então todo se transforma e começa a mostrar a imensa coleção de obras e opúsculos que bastam para uma reputação literária completa, a mesa que lhe arrumou uma cadeira, com muita justiça, na Academia de Ciências e Letras de São Paulo. (ALMEIDA, 1943).

Foi escolhido, por unanimidade, para paraninfar a turma de 1939, da Escola Normal livre de Sorocaba e,

Abraçando a espinhosa carreira do magisterio, sofreu as durezas do clima e do meio; lutou e sofreu com galhardia, no propósito firme de cumprir a sua missão de educador e de realizar a tarefa tão nobilitante que o Estado lhe outorgou. Educador de grande mérito, é considerado um dos esteios do progresso espiritual brasileiro. Através de seus milhares de artigos, publicados nos jornais das capitais e do interior do país, servidos pela I.B.R. (Imprensa Brasileira Reunida) o prof. R. Fleury, tem defendido o professorado, essa classe disciplinada e disciplinadora, essa classe que se alimenta, hoje, mais da poesia e da beleza que colhe das páginas dos autores clássicos, onde estas existem em abundância, do que os parques ordenados recebidos dos poderes públicos ou particulares. (FLEURY, PARANINFO..., 1939).

nos/publicacoes/textos/a00003.htm>. Acesso em set. de 2011.

⁷⁹ Sérgio Milliet da Costa e Silva nasceu em São Paulo, em 1898 e faleceu nessa cidade, em 1966. Segundo informações disponíveis no site *Enciclopédia Itaú Cultural*: literatura brasileira, perdeu a mãe com 2 anos e foi criado pela avó até 1912, quando ela o enviou à Suíça para estudar. Ele retornou, em 1925 e, a partir de então, se destacou como escritor e crítico literário. Foi membro da Academia Paulista de Letras. Todas as informações biográficas apresentadas nesta nota foram localizadas em: <http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_lit/index.cfm?fuseaction=biografias_texto&cd_item=35&cd_verbeta=5315>. Acesso em set. de 2011.

⁸⁰ Silvio Tibiriçá de Almeida nasceu em Pouso Alegre-MG, em 28 de agosto de 1867 e faleceu em Santos em 1924. Apesar de sua formação em Ciências Jurídicas e Sociais, pela Academia de Direito de São Paulo, título que conseguiu em 1892, atuou como professor e se destacou com suas poesias. Todas as informações biográficas apresentadas nesta nota foram localizadas em: http://www.blocosonline.com.br/literatura/popups/info_autor.php?id_autor=3186&flag=nacional.

Renato Fleury foi colaborador, entre 1933 e 1943, na *Revista Educação*⁸¹; em 12 de outubro de 1938, ajudou na fundação do Mercado Municipal de Sorocaba; em 1945 foi presidente da Associação Sorocabana de Imprensa⁸²; integrou a comissão julgadora de concurso de contos da União Artística do Interior⁸³; foi colaborador do mencionado jornal sorocabano *Cruzeiro do Sul*, com a coluna “Histórico do Ensino Paulista – O Ensino Normal”; foi em 1954, juntamente com Doracy Amaral⁸⁴, Luiz Almeida Marins⁸⁵, Camargo César⁸⁶ e Luís Castanho de Almeida⁸⁷, sócio-fundador do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba⁸⁸, em Sorocaba-SP; foi integrante do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo-SP; foi integrante da Associação Paulista de Museólogos⁸⁹, no Rio de Janeiro-RJ.

⁸¹ Segundo Mortatti (2000a, p. 181-182), a *Revista Educação* foi fundada em outubro de 1927 a partir da fusão de duas revistas: a *Revista Escolar*, dirigida pelo professor João Pinto da Silva e de responsabilidade da Diretoria Geral da Instrução Pública paulista e a *Revista da Sociedade de Educação*, fundada em 1922 por Lourenço Filho, Fernando de Azevedo e Renato Jardim, além de outros renomados membros do magistério paulista que compunham a direção. “De outubro de 1930 a dezembro de 1931, durante a gestão de Lourenço Filho na Diretoria Geral do Ensino de São Paulo, a revista passa a ser publicada com o título *Escola Nova*, voltando, após essa data, a se intitular *Educação* e, em alguns períodos, *Revista de Educação*, com interrupções até 1961. Trata-se, na verdade, de diferentes orientações que resultam em diferentes revistas, cujo traço comum advém do fato de se apresentarem como ‘órgão’ da Diretoria (Geral) do Ensino do Estado de São Paulo ou do Departamento de Educação.”. (MORTATTI, 2000a, p. 182).

⁸² Até o momento, não localizei informações adicionais sobre essa Associação.

⁸³ A União Artística do Interior (UAI) foi fundada em 5 de junho de 1932 e, tinha como objetivos, defender o interesse dos escritores, difundir a cultura artística, incentivar o desenvolvimento das artes e letras e formar núcleos em diversas cidades. As informações apresentadas nesta nota foram localizadas em: < <http://www.fundacaoherculanopires.org.br/apostolo-prodigiosadolescente/uai>>. Acesso em jun. 2011.

⁸⁴ Sobre Doracy Amaral, localizei apenas a informação que foi prefeito de Sorocaba, de janeiro de 1946 a abril de 1946 e, de março de 1947, a abril de 1947.

⁸⁵ Sobre Luiz Almeida Marins, não localizei informações biográficas ou de formação e atuação profissional.

⁸⁶ Presumivelmente pelo fato de não ter localizado o nome completo de Camargo César, não localizei maiores informações sobre a vida, formação e atuação profissional.

⁸⁷ Luís Castanho de Almeida, conhecido como Aluísio Almeida, nasceu em Guareí-SP, em novembro de 1904 e faleceu em Sorocaba em fevereiro de 1981. Segundo Melo (1954) “Estudou humanidades, filosofia e teologia no Seminário Diocesano de Botucatu-SP (1921-1926). Ordenou-se sacerdote (1927) em Sorocaba [...]”. (MELO, 1954, p. 34). Escreveu sobre a história de Sorocaba e atuou colaborador de revistas e jornais como *A União*, *A Ordem*, *Cruzeiro do Sul*, *Estado de S. Paulo*, entre outros. Ficou conhecido, então, por seus artigos sobre folclore, história, biografias, religião, entre outros.

⁸⁸ O Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba foi criado na casa de Aluísio de Almeida, após seu falecimento. Hoje, representa, em Sorocaba-SP “Um monumento à cultura histórica sorocabana, já que ele foi considerado o ‘pai da história de Sorocaba’”. (MARINS, 1996). E nele há “[...] biblioteca histórica singular e [...] os objetos, quadros, documentos, etc. que ainda aí restavam, deixados pela família.”. (MARINS, 1996).

⁸⁹ A Associação Paulista de Museólogo foi fundada por Waldisa Russio. Até o momento não localizei a data de fundação dessa Associação. As informações apresentadas nesta nota foram localizadas em: <http://www.ieb.usp.br/topico.asp>. Acesso em ago. 2010.

Localizei também a informação que Renato Fleury atuou na Companhia Melhoramentos como organizador da *Biblioteca Infantil* e exercendo funções administrativas, mas não localizei a data e quais atividades exercia.

Renato Fleury se aposentou em 1942, mas continuou escrevendo livros infantis, artigos para revistas e jornais que circulavam por todas as cidades do estado de São Paulo.

Renato Fleury recebeu, em 1959, da Câmara Brasileira do Livro de São Paulo⁹⁰, o primeiro prêmio Jabuti⁹¹ de literatura infantil, com o livro *Proezas na roça*, prefaciado por Lourenço Filho. Apresentarei maiores informações sobre esse livro no capítulo 3 desta dissertação.

Em 10 de novembro de 1965 faleceu sua esposa, Carmem Seabra Fleury e, passados alguns anos, casou-se com Wanda Paracampas, no Rio de Janeiro-RJ.

Em 1979, foi empossado como membro da Academia Brasileira de Literatura Infantil⁹² e teve como patrono dessa cadeira, seu irmão, Luiz Gonzaga Fleury. Essa Academia tinha como patrono José Bento Monteiro Lobato (1882-1948). Segundo Francisco Marins⁹³ (1944), que era um dos 40 membros da Academia, naquele momento histórico e político:

Monteiro Lobato foi um dos primeiros a escrever livros dentro de um espírito propriamente nosso, com personagens e bichos do nosso meio, aproveitando histórias do nosso “folk-lore” aliando-as à parte pragmática. *De Lobato deriva uma grande cadeia de autores*. Entre os modernos já se consagrou um grande número: Veríssimo, Renato Sêneca Fleury, etc. (1944, grifos meu).

⁹⁰ Com o objetivo de divulgar e promover o livro no Brasil, a Academia Brasileira do Livro (ABL) foi fundada em assembléia realizada em São Paulo, em setembro de 1946, e presidida por Jorge Saraiva. As informações apresentadas nesta nota foram localizadas em:

< <http://www.cbl.org.br/telas/cbl/historia.aspx>>. Acesso em 18 maio 2011.

⁹¹ Em 1959 a ABL instituiu o primeiro Prêmio Jabuti para premiar “[...] editores, escritores, ilustradores, jornalistas e outros profissionais ligados à indústria e comércio do livro.” que se destacassem no ano. Na gestão de 1957-1959, Diaulas Riedel oficializou o prêmio e escolheu a figura do jabuti para nomear o prêmio. De acordo com informações disponíveis no *site*, inicialmente eram premiadas sete categorias: Literatura, Capa e Ilustração, Editor do Ano, Gráfico do Ano, Livreiro do Ano e Personalidade Literária. Atualmente, porém, além de ser considerado o “[...] maior e mais completo prêmio do livro no Brasil.”, “[...] são contempladas todas as esferas envolvidas na criação e produção de um livro, em um total de 29 categorias [...]”. As informações apresentadas nesta nota foram localizadas em: <http://www.cbl.org.br/jabuti/telas/historia/>>. Acesso em 30 maio 2011.

⁹² Segundo a reportagem “Fleury na Academia Brasileira de Literatura infantil”, publicada em julho de 1979, no jornal *Cruzeiro do Sul*, essa Academia foi fundada em 21 de março de 1978 no Teatro da Cultura Artística em São Paulo, tendo como principal fundadora Lenyra Camargo Fraccaroli. A sessão solene de instalação foi em 2 de fevereiro de 1979 e teve 21 acadêmicos eleitos no estado de São Paulo e 19 em outros estados do Brasil, dentre eles Francisco Marins, Antônio D’Ávila, Hernani Donato, Castro Borges, dentre outros. Essa eleição foi por mérito e reconhecimento ou por folha curricular.

⁹³ Francisco Marins nasceu em Pratânia-SP, em 23 de novembro de 1922. É escritor de livros infantis e, atualmente, membro da Academia Paulista de Letras.

Renato Fleury faleceu no dia 16 de janeiro de 1980, no Rio de Janeiro, cidade natal de sua segunda esposa e foi enterrado no cemitério do Caju, nessa cidade. Atualmente há em Sorocaba-SP, sua cidade natal, uma rua, uma escola e uma biblioteca municipal com seu nome.

CAPÍTULO 3
ASPECTOS DA BIBLIOGRAFIA *DE* E *SOBRE* RENATO FLEURY

Conforme mencionei anteriormente, a contribuição de Renato Fleury para a educação no Brasil se associa, entre outras atuações profissionais, a sua extensa produção em diversas áreas do conhecimento, com destaque para artigos publicados em colunas de jornais que circularam em diversos estados do Brasil; livros de literatura infanto-juvenil, especialmente os livros que integravam a coleção *Biblioteca Infantil*; e para livros de leitura que integravam séries de leitura. Além disso, com sua atuação em cargos considerados importantes como, organizador da coleção *Biblioteca Infantil*, contribuíram para seu reconhecimento por seus contemporâneos.

Em artigo de homenagem aos 25 anos de Renato Fleury como escritor, o responsável pela Typografia São Luiz destaca que, desde década de 1920, quando Renato Fleury teve sua primeira publicação pela Companhia Melhoramentos, até 1946, Renato Fleury publicou 60 “[...] obras pedagógicas, didáticas, literárias e de literatura infantil [...] dos mais variados temas.” (JUBILEU..., 1946), tornando-se uma

[...] figura distinta de educador e que há muitos anos vem deliciando os nossos leitores com as suas substanciosas colaborações que se dividem pelos mais variados setores denunciando sempre sólida cultura, espírito justo e observador e oportunidade elevada e judiciosa. (JUBILEU..., 1946).

Conforme mencionei na introdução desta dissertação, para reunir todas as referências de textos que localizei *de* e *sobre* Renato Fleury, elaborei documento intitulado *Bibliografia de e sobre Renato Fleury (1895-1980)*: um instrumento de pesquisa. Até o momento que encerrei a redação desta dissertação, reuni, nesse documento, 732 referências de textos de autoria de Renato Fleury e de textos de outros autores que contêm menções a ele, sua atuação profissional ou produção escrita e/ou citações de textos seus. Essas referências estão ordenadas por tipo de texto em duas seções do instrumento de pesquisa, intituladas: “Bibliografia *de* Renato Fleury” e “Bibliografia *sobre* Renato Fleury”.

3.1 Bibliografia *de* Renato Fleury

No que se refere aos textos escritos por Renato Fleury, reuni 476 referências de textos, considerando apenas a edição mais antiga de um mesmo livro. Quando considerei diferentes edições de um mesmo livro esse total é de 534 referências, o que indica que há 58 referências de livros, que variam quanto à edição e/ou ao ano de publicação. Do total de 476 referências de textos, 400 referem-se a artigos que Renato Fleury escreveu para jornais e oito, a artigos que escreveu para revistas. Subdividi a

seção “Bibliografia *de* Renato Fleury” em 11 subseções, de acordo com o tipo de texto. Os títulos das subseções e a correspondente quantidade de referências de textos são: cartilhas: 5; livros de leitura: 10; literatura infanto-juvenil: 45; artigos em revistas: 8; artigos em jornais: 400; língua portuguesa: 2; ensaio: 1; psicologia: 1; matemática: 1; tradução: 1; e outros: 2. Esses dois últimos se referem aos *Quadros para ensino intuitivo* e a um guia para o comerciante, com instruções de como calcular imposto sobre a renda.

Para proporcionar visão de conjunto dessas publicações, apresento, no Quadro 1, bibliografia *de* Renato Fleury ordenada por tipo de texto e distribuída por ano de publicação, entre 1907 e 1979, considerando apenas a primeira edição de cada título.

Quadro 1 – Bibliografia de Renato Fleury por tipo de texto e ano de publicação, entre 1907 e 1979.

Tipo texto	Car- tilha	Livro Leit.	Liter. Inf. Juv.	Artigo revista	Artigo jornal	L.P	Ensaio	Psic.	Mat.	Trad .	Outros	TOTAL por ano
Ano												
1907	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	2
[192-]	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
1924	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
1925	-	-	-	-	3	-	-	-	-	-	-	3
1926	-	-	-	-	14	-	-	-	-	-	-	14
1927	-	-	-	-	38	-	-	-	-	-	-	38
1928	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	2
1930	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	2
1931	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	2
1932	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	2
1933	-	-	-	-	5	-	-	-	-	-	-	5
1934	-	-	-	1	6	-	-	-	-	-	-	7
1935	1	-	1	2	-	-	-	-	-	-	-	4
1936	-	3	-	1	22	-	1	1	-	-	-	28
1937	-	-	-	1	24	-	-	-	-	-	-	25
1938	1	-	6	-	13	-	-	-	-	-	-	20
1939	1	-	2	-	2	-	-	-	-	-	-	5
1941	-	1	2	-	2	-	-	-	-	-	-	5
1942	-	5	2	-	5	-	-	-	-	-	-	12
1943	-	-	1	-	5	-	-	-	-	-	-	6
1944	-	1	-	-	3	-	-	-	1	-	-	5
1945	-	-	-	1	21	-	-	-	-	-	-	22
1946	-	-	-	1	4	-	-	-	-	-	-	5
1947	-	-	-	-	4	-	-	-	-	-	-	4
1948	1	-	-	-	9	-	-	-	-	-	-	10
1949	-	-	-	-	12	-	-	-	-	-	-	12
1950	-	-	-	1	6	-	-	-	-	-	-	7
1951	-	-	-	-	5	-	-	-	-	-	-	5
1952	-	-	-	-	19	-	-	-	-	-	-	19
1953	-	-	1	-	5	-	-	-	-	-	-	6
1954	-	-	-	-	3	-	-	-	-	-	-	3
1955	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	2
1956	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	2
1957	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
1959	-	-	-	-	5	-	-	-	-	-	-	5
1960	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
1961	-	-	-	-	5	-	-	-	-	-	-	5
1962	1	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	2
1963	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
1964	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
1965	-	-	-	-	17	-	-	-	-	-	-	17
1967	-	-	12	-	-	-	-	-	-	-	-	12
1968	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	2
1969	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
1972	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
1973	-	-	-	-	3	-	-	-	-	-	-	3
1974	-	-	-	-	5	-	-	-	-	-	-	5
1975	-	-	-	-	21	-	-	-	-	-	-	21
1976	-	-	-	-	17	-	-	-	-	-	-	17
1977	-	-	-	-	8	-	-	-	-	-	-	8
1978	-	-	1	-	10	-	-	-	-	-	-	11
1979	-	-	-	-	9	-	-	-	-	-	-	9
s. data	-	-	17	-	47	2	-	-	-	-	-	66
Total	5	10	45	8	400	2	1	1	1	1	2	476

A partir dos dados que apresento Quadro 1, é possível observar que, ao longo de 72 anos, Renato Fleury teve publicado 476 textos, considerando que a maior parte de sua produção foi como jornalista e como escritor de livros de literatura infanto-juvenil.

As publicações mais antigas que localizei datam de 31 de outubro e 30 de novembro de 1907 e se referem aos já mencionados artigos publicados em *O Ypiranga*. No artigo de 31 de outubro, Renato Fleury escreveu um breve relato sobre a visita de José Maria Paranhos⁹⁴, Barão do Rio Branco, na cidade de São Paulo. A partir disso, Renato Fleury destaca a importância de reconhecer o “talento e o saber” dos brasileiros. (FLEURY, 1907).

Figura 6 –Exemplar do *Ypiranga*, edição de 30 de novembro de 1907



Fonte: Acervo da Biblioteca Municipal Infantil “Renato Sêneca Fleury”, Sorocaba-SP.

⁹⁴ Segundo informações contidas no site do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, Barão do Rio Branco nasceu em março de 1819, em Salvador-BA e faleceu, no Rio de Janeiro, em novembro de 1880. Ele se destacou “[...] pela sua atuação diplomática para a adoção de uma nova política externa no país.”. As informações apresentadas nesta nota foram localizadas em: <<http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/BaraoRBr.html>>. Acesso em 2 mar. 2011.

A referência da segunda publicação de Renato Fleury, que classifiquei na seção “Outros”, data da década de 1920⁹⁵, ou seja, quase 15 anos depois que teve seus primeiros artigos publicados. Conforme mencionei, Renato Fleury (1936) declarou que essa foi sua primeira contribuição para a “ruralização do ensino” no Brasil. De acordo com informações disponíveis em artigo publicado, em 1946, no jornal *Cruzeiro do Sul*, esse também foi seu primeiro livro publicado por uma editora reconhecida:

[...] em 1921 aparecia o primeiro livro do nosso distinto colaborador logo adquirido pela Comp. Melhoramentos de S. Paulo e que foi “Quadros para o ensino intuitivo”, e cujo êxito foi o primeiro degrau dessa escalada vertiginosa empreendida pelo autor no cenário das letras nacionais, pois a sua aprovação e adoção em todo o país testemunharam o valor da obra com amplitude. (JUBILEU..., 1946).

Segundo informações que localizei no *site* do Centro de Referência em Educação “Mário Covas”⁹⁶, eram 20 quadros que formavam o livro *Quadros para o ensino intuitivo* e integrava a coleção “Riquezas vegetais”. Todos os quadros tinham o mesmo tamanho, setenta e cinco centímetros, ilustrações coloridas, eram litografados⁹⁷ e foram aprovados e adotados em todos os estados brasileiros,

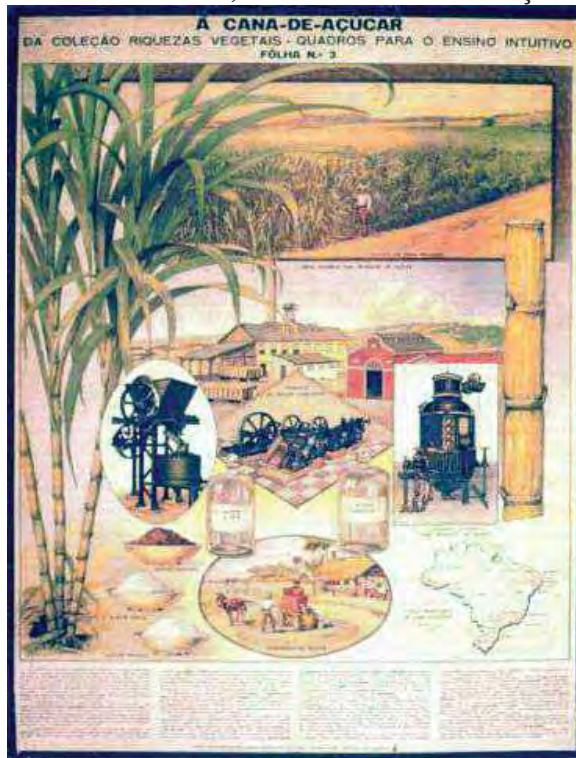
[...] pois facilitavam a concretização das aulas sobre produtos brasileiros vegetais e minerais – café, cana, algodão, amendoim, borracha, etc. e ferro, ouro, pedras preciosas, etc. Tiveram algumas reedições, mas o preço foi encarecendo, encarecendo...” (FLEURY, 1978).

⁹⁵ Apesar de nesse artigo de jornal constar a data de 1921, localizei diferentes datas dessa publicação em outros livros. No *site* do Centro de Referência em Educação “Mário Covas”, localizei a informação de que essa publicação data de 1927; no mencionado ensaio de Renato Fleury intitulado *Educação rural*, consta a informação que esses *Quadros* foram publicados em 1925. Por esse motivo, toda vez que me referir a essa publicação utilizarei [192?], para indicar essa imprecisão.

⁹⁶ Com o objetivo de “[...] ser um referencial pedagógico de excelência na disseminação da informação educacional.”, o Centro de Referência em Educação “Mário Covas” foi criado pela Secretaria de Estado da Educação de São Paulo e disponibiliza física e virtualmente o acervo que pertenceu à Escola Normal de São Paulo. As informações apresentadas nesta nota foram localizadas em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br>. Acesso em jan. 2012.

⁹⁷ Segundo informações que localizei no *site* do Centro de Referência em Educação “Mário Covas”, “[...] cada cor correspondia a uma pedra litográfica (calcário), que era impressa separadamente no papel uma única vez, exigindo muita precisão para que a transferência da imagem ficasse no lugar certo. Alguns cartazes de ensino intuitivo chegavam a usar 20 cores diferentes.”. As informações apresentadas nesta nota foram localizadas em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/obj_a.php?t=0o3. Acesso em 15 ago. 2010.

Figura 7 – Quadro para ensino intuitivo, intitulado “A cana-de-açúcar” (Folha n. 3)



Fonte: Memorial da Educação do Centro de Referência em Educação “Mário Covas”

3.1.1 Artigos em jornais

Dentre as quatro centenas de referências de textos que localizei e ordenei na subseção “Artigos em jornais”, apresentarei aquelas que auxiliaram mais diretamente na compreensão de aspectos que estão relacionados com o objetivo desta dissertação.

Conforme os números que apresento no Quadro 1, excetuando-se o ano de 1927, em que Renato Fleury atuava como redator do jornal sorocabano *Diário da Noite* e escrevia sobre fatos e ocorrências de Sorocaba-SP, constatei que o maior número de referências de textos se concentra na década de 1930.

Considerando o elevado número de referências de textos reunidas nessa subseção, organizei o Quadro 2, em que ordenei as referências por título de jornal e década de publicação, entre 1920⁹⁸ e 1970.

⁹⁸ Suprimi a década de 1900 pelo fato de já ter mencionado as primeiras publicações do autor em 1907 (dois artigos no jornal *O Ypiranga*).

Quadro 2 – Bibliografia de Renato Fleury por título de jornal e década de publicação, entre 1920 e 1970.

Década Nome do jornal	20	30	40	50	60	70	Sem década	TOTAL por título de jornal
<i>Folha da manhã</i>	-	16	14	-	-	-	2	32
<i>Diário do noite</i>	53	9	1	-	-	-	25	88
<i>Cruzeiro do Sul</i>	-	-	34	12	22	31	3	102
<i>Diário de São Paulo</i>	-	6	1	-	-	-	-	7
<i>Letras da Província</i>	-	-	-	-	-	7	2	9
<i>Correio Paulistano</i>	-	-	4	24	-	-	-	28
<i>Diário de Sorocaba</i>	-	-	-	1	7	33	-	41
<i>Folha popular</i>	-	-	-	9	-	-	1	10
Outros Estados/País ⁹⁹	-	15	-	-	-	-	2	17
Outros (cidades do interior de São Paulo)	4	32	11	2	-	3	12	64
TOTAL por década	57	78	65	48	29	74	47	398

Fonte: *Bibliografia de e sobre Renato Fleury*: um instrumento de pesquisa (MESSEMBERG, 2011).

A partir das informações que apresento no Quadro 2, é possível observar a quantidade significativa de artigos que Renato Fleury teve publicado em jornais, motivo pelo qual se destacou como jornalista naquele momento histórico e político. Renato Fleury publicou aproximadamente quatro centenas de artigos em 60 anos de atuação, o que equivale à média de 55 artigos publicados por década.

O maior número de publicação de artigos em jornais se concentra na década de 1930, quando a série *Na roça* foi publicada. Certamente a publicação de artigos em jornais que circulavam por diferentes cidades do interior de estados brasileiros está relacionada com a publicação dessa série de leitura, considerando que o maior número de publicações nesses jornais se concentra em 1936, quando os três livros de leitura da série foram publicados e no ano posterior.

Renato Fleury escreveu artigos em jornais que circulavam em cidades brasileiras que tinham escolas rurais, como forma de divulgar sua concepção sobre ensino rural e “legitimar” o que havia proposto na série de leitura. Além disso, a maior parte da população em idade escolar se concentrava na zona rural e o ensino da leitura era oferecido a somente uma parcela dessa população. Apesar de o ensino nas escolas rurais

⁹⁹ Localizei uma propaganda do livro *Santos Dumont*, de autoria de Renato Fleury, publicado pela Companhia Melhoramentos, no jornal *El hogar*, publicado no Uruguai, Montevideu, em dezembro de 1944.

ser ministrado em três anos, um ano a menos quando comparado às escolas urbanas, nem sempre eram completados pelos alunos da zona rural. Isso ocorria pelo difícil acesso, estrutura e organização escolar inadequadas e pelo fato de que:

[...] a população nacional acha-se, oitenta por cento, disseminada por considerável extensão do territorio patrio, vivendo e labutando fora das cidades, quase entregue a seu proprio destino, desamparada de si mesma e desajudadda dos poderes publicos [...]

A verdade é que não temos no Brasil a educação popular, no legitimo sentido. Temos, sim, uma deficiente instrucção publica elementar, mais ou menos diffundida e até por vezes algo pomposa nas capitães e centros urbanos de maior projecção; mas em pequenas cidades, villas e povoados, o que se vê não é ridiculo porque se tinge de collorações sombrias e pungentes. (FLEURY, 1938c).

Partindo dessas necessidades, Renato Fleury enfatiza a necessidade de melhorar o ensino, especificamente das escolas localizadas na zona rural, considerando que os professores que ali atuavam ficavam por tempo provisório para aquisição de experiência. Enfatiza, também, a importância de “renovar” o conteúdo, os métodos e os programas das escolas rurais, que eram muito semelhantes aos das escolas urbanas, fazendo com que a escola rural não realizasse sua verdadeira função de “[...] despertar na criança o amor da terra, o sentimento de honra pelo trabalho do solo, dando-lhe apego ao ‘seu’ pedacinho de chão, educando-a ‘ruralmente’, apontando-lhe insistentemente o rumo do campo.” (FLEURY, 1932).

Renato Fleury alerta para a necessidade de as escolas isoladas localizadas na zona rural contribuírem para manter a população no campo trabalhando, para melhorar a produtividade e o desenvolvimento do país. O autor menciona frequentemente o ambiente combativo que a cidade proporciona, fazendo com que o homem brigue e não progrida. Segundo Renato Fleury “[...] mais se humaniza o ser humano quanto mais sente, compreende e se inclina para a natureza.” (FLEURY, 1937a). Menções parecidas com essas são feitas pelo autor na cartilha de alfabetização e nos livros de leitura que integram a série *Na roça*, por meio de textos e poemas que apresenta nas lições.

Não localizei a informação se era Renato Fleury quem solicitava ou se ele era solicitado para escrever artigos nesses jornais, mas, ele também utilizou esse meio de comunicação para expor sua concepção de educação rural.

Considerando que Renato Fleury utilizou os jornais para divulgar a série *Na roça* e que neles apresentou suas concepções sobre “ruralização do ensino”, destacando,

principalmente, a importância de a população permanecer trabalhando na zona rural para que o país se desenvolvesse, é possível afirmar que a publicação da série *Na roça* não foi apenas para auxiliar no ensino da leitura. Conforme mencionei anteriormente, segundo Souza (2009), entre 1920 e 1930, alguns educadores se auto intitulavam “ruralistas” e passaram a evidenciar os problemas da educação rural, fundamentados em movimentos político-educacionais liderados pelos que defendiam a necessidade de reestruturar a educação no Brasil.

Os educadores identificados a esse grupo criticavam o modelo único de escola primária existente no estado, concebido nos moldes de uma escola citadina alicerçada nos valores e na cultura urbana. Essa escola não servia ao homem do campo. Inadequada totalmente ao meio concorria, tão somente, para o êxodo rural. Dessa maneira, eles viam na criação da Escola Rural a possibilidade de fixação do homem no campo. (SOUZA, 2009, p. 150).

Os jornais em que Renato Fleury teve artigos publicados circularam em diferentes cidades do interior paulista¹⁰⁰, que tinham escolas isoladas rurais, a saber: Boa Vista do Erechim, Catanduva, Amparo, Mathias Barbosa, Bragança, São Carlos, Sorocaba, Campinas, Itapetininga, Botucatu, Itu, Novo Horizonte, Marília, São Sebastião do Paraíso, Bariri e Jundiaí.

Além dessas cidades, teve artigos publicados em cidades de outros estados brasileiros, a saber: Santa Maria, Passo Fundo e Livramento, no Rio Grande do Sul; Juiz de Fora e Belo Horizonte, em Minas Gerais; Fortaleza-CE; Recife-PE; e Rio de Janeiro-capital.

3.1.2 Livros de literatura infanto-juvenil

A segunda subseção do Quadro 1 em que reuni o maior número de referências de textos foi “Literatura infanto-juvenil”, totalizando 45, considerando as edições mais antigas. Por se tratar de livros que se distinguem quanto ao tema abordado e/ou às diferentes coleções que integram, optei por subdividir essa subseção em três subseções: “Biografias”, “Livros que integravam a coleção *Biblioteca Infantil*” e “Outros”.

Apresento, no Quadro 3, as referências de textos que ordenei por título de jornal e distribuí por década de publicação, entre 1930 e 1970.

¹⁰⁰ Classifiquei, no Quadro 2, esse jornais como “Outros” por se referir a diferentes títulos de jornais que Renato Fleury teve um ou dois artigos publicados.

Quadro 3 – Bibliografia de Renato Fleury, livros de literatura infanto-juvenil, por tipo de texto e década de publicação, entre 1930 e 1970

Década / Tipo de texto	30	40	50	60	70	Sem data	TOTAL por tipo de texto
Livros que integravam a coleção <i>Biblioteca Infantil</i>	7	-	-	-	-	14	21
Biografias	-	1	-	11	2	1	15
Outros	2	4	1	1	-	1	9
TOTAL por década	9	5	1	12	2	16	45

Fonte: *Bibliografia de e sobre Renato Fleury: um instrumento de pesquisa* (MESSEMBERG, 2011).

A partir dos dados que apresento no Quadro 3, é possível observar que o maior número de publicações do autor, no gênero literatura infanto-juvenil, se refere aos livros que integravam a *Biblioteca Infantil*¹⁰¹, seguido das biografias de “vultos” que tiveram significativas contribuições para a história do Brasil e, por fim, livros que classifiquei como “Outros” por não integrar nenhuma das seções anteriores.

Pude constatar que todos os livros dessa subseção foram publicados pela Companhia Melhoramentos indicando a influente e densa participação de Renato Fleury nessa editora. Isso contribuiu para a divulgação de seus livros e para o seu reconhecimento como escritor. Segundo Razzini (2007), dentre os autores de sucesso da Melhoramentos, está Renato Fleury.

Com relação aos livros que integram a coleção *Biblioteca Infantil*, localizei 21 referências de textos de autoria de Renato Fleury. Segundo Soares (2007, p. 323), esse autor teve 42 títulos publicados, sendo que “[...] muitos eram adaptações de contos de fadas e folclóricos, sobretudo orientais.”.

¹⁰¹ Segundo Menin (1999), essa coleção foi idealizado por Arnaldo de Oliveira Barreto e essa ideia foi vendida à Weizszflog Irmãos, como série de livros escolares, conforme carta de 4/8/1915, localizada pela autora. No catálogo de 1922 da Companhia Melhoramentos consta a seguinte indicação dos livros da *Biblioteca Infantil*: “Destinadas á infancia, poucas obras têm preenchido os innumerados requisitos para a perfeição, como esta série de contos populares, organizada pelo prof. Arnaldo Barreto. Escoimada de inconveniencias, tão ao sabor de recontos e phantasias tradicionaes, que são perigosas para a formação moral da creança, a ‘Biblioteca Infantil’ tem um duplo valor: excita o interesse e a imaginação dos meninos e incitaos ao bem com o exemplo e a recompensa dos bons e o castigo final dos perversos. Escriptos em elegante e simplíssimo vernáculo, os contos são farta e primorosamente illustrados, em trichromia.”. (RAZZINI, 2007, p. 4).

Segundo Menin¹⁰² (1999), entre 1915 e 1958, foram publicados 100 títulos dessa coleção e organizada:

[...] por educadores como Arnaldo Barreto, Lourenço Filho e *Renato Sêneca Fleury*, a Biblioteca Infantil da Melhoramentos chegou a ser indicada para “leitura suplementar” nas escolas públicas do estado de São Paulo, estreitando os laços da literatura infantil com a escola. (RAZZINI, 2007, p. 4, grifos meu).

Em todas as referências de textos ou em todos os livros que localizei, escritos por Renato Fleury, consta na capa, a informação “Orientação do Prof. Lourenço Filho”. Segundo Menin (1999, p. 159), Lourenço Filho foi convidado, em 1926, para revisar os textos da coleção *Biblioteca Infantil*.

Com Lourenço Filho à frente da equipe editorial da *Biblioteca Infantil*, na qualidade de revisor, algumas alterações foram observadas na recriação dos contos dessa coleção, notadamente e particularmente no conto *O patinho feio*. (MENIN, 1999, p. 160).

Soares (2007), ao analisar os livros e os pareceres da coleção *Biblioteca Infantil*, constatou que a relação entre Lourenço Filho e alguns autores eram diferentes e mais “flexíveis”. Ao analisar a adaptação da *Gata Borralheira*, a autora constatou que a versão publicada em 1923 (por Arnaldo Barreto) é diferente da versão publicada em 1941, assinada por Renato Fleury e com a indicação “Orientação do Prof. Lourenço Filho”. Apesar de Lourenço Filho explicitar nos pareceres dos livros dessa coleção que era necessário que “[...] as composições desse gênero literário fossem tocadas ‘de poesia, no sentido criador e harmonizador desta palavra’, empregando uma linguagem livre de ‘plebeísmos’.” (SOARES, 2007, p. 352), na adaptação de autoria de Renato Fleury observa-se “[...] passagens menos satisfatórias, por inspirarem sentimentos de medo, ou terror [...]” originalmente presentes no conto (SOARES, 2007, p. 352). A partir disso,

Como compreender, nesse sentido, que a adaptação de *Gata Borralheira* dirigida por Lourenço Filho fosse menos “depurada” e se valesse de uma linguagem menos “poética” e “harmonizadora” do que a adaptação anterior? [...]

Como Renato Sêneca Fleury assinou muito títulos da Melhoramentos e assumiu funções administrativas junto à editora, é possível que o diretor da coleção tenha flexibilizado o rigor de sua vigilância sobre o material a ser publicado, em vista da confiança que depositava no escritor. (SOARES, 2007, p. 374)

¹⁰² Essa pesquisadora também desenvolveu sua tese de doutorado sob a orientação de Maria do Rosário Longo Mortatti.

Considerando que, até as décadas finais do século XX, Lourenço Filho era considerado educador de “destaque e prestígio” (BERTOLETTI, 2007, p. 57) e no momento histórico em que atuou assumiu posição de “[...] vanguarda – colocando-se no papel de quem exerce influências, em vez de recebê-las [...]” (MORTATTI, 2000a, p. 144), esse contato e essa relação foram fundamentais para Renato Fleury entrar para o mercado editorial, tendo a maioria de seus livros publicados pela Companhia Melhoramentos.

Apesar de na maioria dos livros que integravam a coleção *Biblioteca Infantil* não constar data de publicação, todas apresentam um número que se refere ao volume (conforme mencionei foram publicados 100 volumes da *Biblioteca Infantil*). Os títulos e os números dos volumes dos livros dessa coleção, de autoria de Renato Fleury são: *Pedro Malasartes*, 52; *O mercador e o Gênio*, 53; *A vingança do João-de-Barro*, 58; *As duas gatas pretas*, 59; *A Rabequinha Maravilhosa*, 60; *Os três cysnes*, 61; *Os três cavallos encantados*, 62; *Os vasos de ouro*, 63; *O pequeno polegar*, 64; *As três noivas*, 65; *A escrava que se tornou princesa*, 66; *Histórias do Pai João*, 67; *As chinelinhas de cristal*, 69; *Linda flor e o príncipe*, 70; *O pássaro de ouro*, 72; *O rei castigado*, 74; *O príncipe sem coração*, 75; *Os cães encantados*, 80; *O príncipe dos pés pequenos*, 82; *O anão e a fiandeira*, 84; e *O cágado e o teiú*, sem número.

Apesar de todos serem ilustrados, somente em alguns consta o nome do ilustrador, dentre eles: Oswaldo Storni, Augustus e Hilde Weber Mueller Carioba¹⁰³.

Segundo Menin (1999):

Para cuidar das ilustrações dos textos da Coleção *Biblioteca Infantil*, foi contratado um então renomado artista plástico, Franz Richter, de nacionalidade tcheca e radicado em São Paulo desde 1914. Richter manteve-se como ilustrador, à frente dessa coleção, até 1925, quando foi substituído por Oswaldo Storni. (MENIN, 1999, p. 149).

Ainda segundo Menin (1999), observa-se grande diferença entre as ilustrações feitas por Richter e Storni, considerando que o último,

[...] embora não se conhecendo o ilustrador, a simplicidade dos traços, além de não serem coloridos, registram uma tendência nas artes plásticas para esse tipo de livro, diferente da praticada até as primeiras décadas do século XX. (MENIN, 1999, p. 149).

Com relação aos livros escritos por Renato Fleury, classificados na subseção “Biografias”, localizei 15 referências de textos. Esses livros, inicialmente, integravam a

coleção *Galeria de Grandes Homens*, publicada pela Companhia Melhoramentos e as ilustrações variavam, de um livro para o outro. A partir de 1967¹⁰⁴, essas biografias passaram a integrar a série *Grandes Brasileiros*, publicada pela Companhia Melhoramentos e pelo Instituto Nacional do Livro (INL)¹⁰⁵, em formato de histórias em quadrinhos, com o propósito de incentivar nos jovens leitores o interesse e o respeito pela História do Brasil. O objetivo com essa coleção, “Ilustrada por Olavo Silveira Pereira e editada em 1967 pela Editora Melhoramentos [...]” (BARROS, 2006, p. 186-187), era de:

[...] incentivar nos jovens leitores o gosto, a admiração e o respeito pela História do Brasil, bem como incitá-los a cultivar a memória dos que a fizeram, a imitar-lhes o exemplo em qualquer dos campos de atividade em que se distinguiram e immortalizaram. Talvez por isso a linguagem utilizada ao longo da narrativa seja toda ela elaborada de modo a causar no leitor um sentimento de simpatia e mesmo de orgulho [...] (BARROS, 2006, p. 186-187, grifos da autora).

Portanto, por meio de textos de escritores e de educadores¹⁰⁶, os livros que integravam a série *Grandes Brasileiros* contavam “[...] de modo acessível, a vida dos homens que construíram o Brasil como nação, revelando que, por trás da glória histórica, existiam seres humanos, devotados aos ideais nacionais.” (FLEURY, 1975, prefácio do livro Duque de Caxias escrito pela editora).

Apresento, a seguir, capa dos livros que localizei, que integram a série *Grandes Brasileiros*.

¹⁰³ Não localizei informações adicionais sobre esses últimos ilustradores citados.

¹⁰⁴ Localizei algumas referências de livros publicados antes de 1967, sem a informação de que integravam a série *Grandes Brasileiros*. Depois dessa data, portanto, além da mudança no formato do livro e nas ilustrações, passou a constar na capa a informação “Série Grandes Brasileiros”. Esses fatores contribuíram para que presumisse que essa série passou a ser publicada em 1967, apesar de alguns livros terem sido publicados em datas anteriores.

¹⁰⁵ Segundo Hallewell (2005) o INL foi criado, em 1937, por Augusto Meyer a partir da implantação do Estado Novo por Getúlio Vargas, com o objetivo de produzir uma biblioteca nacional atualizada e divulgar a cultura nacional. “[...] ao INL haviam sido atribuídas as funções de instrumento do controle direto do governo sobre os livros que poderiam ser legalmente publicados ou importados. Passados dois anos sem que o INL tomasse quaisquer medidas concretas nesse sentido, essas atribuições foram transferidas para um serviço de censura criado especialmente para isso, o Departamento de Imprensa e Propaganda [...]” (HALLEWELL, 2005, p. 392-393).

Figura 8 – Biografias escritas por Renato Fleury



Fonte: Acervo da Biblioteca Municipal Infantil “Renato Sêneca Fleury”, Sorocaba-SP.

Dentre as outras nove referências de textos que classifiquei como “Outros”, está o livro *Proezas na roça*, que conferiu a Renato Fleury o primeiro prêmio Jabuti de Literatura Infantil, em 1959. Renato Fleury teve seu livro prefaciado por Lourenço Filho, mostrando novamente a proximidade e o contato que tinha com ele.

Segundo Lourenço Filho, no prefácio que escreveu, em 1953, *Proezas na roça*: “Pertence a uma espécie de narrativas, que se vão tornando raras, em que o escritor põe muito de sua vida, entretecendo-a, porém de natural e sentida poesia.” (LOURENÇO FILHO, 1965).

No livro Renato Fleury relata as aventuras de dois meninos que viviam na fazenda, com características semelhantes ao que viveu em sua infância. Constatei que, apesar de ter sido publicado quase 20 anos depois dos livros que integram a série *Na roça*, o conteúdo é próximo ao que foi apresentado nos livros de leitura, mostrando a sua persistência em contribuir com o movimento educacional que aconteceu naquele momento histórico.

Localizei um exemplar da segunda edição desse livro, publicado em 1965, pela Companhia Melhoramentos e ilustrado por Zaé Júnior. Na capa há ilustrações de personagens de histórias infantis que não tem relação com a história apresentada no livro. Apenas na segunda capa há a ilustração dos dois meninos, protagonistas da história, vestidos com roupas características dos moradores da zona rural: camisas xadrez, calças jeans e botas, com espingarda e enxada nas mãos. Na quarta capa, há o prefácio, intitulado “Êste livro...”, datado de 1953, em que Lourenço Filho elogiando sua atuação de Renato Fleury como educador experiente e maduro.

¹⁰⁶ Dentre as 15 “Biografias” que Renato Fleury escreveu em apenas uma relata conquistas de personalidades do sexo feminino.

Há um tema central neste livro, à primeira vista, tão despretenhoso: é o de profundo desequilíbrio entre a economia rural e a dos meios urbanos, os quais, com o seu ilusório esplendor, a tantos jovens arrasta para uma existência medíocre se não miserável. Por que não alertá-los, por que não levá-los a meditar sobre condições e circunstâncias, por que não dizer-lhes uma palavra prudente e amiga, a fim de que possam consultar suas verdadeiras inclinações e capacidades?... (LOURENÇO FILHO, 1965).

Ao longo de 94 páginas, divididas em 39 capítulos, Renato Fleury escreve a história de Zezinho e de Chico, dois amigos que moravam no sítio e que viviam se aventurando com os animais que encontravam no meio das matas. O autor relata a vida desses garotos que, apesar de terem concluído os estudos na escola pública rural, tinham desejos diferentes: Zezinho, plenamente satisfeito com a zona rural e, apesar de ter seu primo Lucas morando na cidade, não queria abandonar os benefícios proporcionados pela vida no campo, nem seu desejo em cursar a Escola Prática de Agricultura, para aperfeiçoar suas técnicas no sítio; enquanto Chico queria ir para a cidade estudar, fazer o ginásio. O autor apresenta ensinamentos, noções de higiene e precauções que deveriam ser tomadas na zona rural, ressaltando a importância de os jovens permanecerem e se fixarem nesses locais, para que pudessem contribuir para gerar as riquezas do país.

3.1.3 Livros de leitura

A terceira subseção com o maior número de referências de textos é “Livros de leitura”, com 10 referências, quando considere as edições mais antigas. Renato Fleury escreveu três séries de leitura, as quais apresento a seguir, indicando a quantidade de livros de leitura em cada uma:

- série *Na roça*, publicada pela Companhia Melhoramentos, composta por três livros de leitura, publicados em 1936;
- série *Vamos ler?*, publicada pela Companhia Editora Nacional¹⁰⁷ do Rio de Janeiro, composta por três livros de leitura, publicados, presumivelmente a partir de 1939; e,

¹⁰⁷ Segundo Hallewell (2005), essa Editora foi fundada por Octalles Marcondes Ferreira e Monteiro Lobato em novembro de 1925. “No início, a sociedade restringia-se aos dois amigos, porém com as respectivas posições invertidas. Enquanto Octalles ficava em São Paulo à testa dos negócios e tomava todas as decisões no dia-a-dia da firma, Lobato dirigia uma filial no Rio de Janeiro.” (HALLEWELL,

- *Série Pátria Brasileira*, publicada em 1942, pela Companhia Melhoramentos, composta por quatro livros de leitura.

Conforme mencionei, a série *Na roça* era composta pela cartilha *Na roça* e três livros de leitura, intitulados *Na roça: primeiras leituras*, *Na roça: segundas leituras* e *Na roça: terceiras leituras*. Apresentarei, no próximo capítulo, mais informações sobre os livros que integram essa série de leitura, que foram selecionados como *corpus* da pesquisa de que resultou esta dissertação.

Com relação à série *Vamos ler?*, localizei três referências de livros de leitura que a integram: a 14ª. edição de *Vamos ler? Leituras intermediárias*, para o 1º. grau primário, de 1944; a primeira edição de *Vamos ler? 1º. Livro de leitura*, de 1939 (não localizei exemplar físico); e a 4ª. edição de *Vamos ler? 2º. Livro de leitura*, para o 3º. grau primário, de 1941.

No prefácio de *Vamos ler? Leituras intermediárias*, Renato Fleury menciona sua concepção de livro didático, citando Alfredo Miguel Aguayo¹⁰⁸, Damasco Penna e Antônio d'Ávila e escreve que “[...] o livro de leitura deve-se dirigir mais ao coração, aos sentimentos, do que à inteligência da criança. Foi o que procuramos realizar, trazendo para estas páginas, ilustradas com expressivos desenhos, assuntos verdadeiramente infantis e outros do agrado das crianças.” (FLEURY, 1944). Com base nisso, enfatiza, “O que estamos pondo em prática, resolutamente, é o processo que os professores julgam, por seu tirocínio, mais proveitoso, mas não se animam a divulgar, receosos de um avanço, algo arrojado num ambiente, como o nosso conservador.” (FLEURY, 1944).

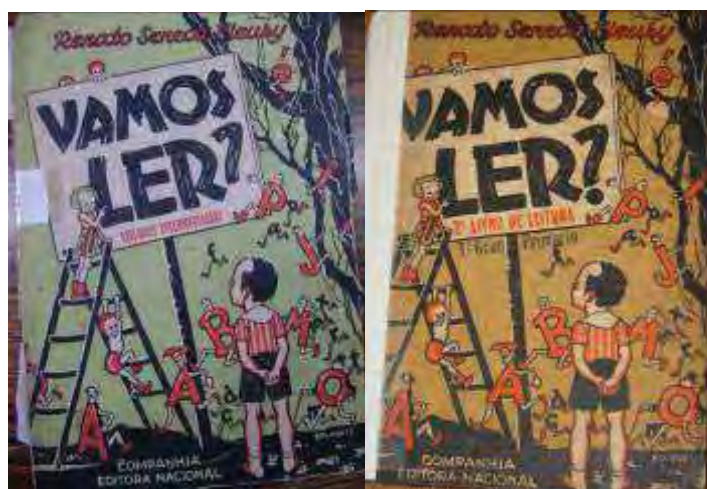
2005, p. 345-346). Essa editora tornou-se, em 1930, a maior editora de livros de São Paulo e publicou importantes livros que integraram coleções e séries destinadas ao ensino da leitura.

¹⁰⁸ Segundo Souza (2011), Alfredo Miguel Aguayo Sánchez nasceu em 28 de Março de 1866, na cidade de Ponce, em Porto Rico, e logo se mudou para Cuba, onde viveu a maior parte de sua vida. Segundo o autor, “[...] formou-se em Direito e doutorou-se em Pedagogia. Atuou toda a sua vida como educador em várias escolas, na Universidade de Havana, onde foi diretor da ‘*Escuela de Pedagogia*’; foi autor de inúmeros textos e livros para uso nas escolas primárias, principalmente destinados aos professores.” (SOUZA, 2008, p. 4). Foi um dos principais a tematizar as idéias da escola ativa e um de seus livros que foi recorrentemente citado por Renato Fleury, nas notas iniciais dos livros de leitura que integram a série *Na roça*, é *Didática da Escola Nova*, traduzida por Damasco Penna e d’Ávila. Segundo Souza (2011) “A perspectiva intelectual de Aguayo oscila entre o positivismo cientificista e autores do idealismo alemão. Aliado a isso, existe seu vínculo e sua leitura da Pedagogia de John Dewey. Podemos afirmar que Aguayo se situa entre os partidários da Escola Nova que adotaram uma postura conservadora, mais cientificista e menos política. Suas obras publicadas no Brasil deixam transparecer o forte teor conservador de suas ideias.” (SOUZA, 2011, p. 19).

Apesar de a série *Vamos ler?* ter sido publicada em 1939, constatei semelhanças entre ela e a série *Na roça*. Nas duas séries de leitura, Renato Fleury se fundamenta em Aguayo para anunciar que estava colocando em prática algo “novo” que renovaria os livros de leitura que estavam sendo utilizados nas escolas.

A partir disso, concluo que muito mais que instruções do que estava sendo apresentado, o autor utilizava as páginas iniciais dos livros de leitura para divulgar a série de leitura, sempre anunciando que era algo “novo” e “moderno”.

Figura 9 – Livros de leitura que integram a série *Vamos ler?*



Fonte: Acervo da Biblioteca Infantil “Monteiro Lobato”-SP e Acervo do Centro do Professorado Paulista-SP.

A última série de leitura escrita por Renato Fleury, publicada pela Companhia Melhoramentos em 1942, foi a *Série Pátria Brasileira*, composta por quatro livros de leitura, intitulados: *Série Pátria Brasileira: Leitura I*, *Série Pátria Brasileira: Leitura II*, *Série Pátria Brasileira: Leitura III* e *Série Pátria Brasileira: Leitura IV*. Segundo informações localizadas em propaganda de jornal, de 1942, essa série é uma contribuição do autor para o nacionalismo em que ele:

[...] fez para nossas as crianças livros que lhes incutem o amor à Pátria, o amor ao Brasil, através do respeito e da admiração pelo lar, pela escola, pelos grandes brasileiros, pelos fatos nacionais, sem esquecer, contudo, de dar-lhes, igualmente, os conhecimentos gerais sobre a vida e a humanidade, e tudo isso num perfeito equilíbrio e dosagem entre assuntos da idade escolar.¹⁰⁹

¹⁰⁹ Essa citação foi extraída de uma propaganda de um jornal cujo título não consegui localizar, datado de 2 de abril de 1942.

Em *Série Pátria Brasileira*: leitura I, destinada às leituras intermediárias de alunos do 1º. grau¹¹⁰, o autor apresenta características do lar dos alunos; em *Série Pátria Brasileira*: leitura II, destinado aos alunos do 2º. grau, apresenta o ambiente da natureza e da escola, mencionando a diversidade de plantas e animais; em *Série Pátria Brasileira*: leitura III, destinado aos alunos do 3º. grau, apresenta noções de pátria, instigando o aluno com assuntos da vida em sociedade; e, por fim, em *Série Pátria Brasileira*: leitura IV, destinado aos alunos do 4º. grau, apresenta a formação da nacionalidade e resalta os grandes feitos e acontecimentos que ocorreram na história Brasil. Segundo informações contidas também em propaganda publicada em nota de jornal:

[...] nacionalista, sem regionalismos, a série divide-se em quatro volumes que apresentam unidade substancial, pela relação dos assuntos e seu tratamento gradual. Poderiam ter como subtítulos respectivamente, “O ambiente do lar”, “A natureza, o lar e a escola”, “A criança e a pátria”, “A criança, a pátria e a humanidade”. Do autor da Pátria Brasileira nada se precisa dizer, possuidor que é de vários títulos como educacionista experimentado e progressista. (JORNAL DO ESTADO, 1942)¹¹¹

Ao analisar o tema das lições de cada livro de leitura, constatei que a proposta dessa série de leitura variou gradativamente, de acordo com a faixa etária do aluno. No primeiro livro de leitura foram apresentados elementos e questões que possibilitassem maior contato do aluno com aquilo que integrava o ambiente escolar, que ele frequentava diariamente. No último livro de leitura da série, a partir do histórico dos principais acontecimentos históricos que ocorreram, ao longo dos anos, em nosso país, o aluno tinha possibilidade de conhecer a realidade social em que vivia.

¹¹⁰ Segundo Souza (2009, p. 59), “Desde 1895, quando o curso complementar (segunda etapa do curso primário) passou a ser utilizado para a formação de professores, a duração do curso primário nos grupos escolares e escolas modelos passou a compreender cinco anos [...] Em 1904, as escolas-modelo foram equiparadas aos grupos escolares, e essas escolas passaram a oferecer o curso primário com quatro anos de duração.” O programa das escolas isoladas sofreram inúmeras variações com o passar dos anos, mas a partir de 1925 o programa foi estabelecido em três anos de duração. Cada grau correspondia, então, a um ano escolar. Apesar de os programas das escolas primárias urbanas também terem sido reformulados várias vezes, “[...] as alterações incidiram mais sobre a configuração das matérias (aglutinação de conteúdos e sua distribuição nas séries) e ampliação das indicações metodológicas do que sobre a seleção cultural. [...] até 1968 maneteve-se praticamente o mesmo conjuntos de matérias estabelecidos desde o final do século XIX. O mesmo se pode dizer em relação às escolas rurais.” (SOUZA, 2009, p. 90).

¹¹¹ Localizei essa citação em uma propaganda da Edição Melhoramentos, publicada em 21 de março de 1942, no *Jornal do Estado*, de Porto Alegre-RS.

Figura 10 – Livros de leitura que integram a *Série Pátria Brasileira*



Fonte: Acervo da Biblioteca Municipal Infantil “Renato Sêneca Fleury”, Sorocaba-SP.

3.1.4 Artigos em revistas

Com relação à subseção do instrumento de pesquisa intitulada “Artigos em revistas”, reuni oito referências de textos. Esses artigos foram publicados em diferentes revistas do Estado de São Paulo e a maioria é da década de 1930. Considerando todas as subseções do instrumento de pesquisa, foi nessa década que Renato Fleury teve o maior número de publicações.

Conforme mencionei no capítulo 2 desta dissertação, nessa década Renato Fleury era chefe da seção de Educação na Escola Normal de Sorocaba e ministrava aulas de Pedagogia, Psicologia e Didática, o que explica o fato de ter publicado artigos sobre Psicologia e o desenvolvimento da criança e do adolescente.

Na revista sorocabana *A Cidade* e na revista paulista *Folhas avulsas*¹¹², Renato Fleury teve publicados, respectivamente, um conto intitulado “O homem que tinha duas línguas”, em março de 1945¹¹³ e outro intitulado “A vida diária do índio”, em outubro de 1950, em que Renato Fleury relata os costumes e as atividades em uma tribo indígena.

Localizei na *Revista do Professor*¹¹⁴, quatro referências de artigos de autoria de Renato Fleury.

- “Sobre a gênese da psicologia da adolescência”, revista n. 10, de março e abril de 1935, em que Renato Fleury apresenta capítulo do livro *Adolescência*, também de sua

¹¹² Não localizei nenhuma informação sobre essa revista.

¹¹³ Até o momento que encerrei a redação desta dissertação, não tive acesso a esse texto.

¹¹⁴ Segundo Mortatti (2000a, p. 182), a *Revista do Professor*, órgão do Centro do Professorado Paulista (CPP), foi fundada por Sud Mennucci e teve seu primeiro número publicado em 1934.

autoria que estava para ser publicado. Mencionando Adolpho Ferrière¹¹⁵, descreve as quatro fases da evolução psíquica do ser humano, destacando que a adolescência é a fase decisiva da vida;

- “Emotividade juvenil”, revista n.12, de junho e julho de 1935, também do livro *Adolescência*, em que Renato Fleury descreve as emoções que predominam na adolescência e como pais e professores deveriam proceder;
- “Ciência e Filosofia”, revista n.16, publicada em setembro de 1936, em que Renato Fleury, citando o filósofo John Dewey¹¹⁶, explicita a diferença entre Filosofia e Ciência e conclui que a “[...] ciência estabelece o plano da realidade, ao passo que a filosofia apruma a vertical da idealidade.” (FLEURY, 1936); e
- “Reparos sobre as normais livres”, revista n. 21, de outubro de 1937, em que o autor problematiza a diferença da nomenclatura de Escolas Normais particulares e públicas e menciona os cargos e funções daqueles que atuam nas Escolas Normais públicas, enfatizando a necessidade da fiscalização escolar.

Em *Revista Educação*, Renato Fleury teve dois artigos publicados: na revista n. 8 de dezembro de 1934, o artigo “Directoria do Ensino do Estado”, mas não conseguiu ter acesso a ele, apenas à referência. Na revista de dezembro e janeiro de 1946, teve publicado o artigo “Missões de professores paulistas”, em que menciona que, entre 1910 e 1930, se formaram, pela Escola Normal, professores que contribuíram diretamente com a reforma do ensino no Brasil, pois eram solicitados pelos governos de outros estados. Dentre eles, Renato Fleury menciona alguns, dentre os quais dois

¹¹⁵ Adolpho Ferrière nasceu em Genebra, em 1879 e, segundo informações disponíveis na revista eletrônica *Reconstruir*, “[...] foi um dos maiores divulgadores da escola ativa e da educação nova na Europa. Criticou a educação tradicional acusando-a de trocar a alegria do aprendiz pela inquietude, o regozijo pela gravidade, o movimento espontâneo pela imobilidade e as risadas pelo silêncio.”. Dentre os livros que teve publicados e traduzidos no Brasil estão: *A escola ativa*, em 1920; *A educação autônoma*, em 1926; *A liberdade da criança na escola ativa*, em 1928; *Transformemos a escola*, em 1929. Todas as informações biográficas apresentadas nesta nota foram localizadas em: <http://www.educacaomoral.org.br/reconstruir/os_educadores_edicao_72_adolphe_ferriere.htm> Acesso em 28 ago. 2011.

¹¹⁶ John Dewey nasceu em Burlington, Vermont, em 20 de outubro de 1859 e faleceu em Nova Iorque, em 1952. “Com Willian James e Charles Sanders Pierce, Dewey foi um dos fundadores da corrente filosófica do pragmatismo norte-americano.” (PAGNI; BROCANELLI, 2007, p. 216). Os autores destacam que, depois de John Dewey se graduar em Filosofia pela Universidade de Vermont, em 1879, “[...] começou a se afastar cada vez mais da Filosofia especulativa, buscando alternativas a um pensamento filosófico mais próximo aos problemas práticos e sociais. Em 1894, após se transferir para a Universidade de Chicago, teve a oportunidade não apenas de aprofundar os estudos sobre a lógica, como também, e principalmente, de se aproximar dos problemas práticos, ao ser um dos criadores da escola-laboratório dessa instituição, onde avaliou e modificou as idéias psicológicas e educativas.” (PAGNI; BROCANELLI, 2007, p. 216). Todas as informações apresentadas nesta nota foram localizadas em Pagni e Brocanelli (2007).

escreveram cartilhas de alfabetização que foram analisadas em pesquisas desenvolvidas no âmbito do GPHELLB, conforme apresentei no capítulo 1 desta dissertação. Os autores e as menções que Renato Fleury faz deles são: Carlos Alberto Gomes Cardim e a reforma no Espírito Santo, conhecida como “missão Cardim”, com o objetivo de introduzir e divulgar métodos para o ensino da leitura que eram praticados em São Paulo; e Arnaldo de Oliveira Barreto, convidado pelo Ministério da Marinha a reorganizar as escolas de aprendizes de marinheiro. Finaliza o artigo mencionando “Fôram esses jovens professôres primários paulistasos pioneiros da difusão, além-fronteiras de S. Paulo, dos métodos de educação e ensino postos em prática nas escolas deste Estado.” (FLEURY, 1934).

3.1.5 Cartilhas de alfabetização

Renato Fleury teve publicadas cinco cartilhas de alfabetização, conforme os dados que apresentei no Quadro 1. Dentre essas, duas integravam as mencionadas séries de leitura *Na roça* e *Vamos ler?*. As outras três são: *Cartilha para todos*, cuja edição mais antiga que localizei foi a 5ª., de 1948, publicada pela Companhia Editora Nacional, de São Paulo e que integrava a série “Céus e Terras do Brasil”; *Minha cartilha*, cuja edição mais antiga que localizei foi a 11ª., de 1962, também publicada pela Companhia Editora Nacional; e, *Brincar de ler*: livro de figuras, com primeira edição presumivelmente de 1939, publicada pela Companhia Melhoramentos.

Apresento, no Quadro 4, a quantidade e o ano de todas edições que localizei das cartilhas, para mostrar as tiveram maiores edições e, presumivelmente, maior circulação e uso.

Quadro 4 – Número das edições das cartilhas de alfabetização de Renato Fleury por datas de primeira edição e de edição mais recente

Cartilhas escritas por Renato Fleury	Edições localizadas	Data da primeira edição	Data da edição mais recente
<i>Na roça</i>	1ª., 25ª., 47ª., 57ª., 123ª., 133ª.	1935	1958
<i>Brincar de ler</i>	1ª., 7ª., 10ª., 12ª., 17ª., 24ª., 28ª., 31ª.	1939	1965
<i>Cartilha para todos</i>	5ª., 54ª.	-	1950
<i>Vamos ler?</i>	9ª., 15ª., 39ª.	1938	1951
<i>Minha cartilha</i>	11ª., 26ª.	-	1962

Fonte: *Bibliografia de e sobre Renato Fleury*: um instrumento de pesquisa (MESSENBURG, 2011).

Com base nos dados que apresento no Quadro 4, é possível observar que as cartilhas que tiveram maior número de edições foram *Na roça*, com 133 edições,

publicadas ao longo de 23 anos, totalizando média de seis edições por ano e, *Brincar de ler*, com 31 edições publicadas ao longo de 26 anos. Apesar de a cartilha *Brincar de ler* ter menor número de edições publicadas quando comparada à *Na roça*, ela foi publicada por mais tempo (26 anos). Localizei inúmeras notas propagandísticas em jornais que circularam naquele momento histórico, anunciando e divulgando a cartilha *Brincar de ler*.

Quanto ao método de ensino, nas cartilhas *Na roça* e *Vamos ler?* o autor propõe “método misto” para o ensino inicial da leitura e, no prefácio da cartilha *Na roça*, explicita sua preferência destacando que “[...] chegamos a um sistema que oferece reais vantagens com proporcionar resultados rápidos e seguros” (FLEURY, 1935, p. 5).

Em *Minha cartilha*, apesar de não ter prefácio e nenhuma indicação do método utilizado, constatei, pelas lições, que o autor também utiliza o “método misto”, alternando as lições, que ora se iniciam pelas sílabas, ora pelas palavras.

Em *Brincar de ler*, Renato Fleury propôs lições embasado no “método intuitivo”, conforme escreveu em nota introdutória.

Do principio de que a criança pela imagem chega, intuitivamente, ao conhecimento das letras, palavras e frases, portanto, ao aprendizado da leitura, o autor inicialmente apresenta em “Brincar de lêr” palavras e vogais com o respectivo desenho interpretativo, para dar, depois, à criança já familiarizada, frases curtas e sempre acompanhadas de gravuras. O livro torna-se, assim, um excelente passatempo para as crianças que ainda não se acham em idade escolar e de conveniência nos cursos pré-primários, bem como no 1º. ano primário, especialmente para as classes heterogêneas e as chamadas “classes fracas. (FLEURY, 1939).

Segundo Valdemarin (2006) o "método de ensino intuitivo", ou "lição de coisas", surge em meados do século XIX, "[...] entendido por seus propositores europeus e americanos como um instrumento pedagógico capaz de reverter a ineficiência do ensino escolar [...]" (VALDEMARIN, 2006, p. 103). A autora descreve que, nesse método de ensino, é ordenada uma sequência gradativa de passos para que a aprendizagem ocorra:

O caminho a ser seguido é progredir da ‘percepção à idéia, do concreto ao abstrato, à inteligência por meio dos sentidos, ao julgamento por meio de provas.’ A lição intuitiva, posta em prática numa linguagem apropriada aos alunos, assume a forma de diálogo, com perguntas e respostas que provocam e dirigem a atividade das faculdades intelectuais. ‘Sua característica distintiva, que é a própria característica geral do método, é partir da observação direta e imediata, para fazer as crianças raciocinarem na presença do fato observado’ [...] Imagens, desenhos ou moldes são materiais auxiliares

que o método intuitivo emprega com bom proveito para realizar seus objetivos. (VALDEMARIN, 2004, p. 107).

O método intuitivo foi proposto e utilizado no Brasil do final do século XIX até o século XX. Em 1939, quando foi publicada a primeira edição de *Brincar de ler*, a questão do método havia sido secundarizada e o aprendizado da leitura passou a ser considerado, principalmente, uma questão da psicologia, apesar de todos os métodos de ensino ser utilizados. O método “misto”, que era uma junção do método sintético e do método analítico, foi o que mais teve adeptos naquele momento histórico.

Em *Cartilha para todos*, o autor inicia o prefácio destacando a oficialização do método analítico e sua preferência pelo “método misto”, mas propõe o método sintético por considerar que era “[...] preciso ter em vista uma verdade, proclamada por grandes educadores: aprende-se a ler por qualquer método, desde que o aprendiz tenha capacidade para isso.” (FLEURY, 1950, p. 6). As recomendações iniciais do autor são:

A tendência, hoje, é de conciliação dos dois métodos. Muitos professores – entre os quais o autor deste livrinho – têm publicado cartilhas cujo método é eclético, ou seja, de harmonização da análise com a síntese. Logo na primeira lição aparece o estudo de palavras, sílabas e letras, embora sendo a sentença o ponto de partida.

Aliás, o ensino da leitura é sempre analítico-sintético ou sintético-analítico, porque essas operações do espírito se completam. O que dá nome ao método é o ponto de partida [...]

Esta cartilha é sintética, porque tem por fim tornar muito rápida a aprendizagem da leitura. (FLEURY, 1950, p. 6).

A partir dessa citação de Fleury, constata-se que como o método era uma possibilidade de concretizar o fazer, ele era utilizado de acordo com a solicitação da editora.

Figura 11 –Cartilhas de alfabetização de autoria de Renato Fleury



Fonte: Acervo da Biblioteca Municipal Infantil “Renato Sêneca Fleury”, Sorocaba-SP e Acervo do Centro do Professorado Paulista-SP.

Renato Fleury escreveu cinco cartilhas de alfabetização e utilizou diferentes métodos de ensino em cada uma delas, pois, apesar de naquele momento histórico, a questão dos métodos de ensino ter sido secundarizada (MORTATTI, 2000a), eles eram uma forma de as editoras ter a aprovação da Diretoria Geral da Instrução Pública paulista, responsável por autorizar e comprar os livros didáticos. Segundo Bittencourt (2004):

O autor de uma obra didática deve ser, em princípio, um seguidor dos programas oficiais propostos pela política educacional. Mas, além da vinculação aos ditames oficiais, o autor é dependente do editor, do fabricante do seu texto, dependência que ocorre em vários momentos, iniciando pela aceitação da obra para publicação e em todo o processo de transformação do seu manuscrito em objeto de leitura, um material didático a ser posto no mercado. (BITTENCOURT, 2004, p. 479).

As propostas de Renato Fleury deveriam, então, estar em consonância com as exigências políticas e editoriais, considerando que as editoras, responsáveis pelas publicações, solicitavam aos autores que publicassem de acordo com o que julgassem adequados ao mercado. Dessa forma, assim como constatei nos livros de leitura, o autor deveria seguir as exigências impostas, tanto pelos programas, quanto pelas editoras, para conseguir publicar um texto.

3.1.6 Outras seções do instrumento de pesquisa

Nas outras seis subseções do instrumento de pesquisa, reuni uma ou duas referências de textos e, por esse motivo, optei por mencionar todas essas referências neste tópico.

Na subseção “Língua Portuguesa”, constam as referências dos livros *Consultor popular da língua portuguesa*, publicado pela Companhia Melhoramentos e *Emendas à gramática*: livro dedicado a professores, estudantes e estudiosos, publicada pela Companhia Editora Americana¹¹⁷, ambas sem data de publicação.

Na subseção “Ensaio”, consta a referência do livro *Educação rural* publicado em 1936, pela Companhia Melhoramentos, em que o autor apresenta sua concepção sobre professores, escolas e ensino rural.

Na subseção “Psicologia”, a referência é do livro *Adolescência*, publicado em 1936, pela Companhia Melhoramentos e que integrava a coleção “Biblioteca da Educação”¹¹⁸.

Na subseção “Matemática” a referência é do livro *Cálculo Escolar* publicado, em 1944, pela Companhia Melhoramentos.

Na subseção “Tradução”, consta a referência da segunda edição do livro *Caminho de ouro*: um mundo maravilhoso para a infância, de autoria de Paulo Gustavo e traduzido por Renato Fleury. Essa edição foi publicada em 1960 pela editora Alfa do Rio de Janeiro-RJ.

Por fim, na subseção “Outros”, consta a referência dos já mencionados *Quadros para o ensino intuitivo* e do livro *Correspondencia para todos*: Guia do comerciante – Imposto sobre a renda – Contas assignadas – Correspondencia em geral, publicado em 1924, pela Companhia Melhoramentos.

3.2 Bibliografia sobre Renato Fleury

A produção escrita sobre Renato Fleury é relativamente baixa, quando comparada à produção de Renato Fleury, que apresentei no tópico anterior. No instrumento de pesquisa, no que se refere à produção escrita sobre Renato Fleury, reuni 198 referências de textos, incluindo textos que abordam especificamente aspectos da

¹¹⁷ Até o momento não localizei nenhuma informação sobre essa editora.

¹¹⁸ Organizada em 1927 por Lourenço Filho que tinha a finalidade de “[...] introduzir no país correntes de filosofia da educação elaboradas em outros centros de debates. Preparou os 35 títulos da Biblioteca, assinou traduções, adaptações e revisões de textos.” (DONATO, 1990, p. 82). Essa coleção foi publicada até 1970. Para maiores informações ver, principalmente, Carvalho e Toledo (2004).

vida e da produção escrita de Renato Fleury, além de textos que contêm menções a ele, sua atuação profissional, sua produção escrita e/ou citam textos seus.

Ordenei as 198 referências de textos em duas seções: textos que abordam especificamente aspectos da vida e da produção escrita de Renato Fleury: 20; e textos que contêm menções a ele, sua atuação profissional, sua produção escrita e/ou citam textos seus: 178. Subdividi a primeira seção em outras duas, de acordo com o local em que o texto foi publicado: em textos acadêmicos, revistas eletrônicas ou anais de eventos: 10; em jornais de notícias: 10. Subdividi, também, a segunda seção em outras seis, de acordo com o local em que o texto foi publicado: em livro: 12; em livro de literatura infantil: 10; em artigo em periódico: 5; em textos acadêmicos: 17; em revista eletrônica: 19; e em artigos e notas de jornais de notícias: 115. Pelo fato de as referências de texto reunidas na subseção “notas de jornais” serem propagandas dos livros de Renato Fleury, optei por subdividir essa subseção de acordo com o título do livro.

Especificamente com relação a algumas notas *sobre* Renato Fleury, publicadas em jornais de notícias, não pude identificar determinadas informações como: local de publicação, ano de publicação ou jornal no qual o artigo ou a nota editorial foram publicados. O fato de eu não localizar essas informações se deve, principalmente, pelo fato de essas notas terem sido localizadas no acervo pessoal de Renato Fleury e pelo fato de elas terem sido recortadas dos jornais nos quais foram publicados, sem que se preservassem essas informações. Ressalto, porém, que em muitas delas, mesmo quando recortadas, o autor preencheu essas informações manualmente.

Para propiciar visão de conjunto das publicações *sobre* Renato Fleury, apresento, no Quadro 5, os textos escritos *sobre* Renato Fleury, distribuídos por ano publicação, entre 1933 e 2011.

Quadro 5 – Bibliografia sobre Renato Fleury por tipo de texto e ano de publicação, entre 1933 e 2011.

Ano publicação	Tipo texto	Em textos acadêmicos, revistas eletrônicas ou anais de eventos	Em jornais de notícias	Textos com menções a Renato Fleury, sua atuação profissional ou produção escrita e/ou citações de textos seus					Total por ano	
				em livro	livro de L.I	em artigo em periódico	em textos acadêmicos	em revistas eletrônicas		em jornais de notícias
1933	-	-	-	-	-	-	-	-	2	2
1934	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1
1936	-	2	-	-	2	-	-	-	1	5
1937	-	2	-	-	-	-	-	-	-	2
1939	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1
1940	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1
1941	-	1	-	-	-	-	-	-	2	3
1943	-	1	-	-	1	-	-	-	1	3
1944	-	1	-	-	-	-	-	-	2	3
1946	-	-	1	-	1	-	-	-	1	3
1947	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
1949	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
1950	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
1954	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
1959	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
1961	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
1964	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
1967	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
1970	-	-	1	1	-	-	-	-	-	2
1974	-	-	1	-	-	-	-	1	-	2
1977	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
1979	-	-	-	-	-	-	-	-	2	2
1984	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
1987	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
1990	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
1999	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
2000	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
2001	-	-	-	-	-	-	2	-	-	2
2002	-	-	-	-	-	-	-	2	-	2
2003	-	-	-	-	-	-	1	3	-	4
2004	-	-	-	-	-	-	2	-	-	2
2005	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
2006	-	-	-	1	-	-	4	3	-	8
2007	-	-	1	-	-	-	3	3	-	7
2008	2	-	-	-	-	-	1	1	-	4
2009	3	-	-	-	-	-	1	2	-	6
2010	3	-	-	-	-	-	3	2	-	8
2011	-	-	-	-	-	-	3	-	-	3
Sem data	-	-	1	1	1	-	-	1	1	5
Total por tipo de texto		8	10	12	10	5	20	18	13	96

Fonte: *Bibliografia de e sobre Renato Fleury*: um instrumento de pesquisa (MESSENBURG, 2011).

Conforme os dados que apresentei no Quadro 5, o maior número de referências sobre Renato Fleury se encontra em: revistas eletrônicas (18) e textos acadêmicos (20), publicados a partir de 2001.

Com relação às dez referências de textos que abordam especificamente aspectos da vida e da produção escrita de Renato Fleury que localizei entre os anos de 2008 e 2011 em textos acadêmicos, revistas eletrônicas e anais de eventos científicos, são textos resultantes das minhas pesquisas de iniciação científica e de mestrado. As outras 10 referências que localizei em jornais de notícias referem-se a homenagens, saudações e felicitações feitas por colegas ou por jornais em que Renato Fleury atuou como colaborador.

É possível observar, a partir das informações que apresentei no Quadro 5 que, anteriormente ao ano de falecimento do autor (1980), o ano em que localizei o maior número de referências de textos foi 1936, ano em que Renato Fleury teve os três livros que integram a série *Na roça* publicados. Essas se referem às notas propagandísticas, publicadas em jornais, presumivelmente pela Companhia Melhoramentos, divulgando a série *Na roça* e à homenagem de colegas que parabenizam Renato Fleury pela sua formação, atuação e “brilhante” produção didática. Para exemplificar, apresento síntese de dois artigos publicados nesse ano.

No *Correio de São Paulo*, em abril de 1936, foi publicado o artigo “Na roça” em que o autor, cujo nome não consta, além de divulgar os livros de leitura que integram a série *Na roça*, parabeniza o empenho na reformulação dos livros de leitura feita por Renato Fleury, que fez “[...] um dos mais louváveis trabalhos pedagogicos que já foram levados a efeito em nosso meio.”. Há, ainda, um destaque para a formação, a inteligência e a capacidade de Renato Fleury, que a partir da vivência e do estudo dos “defeitos no nosso ensino” (NA ROÇA, 1936), propôs a série *Na roça*, colaborando para a solução desse problema, pois “[...] abre novos caminhos ao ensino de primeiras letras.” (NA ROÇA, 1936).

No artigo “Na Seara Pedagógica”, publicado em junho de 1936, em Fortaleza-CE, o inspetor de ensino Aristóteles Bezerra recomenda a cartilha *Na roça*, de autoria de Renato Fleury, destacando que “[...] veio preencher uma lacuna, facilitando o aprendizado da leitura entre os desfavorecidos de meios economicos [...]” e “[...] há de ser utilissimo, com auxiliar a árdua tarefa do nosso professorado sertanejo, uma vez que ensina com methodo que a leitura é um dos fins precipuos da edicação popular.”.

Dentre os outros textos referenciados no instrumento de pesquisa que não abordam especificamente aspectos da vida e da produção escrita de Renato Fleury, selecionei aqueles em que há informações mais extensas sobre a vida e atuação profissional de Renato Fleury.

Os textos com informações mais extensas sobre a vida e atuação profissional de Renato Fleury foram localizados nos livros e nos textos acadêmicos que cito a seguir: *Dicionário de autores paulistas*, de Luis Correia de Melo (1954); *A invenção de “Manchester Paulista”: embates culturais em Sorocaba (1903-1914)*, de Arnaldo Pinto Junior (2003); e *A educação do homem no campo (1920-1940)*, de Elenira Martins Sanches Garcia (2006).

No *Dicionário de autores paulistas*, Melo (1954) apresenta aspectos biográficos de inúmeros autores paulistas, por ordem alfabética de sobrenome e, seguindo um padrão de apresentação, menciona os aspectos biográficos e a bibliografia, com a menção de algumas referências de textos. Algumas informações dentre as que ele apresentou sobre Renato Fleury, localizei em outros documentos; outras informações, porém, não localizei em nenhum outro documento e não consegui delimitar a data precisa, como por exemplo a menção de que Renato Fleury “Exerceu os cargos de professor primário e diretor do grupo escolar em Igarapava, Descalvado, Piraju e S. Manuel.” (p. 226). Além disso, ele menciona aproximadamente 55 referências de textos publicados por Renato Fleury, mencionando o título, a editora, a data de publicação e a medida do formato do livro.

Na dissertação de mestrado *A educação do homem no campo (1920-1940)*, Elenira Martins Sanches Garcia (2006), apresenta os principais livros didáticos utilizados no interior paulista entre 1920 e 1940 e menciona a cartilha *Na roça*, dedicando três páginas de sua dissertação para explicitar a proposta de Renato Fleury. Ela conclui que:

[...] o objetivo desta cartilha ia muito além do que o autor revelou. O livro cumpria apenas a função do ensino rápido e fácil de leitura, mas a cada lição tencionava incutir nas crianças valores, hábitos, que julgavam não estarem presentes no seu cotidiano. A seleção dos assuntos, as ilustrações, a organização, a forma simples como estabelece o diálogo com a criança integram-se na finalidade de incutir um modelo de organização da vida considerado sadio, produtor e correto. É visível a exaltação ao trabalho e à higiene que se faz presente nas lições. (GARCIA, 2006, p. 144).

Além dessa dissertação de mestrado, em *A invenção da “Manchester Paulista”: embates culturais em Sorocaba (1903-1914)*, Arnaldo Pinto Junior, apresenta em sua dissertação de mestrado, resultados de sua pesquisa sobre almanaques publicados em Sorocaba-SP, entre 1904 e 1913 e a revista *ABC*, que teve entre seus fundadores Renato Fleury. O autor menciona brevemente a biografia dos autores dessas publicações e faz

um histórico da família Fleury, com destaque para Renato Fleury e para seu irmão, Luis Gonzaga Fleury:

Os irmãos Renato Sêneca de Sá Fleury e Luiz Gonzaga de Camargo Fleury foram importantes colaboradores da imprensa sorocabana na primeira metade do século XX. Seus primeiros trabalhos literários foram publicados no jornal *Cruzeiro do Sul* e nos documentos focalizados por esta pesquisa. Filhos de uma família tradicional da cidade tiveram uma educação compatível com as aspirações sociais das elites. (PINTO JUNIOR, 2003, p. 234).

De acordo com as informações apresentadas por Pinto Junior (2003), Renato Fleury, filho do Major Fleury, teve possibilidade de frequentar as melhores escolas em São Paulo, dos sete anos de idade até sua formação como professor, aos dezessete anos. Passados alguns anos, ele voltou a Sorocaba, sua cidade natal e passou a ministrar aulas em escolas normais e a publicar nos principais jornais que circulavam na cidade.

Pinto Junior menciona, ainda, a ampla produção de Renato Fleury na área de literatura infantil:

Mudando-se para São Paulo e, posteriormente, para o Rio de Janeiro, o professor Renato Fleury ampliou suas atividades profissionais. Dedicando-se também a carreira de escritor nas grandes metrópoles, acabou sendo um dos autores da literatura infanto-juvenil que mais publicou em meados do século XX. Apenas pela *Companhia Melhoramentos*, foram mais de sessenta livros editados. Mas mesmo morando fora de Sorocaba, sempre enviava artigos para diversos jornais da cidade [...]

Saudado como grande profissional da educação e escritor pelos conterrâneos, em 1979 foi empossado como membro da Academia Brasileira de Literatura Infantil. (PINTO JUNIOR, 2003, p. 130).

Por fim, apresento uma reportagem feita por Daniela Jacinto, publicada no jornal *Cruzeiro do Sul*, de Sorocaba, cidade natal de Renato Fleury, em que José Rubens Incao, responsável da Biblioteca Infantil “Renato Sêneca Fleury”, faz considerações sobre a vida e a produção de Renato Fleury:

Renato foi um grande educador e um dos maiores escritores de livros didáticos e também de literatura infantil que o Brasil teve. É, aliás, considerado o autor dos livros mais lidos pelas crianças dos anos 40 e 50. Para se ter idéia da projeção de seu trabalho, além de ter obras editadas pela Melhoramentos (uma das publicações chegou a 725 mil exemplares), ganhou, com *Aventuras na Roça*, o primeiro prêmio Jabuti, em 1959, na área da Literatura Infantil, no mesmo ano em que Jorge Amado venceu com *Gabriela, Cravo e Canela* na categoria Romance. (JACINTO, 2010, p. 1).

CAPÍTULO 4

APRESENTAÇÃO DA SÉRIE NA ROÇA E ASPECTOS GERAIS DA EDITORA

Conforme mencionei nos capítulos anteriores, no momento histórico em que a série *Na roça* foi publicada, Renato Fleury era professor concursado da Escola Normal livre de Sorocaba-SP, era redator de jornal semanal dessa cidade e tinha muitas publicações como jornalista, onde enfatizava suas preocupações com as questões do ensino, principalmente o ensino rural. A série *Na roça*, composta por cartilha e três livros de leitura, foi a primeira dentre as três série de leitura que Renato Fleury escreveu.

Para “[...] pôr em prática o que recomenda a escola ativa [...]” (FLEURY, 1942, p. 3) e fundamentar suas concepções sobre “educação”, “escolas rurais”, “ensino primário rural” e “livro didático”, Renato Fleury se fundamentou em “pedagogistas modernos da Didática da Escola Nova” (conforme terminologia que utilizou em nota introdutória de *Na roça*: primeiras leituras), citando-os recorrentemente em seus artigos de jornais e nas notas introdutórias dos livros de leitura. Entre eles: Adolpho Ferrière¹¹⁹, Badley, John Dewey, Claparède, Alfredo Miguel Aguayo e Paul Barth¹²⁰.

Essa fundamentação e menção recorrente aos autores, feitas por Renato Fleury, estão de acordo com o que Ribeiro e Pagni (2003) constataram com relação aos adeptos dos princípios pedagógicos divulgados pela “Escola Nova”, no Brasil. Segundo Ribeiro e Pagni (2003):

[...] em termos políticos e educacionais, os integrantes do movimento escolanovista no Brasil buscavam apoiar suas idéias em Bovet, Claparede, Ferriere e, entre os americanos, John Dewey, que propunham que a criança fosse tratada pelos seguintes princípios: liberdade para a aprendizagem natural, a questão do exercício e a individualidade do ensino. Desse modo, eles procuram conferir legitimidade ao seu discurso e, principalmente, às suas propostas pedagógicas, respaldando-se em teorias de educação ditas modernas, pelas quais procuravam se diferenciar do que denominavam de discurso político e educacional tradicional. Para tanto, tentaram adaptar as correntes do pensamento educacional que consideravam mais avançadas à época, sobretudo do pragmatismo norte-americano

¹¹⁹ Adolpho Ferrière nasceu em Genebra, em 1879 e, segundo informações disponíveis na revista eletrônica *Reconstruir*, “[...] foi um dos maiores divulgadores da escola ativa e da educação nova na Europa. Criticou a educação tradicional acusando-a de trocar a alegria do aprendiz pela inquietude, o regozijo pela gravidade, o movimento espontâneo pela imobilidade e as risadas pelo silêncio.”. Dentre os livros que teve publicados e traduzidos no Brasil estão: *A escola ativa*, em 1920; *A educação autônoma*, em 1926; *A liberdade da criança na escola ativa*, em 1928; *Transformemos a escola*, em 1929. Informações disponíveis em:

<http://www.educacaomoral.org.br/reconstruir/os_educadores_edicao_72_adolphe_ferriere.htm. >

Acesso em 28 ago. 2011.

¹²⁰ Paul Barth nasceu na Prússia, em agosto de 1858 e faleceu em Leipzig, em setembro de 1922. Destacou-se como filósofo e sociólogo. Informações disponíveis em: <<http://www.britannica.com/EBchecked/topic/54311/Paul-Barth> >. Acesso em set. 2011

de John Dewey, mas sem querer, com isso, americanizar o país, nem aculturá-lo por intermédio de teorias educacionais estrangeiras. O que se pretendia, ao que tudo indica, era colocar o país, em termos educacionais, no mesmo nível dos países desenvolvidos, tornando-o moderno e, por intermédio da educação, com uma cultura própria que o colocasse em destaque no cenário da civilização contemporânea. Em termos filosófico-educacionais, o que se buscava, com isso, era a formulação de princípios e diretrizes que nortegassem a política educacional e a pedagogia, inspirada na filosofia de John Dewey. (RIBEIRO; PAGNI, 2003, p. 154).

Para propor mudanças àquilo que existia e era feito em termos de educação, Renato Fleury declarava se embasar em princípios escolanovistas e essa era uma forma de ele dar credibilidade com deus “discurso” e legitimar que, na série *Na roça*, havia uma proposta “inovadora” e “moderna”. Além disso, essa série de leitura foi destinada aos alunos que frequentavam as escolas isoladas localizadas na zona rural de cidades do interior de diferentes estados do Brasil e, segundo informações da Companhia Melhoramentos, era uma forma de oferecer oportunidades iguais de educação para todos, valorizando a “cultura própria” do país.

Nos artigos de jornais, Renato Fleury (1938) defendia que as escolas isoladas, especificamente as localizadas na zona rural, tinham a função de educar as crianças para permanecerem ali e, para isso, precisava formar crianças com noções práticas para que pudessem trabalhar ou auxiliar os pais na lavoura. Desse modo e considerando o desenvolvimento psicológico da criança, Renato Fleury sugeriu que o professor trabalhasse o alfabeto, o cálculo, história, geografia e noções de ciências físicas e naturais, mas esses conteúdos deveriam estar relacionados com situações cotidianas e não com:

[...] finalidades em si mesmas, porém como meios para o alevantado objectivo que lhe é precípua. E tudo inspirado na natureza: da terra, da vegetação, na fauna, nos accidentes geographicos, nos meteoros, nas influencias do ambiente sobre o homem, das actividades agrarias, nos panoramas que encantam, nas paisagens que deslumbram. (FLEURY, 1938a).

Renato Fleury (1961) também defendia que o livro didático não deveria substituir o professor na sala de aula, mas auxiliá-lo em sua prática. Para ele, o “bom” livro didático deveria auxiliar o professor a delimitar o conteúdo a ser trabalhado em aula, apresentar métodos e processos de ensino para proporcionar melhores resultados com os alunos, padronizar o desenvolvimento da matéria respeitando o conteúdo dos programas de ensino e, por fim, sugerir ao professor direções para conduzir o ensino.

Renato Fleury (1936) elencou assuntos mais aconselhados para ser propostos em livros didáticos, tais como contos que estimulem a imaginação, histórias de animais e do folclore, narrações humorísticas, versos com repetições rítmicas e rimas. O ensino da leitura, nessa perspectiva, deveria ter caráter “lúdico”, com textos compostos por adivinhações, jogos e brincadeiras que as crianças pudessem executar.

Já puzemos em pratica esses conselhos em nossa série “Na roça”, quatro livrinhos já editados pela Comp. Melhoramentos de S. Paulo. É uma tentativa de renovação que, com certeza, terá continuadores, em beneficio da creança brasileira, hoje olhada com carinho pelos responsaveis, pelos destinos das novas gerações patricias. (FLEURY, 1936).

Segundo Donato (1990), a série de leitura *Na roça* foi publicada a partir da solicitação da editora, a Companhia Melhoramentos. Essa editora visava:

[...] a alfabetização da gente do campo. A editora atendeu as especificações das escolas rurais desenvolvendo método apoiado nas sílabas, sistema testado pelo autor, ele mesmo professor da roça, por mais de vinte anos. A série viria a alcançar 133 edições. Aos textos pedagógicos unia jogos, adivinhações e brinquedos, além de rudimentos de técnicas agrícolas. (DONATO, 1990, p. 92)¹²¹.

Donato apresenta informações sobre a publicação da série *Na roça*, mas nem todas estão em consonância com informações que localizei com o desenvolvimento da pesquisa.

Com base nas informações contidas nessa citação, quem desenvolveu o método de ensino presente na cartilha de alfabetização e nos livros de leitura foi a Companhia Melhoramentos, tendo sido apenas “testado” por Renato Fleury. Porém, Renato Fleury declara, tanto em artigos de jornais, quanto em nota introdutória da cartilha de alfabetização, que optou e desenvolveu o “método misto”, principalmente na cartilha *Na roça*, para agilizar o ensino inicial da leitura e para isso deu instruções de como o professor deveria “executar” esse método em sala de aula.

¹²¹ Ao analisar a configuração textual dos livros que integram a série *Na roça*, constatei que nem todas as informações apresentadas por Donato (1990) nessa citação são coerentes. Renato Fleury escreveu a série *Na roça*, explicitando sua opção pelo método de ensino utilizado na cartilha e sua fundamentação teórica para propor os livros de leitura. Ele não “testou” simplesmente método de ensino proposto pela editora. Renato Fleury foi professor de escola “da roça” durante três anos e não durante 25 anos. E a cartilha *Na roça* foi o único livro da série que teve 133 edições publicadas.

4.1 Aspectos do mercado editorial brasileiro na década de 1930: a Companhia Melhoramentos e a publicação da série *Na roça*

A sociedade entre a Companhia Melhoramentos de São Paulo e a Weiszflog Irmãos Incorporada foi formada em 1920, a partir da junção de uma editora que tinha significativa produção de papel e de uma editora que, com recursos de fornecedores alemães, possuía técnicas gráficas modernas de impressão. Antes dessa junção, a Weiszflog Irmãos se destacava com a publicação de livros didáticos e livros de literatura infanto-juvenil.

Ao se juntar à Companhia Melhoramentos, o autor da maioria desses livros, Arnaldo Barreto, assumiu funções administrativas na editora e passou a ser o responsável por redigir os livros da *Biblioteca Infantil*. Essa coleção foi um dos motivos pelo qual Renato Fleury passou a exercer funções administrativas na Companhia Melhoramentos. Com a morte de Arnaldo Barreto, em 1925, Lourenço Filho foi convidado para trabalhar na Companhia Melhoramentos e, como um educador preocupado em renovar o ensino primário brasileiro, passou a administrar a coleção *Biblioteca Infantil*.

Lourenço Filho ativara, com educadores modernos e prestativos, a Escola Nova, influenciada por correntes filosóficas e pedagógicas americanas e européias. Precisava de apoio empresarial-editorial de vez que, ao fim de acirrada polêmica, obtivera a aprovação do professorado, da imprensa, do público para as propostas inovadoras. A Melhoramentos emcampou-as, dando-lhe respaldo na medida e no âmbito da sua atuação editorial e livreira. [...] Lourenço Filho aproximara-se da empresa chamado para renovar a Biblioteca Infantil, atualizando a linguagem, principalmente. Assumiu a tarefa de consultor editorial, emitindo pareceres sobre originais didáticos e para a infância. (DONATO, 1990, p. 82).

Naquele momento histórico, além de Lourenço Filho, outros educadores e políticos brasileiros se preocupavam com os índices de analfabetismo e propunham renovação para o ensino primário paulista. A Companhia Melhoramentos passou a priorizar a publicação de livros didáticos e livros de literatura infanto-juvenil destinados às escolas primárias, que contribuíssem para essa renovação. Dessa forma, na década de 1930, a maioria dos livros publicados por essa editora eram aprovados, comprados e utilizados nas escolas públicas e particulares. (DONATO, 1990); (MOMENTOS DO LIVRO NO BRASIL, 1998, p. 76).

A publicação da série *Na roça* na década de 1930 vem confirmar e concretizar essas aspirações da Companhia Melhoramentos relacionadas aos interesses político-educacionais dessa minoria da população brasileira. Segundo Mortatti (2000a, p. 199-200), desde o final da década de 1920, cartilhas de alfabetização e livros didáticos precisavam ser aprovados pela Diretoria Geral da Instrução Pública paulista para ser utilizados nas escolas públicas primárias.

Com indústria e mercado livreiros em franca expansão e o livro didático consolidado como instrumento privilegiado de ensino, mediador entre as tematizações, normatizações e concretizações pedagógicas, intensifica-se, de um lado, a necessidade de controle por parte dos órgãos oficiais que aprovam, autorizam e compram os livros didáticos para distribuição entre os alunos pobres das escolas públicas e, de outro, a preocupação com os critérios de seleção, por parte dos professores, decorrente da garantia de “autonomia didática”, assim como críticas à importância excessiva atribuída a esses instrumentos de ensino. (MORTATTI, 2000a, p. 199).

Além disso, a partir de 1930, o governo estabeleceu que “[...] somente os livros de leitura deveriam ser destinados ao uso dos alunos, o que desobrigava o fornecimento de livros das demais matérias, as quais ficariam a cargo da ‘palavra do mestre’.” (PUJOL, 1896 *apud* RAZZINI, 2010, p. 107). A publicação de livros didáticos passa, então, a ser o centro do interesse das editoras.

Segundo Bertolleti (2007),

Uma das editoras que empreenderam pioneiramente a difusão e nacionalização das cartilhas, livros de leitura, de literatura e de teorias educacionais foi a Companhia Melhoramentos de São Paulo, uma vez que essa Editora investia “fundo” na nacionalização de livros didáticos, editando e comercializando obras dos principais expoentes do novo pensamento pedagógico, e priorizando, dessa maneira, os livros para crianças, tanto didáticos quanto recreativos e teóricos sobre a educação infantil. (BERTOLLETI, 2007, p. 49).

Renato Fleury escreveu a série de leitura *Na roça*, composta pela cartilha *Na roça* e três livros de leitura. Esses livros foram aprovados pela Diretoria Geral da Instrução Pública paulista e autorizados para serem utilizados em todos os estados brasileiros. Além disso, tiveram milhares de exemplares publicados em pouco mais de duas décadas.

CAPÍTULO 5
RENATO FLEURY E A SÉRIE NA ROÇA:
ASPECTOS DOS EXEMPLARES ANALISADOS

Considerando que localizei diferentes edições da cartilha *Na roça* e dos três livros de leitura que integram a série *Na roça*, comparei-as e constatei que a cartilha *Na roça* teve maior número de edições e de exemplares publicados por mais tempo. Além disso, depois de oito anos que a série *Na roça* foi publicada, tanto a cartilha quanto os livros de leitura tiveram alterações no título e na ilustração da capa.

Como forma de reunir e sintetizar essas e outras informações relativas à publicação da cartilha e dos livros de leitura que integram a série *Na roça*, apresento no Quadro 6 as diferentes edições que localizei, o ano em que foram publicadas e o tipo de capa que foram publicadas¹²².

Quadro 6 – Ano de publicação das edições que localizei dos livros da série *Na roça*, tipo de capa e total de exemplares publicados

Número da edição	Capa	Livro/Ano da publicação			
		Cartilha <i>Na roça</i>	<i>Na roça</i> : primeiras leituras	<i>Na roça</i> : segundas leituras	<i>Na roça</i> : terceiras leituras
1 ^a .	1	1935	1936	1936	1936
3 ^a .	1	-	-	-	Sem data
9 ^a .	1	-	-	-	1943
11 ^a .	2	-	-	-	1944
12 ^a .	2	-	-	-	1948
13 ^a .	1	-	1940	1942	-
16 ^a .	2	-	-	1947	-
17 ^a .	1	-	1942	-	-
19 ^a .	2	-	-	1951	-
21 ^a .	2	-	1944	-	-
25 ^a .	1	[194-]	-	-	-
26 ^a .	2	-	1952	-	-
39 ^a .	1	1943	-	-	-
47 ^a .	2	1944	-	-	-
107 ^a .	2	1952	-	-	-
123 ^a .	2	1955	-	-	-
133 ^a .	3	1958	-	-	-
Total de exemplares	-	278.000	235.000	210.000	85.000

Fonte: *Bibliografia de e sobre Renato Fleury*: um instrumento de pesquisa (MESSENBURG, 2011).

¹²² Como as edições da cartilha *Na roça* e dos livros de leitura tiveram uma capa até 1944 e, depois dessa data, passaram a ser publicadas com outra capa, utilizarei, nesta dissertação, “capa 1” para me referir às capas publicadas até 1944 e “capa 2” para me referir às capas publicadas depois dessa data.

É possível observar que os totais de edições e de exemplares publicados dos livros de leitura diminuem gradativamente de acordo com sua destinação de *Na roça*: primeiras leituras à *Na roça*: terceiras leituras.

No artigo de jornal “Fleury, paraninfo dos normalistas”, publicado em Sorocaba-SP, em 1939, consta a informação de que, em 1939, a série *Na roça* estava na 18ª edição. De acordo com o autor desse artigo, cujo nome não consta, “Essa série tem saído na média de 6 edições por ano. Isso atesta cabalmente o quanto é lido e apreciado, pelo povo brasileiro, um sorocabano que modestamente vive recolhido em seu sagrado lar, recôndito ao turbilhão das grandes metrópoles [...]” (FLEURY, PARANINFO..., 1939). Considerando, porém, a data de edição dos livros de leitura, constatei que essa informação diz respeito somente à cartilha *Na roça*.

Esses dados indicam que os livros de leitura tiveram menos edições publicadas, presumivelmente por que tiveram menos circulação e uso quando comparados à cartilha. Conforme explicitiei anteriormente, o programa para o ensino primário nas escolas isoladas era diferente programa das escolas urbanas. Portanto, enquanto o tempo de duração desse ensino era de quatro anos nas escolas urbanas, nas escolas isoladas, a partir de 1925, era de três anos (SOUZA, 2009). Apesar disso, muitas vezes os alunos da zona rural não tinham condições propícias para frequentar até o terceiro ano escolar, tendo, muitas vezes, que abandonar os estudos para ajudar os pais no trabalho. Segundo Souza (1998),

[...] o curso primário não era realizado pelos alunos em uma sequência ininterrupta. Além da repetência, é provável que os estudos fossem freqüentemente interrompidos pela mudança de local de residência da família ou pela necessidade do trabalho infantil. (SOUZA, 1998, p. 116).

Na maioria dos exemplares que localizei dos livros de leitura que integram a série *Na roça*, há a informação “Adotada em todos os Estados do Brasil”. Com base em informações contidas em jornais que localizei no acervo pessoal de Renato Fleury e de resultados de pesquisas que contêm menções a Renato Fleury, sua atuação profissional, sua produção escrita, confirmei que a cartilha *Na roça*, foi utilizada em escolas localizadas no interior de São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo, Mato Grosso (Diamantino) e Bahia.

Além disso, a partir da década de 1940, tanto a cartilha quanto os livros de leitura foram recomendados pelo Ministério da Educação e Saúde¹²³, tendo essa informação apresentada nas capas.

Com relação à alteração nos títulos da cartilha e dos livros de leitura, eles foram invertidos e a cartilha passou de *Na roça*: cartilha rural para alfabetização rápida, para *Cartilha Na roça* e os livros de leitura passaram de *Na roça*: primeiras leituras, *Na roça*: segundas leituras e *Na roça*: terceiras leituras, para: *1^{as} leituras Na roça*, *2^{as} leituras Na roça* e *3^{as} leituras Na roça*.

Constatei que os livros que integram a série *Na roça* tiveram ao longo das edições, duas capas diferentes. Até 1944, a cartilha e os livros de leitura, eram publicados com a “capa 1”. A partir dessa data, as capas foram alteradas e a cartilha e os livros de leitura passaram a ser publicados com a “capa 2”. As capas da cartilha *Na roça* e dos livros de leitura sempre foram iguais, com as mesmas dimensões e as mesmas ilustrações, mudando apenas a cor do fundo. Como a cartilha foi a que teve maior número de edições publicadas, ela teve, em sua última edição, outra alteração na capa, passando a ter a “capa 3”.

Apresento a seguir os dois tipos de capas da cartilha e dos livros de leitura que integram a série *Na roça*. Destaco que optei por reproduzir as fotos das capas que localizei com data de edição mais próxima a primeira.

¹²³ Segundo Azevedo (1976), o Ministério da Educação e Saúde foi criado pelo Governo Provisório em 1930, “[...] não foi mais do que um acidente episódico e passageiro nos começos da República, e veio a constituir-se, com a solidez e os progressos de sua organização, um dos ministérios mais importantes no governo revolucionário. No eminente reformador do ensino primário e normal de Minas Gerais, o Sr. Francisco Campos, - um dos líderes da Revolução, encontrou o chefe do Governo Provisório, Sr. Dr. Getúlio Vargas, o homem talhado pela sua inteligência e pela sua cultura, como por seu prestígio nos novos quadros políticos, para assumir o cargo de Ministro de Estado dos Negócios de Educação e Saúde Pública, de que tomou posse no dia 18 de novembro de 1930, afirmando, na sua incisiva alocução, que sanear e educar o Brasil constituía ‘o primeiro dever de uma revolução que se faz para libertar os brasileiros’.” (AZEVEDO, 1976, p. 169).

Figura 12 – “Capa 1” das edições da cartilha e dos livros de leitura que integram a série *Na roça*



Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura 13 – “Capa 2” das edições da cartilha e dos livros de leitura que integram a série *Na roça*



Fonte: Acervo pessoal da autora

É possível observar que a alteração que foi feita da “capa 1” para a “capa 2” é significativa. A “capa 1”, apesar de ter cores e ilustrações mais “sérias”, é a que mais aparenta ter destinação aos alunos que frequentavam escolas situadas na zona rural. Na ilustração dessa capa, há diversos elementos característicos da zona rural, dentre eles:

árvores, lago com patos, bois puxando arado, homem trabalhando na lavoura, campos arados, feudos, morros e casa de madeira.

Em contrapartida, a “capa 2” não aparenta ser destinada aos alunos das escolas rurais, pois, apesar de ter no fundo figuras de elementos encontrados na zona rural, há a figura de um menino e uma menina, deitados de bruços, lendo livros, que estão vestidos com roupas tipicamente urbanas.

Considerando que a alteração da capa foi feita ao mesmo tempo em que o título da série *Na roça* foi invertido, presumo que essa série de leitura foi publicada inicialmente com destinação específica aos alunos das escolas rurais e, passados oito anos, não tendo a repercussão prevista nessas escolas, passou a ser utilizada também em escolas urbanas.

Apesar dessas alterações, constatei que os conteúdos das lições da cartilha e dos livros de leitura não tiveram significativas alterações entre uma edição e outra. Esse é um indício que me faz questionar quais eram as diferenças entre a série de leitura destinada especificamente aos alunos das escolas rurais e as séries de leitura sem destinação específica.

Segundo Garnica (2005),

O que se ensinava no sítio — dizem com orgulho os antigos professores — era tal e qual o que se ensinava na cidade, julgando fundamental essa educação para que o caboclo pudesse ingressar na vida urbana quando abandonasse o campo; um abandono que ocorreria mais cedo ou mais tarde devido às precárias condições da vida campesina, condições essas sempre ressaltadas, direta ou indiretamente, pelos professores aos seus alunos. Fincando a redenção de uma vida de negatividades na possibilidade de abandonar o campo, os professores — tanto quanto alguns discursos oficiais da época — confundem urbanização e êxodo rural: “O caipira é condenado à urbanização, e todo esforço de uma política rural baseada cientificamente (...) deve ser justamente no sentido de urbanizá-lo, o que, note-se bem, é diferente de trazê-lo para a cidade. (CANDIDO, 2001, p. 282 *apud* GARNICA, 2005, p. 126).

Constatei que apesar de o conteúdo das lições da série *Na roça* ser parecido com o conteúdo apresentado nas outras séries de leitura publicadas naquele momento histórico, em *Na roça* há a predominância de lições com conteúdos específicos e dirigidos principalmente aos alunos da zona rural. Além disso, esses conteúdos foram propostos a partir da necessidade de reestruturação no programa das escolas isoladas rurais para solucionar os problemas da educação brasileira.

5.1 A série *Na roça* e as Séries de leitura analisadas no âmbito do GPHELLB

Para verificar a diferença entre o conteúdo proposto na cartilha e nos livros que integram a série *Na roça* e cartilhas e livros de leitura que integraram séries de leitura que circularam naquele e nos momentos históricos anteriores, fiz análise comparativa entre exemplares de cartilhas e livros de leitura disponíveis no acervo do GPHELLB¹²⁴, que foram analisados por pesquisadoras desse grupo, conforme mencionei no capítulo 1 desta dissertação.

Constatei que não há diferenças significativas entre o tema das lições da cartilha *Na roça* e as lições de cartilhas publicadas anteriormente a cartilha *Na roça*, sendo todas relacionadas a animais e a brinquedos da infância.

Constatei que não há, também, diferenças significativas entre o tema das lições dos livros de leitura que integram a série *Na roça*, e o tema das lições de livros de leitura que integram as Séries de leitura: *Sei Lêr*, *Série de Leitura Proença* e *Série Leituras Infantis*, que foram publicados anteriormente à série *Na roça*. Tanto nos livros de leitura que analisei, quanto nos livros de leitura analisados no âmbito do GPHELLB, há o predomínio de lições compostas por poesias e/ou versos de outros autores, por textos com finalidades moralizantes, lições com sugestões de brincadeiras, lições sobre situações comuns na rotina das crianças e sobre o contato da criança com a natureza e animais. Para exemplificar essa semelhança apresento algumas constatações feitas por pesquisadoras que analisaram, no âmbito do GPHELLB, a configuração textual de séries graduadas de leitura.

Pereira (2009), ao analisar os livros de leitura que integram a série de leitura graduada *Sei Lêr* (1928 e 1930), de autoria de Theodoro de Moraes e publicada pela Companhia Nacional, constatou que uma “[...] temática bastante recorrente [nas lições] é a de animais que falam e vivem situações de conflito entre o bem e o mal [...]” (PEREIRA, 2009, p. 129). Pereira (2009) também analisou a configuração textual de um exemplar de 9ª edição de *Meu livro: primeiras leituras de accôrdo com o método*

¹²⁴ Refiro-me aqui às cartilhas e aos livros de leitura que foram analisados no âmbito do GPHELLB: *Cartilha do povo: para ler rapidamente* (1928) e *Upa, cavallinho!* (1957), ambas de autoria de M. B. Lourenço Filho; *Cartilha analytica* (1909), escrita por Arnaldo de Oliveira Barreto; *Meu livro: primeiras leituras de accôrdo com o método analytico* (1909); *Meu livro: segundas leituras de accôrdo com o método analytico* (1910?); *Sei lêr: leituras intermediárias* (1928); *Sei lêr: primeiro livro* (1928); e *Sei lêr: segundo livro* (1930), todas de autoria de Theodoro de Moraes; *Nova cartilha analytico-synthética* (1916), escrita por Mariano de Oliveira; *Série de leitura Proença* (1926-1928), escrita por Antonio Firmino de Proença; *Cartilha da infância* (188?), escrita por Thomaz Galhardo; *Série Leituras Infantis* (1908-1919), escrita por Francisco Vianna; e *Cartilha infantil pelo methodo analytico* [1910?], escrita por Carlos Alberto Gomes Cardim.

analytico e constatou que o predomínio do tema das ilustrações nessa cartilha de alfabetização é animais. (PEREIRA, 2009, p. 114).

Gazoli (2009), ao analisar os livros que integram a *Série de Leitura Proença*, (1926 e 1928), de autoria de Antonio Proença, constatou que “Os conteúdos dos textos das lições [...] trata, quase exclusivamente, de temáticas do cotidiano infantil como: brincadeiras, animais domésticos e visita à casa de amigos no campo e na cidade.” (GAZOLI, 2009, p. 136).

Oriani (2010), ao analisar *Série Leituras Infantis* (1908-1919), escrita por Francisco Vianna, constatou que as lições dos livros de leitura dessa Série são relacionadas a brincadeiras e jogos de crianças, “[...] como brincar com bola, com peão, com boneca e pescar; ações comuns ao cotidiano das crianças, como ir à escola, desenhar, colher frutas em árvores, brincar com animais [...]” (ORIANI, 2010, p. 125-126), e lições com finalidades moralizantes em que é enfatizada a importância de a criança não roubar, não maltratar os animais e fazer o bem ao colega.

Comparando a série *Na roça* com essas três séries de leitura, constatei a proximidade dos temas das lições tanto das cartilhas para o ensino inicial da leitura quanto dos livros de leitura.

Constatei, porém, que na série *Na roça* há o predomínio de lições sobre higiene, em que é enfatizada a importância de tomar banho, lavar as mãos, escovar os dentes além dos cuidados com animais peçonhentos e os insetos que transmitiam doenças. Constatei, também, que há lições enfatizando o nacionalismo. Nas Séries de leituras analisadas por Pereira (2009), Gazoli (2009) e Oriani (2010), as autoras não constatarem lições em que são apresentados esses assuntos.

Segundo Souza (2009), a:

[...] associação entre saúde, educação moral e nacionalismo fundia-se em uma mesma compreensão sobre a finalidade social da escola primária e nos projetos de reconstrução da sociedade brasileira pela educação. Todas essas matérias já compunham os programas do ensino primário desde o início do século XX, mas nos anos de 1930 ganharam novo impulso no contexto da renovação educacional pela Escola Nova e do projeto nacionalista e autoritário do Estado Novo. Essas matérias eram vistas como meios de revigoramento físico de disciplinarização de condutas, de disseminação de hábitos saudáveis e de transmissão de valores morais. (SOUZA, 2009, p. 309).

Além dessas lições sobre a importância da higiene e sobre o nacionalismo, em *Na roça*: segundas leituras e *Na roça*: terceiras leituras, constatei lições especificamente direcionadas aos alunos que moravam na zona rural, com textos relacionados aos

cuidados com a terra, técnicas de plantio, épocas para a colheita e instrumentos a ser utilizados na zona rural. Com exceção da *Série de leitura Proença*, nas outras duas Séries de leitura analisadas no âmbito do GPHELLB, isso não foi constatado.

Na *Série de leitura Proença*, Gazoli (2009) constatou que há, em poucas lições, ilustrações de máquinas agrícolas. Segundo a autora:

As ilustrações que representam elementos menos comuns ao universo infantil, como, por exemplo, as máquinas [...], são apresentadas em 2º. livro de leitura e 3º. livro de leitura, ou seja, cujo destinatário são os alunos mais velhos, aqueles que cursavam o 3º. e o 4º. ano escolar. (GAZOLI, 2009, p. 132).

Assim como Gazoli (2009), constatei que lições relacionadas com atividades praticadas na zona rural foram apresentadas, por Renato Fleury, em *Na roça*: segundas leituras e *Na roça*: terceiras leituras. Considerando, porém, que esses livros de leitura foram os que tiveram o menor número de edições e exemplares publicados e que os alunos das escolas rurais dificilmente frequentavam até o terceiro ano escolar, os temas das lições propostas que eram os diferenciais em uma série destinada especificamente aos alunos da zona rural nem sempre era aproveitado por eles.

Além disso, pude constatar que a quantidade de livros de leitura que integram a série *Na roça* é menor do que a *Série de Leitura Proença* e a *Série Leituras Infantis*, conforme apresento a seguir:

- a “Série de leitura Proença” é composta por cartilha e cinco livros, a saber: *Cartilha Proença* (1926), *Leitura do principiante* (1926), *1º. livro de leitura* (1926), *2º. livro de leitura* (1927), *3º. livro de leitura* (1928) e *4º. livro de leitura* (1948).

- a *Série Leituras Infantis*, escrita pelo professor Francisco Vianna é composta por cartilha de alfabetização e seis livros de leitura, a saber: *Cartilha*: leituras infantis [1912?], *Primeiros passos na leitura* (1915), *Leitura preparatória* (1908); *Primeiro livro de leituras infantis* (1908); *Segundo livro de leituras infantis* (1908); *Terceiro livro de leituras infantis* (1908); e *Quarto livro de leituras infantis*: apanhados e factos históricos (1919).

Conforme mencionei, a série *Na roça* é composta por uma cartilha e três livros de leitura. Essa série de leitura era destinada aos alunos que frequentavam escolas isoladas localizadas na zona rural, cuja duração do ensino primário era três anos. Esse tempo de duração estava relacionado com o programa estabelecido para o ensino nessas escolas que era diferente do programa estabelecido para o ensino nas escolas urbanas.

Segundo Souza:

A necessidade de simplificação do programa para as escolas isoladas foi desde logo assinalada por professores, inspetores e autoridades do ensino público. [...] A classificação das escolas isoladas em rurais, distritais e urbanas vem seguida da redução do tempo de duração do curso primário – três anos para as escolas urbanas e distritais e dois anos para as rurais (e do estabelecimento de um programa específico para cada uma delas). (SOUZA, 1998, p. 183).

Com a derrogação da reforma em 1925, a antiga estruturação do ensino primário foi restabelecida: quatro anos de duração nos grupos escolares e três anos nas escolas isoladas e reunidas. O grupo escolar voltou a ser priorizado nas políticas de expansão de vagas adotadas a partir de então. A mudança de orientação foi notável. Inúmeras escolas reunidas foram convertidas em grupos escolares e muitas desmembradas em escolas isoladas. (SOUZA, 2009, p. 122).

Diante do exposto é possível constatar que à escola isolada rural não eram oferecidas as mesmas condições oferecidas às escolas urbanas, considerando que era um local destinado ao professor recém-formado para aquisição de experiência e a alunos que deveriam permanecer ali trabalhando, portanto que “precisavam” de instruções diretamente relacionadas ao trabalho rural. Além disso, às escolas isoladas não eram oferecidas condições físicas e econômicas adequadas ao bom funcionamento. O tempo de duração das escolas isoladas rurais era reduzido quando comparado ao tempo das escolas urbanas, considerando, principalmente, que muito precisavam abandonar os estudos para ajudar os pais na lavoura. Apesar disso, os livros didáticos utilizados e adotados eram os mesmos.

5.2 Cartilha *Na roça*

Abrindo a série *Na roça*, a cartilha *Na roça* foi o primeiro livro a ser publicado, em 1935. Em 23 anos de publicação, a cartilha *Na roça* foi editada 133 vezes, atingindo 278.000 exemplares, recomendados e adotados em todos os estados do Brasil. Isso indica a repercussão que teve nas escolas do Brasil, considerando a média de seis edições publicadas por ano, durante os 23 anos.

No artigo “Cartilha na roça”, publicado em 1944, há uma propaganda dessa cartilha e ao final a recomendação “[...] excelente contribuição para a divulgação do ensino das primeiras letras, acessível como é, pelo seu custo, á grande generalidade do povo brasileiro.” (CARTILHA..., 1944). No artigo “Na roça”, publicado em 1936, em São Paulo, há a descrição da cartilha e a recomendação de seu uso em sala de aula: “Bôa

apresentação typographica, bom papel, preço modico (nada menos que 1\$500), clichés nitidos, tudo faz com que se seja tentado a lê-lo.” (NA ROÇA, 1936).

Os exemplares de todas edições que localizei têm o formato de 13 x 17,5 cm, encadernados em brochura, capa mole, impressa em papel brilhante e mais resistente do que as páginas internas da cartilha. Considerando o grande número de edições e de exemplares publicados, conforme mencionei, a cartilha *Na roça* foi o único livro da série que teve três capas diferentes.

Figura 14 – 133ª. edição, de 1958, da cartilha *Na roça*



Fonte: Acervo da Biblioteca Municipal Infantil “Renato Sêneca Fleury”, Sorocaba-SP

Essa “capa 3”, que presumivelmente foi feita para essa última edição da cartilha, parece ser uma mistura da “capa 1” com a “capa 2”, pois tem a ilustração de elementos

da zona rural: cerca, homem trabalhando, animais, mas permanece a ilustração da menina com vestido e laços no cabelo, lendo um livro.

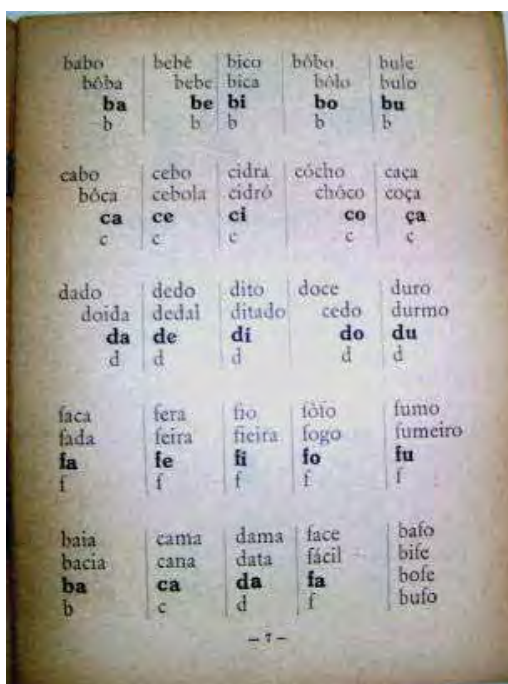
5.2.1 As lições

Apesar da alteração da capa e da inversão no título, as diferentes edições da cartilha seguem uma divisão interna que é comum: iniciam com nota introdutória assinada pelo autor, intitulada “Aos Srs. Professores”, onde são apresentadas instruções de como o professor deveria utilizá-la em sala de aula; as lições seguem a ordem do alfabeto;¹²⁵ há ilustrações relacionadas aos temas das lições; há variações do número de sentenças nas lições, cujas quantidades de frases e palavras vão aumentando gradativamente; e, em todas as edições, há três poemas de autoria de Renato Fleury: “O trabalho”, “A árvore” e, o último poema, “Na roça”. No exemplar da 133ª. edição o poema “A árvore” foi alterado pelo poema “Manhã”.

A composição dos textos das lições varia, tendo três e quatro sentenças nas primeiras e, média de 30 estrofes na última, que é um poema. Algumas lições não são compostas por sentenças, mas por colunas em que são apresentadas famílias silábicas formadas pela junção de consoantes, propostas nas lições, com vogais. Como essas famílias silábicas são propostas para “retomar” as consoantes das lições anteriores, denominei-as de lições de “recordação”. Essas lições ocupam uma página da cartilha e, para sua apresentação, o autor utiliza de diferentes recursos.

¹²⁵ A opção por propor uma cartilha cujas lições estavam dispostas de acordo com a ordem do alfabeto presumivelmente seguia as normas estabelecidas pela Diretoria Geral da Instrução Pública paulista, em 1915 e que estavam contidas no documento *Instruções Práticas para o ensino da leitura pelo methodo analytico*. Nesse documento há a seguinte informação “[...] na ordem clássica do alfabeto que em geral se estudam os sons syllabicos [...]”. (DIRETORIA GERAL..., 1915, p. 11). Considerando que Theodoro de Moraes foi um dos autores desse documento e que Pereira (2009) apresenta aspectos da configuração textual de cartilhas, livros de leitura e documentos oficiais escritos por esse educador, para maiores

Figura 15 – 1ª. lição de recordação da cartilha *Na roça*



Fonte: Acervo do Centro do Professorado Paulista-SP.

Na página da primeira lição de “recordação” da cartilha, o autor propõe a divisão de famílias silábicas, separadas por colunas com quatro palavras em cada uma. O autor inicia com palavras de duas sílabas, forma novas palavras invertendo a ordem dessas sílabas ou apresentando variações dessas palavras e, em seguida, apresenta uma sílaba e uma letra da palavra inicial.

Nas outras lições da cartilha, que não são de “recordação”, a maioria das sentenças se relaciona entre si, porém, por serem sentenças curtas, também têm sentido independente das demais. Conforme definição que apresentei no capítulo 1 desta dissertação, optei por considerar, cada conjunto de sentenças, como uma “historieta”.

Nas primeiras lições, há três ou quatro sentenças que compõem a “historieta” e esse número vai aumentando gradativamente de uma lição para outra. Segundo Renato Fleury (1935), “[...] para evitar decorações, as lições partem já de quatro sentenças, passando logo a cinco, seis e oito, número êste mais ou menos estável, mas crescendo gradativamente o número das palavras que as compõem.” (FLEURY, 1935, p. 6).

5.2.2 Os temas das lições

A primeira edição da cartilha é composta por 56 lições, sendo 12 lições de “recordação” e três lições de caráter nacionalista. O tema das outras lições está relacionado principalmente com aspectos da vida na zona rural e aos animais que nela vivem. Nelas, o autor apresenta os benefícios e malefícios que esses animais trazem e instruções para que o homem conviva em harmonia na zona rural. Intercalados aos textos das lições, o autor apresenta ensinamentos morais e cuidados que o homem deve ter para evitar a contração de doenças como sarna, bicho-de-pé e amarelão. Em outras lições, o autor explicita situações típicas que são vividas na zona rural em que as crianças deveriam se ater como: atenção para a profundidade dos rios, o tempo que a galinha leva para chocar os ovos, os benefícios do mel, entre outros. Além disso, o autor apresenta noções de higiene em lições que enfatiza o cuidado com os dentes, a importância de tomar banho e de lavar as mãos. Nas lições de caráter nacionalista o autor apresenta o rio Ypiranga e sua importância na história do Brasil e as datas comemorativas brasileiras: Descobrimento, Independência, Proclamação da República e Dia da bandeira.

Dentre as lições relacionadas a aspectos da zona rural, Renato Fleury enfatiza a importância do trabalho e da permanência do homem na zona rural, para o desenvolvimento exitoso do país. Optei por transcrever, abaixo, o texto da lição “Nossa terra” por ser representativa da proposta dessa série de leitura destinada aos alunos que frequentavam escolas rurais.

Nossa terra

Nossa terra é o Brasil.
Somos todos brasileiros.
O Brasil é um dos maiores países do mundo.
É um país grande e próspero.
Os estrangeiros que vivem aqui, gostam muito do Brasil; e dizem que já são brasileiros também.
Nossa pátria, o Brasil, para ser mais bela, mais forte e melhor, precisa de todos nós. Precisa de nosso trabalho.
Por isso devemos aprender muito, trabalhar bastante e respeitar a lei.
Quando formos grandes, tudo havemos de fazer pelo bem de nossa terra.
O melhor modo de ser útil à pátria é cultivar os campos.
O lavrador e o criador são os homens mais úteis ao Brasil.
(FLEURY, 1935, p. 63).

Por meio da leitura desse texto, é possível constatar a ênfase que Renato Fleury deu na cartilha *Na roça*, aos trabalhadores do campo, a terra e ao cultivo da terra pelo

povo brasileiro, quando ele menciona que o homem deve permanecer “cultivando os campos” para ser “útil” à pátria. Além disso, no texto, Renato Fleury faz menção aos imigrantes que chegavam ao Brasil e à importância do trabalho coletivo na zona rural.

Excetuando-se as lições de “recordação”, no final das lições há uma frase que resume o tema da “historieta”, escrita com letra cursiva. Essa frase foi suprimida ou alterada ao longo das edições.

Apresento, na figura 13, páginas da 5ª. lição de diferentes edições da cartilha, para mostrar como o autor organizava as lições e as alterações que foram sendo feitas ao longo das edições.

Figura 16 – 5ª. lição das 1ª., 47ª. e 133ª. edições da cartilha *Na roça*



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Observa-se que o elemento central do tema da lição é escolhido pelo autor, de acordo com a letra proposta para ser estudada na lição. No caso das imagens que apresento na Figura 15, a do galo, a do papagaio e a do gato foram propostas para estudar a letra “G” e os diferentes fonemas que são formados quando essa consoante é unida às vogais. Segundo Renato Fleury, a partir dessa lição, não é mais necessário o professor fazer uma preparação prévia no quadro-negro. Ele deve ler as sentenças pausadamente, juntamente com os alunos para que eles entendam e depois fazer perguntas para “verificar” se o aluno realmente entendeu.

Até a 22ª, as lições seguem a ordem alfabética das consoantes a serem estudadas; porém, as consoantes “H” e “K”, são exploradas dentro de uma mesma lição. A partir da 23ª lição, inicia-se novamente a apresentação das lições de acordo com a ordem alfabética das consoantes; porém, além de se retomar o conteúdo já apresentado, são apresentados dígrafos e encontros consonantais como ‘CH’, ‘RR’, ‘SS’.

Segundo informação do autor em texto introdutório “[...] da 25ª a 43ª, continuam as lições com o predomínio de uma determinada consoante, o que familiariza a criança perfeitamente com os valores das mais ocorrentes.” (FLEURY, 1935, p. 6).

São apresentadas 43 lições no total, as quais contêm “historietas” ou poemas, com ilustrações que representam o conteúdo dessas “historietas” e poemas. A letra, ou dígrafo, ou encontro consonantal que são estudados em cada lição vêm em destaque, com letra manuscrita maiúscula e minúscula.

5.2.3 As mudanças feitas com o passar dos anos

Embora tenham decorrido mais de duas décadas entre a publicação da primeira e da 133ª. edição da cartilha, não foram significativas as alterações que foram feitas na estrutura e no conteúdo das lições entre uma edição e outra. As principais alterações que foram feitas são relativas a: ortografia de palavras decorrente de reforma ortográfica, supressão de algumas lições e acréscimo de outras e acréscimo de informações editoriais.

Apresento, no Quadro 7, relação dos exemplares que localizei da cartilha e as alterações que foram feitas ao longo das edições.

Quadro 7 – Características das edições que localizei da cartilha *Na roça* por data de publicação

Edição – Data de publicação	Característica de cada edição				Número de páginas
	Total de lições	Total de lições de recordação	Informações editoriais contidas na capa e/ou capas iniciais	Tipo de capa	
1ª. – 1935	48	12	-	1	64
25ª. – [194-]	45	12	- Adotada em todos os estados do Brasil	1	64
39ª. – 1943	45	12	- Adotada em todos os estados do Brasil	1	64
47ª. – 1944	45	12	- Edição revista - Adotada em todos os estados do Brasil	2	64
107ª. – 1952	45	12	- Edição revista - Uso autorizado pelo Ministério da Educação e Saúde, n. 932 - Todos os direitos reservados pela Comp. Melhoramentos de São Paulo	2	64
123ª. – 1955	43	3	- Edição revista - Uso autorizado pelo Ministério da Educação e Saúde, n. 932 - Todos os direitos reservados pela Comp. Melhoramentos de São Paulo	2	48
133ª. – [1957?]	43	3	- Ilustrações de Rosa Monzel - Edição revista e simplificada - Todos os direitos reservados pela Comp. Melhoramentos de São Paulo	3	48

Fonte: Acervo pessoal da autora.

Como se pode observar no Quadro 7, a edição da cartilha *Na roça* que tem o maior número de lições é a primeira. Nela, há duas lições que foram suprimidas em edições posteriores, a saber: a 7ª. lição, não intitulada, em que é apresentada a letra “K”, de “quilometro”; e a 18ª. edição, intitulada “O Ypiranga”, em que são apresentadas as letras “Y” e “I”. Além disso, essa edição também se difere das outras quanto à ortografia e à acentuação, que pode ser observado desde a redação do subtítulo da cartilha: *alfabetisação rápida*¹²⁶.

¹²⁶ Com relação à mudança na ortografia das palavras, segundo Hallewell (2005), “O Decreto n. 20108, de 15 de junho de 1931, tornou obrigatório um novo acordo ortográfico entre a Academia Brasileira de Letras e a Academia de Ciências de Lisboa.” (HALLEWELL, 2005, p. 364-365). Mas, devido a falta de determinações específicas e algumas resistências, houve mais quatro reformas ortográficas e mais

Conforme informações que apresento no Quadro 7, a partir da 47^a. edição, publicada em 1944, houve alteração na capa e no título da cartilha, que passou de *Na roça*: cartilha rural para alfabetização rápida, para *Cartilha Na roça*. Além disso, a partir dessa edição há, na página de rosto, o acréscimo da informação “Edição revista”. Há também, pequenas alterações tanto nas frases que são apresentadas ao final das lições, como em algumas palavras das lições.

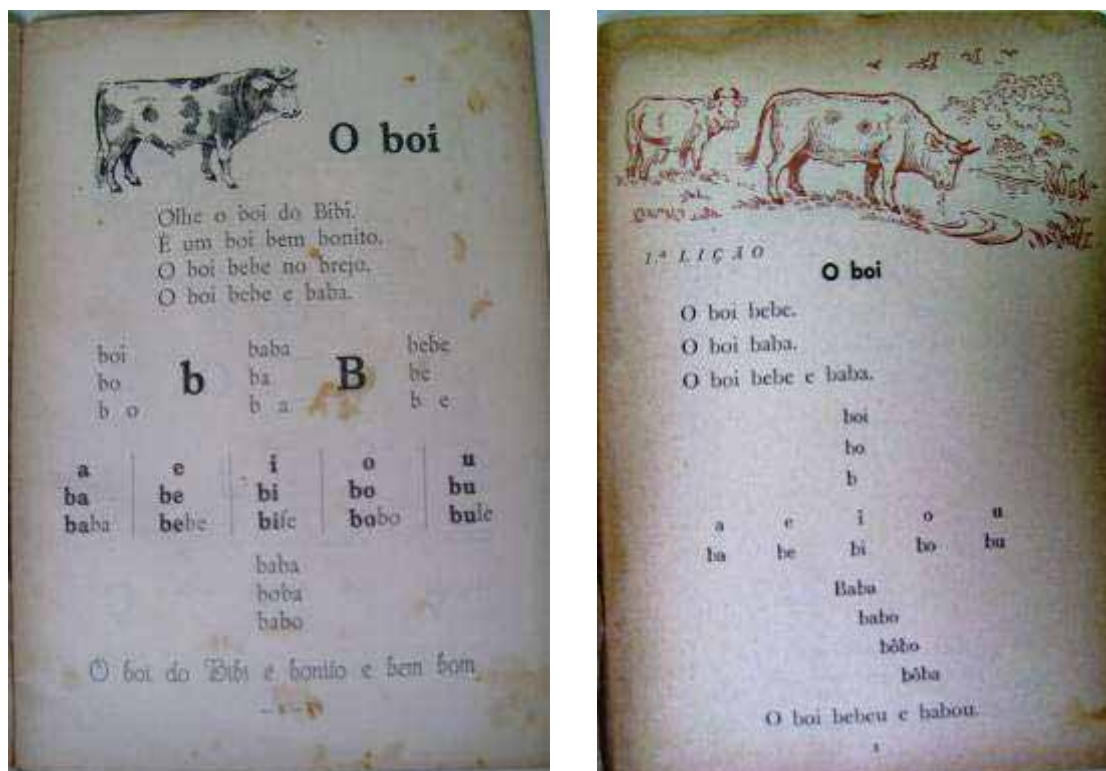
A partir da 107^a. edição, são suprimidas a página de dedicatória e parte da nota introdutória (antes, composta por duas páginas, passou para uma), pois foram suprimidos parágrafos que continham instruções de como trabalhar as lições que foram alteradas e/ou suprimidas, a partir dessa edição. É a partir dessa edição, também, que duas novas informações passaram a constar: na capa, abaixo do título, centralizado, com letras pequenas, consta “Uso autorizado pelo Ministério da Educação e Saúde – Registro no. 932”; e, na segunda página, abaixo da nota introdutória, consta “Todos os direitos reservados pela Comp. Melhoramentos de São Paulo”.

A partir da 123^a. edição, houve a supressão de três lições e de nove lições de “recordação”. Considerando que também fora suprimida a página de dedicatória e uma página da nota introdutória, houve a redução total de 16 páginas nessa edição, quando comparada às edições anteriores.

Dentre as sete edições dos exemplares que localizei da cartilha, constatei que a 133^a. edição teve modificações significativas. Além da alteração na capa, no título e na disposição do conteúdo das lições, na supressão de 12 lições, na redução de 16 páginas e nas ilustrações, foram modificadas a quantidade de sentenças de cada lição, conforme apresento nas figuras a seguir.

algumas alterações que foram incorporadas “[...] quando a Academia Brasileira de Letras adotou o *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, [...] numa nova Convenção Ortográfica entre os governos do Brasil e Portugal, assinada em 29 de dezembro de 1943.” (HALLEWELL, 2005, p. 364-365).

Figura 17 – 1ª. lição das 39ª. e 133ª. edições da cartilha *Na roça*



Fonte: Acervo da Biblioteca Municipal Infantil “Renato Sêneca Fleury”, Sorocaba-SP.

Conforme se observa, até a 123ª. edição a primeira lição era composta por quatro sentenças que formavam uma “historieta”, conforme a primeira imagem. Na 133ª. edição, o número de sentenças mudou e, apesar de o método continuar sendo processado partindo das “historietas” para se chegar a letra e, depois, partindo da letra para chegar na frase, a disposição das frases de algumas palavras foram modificadas. Isso ocorreu em praticamente todas as lições. Além disso, houve alteração da frase final de quase todas as lições.

Não localizei a informação se o autor tinha ciência, participação e/ou colaboração nas alterações que eram feitas, tanto na cartilha quanto nos livros de leitura. Segundo Bittencourt (2004), enquanto alguns contratos estabelecidos entre editora e editor garantiam maior intervenção, outros “[...] garantiam menor intervenção do editor na obra, sobretudo no caso do autor assumir parte dos custos e, neste caso, o preço do livro e a porcentagem do autor eram diferentes. Os direitos do autor sobre a própria obra tinham assim variações.” (BITTENCOURT, 2004, p. 489). Além disso, pelo elevado número de reedições, verificava-se “[...] o poder de interferência maior do editor nas adaptações e renovações da obra.” (BITTENCOURT, 2004, p. 489).

A partir da 107ª. edição, provavelmente o autor não tinha mais direitos sobre a obra pois, além constar nas páginas iniciais a informação “Todos os direitos reservados pela Comp. Melhoramentos de São Paulo – Industrias de Papel Caixa Postal 8120 – São Paulo”, no exemplar de 133ª. edição, que localizei em seu acervo pessoal, há, na capa, a seguinte anotação, escrita manualmente, com caneta azul, conforme é possível observar na figura 14, “Esta nova edição é quase inteiramente outra cartilha 30/11/79 R. Fleury”.

5.2.4 Renato Fleury e a proposição do “método misto” para o ensino inicial da leitura

Na década que antecedeu a publicação da primeira edição da cartilha *Na roça*, o método analítico havia sido institucionalizado, em contraposição ao método sintético e os defensores do método analítico começaram a disputar a melhor maneira de processuar esse método: a palavrção, a silabação ou a “historieta”¹²⁷. Portanto, de acordo com Mortatti (2000a), diante do significativo número de analfabetos, haviam aqueles que buscavam sempre propor um novo método para o ensino da leitura e da escrita que proporcionasse resultados mais rápidos e imediatos em relação aos “métodos tradicionais”.

Segundo Mortatti (2000a), ocorreu a dispersão de disputas em torno dos métodos de alfabetização e a ênfase dada ao método mais eficiente para o ensino da leitura e escrita, foi sendo secundarizada e à alfabetização foram atribuídas novas bases, fundamentações teóricas e novos fins, pautados, principalmente, nos ideais psicológicos disseminados por Lourenço Filho, que “institucionalizou” sua proposta no livro *Teste ABC*: para verificação a maturidade necessária ao aprendizado da leitura e escrita (1934). A partir das novas bases atribuídas à alfabetização, outros métodos de alfabetização passaram a ser propostos, entre eles, o método “analítico-sintético”, ou “misto”, ou “ecclético”, que proporcionava um aprendizado rápido e satisfatório.

Renato Fleury explicita sua opção pelo “método misto” para o ensino inicial da leitura, em nota introdutória da cartilha, justificando, inclusive, que sua opção em

¹²⁷ Conforme mencionei na introdução deste texto, alguns integrantes do GPHELLB desenvolveram suas pesquisas analisando cartilhas de alfabetização e/ou séries de leituras que se pautavam no método analítico. A partir resultados dessas pesquisas obtidos a partir da análise da configuração textual de documentos oficiais, cartilhas de alfabetização e/ou livros de leitura, têm-se uma descrição detalhada sobre a forma que, em cada momento, diferentes autores propuseram diferentes formas de processuar o método analítico. Trata-se das pesquisas desenvolvidas por: Ribeiro (2001), Bernardes (2003), Pereira (2006, 2009), Sobral (2007), Gazoli (2007, 2010), Oriani (2010) e Pasquim (2010).

misturar a síntese e a análise está relacionada com a maneira de compreender a complementaridade entre elas:

Como a análise e a síntese são correlatas, a uma seguindo-se outra imediatamente – sem o que a operação do espírito é incompleta – ensejam-se frequentes análises e sínteses, de modo que o aprendiz, em regra, analisa, sintetiza, analisa de novo para ainda uma vez sintetizar. (FLEURY, 1935, p. 3)

Observei que, para propor “método misto” para o ensino inicial da leitura, Renato Fleury considerou os métodos de ensino propostos nos momentos históricos anteriores. Ele orienta que, em cada lição, o professor deveria partir:

[...] de sentenças e atingindo, pela análise, uma letra predominante, apóia-se principalmente nas sílabas. A prática já demonstrou que esse apoio é essencial.

[...]

As lições podem parecer extensas. Sê-lo-iam, realmente, se esta cartilha fosse exclusivamente analítica. Entretanto, podem elas desdobrar-se, pois constam, nitidamente, de duas partes, intimamente relacionadas, mas perfeitamente distintas.

Não aconselhamos, contudo, o desdobramento. É preferível maior detença em cada lição, recapitulando-a como discreta insistência, enquanto possa interessar aos pequenos. Em vindo o desinteresse, urge passar a nova lição. (FLEURY, 1935, p. 3)

Constatei que as lições da cartilha são divididas e intercaladas entre a análise e a síntese das palavras, da seguinte forma: todas as lições começam com uma ilustração, seguida do título da lição. Abaixo há uma “historieta” e, ao final das “historietas”, palavras que iniciam com a consoante proposta para ser estudada na lição. Em seguida, essas palavras são desmembradas em sílabas e, depois, em letras. Ao chegar às letras, elas são separadas em colunas e são formadas famílias silábicas a partir da junção dessas consoantes com as vogais. Por exemplo, na lição “O boi”, as famílias silábicas são formadas a partir das sílabas: “ba”, “be”, “bi”, “bo”, “bu”. Após a junção da consoante com as vogais, são formadas novas palavras e, abaixo delas, há uma frase final que contém a palavra que o autor utiliza para intitular a lição, que inicia com a consoante proposta para ser estudada.

Todas as lições seguem esse padrão e o autor propõe que o conteúdo da lição não seja desdobrado, por considerar que ler é entender e que “O aprendizado só é real e educativo, quando resulta da atividade do próprio educando.” (FLEURY, 1935, p. 6).

Segundo Renato Fleury (1935), pelo fato de *Na roça* destinar-se “[...] ao ensino intensivo da leitura nas escolas rurais, visando abreviar o aprendizado, sem exigir

grande esforço da criança.” (FLEURY, 1935, p. 5) optou pelo “método misto” para o ensino inicial da leitura e “[...] graças à conjugação da análise e da síntese, em um processo misto que abrange, a um tempo, a sentencição, a palavração, a silabação e a deletreação, chegamos a um sistema que oferece reais vantagens com proporcionar resultados rápidos e seguros.” (FLEURY, 1935, p. 5).

5.3 *Na roça: primeiras leituras*

Com a indicação “Em seguimento à cartilha ‘Na roça’ do mesmo autor”, *Na roça: primeiras leituras* é o segundo livro que integra a série e o primeiro livro de leitura, publicado pela mesma editora, em 1936, juntamente com os outros dois livros de leitura.

Localizei quatro edições de *Na roça: primeiras leituras* com suas respectivas datas de publicação, a saber: 13^{a.}, publicada em 1940; 17^{a.}, em 1942; 21^{a.}, em 1944; e, 26^{a.}, em 1952. Considerando que a primeira edição foi publicada em 1936 e que a 26^{a.}, última edição que localizei, foi publicada em 1952, é possível afirmar que em 16 anos esse livro de leitura teve 26 edições publicadas, totalizando média de uma ou duas edições publicadas por ano. Considerando, portanto, que em 1944 estava na 21^{a.} edição, há, em oito anos, 21 edições publicadas, totalizando média de quase três edições por ano. Isso indica que, até 1944, foram publicadas mais edições do que nos anos posteriores, sem considerar a tiragem de cada exemplar, pois até o momento não consegui localizar essa informação.

Na capa do exemplar de 26^{a.} edição consta a informação “235^o. milheiro”, indicando que esse livro de leitura teve, presumivelmente, 235.000 exemplares publicados, 45.000 menos que a cartilha. Segundo Razzini (2010):

[...] o curso primário enfrentava grande mobilidade de matrículas e eliminações durante o ano, sendo alto o número de alunos que desistiam. Em 1930, registra-se que 52% do total de matrículas do curso primário eram para o Primeiro Ano, 27% para o Segundo, 13% para o Terceiro e só 7% para o Quarto Ano. Tal situação, reproduzida por muito tempo, pode ser notada nas múltiplas tiragens das cartilhas de alfabetização e dos primeiros livros de leitura graduada. (RAZZINI, 2010, p. 92).

Ao longo de 16 anos de publicação, *Na roça: primeiras leituras* teve duas capas diferentes. A cor do fundo da “capa 1” de *Na roça: primeiras leituras* era verde-clara e a cor da “capa 2”, azul.

Na segunda página de todas as edições, constam praticamente as mesmas informações da capa, além das informações que *Na roça: primeiras leituras* é continuidade da proposta do autor contida na cartilha *Na roça* e que os direitos são reservados à Companhia Melhoramentos.

Em todas as edições de *Na roça: primeiras leituras* há nas primeiras páginas, assim como na cartilha, nota introdutória destinada “Aos Srs. Professores”, que ocupa duas páginas, onde Renato Fleury explica sua “nova” proposta para despertar o gosto da leitura nas crianças e estimulá-las a pensar e agir por si mesmas, embasado, principalmente nos “pedagogistas modernos da Didática da Escola Nova”, conforme mencionei.

Apesar da modificação na capa e da inversão no título, a estrutura interna de *Na roça: primeiras leituras* é semelhante em todos os exemplares que localizei, com pequenas supressões e alterações de algumas lições, a partir da 21^a. edição. Posteriormente à publicação dessa edição, foram suprimidas 12 lições e acrescentadas 10. Duas lições das lições que foram acrescentadas, são compostas de textos religiosos, que remetem ao catolicismo, intituladas “Cantigas populares” e “Deus”.

5.3.1As lições

Em todas as edições que localizei de *Na roça: primeiras leituras*, as lições são numeradas e iniciam na página 8, considerando que nas páginas anteriores há: uma página destinada a “Recordação do alfabeto minúsculo”, intitulada “A chave mágica” e duas páginas destinadas a “Recordação do alfabeto maiúsculo”, intitulada “O museu de figuras”. A segunda lição de recordação do alfabeto maiúsculo ocupa duas páginas, pois nela há ilustrações de animais, distribuídos por ordem alfabética e, abaixo, a letra do nome do animal, com um espaço na frente para ser preenchido. Na parte inferior da página, há uma lista com todos os nomes dos animais e a seguinte indicação “Achem os nomes dos animais e escrevam as letras que faltam, debaixo de cada figura”. Constatei que, tanto em *Na roça: primeiras leituras*, quanto nos outros livros de leitura, há perguntas que são feitas ao término da maioria das lições.

Após as páginas de recordação do alfabeto, iniciam as lições de *Na roça: primeiras leituras*. Elas são, na maioria, compostas por textos (poemas, histórias, explicações para confeccionar brinquedos, “mágicas”¹²⁸, “versos do folclore”, “jogos

¹²⁸ Segundo Renato Fleury, essas mágicas são “[...] experiências simples, cujos resultados a própria criança descobrirá, despertando-lhes o desejo de conhecer-lhes as causas. (FLEURY, 1940, p. 3). Esse e outros

intelectuais”), seguidos de palavras, que podem estar contidas no texto e que têm relação entre si, seja por serem redigidas iguais, na acentuação, ou na troca de alguma letra.

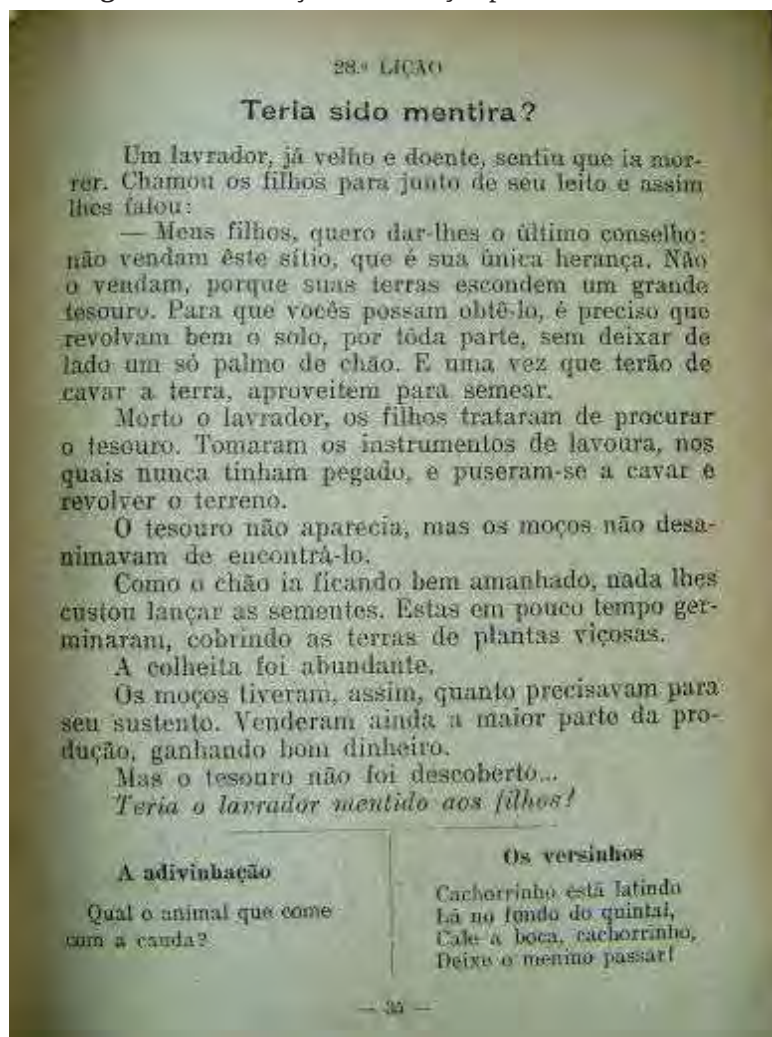
Ao final da maioria dos textos das lições há perguntas e também “[...] exercícios de logicidade, intercalados metodicamente nas páginas que se vão ler, sob a forma de “adivinhações.” (FLEURY, 1940, p. 3). As perguntas não são diretamente aos conteúdos expressos no texto, mas sobre questões que nele estão envolvidas. As adivinhações não estão relacionadas com o texto da lição e envolvem raciocínio lógico e atenção.

Para exemplificar a organização de uma lição de *Na roça*: primeiras leituras descrevo a 8ª. lição, da 21ª. edição. Nela, há um texto intitulado “Terra cansada”, em que há explicação sobre a necessidade de cuidar da terra, para ter uma boa colheita. Na sequência há as seguintes palavras, sobrepostas uma á outra, no canto esquerdo: enxada, inxada; na coluna do meio: terra, terreiro, terreno, terrão, terráqueo; no canto direito: adubada, adulada. Ao final, há a seguinte adivinhação: “A dois metros de um tanque havia uma árvore; e, amarrada numa corda de um metro, uma cabra. Como pôde ela beber água no tanque?”.

Outra lição representativa de *Na roça*: primeiras leituras é a 28ª.. Ela é composta por um texto e uma pergunta relacionada ao conteúdo do texto, uma adivinhação e um verso. Apresento, abaixo, a página da 28ª. lição.

termos que utilizo entre aspas, foram utilizados pelo autor em nota introdutória de *Na roça*: primeiras leituras.

Figura 18 – 28ª. lição de *Na roça*: primeiras leituras



Fonte: Acervo do Centro do Professorado Paulista-SP

Apesar de a maioria das lições de *Na roça*: primeiras leituras ser composta por versos e/ou adivinhações, há lições que são compostas por poemas ou histórias do folclore. Dentre as 15 lições assim compostas, 13 são poemas de autoria de Renato Fleury e duas são histórias do folclore de outros autores: Silvio Romero¹²⁹ e Lindolfo Gomes¹³⁰. Em algumas lições compostas pelos poemas de autoria de Renato Fleury, há

¹²⁹ Silvio Romero nasceu em abril de 1851, em Lagarto-SE e faleceu no Rio de Janeiro-RJ, em julho de 1914. Formou-se em Direito, em 1873 e, no ano seguinte, foi nomeado promotor na Comarca de Estância, em Sergipe. Dentre as inúmeras contribuições que teve como escritor e com a publicação de inúmeras obras, foi, juntamente com Machado de Assis, fundador da Academia Brasileira de Letras. Todas as informações biográficas apresentadas nesta nota foram localizadas em Rodríguez (2003).

¹³⁰ Lindolfo Gomes nasceu em Guaratinguetá-SP em março de 1875 e faleceu, no Rio de Janeiro, em maio de 1953. Apesar de não localizar informações sobre sua formação e atuação profissional, localizei informação que se destacou como jornalista, professor, folclorista e inspetor de ensino. Todas as informações biográficas apresentadas nesta nota foram localizadas em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Lindolfo_Gomes. Acesso em set. de 2011.

indicação “Repetições, rítmicas rimadas”, quando são poemas compostos por frases que rimam e por palavras que repetem as letras. Presumivelmente o autor tinha a finalidade de mostrar aos alunos a possibilidade de formar diferentes fonemas, utilizando a mesma letra.

Constatei que o livro que integra a série *Na roça* que tem o maior número de poemas de autoria de Renato Fleury é *Na roça: primeiras leituras*, além de ser o livro que tem o maior número de textos e/ou versos de outros autores. Diferentemente das lições compostas por textos, as lições compostas por poemas, não apresentam perguntas, nem adivinhações, ao final.

Figura 19 – 3ª. lição de *Na roça*: primeiras leituras



Fonte: Acervo do Centro do Professorado Paulista-SP

A maioria das lições é relacionada a animais como: passarinho, cavalo, leão, raposa, galo, pintinho, burro, entre outro. Há também lições relacionadas a: plantio, prevenções de doenças, confecção de brinquedos com sucatas, uso da enxada, entre outras.

Há lições em que Renato Fleury apresenta poemas de outros autores, como um sem título, de Francisco Camerino¹³¹ “[...] herói brasileiro antes de perder a vida, na Guerra do Paraguai.” (FLEURY, 1940, p. 38), em que o autor relata, em quatro estrofes, o sentido de uma guerra; e “Outros versinhos”, de autoria de Olavo Bilac¹³², composto por sete estrofes, as quais relatam o entusiasmo de uma criança ao pedir para a avó contar uma história de contos de fadas.

Constatei, por fim, que algumas lições têm o mesmo título das histórias que integravam os livros de autoria de Renato Fleury da coleção *Biblioteca Infantil* e que, em muitas, ele teve como objetivo ensinamentos morais, conforme menciona em nota introdutória, utilizando para isso, textos com acontecimentos com animais e/ou pessoas.

5.3.2 As explicações do autor

Um ano depois de ter sido publicada a cartilha *Na roça*, foram publicados os três livros de leitura em que Renato Fleury não explicitou o método de ensino que utilizou. Embasado, então, em princípios pedagógicos divulgados pela “Escola Nova”, tinha como objetivo “[...] conduzir as crianças na aprendizagem da leitura, com despertar-lhes o interesse por ela, levando-as a meditar e estimulando-lhes o desejo de conhecer.” (FLEURY, 1940, p. 3).

Em *Na roça*: primeiras leituras, Renato Fleury citou, em nota introdutória, Aguayo e Paul Barth, para explicitar que sua única finalidade com o livro de leitura era despertar na criança o gosto pela leitura apresentando, para isso, uma proposta que:

[...] foge aos moldes até agora em uso. Suas lições têm por fim promover e sugerir atividades. Empregamos vários recursos para despertar o interesse, pondo em ação o poderoso instinto da curiosidade. Múltiplas oportunidades oferecem as lições para a criança “pensar” e agir por si mesma. Cremos estar justamente, e apenas nisso, o interesse do petiz pelo aprendizado da leitura, cuja motivação

¹³¹ Francisco Camerino foi “Herói da Guerra do Paraguai nascido em Estância, SE, por volta de 1842, e falecido em 1866. Era filho do cônego Antônio Luís d’Azevedo, senhor de engenho falecido em 1848, e de Jacinta Clotides do Amor Divino, ex-escrava reconhecida como esposa e tornada grande proprietária com o falecimento do cônego. Modesto guarda-livros na Bahia, assim que se decretou a mobilização para a guerra, alistou-se e partiu para morrer heroicamente em Curupati.” (LOPES, 2006, p. 67).

¹³² Olavo Bilac nasceu no Rio de Janeiro em dezembro de 1865 e faleceu nessa mesma cidade em dezembro de 1918. Em 1896, fundou a Academia Brasileira de Letras. Atuou como jornalista, poeta, e escritor de literatura infantil. Segundo Bittencourt (2004), “O mais famoso escritor de livros escolares que iniciou sua carreira como inspetor escolar foi Olavo Bilac. O renomado poeta começou a compor textos escolares com Manuel Bomfim, então diretor da Instrução Pública do Distrito Federal. Juntos escreveram o *Livro de composição*, um *Livro de leitura* e o célebre *Através do Brasil*, publicado anos mais tarde, em 1910. Com Coelho Netto, Bilac publicou *Contos pátrios* em 1904, obra de inúmeras edições assim como suas *Poesias infantis*.” (BITTENCOURT, 2004, p. 487).

outras fontes não pode ter, senão aquelas que o levam a agir por si. (FLEURY, 1940, p. 3).

Conforme explicitou em nota introdutória, ao longo das lições, Renato Fleury teve o objetivo de despertar na criança o gosto pela leitura, por acreditar que:

As lições precisam estimular, “evocar experiências e mobilizar energias”. Os assuntos mais aconselhados pelo tirocínio dos maiores educadores, serão rimas infantis, “contos que excitem a imaginação”, histórias de animais, coisas do folclore, narrações humorísticas, versos com repetições rítmicas, etc. Eis aí, em poucas palavras, a motivação do ensino da leitura. (FLEURY, 1940, p. 4).

Diante disso, o autor ressalta que sua proposta é nova e que ele utilizou todos os recursos possíveis que poderão ser usufruídos “Aos que lhe compreendem os intuitos e com eles põem-se de acordo [...]” (FLEURY, 1940, p. 4).

5.4 *Na roça: segundas leituras*

Na roça: segundas leituras é o terceiro livro que integra a série *Na roça* e o segundo livro de leitura publicado em 1936, em que Renato Fleury manteve o “mesmo plano”, “[...] completando o que se encontra nas ‘Primeiras leituras’.” (FLEURY, 1942, p. 3).

Localizei quatro edições de *Na roça: segundas leituras* e suas respectivas datas de publicação, a saber: 13^{a.}, publicada em 1942; 16^{a.}, publicada em 1947; 19^{a.}, publicada em 1951; e um exemplar que não consta edição, nem data de publicação. Presumo, porém, que esse exemplar que não constam informações, tenha sido publicado antes de 1947 e que sua edição seja anterior a 16^{a.}, considerando que: a capa e o título dele são semelhantes ao exemplar de 13^{a.} edição, publicada em 1942 e a partir da 16^{a.} edição houve uma inversão no título e mudança da capa, conforme ocorreu na cartilha e em *Na roça: primeiras leituras*. Destaco que não tive acesso ao conteúdo interno dos exemplares de 16^{a.} e 19^{a.} edições.

Considerando que a primeira edição de *Na roça: segundas leituras* foi publicada em 1936, é possível afirmar que esse livro de leitura teve, pelo menos, 19 edições publicadas em 15 anos, totalizando a média de uma edição publicada por ano.

Na capa do exemplar de 19^{a.} edição consta a informação “210º. milheiro” e indica que esse livro de leitura teve, pelo menos, 210.000 exemplares, publicados em 15 anos, totalizando 40.000 exemplares por ano. Considerando que a cartilha teve 278.000 e que *Na roça: primeiras leituras* teve 235.000, constatei que esse número foi decaindo,

conforme o ano escolar que era destinado o livro de leitura, conforme mencionei anteriormente.

Diferentemente de *Na roça*: primeiras leituras, nas edições que localizei de *Na roça*: segundas leituras consta a informação “Adotada em todos os estados do Brasil”, exceto da 19ª. edição. Não pude identificar o motivo de essa informação constar em alguns livros de leitura e em outros não, apesar de não ser possível afirmar se os que tinham essa informação foram realmente adotados em outros estados do Brasil. Constatei, porém, que outras edições tanto da cartilha quanto dos livros de leitura, que não tinham essa informação, foram utilizadas em alguns estados brasileiros.

Assim como a cartilha e *Na roça*: primeiras leituras, ao longo de 15 anos de publicação, *Na roça*: segundas leituras teve duas capas diferentes, com as mesmas dimensões e ilustrações das “capas 1 e 2” da alterando somente a cor de fundo. A cor do fundo da “capa 1” de *Na roça*: segundas leituras era azul-claro e a cor da “capa 2”, vermelha. Dessa mesma forma, também, o título foi invertido de *Na roça*: segundas leituras, para *Segundas leituras Na roça* e, a partir da 19ª. edição, publicada em 1951, consta na capa a seguinte indicação: “Uso autorizado pelo Ministério da Educação e Saúde – Registro no. 888”.

Assim como no exemplar de 17ª. edição de *Na roça*: primeiras leituras, no exemplar de 13ª. edição de *Na roça*: segunda leituras, há informações que indicam que esse exemplar foi uma doação da Companhia Melhoramentos para a Biblioteca Pública Municipal da Capital (SP). As informações preenchidas são semelhantes às que apresentei anteriormente e, além delas, consta a informação do preço e do valor 1\$500. Considerando que na quarta capa do exemplar, de 16ª. edição, consta o valor Cr. \$2,50, possivelmente entre uma edição e outra, houve troca do dinheiro.

5.4.1 As lições

Pelo fato de eu não ter tido acesso ao conteúdo dos exemplares de 16ª. e 19ª. edições, não pude analisar se houve alterações nas lições. Constatei, porém, em ficha catalográfica que acompanhava os livros na exposição, que essas edições têm o mesmo número de páginas das 13ª. edição e do exemplar em que não consta o número da edição e, diante disso, presumo que não tenham sido feitas alterações.

Na roça: segundas leituras é composta por 50 lições que estão relacionadas, principalmente, a elementos da zona rural, em especial, às principais precauções a serem tomadas com animais venenosos, encontrados nessas áreas, as prevenções para

não contrair doenças transmitidas por insetos e/ou aracnídeos e aos principais cuidados com a higiene pessoal.

Ao comparar as diferentes edições, constatei que, até a 17^a. lição, intitulada “Pescaria”, há, intercaladas com textos propostos nas lições, recordações de palavras que se relacionam entre si ou por terem o mesmo radical, ou por serem decompostas até chegar a uma sílaba. A partir da 17^a. edição, essas recordações não são mais apresentadas.

Na maioria das 50 lições do livro de leitura, sempre ao final da página, há instruções de como fazer desenhos com símbolos ou figuras geométricas; instruções para se fazer brinquedo com objetos reaproveitados; brincadeiras e cantigas tradicionais da cultura brasileira, conforme se observa na figura que apresento abaixo.

Figura 20 – 12^a. lição de exemplar sem número de edição de *Na roça*: segundas leituras

Conhecem este bichinho?



Muito cuidado com ele! Chama-se chupança ou chupão. Também tem o nome de barbeiro. Chama-se chupão porque chupa o sangue dos animais e do homem. Chupando nosso sangue, o chupança transmite uma doença grave: a moléstia de Chagas. O doente fica com febre forte e pode ficar com papo!

Quasi sempre vem a morrer dessa terrível enfermidade.

O barbeiro, chupão ou chupança, esconde-se no ferro das casas, nas paredes rachadas dos ranchos barreados e até nas camas. Quando a gente está dormindo, vem ele de mansinho, crava o ferrão na pele e farta-se de sangue! É preciso combater os barbeiros, trazendo a casa sempre limpa, tapando as rachaduras das paredes e examinando as camas.

Adivinhação: *Pensem um pouco vocês:
É respondam desta vez:
Como é que 3 e 3
Podem também não ser 6?*

Recordação

Chupão pão ã	Chupança pança a	Chagas Chá ã
--------------------	------------------------	--------------------

Como se desenha um besouro



Uma meia lua... outra meia lua... outra meia lua... uma retinha, chifresinhos, pernas e pronto!

Perguntas — *Quantas pernas tem o besouro?*
— *Quantas pernas tem a aranha?*

— 17 —

Fonte: Acervo do Centro do Professorado Paulista-SP

A partir da leitura das lições que integram *Na roça*: segundas leituras, destacarei, a seguir, aquelas que considero mais importantes por serem representativas dos conteúdos selecionados por Renato Fleury.

Na segunda lição de *Na roça*: segundas leituras, intitulada “Nossa escola”, Renato Fleury explica as características de uma escola situada longe da cidade e das crianças que a frequentavam e relata que, principalmente na escola, aprenderão a plantar, cultivar, criar animais, para que tivessem benefícios quando fossem trabalhar na zona rural.

Ao longo das lições, Renato Fleury escreve sobre animais encontrados na zona rural e os sons que eles fazem. Para exemplificar, apresento uma figura da 13ª. lição, intitulada “Tarde roqueira”:

Figura 21 – 13ª. lição de exemplar sem número de edição de *Na roça*: segundas leituras



Fonte: Acervo do Centro do Professorado Paulista-SP

Em algumas lições, Renato Fleury escreve textos que tematizam a liberdade e a importância de tê-la e saber usá-la. Na 5ª, 6ª. e 7ª. lição, por exemplo, o autor apresenta histórias com animais, enfatizando que aqueles que souberam usar a liberdade se saíram melhor e conseguiam ter sucesso no futuro. Presumivelmente, essas lições estão relacionadas com o fato de que, ao escrever uma série de leitura destinada aos alunos das escolas localizadas nas zonas rurais, que possivelmente continuariam ali trabalhando, o autor sugere que, apesar de serem livres para suas escolhas, era necessário trabalharem e se esforçarem considerando que o Brasil dependia das riquezas da zona rural para prosperar.

Em 15 dentre as 50 lições que integram *Na roça*: segunda leituras, Renato Fleury apresenta textos relacionados com a questão da higiene e com os cuidados que deviam ser tomados com animais venenosos e doenças comuns de serem contraídas na zona rural.

Para exemplificar, na lição “João Bobo”, Renato Fleury escreve sobre um menino que “[...] não se lavava, não ia à escola, não gostava de ajudar os pais. Tinha unhas sujas e compridas, não escovava os dentes, dormia com a roupa do corpo.” (FLEURY, 1942, p. 25) e, por esses motivos, não conseguia entender os conselhos da mãe e fazia as coisas erradas. Na lição seguinte, intitulada “O dia do menino que não é bobo”, Renato Fleury (1942) descreve que:

Uma menina ou um menino que não é bobo, faz assim:
 a – levanta-se bem cedo;
 b – toma banho, escova os dentes, penteia os cabelos;
 c – ajuda os pais a trabalhar;
 d – faz as lições;
 e – vai à escola à hora certa;
 f – ajuda a cuidar das plantas e criações;
 g – faz exercícios, trabalhando, andando, correndo, remando, nadando;
 h – almoça e janta a horas certas;
 i – aproveita as horas vagas para ler, contar histórias ou fazer um brinquedo;
 j – deita-se cedo, com roupas limpas de dormir e depois de ter se lavado e escovado bem os dentes.
 Quem não faz assim, fica que nem o “João Bobo” da história.
 (FLEURY, 1942, p. 26).

Dentre as doenças mencionadas e insetos e/ou aracnídeos que as causam, Renato Fleury menciona o piolho, a moléstia de Chagas, as feridas causadas por carrapatos, a peste causada pela pulga, a aranha caranguejeira, as cobras, o percevejo, os mosquitos e os escorpiões. Dentre os animais benéficos para a zona rural, Renato Fleury menciona

abelhas, beija-flor, tamanduás, tatu, bicho-preguiça e um pássaro, chamado papa-formiga. Dentre os maléficos, menciona formigas e gafanhotos.

Há, ainda, assim como *Na roça: primeiras leituras*, duas lições relacionadas ao catolicismo. Essas lições são intituladas, respectivamente, “Jesus, Maria e José” (de Lindolfo Gomes, extraída de *Contos populares*) e “As lendas de Nossa Senhora”, composta por dois textos intitulados “A sepultura de Nossa Senhora” e “As miosotes”. Ao final dessa lição, há a indicação de que os textos foram “extraídos” do folclore brasileiro.

Em *Na roça: segundas leituras*, há um total de cinco poemas de autoria de Renato Fleury, oito a menos do que há em *Na roça: primeiras leituras*.

5.4.2 As explicações do autor

Em continuidade à proposta apresentada em *Na roça: primeiras leituras*, Renato Fleury propõem *Na roça: segundas leituras*:

Apresentando estas “Segundas Leituras – NA ROÇA”, seguidas, em breve, de um terceiro livro – o quarto da série iniciada pela cartilha – obedecemos ao mesmo plano das “Primeiras Leituras”, devidamente exposto, e para o qual pedimos a generosa atenção dos colegas que desejam adotar êstes livrinhos em suas aulas. (FLEURY, 1942, p. 3).

Segundo Renato Fleury a única diferença entre a proposta apresentada em *Na roça: primeiras leituras* e *Na roça: segundas leituras* é a finalidade educativa do ponto de vista higiênico. Considerando a importância de precauções para as crianças que vivem na zona rural. Renato Fleury (1942) destaca que:

Acentua-se nestas páginas a finalidade educativa do ponto de vista higiênico e, a propósito, preferimos o que se relaciona com animais – hematófagos, aracnídeos – por ser mais do interesse natural da criança. [...] Não há incoerência de nossa parte quando pretendemos, em muitas lições, prescrever breves ensinamentos de higiene, pelo fato de haveremos, no volume anterior, posto de lado a “transmissão” de conhecimentos. (FLEURY, 1942, p. 3).

Para estimular as crianças a pensar e agir por si mesmas Renato Fleury propõe atividades que são do interesse delas. O autor destaca em nota introdutória que utilizou “[...] alguns desenhos de simples execução, preocupados sempre com o caráter lúdico do ensino, que bem se enquadra na aprendizagem da leitura.” (FLEURY, 1942, p. 3) Além disso, utiliza textos em poesias e adivinhações para instigar o gosto e o interesse da criança. Segundo Renato Fleury “Tentamos, com esta inovação introduzida

destemerosamente já no livro anterior, pôr em prática o que recomenda a escola ativa.” (FLEURY, 1942, p. 3).

5.5 *Na roça: terceiras leituras*

Com indicação de último livro da série, *Na roça: terceiras leituras* foi publicada em 1936, juntamente com os outros dois livros de leitura e, segundo o autor afirma em nota introdutória “[...] guarda perfeita unidade de plano educativo com os volumezinhos que o antecedem.” (1943, p. 3).

Localizei quatro edições de *Na roça: terceiras leituras* e suas respectivas datas de publicação, a saber: 3ª., sem data de publicação; 9ª., publicada em 1943; 11ª., publicada em 1944; e, 12ª., publicada em 1948. Considerando que a primeira edição foi publicada em 1936 e que a última edição que localizei, a 12ª., foi publicada em 1948, tem-se um total de 12 edições publicadas em 12 anos, totalizando uma edição por ano. Mas, considerando que localizei duas edições seguidas, a 11ª. e a 12ª. e que a diferença de publicação entre elas é de 4 anos, tem-se uma edição publicada em quatro anos e, portanto, a média que apresento anteriormente não sucede.

Na capa do exemplar de 12ª edição consta a informação “85º milheiro”, que indica o total de exemplares publicados em 12 anos. Comparado a quantidade de exemplares publicados da cartilha *Na roça* e de *Na roça: primeiras leituras* e *Na roça: segundas leituras*, esse número reduziu consideravelmente. Nesse exemplar consta, ainda, a informação “Uso autorizado pelo Ministério da Educação e Saúde, Registro nº. 886”.

Nos exemplares que localizei, consta a informação “Adotada em todos os Estados do Brasil”, exceto na 12ª. edição. Assim como ocorreu com todos os livros da série que apresentei, em *Na roça: terceiras leituras* também houve alteração na capa e no título, a partir da 11ª. edição, publicada em 1944.

5.5.1 As lições

Ao comparar os exemplares de *Na roça: terceiras leituras*, constatei que não houve alteração das lições ao longo de 12 anos e que todos as edições têm o mesmo número de páginas, 56. Comparando *Na roça: terceiras leituras* com os outros livros que integram a série, constatei que as lições são relacionadas à prática como se os alunos tivessem iniciado o trabalho na fazenda, mostrando a importância de conhecerem as melhores épocas para plantar, os cuidados que deveriam ter com a terra e a

importância de saberem fazer e manejar instrumentos que auxiliassem no trabalho braçal.

Ao analisar o conteúdo das lições, constatei que a maioria é composta por textos, com títulos e assuntos diferentes. Esses textos são compostos por histórias, “adivinhações”, sugestão de brincadeiras, instruções para confecção de brinquedos ou de instrumentos para auxiliar no campo.

Em todas as edições que analisei de *Na roça*: terceiras leituras, não há lições de recordação e nem trechos que recordam palavras e/ou sílabas, conforme havia em *Na roça*: primeiras leituras e *Na roça*: segundas leituras.

As lições de *Na roça*: terceiras leituras não são numeradas e, ao final de muitas, há histórias formadas por figuras intituladas “Cineminha” em que Renato Fleury apresenta sequência de quadros com imagens em preto e branco, que formam histórias e, ao final, o autor faz perguntas relativas a elas. Há, também, ao final de algumas lições, textos intitulados “Ilusão de ótica”, em que o autor apresenta impressões causadas pela disposição de figuras geométricas e sugere que o aluno se utilize de materiais escolares, tais como esquadro ou régua, para constatar que são falsas impressões.

Selecionei duas lições que considero representativas da proposta de Renato Fleury em *Na roça*: terceiras leituras. Na primeira, intitulada “O menino da roça”, Renato Fleury escreve sobre um menino que vivia na roça, foi para cidade com o pai e, diante das crianças da zona urbana, se sentiu mal e rejeitado. Ocorreu, porém, uma situação perigosa em que um cachorro queria atacar as crianças da cidade e o menino da roça foi responsável por segurar o cachorro e livrá-las do perigo. Renato Fleury mostra que a criança da roça tem suas qualidades e não devem se sentir excluídas, nem diferentes, pois sabem fazer coisas que as crianças da zona urbana não sabem ou não têm coragem.

Figura 23 – 38ª. lição de exemplar sem número de edição de *Na roça: terceiras leituras*



Fonte: Acervo do Centro do Professorado Paulista-SP.

5.5.2 As explicações do autor

Em nota introdutória da 9ª edição de *Na roça: terceiras leituras*, Renato Fleury afirma que *Na roça: terceiras leituras* é continuidade da proposta que iniciou com a publicação da cartilha e, portanto, as explicações que deu em *Na roça: primeiras leituras* e *Na roça: segundas leituras* também são atribuídas à *Na roça: terceiras leituras*.

Constatei que, pelo fato de *Na roça: terceiras leituras* ser o último livro da série e que, segundo Renato Fleury (1936e), a partir dele, o adolescente concluiria os estudos para começar a trabalhar, suas lições estão diretamente relacionadas às atividades práticas realizadas no campo e às noções de tempo de colheita, cuidados e prevenções com animais e doenças, às precauções com animais perigosos, dentre outras. Constatei, ainda, que há exercícios que envolvem raciocínio lógico e dedução para estimular os adolescentes pensarem e resolverem sozinhos as situações com que se deparassem e, ao final de quase todas as lições, há perguntas sobre os textos.

Em nota introdutória de *Na roça: terceiras leituras*, Renato Fleury destaca que:

Perseveramos na mesma motivação, procurando emancipar-nos dos moldes comuns, com a introdução, desde as “Primeiras Leituras”, de exercícios de logicidade, coisas do folclore, brinquedos que exercitam o manualismo, além de histórias maravilhosas, fábulas, lendas, etc. Agora introduzimos algumas histórias em figuras, um pequenino calendário do lavrador (que não tem finalidade instrutiva mas simplesmente de sugestão), quadrinhos que suscitam observação, ilusões de ótica, tudo em páginas recreativas cujo valor estimulante ainda não foi aproveitado em livros escolares. (FLEURY, 1943, p. 3).

Renato Fleury explicita seu objetivo com *Na roça: terceiras leituras* e sua fundamentação em “pedagogistas modernos da Escola Nova”:

A maioria destas lições obedecem, não ao critério instrutivo, mas as preceito educativo que manda respeitar a individualidade da criança. Esforçámo-nos para isso, e alguma coisa que reputamos de utilidade prática ao menino da roça, foi introduzida nestas páginas com parcimônia. Não tivemos em mira escrever um livro de instrução, mas um livro que desperte a vontade de ler. Esta série, a êsse respeito, é de livros apenas de leitura, na acepção que nos parece legítima, obedientes, aliás, aos conselhos de pedagogistas como Aguaió, a que nos referimos no prefácio das “Primeiras Leituras”. (FLEURY, 1943, p. 3).

5.6 Considerações sobre os livros que integram a série *Na roça*

Por meio de informações que localizei, principalmente em artigos de jornais que circularam naquele momento, constatei que essa série de leitura foi amplamente divulgada e, devido ao preço reduzido que seus livros eram vendidos, passou a ser adotada em diferentes cidades do interior do Brasil, no final da década de 1930 e início da década de 1940.

A partir de informações que localizei até o momento, essa foi a primeira série graduada de leitura, publicada pela Companhia Melhoramentos, destinada a população que estava concentrada na zona rural, oferecendo assim “igualdade de oportunidades para todos, em matéria de educação”, conforme defendido pelos integrantes do movimento da Escola Nova. Em notas introdutórias dos livros que integram a série *Na roça*, Renato Fleury explicita a sua fundamentação teórica para relacionar essa publicação aos ideais defendidos naquele momento.

Renato Fleury declara, em nota introdutória dos livros de leitura que integram a série *Na roça* e em nota do livro *Educação rural*, publicado em 1936, que concebe a “ruralização do ensino” como “[...] um movimento de base educacional, tendente a

reprimir o exodo do ‘hinterland’, a conter a onda que se avoluma dos egressos do campo, illudidos pelo esplendor das metropoles [...]” (FLEURY, 1936, p. 12).

Nas lições da cartilha e dos livros que integram a série *Na roça*, Renato Fleury apresentou textos diretamente relacionados à zona rural para instigar a criança com conteúdos que estivessem presentes em sua realidade, além de instruí-la como agir diante de situações de risco, que poderia se deparar naquele ambiente. Constatei que a preocupação do autor foi mostrar para a criança a importância de ela conhecer a zona rural, considerando que iria futuramente trabalhar ali, juntamente com os pais e contribuir para o desenvolvimento do país. Para isso o autor utilizou “historietas” e frases enfatizando, a cada lição, essa importância. Para exemplificar, no final de lição contida em *Na roça*: primeiras leituras, Renato Fleury pergunta: “Que vocês preferem: Viver na roça ou morar na cidade? Trabalhar no seu ou trabalhar no alheio?”. (FLEURY, 1941, p. 26).

Como forma de reunir e dar conhecimento sobre o tema das lições, apresento o Quadro 8.

Quadro 8 – Composição das lições da cartilha e dos livros que integram a série *Na roça*

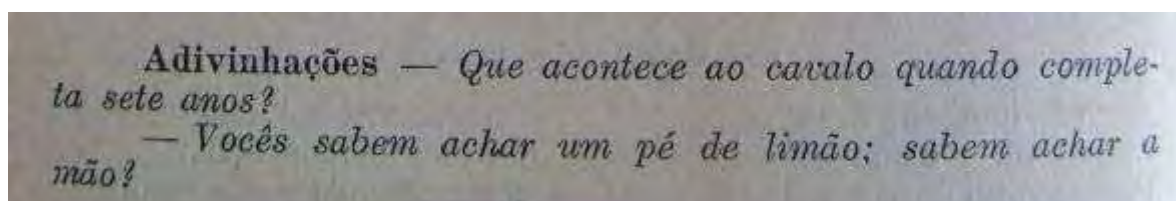
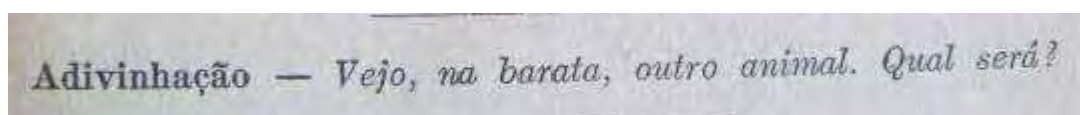
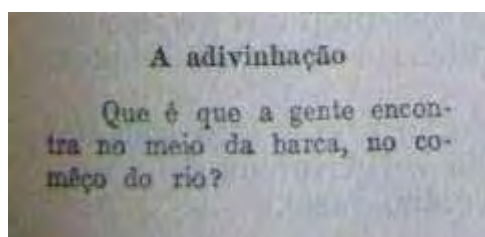
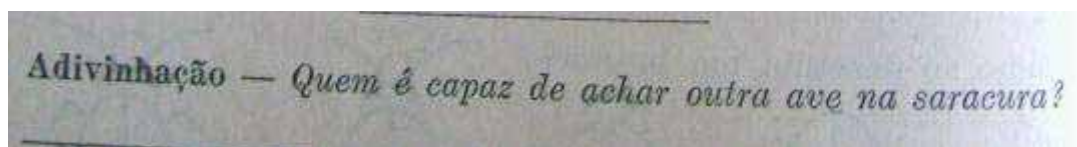
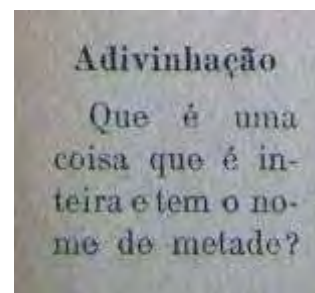
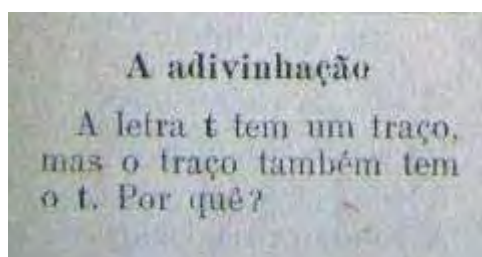
Livro	Cartilha <i>Na roça</i>	<i>Na roça:</i> primeiras leituras	<i>Na roça:</i> segundas leituras	<i>Na roça:</i> terceiras leituras	TOTAL
Composição das lições					
Sobre animais/ brinquedos	15	1	-	-	16
Histórias com personagens animais e/ou aves	3	2	16	3	24
Recordação de palavras e sílabas	13	7	12	-	32
Adivinhações	-	28	18	10	56
Jogos/ Mágicas	1	5	2	5	13
Brinquedos/ Brincadeiras	1	6	11	2	20
Doenças	4	-	5	3	12
Prevenções	3	-	1	1	5
Versos sem autoria	1	21	7	7	36
Tempo/Ano	2	-	-	1	3
Escola/Espaço rural	5	3	1	1	10
Histórias com ou sem adivinhação ao final	-	19	9	7	35
Cobras	1	-	2	2	5
Instrumentos agrícolas	2	-	2	3	7
Cantigas ou Histórias do folclore sem autoria	-	-	7	6	13
Cantigas ou Histórias do folclore com autoria	-	2	3	3	8
Poemas de Renato Fleury	3	13	5	4	25
Instruções para fazer desenhos	-	-	9	-	9
Aracnídeos, Formigas, Baratas e outros	1	-	5	1	7
Instruções de como/ quando plantar	-	3	-	10	13
Frases ao final das lições	36	-	3	1	40
Frases para decifrar		-	3	2	5
Alimentos	4	-	-	1	5
Histórias com figuras		-	-	9	9
Nacionalismo/patriotismo	1	-	-	3	4
TOTAL DE LIÇÕES (não considerando lições de recordação)	48	48	52	41	189

Fonte: Acervo pessoal da autora

A partir das informações que apresento no Quadro 9, é possível observar que a maioria das lições, tanto da cartilha quanto dos livros de leitura é composta por adivinhações. Presumivelmente, a partir de *Na roça*: primeiras leituras, a criança conseguia ler, e o autor utilizou principalmente perguntas ao fim da lição, nem sempre relacionadas ao conteúdo dos textos, para instigar a criança a ler e pensar, sem o auxílio

do professor. As respostas a essas adivinhações estão relacionadas com contas matemáticas ou com formação de palavras, como se observa nas figuras abaixo:

Figura 24 – Adivinhações contidas em *Na roça*: primeiras leituras, 21^a. edição;
Na roça: segundas leituras, exemplar sem número de edição; e,
Na roça: terceiras leituras, exemplar sem número de edição



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Além disso, há, no Quadro 9, número elevado de lições compostas por poemas principalmente em *Na roça*: primeiras leituras. Apesar de neles não ter muitas vezes títulos, nem autoria, em nota inicial dos livros de leitura Renato Fleury indica que são

“versos do folclore”. Eles são compostos por média de quatro a oito estrofes e fazem rimas. Há também, a partir de *Na roça: primeiras leituras*, elevado número de “Histórias com ou sem adivinhação ao final” que, na maioria, são histórias cujos personagens são animais e com ensinamento “moral” ao final. Nessas histórias não há, também, indicação de autoria e, ao final, há pergunta(s) relacionada(s) com o conteúdo da história, seja para verificar se o aluno compreendeu, seja para o aluno sugerir como poderia terminar a história.

Conforme mencionei, tanto na cartilha, quanto nos livros de leitura, há um número elevado de poemas de autoria de Renato Fleury, totalizando 25. A maioria dos poemas está relacionada com elementos da zona rural, conforme se observa pelos títulos: “Meu cavaleiro”, “Quero ser lavrador”, “Meu canário”, “Os versinhos do feijão”, “O beijaflor”, “Pinto pelado”, “Tarde roqueira”, “A escola da roça”, “A semente”, “O cão”, “Deus”, “A terra”, “As abelhas”, “Os passarinhos”, “O boi”, “A enxada”, “O vovô”, “O barco de papel”, “Ante a bandeira do Brasil”, “O jantar dos bichos”, “O sapo”, “Paisagem da roça”, “O trabalho”, “A árvore” e “Na roça”.

A partir das informações que apresentei no Quadro 8, é possível observar que em *Na roça: primeiras leituras* é maior, tanto o número de lições (52), quanto o número de textos diversificados que as compõem e em *Na roça: terceiras leituras* esses números são menores.

CAPÍTULO 6
O MOMENTO HISTÓRICO DE PUBLICAÇÃO DA SÉRIE NA ROÇA

Conforme mencionei anteriormente, as pesquisas que vêm sendo desenvolvidas, no âmbito do GPHELLB vinculadas à linha “História da alfabetização” vêm contribuindo para a história do ensino da leitura e escrita no Brasil. Como integrante desse grupo e vinculada a essa linha de pesquisa, os resultados que apresento nesta dissertação vêm contribuir para compreender o “sentido” atribuído à alfabetização em um determinado momento de sua história no Brasil. Mortatti (2000a) considera “[...] o momento histórico compreendido entre, aproximadamente, meados da década de 1920 e meados da década de 1970, como o terceiro momento crucial.” (MORTATTI, 2000a, p. 142) da história da alfabetização no Brasil.

A série *Na roça*, de Renato Fleury, vem confirmar as características apresentadas por Mortatti (2000a), Bertolleti (1997, 2007) e Pereira (2009), desse “3º. momento” da história da alfabetização, quando ela é constituída “[...] como objeto de estudo.” (MORTATTI, 2000a, p. 142).

Em meados da década de 1920, o índice de analfabetismo era alarmante e preocupava as autoridades educacionais do Estado de São Paulo. De acordo com Souza (2009), uma estatística escolar feita em 1918 por Oscar Thompson, Inspetor Geral da Instrução Pública paulista,

[...] apontava a existência de 232.621 crianças, com idade entre sete e doze anos, freqüentando escolas públicas e particulares; e 247.543 crianças, em idade escolar, sem escolas. Além do analfabetismo, Thompson lastimava a baixa produtividade do sistema escolar paulista, verificada nos dados de promoção [...] Menos de um terço dos alunos matriculados no 1º. ano dos grupos escolares atingiam o 4º. ano, e os outros dois terços evadiam entre o 2º. e 3º. anos (São Paulo, 1918). (SOUZA, 2009, p. 118).

Segundo Carvalho (1989), “O analfabetismo passava a ser a marca da inaptidão para o Progresso.” (CARVALHO, 1989, p. 40), e o discurso educacional se desloca, sendo necessário ao novo cidadão apenas “[...] o manejo cívico do alfabeto.”. Nesse contexto, Oscar Thompson denunciava o analfabetismo como o “maior mal do país” (SOUZA, 2009, p. 119) e solicitou:

[...] sugestões para a resolução do problema do analfabetismo e dela deriva, entre outras, a carta elaborada por Sampaio Dória [...] na qual são apresentadas as bases de um plano de extinção do analfabetismo, centrado na urgência nacional de “alfabetizar o povo”, para “assimilar o estrangeiro” [...] (MORTATTI, 2000a, p. 131).

Com isso, Sampaio Dória se destaca no contexto educacional e, passados alguns anos, substitui Oscar Thompson na Diretoria Geral da Instrução Pública paulista. Em

1920, Dória lidera a Reforma de 1920, em que propunha uma reorganização no sistema público de ensino e “[...] que, dentre outros importantes aspectos, garantia autonomia didática aos professores.” (MORTATTI, 2000a, p. 84), proporcionando-lhes a “[...] liberdade de escolher, com responsabilidade, o livro didático e o método de ensino desde que em conformidade com as ‘leis do espírito [da criança] em formação’ e com as bases estabelecidas a fim de assegurarem a unidade.” (MORTATTI, 2000a, p. 131-132).

Nesse contexto, em 1920, inicia-se uma nova polêmica relativa ao método para ensino inicial da leitura e escrita “[...] cujas origens parecem se encontrar na exposição do trabalho ‘O chamado ‘methodo analytico’ no ensino da leitura’, de Renato Jardim, durante a 9ª sessão ordinária da Sociedade de Educação, realizada, em fevereiro de 1924.” (MORTATTI, 2000a, p. 182). Apesar de essa proposta envolver muitos educadores de destaque daquele momento histórico e político, centraliza-se a discussão entre dois professores: Renato Jardim e Sud Mennucci.

Sobressai-se nessa polêmica a disputa não pela hegemonia de teorias e práticas, como corre no momento anterior, mas pela hegemonia de interpretações do passado recente, de que os dois contendores, por terem dele participado – cada um a sua maneira –, julgam-se herdeiros legítimos e com direito tanto a sua recuperação quanto à explicação e versão autorizadas das teorias e práticas hegemônicas nesse passado, com o objetivo seja de revisão – no caso de Jardim – seja de defesa e conservação da tradição herdada – no caso de Mennucci. (MORTATTI, 2000a, p. 193).

Porém, essas duas posições vão centralizando e:

A partir de então, uma espécie de assertiva torna-se consensual: em nome da eficiência, economia e rapidez do ensino, não deve ser proibido “analisar”. Em decorrência, dissemina-se e rotiniza-se o “método eclético”, cuja primeira feição – o método analítico-sintético ou misto – ganha rapidamente adeptos e se estende até nossos dias. (MORTATTI, 2000a, p. 194).

A partir disso, começam se destacar

[...] outros sujeitos, que se apresentam como “educadores profissionais” e propõem soluções “técnicas” para os problemas educacionais, diluem-se as bandeiras de luta relativas à alfabetização características dos dois momentos anteriores. Embora o método analítico continue a ser considerado o “melhor” e “mais científico”, sua defesa apaixonada e ostensiva vai-se diluindo, à medida que se vai secundarizando a própria questão dos métodos de alfabetização, em favor dos novos fins, para a consecução dos quais, se respeitadas tanto a maturidade individual necessária na criança quanto a necessidade de rendimento e eficiência, podem ser utilizados outros métodos, em especial o método analítico-sintético – misto ou “eclético” –, e se obterem resultados satisfatórios. (MORTATTI, 2000a, p. 145).

Nessa perspectiva, rotiniza-se o “método misto” “[...] mediante o processo de hegemonização das bases psicológicas do processo de alfabetização.” (MORTATTI, 2000a, p. 212), que foi divulgado principalmente por Lourenço Filho.

Lourenço Filho tem publicada a *Cartilha do povo*, em 1928 para “[...] atender a novas necessidades e objetivos da leitura e escrita, assim como para substituir as cartilhas, então consideradas ‘antigas’ ou ‘inadequadas’.” (BERTOLETTI, 2006, p. 64-65). Com essa publicação, Lourenço Filho inova a proposta para o ensino da leitura, concretizando seus fundamentos teóricos. Os objetivos do autor era propor um novo projeto de alfabetização que vinha:

[...] oferecer um instrumento de educação popular, correspondente à técnica do ler e do escrever, entendida como um meio de aquisição da cultura, por parte de cada indivíduo, e de progresso, riqueza, ascensão, abastança e prosperidade para a Nação, como um meio de o país sair do atraso passado e ingressar na modernidade.

Esse projeto, originado de estudos teórico-experimentais sobre o *aprendizado* da leitura e da escrita pela criança, colocava-se em posição de superação das disputas travadas até então entre defensores dos métodos analíticos e dos métodos sintéticos. Para Lourenço Filho, o problema desloca-se do “como” ensinar para os fatores internos da “criança real” que influem nesse aprendizado. Os métodos, por isso, são indiferentes e representam o pensamento “tradicional” em relação ao “novo” ponto de vista proposto por Lourenço Filho. [...]

O *interesse* inato à criança pode, segundo o autor, ser realçado por atividades interessantes, em jogos, motivados pelo professor ou por quem se encarregue do ensino, e em cartilha e materiais atraentes. (BERTOLETTI, 2006, p. 69).

Bertolletti (2006) constatou que, diante da “nova” concepção que Lourenço Filho atribuiu ao ensino da leitura e escrita, havia a necessidade de mudar as propostas para esse ensino. Então, a partir da divulgação desse “novo” projeto de alfabetização, concretizado na *Cartilha do povo*, outras cartilhas e séries de leitura passaram a ser publicadas por autores que declaravam estar contribuindo para a renovação político-educacional. (BERTOLETTI, 2006, p. 70).

Renato Fleury tinha relação próxima de Lourenço Filho, principalmente quando participou da coleção *Biblioteca Infantil*. Segundo Mortatti (2000a) e Bertolletti (2006), Lourenço Filho (assim como outros educadores) vinha divulgando esse novo projeto de alfabetização por meio de inúmeras iniciativas educacionais dentre as quais: reforma do ensino público no Ceará, resposta ao “Inquérito sobre a Educação Pública em São Paulo” (organizada por Fernando de Azevedo), publicação do livro *Testes ABC*,

publicação da mencionada *Cartilha do povo*. Todas essas iniciativas estavam relacionadas à necessidade de renovação educacional, que estava sendo debatida e estruturada naquele momento por alguns educadores.

Apesar de o número da população em idade escolar estar concentrado na zona rural, eles que não tinham a atenção necessária para que diminuísse o alto índice de alfabetização que ali estava concentrado¹³³.

Com a sociedade brasileira se desenvolvendo em base urbano-comercial desde a segunda metade do século XIX, o analfabetismo passa a se constituir um problema, porque as técnicas de leitura e escrita vão se tornando instrumentos necessários à integração em tal contexto social.

Desta forma, o déficit acumulado e as novas tendências da sociedade brasileira passavam a exigir mudanças radicais visando à solução do problema apontado.

Campanhas proclamando a necessidade da difusão da escola primária foram organizadas. Eram lideradas por políticos que, enquanto tais, reconheciam a necessidade da difusão especialmente da escola primária como base da nacionalidade, o que fez com que alguns defendessem não só o combate ao analfabetismo, como também a introdução da formação patriótica, através do ensino cívico. (RIBEIRO, 1990, p. 75).

Considerando que naquele momento histórico o método de ensino não tinha a mesma importância que tinha nos momentos anteriores, nos livros de leitura publicados a partir de 1920, os autores não se preocupavam em enfatizar qual o método de ensino utilizado, mas qual era o principal objetivo com a série de leitura, destacando que era diferente e renovado em comparação ao que havia sido proposto anteriormente.

Ao publicar cartilhas, livros de leitura ou séries graduadas de leitura, a editora, o autor e a instituição responsável por aprovar sua adoção, tinham objetivos que iam além de fornecer instrumento para auxiliar no ensino da leitura e escrita. Diante da necessidade de renovação educacional, de organizar o “aparelho escolar”, estruturar um plano geral de educação e garantir educação igual para todos, os sujeitos responsáveis pela publicação buscavam, por meio do ensino das primeiras letras, concretizar interesses políticos defendidos pelos que representavam a população brasileira.

Esses interesses também estavam sendo defendidos por educadores, em movimentos político-educacionais que ocorriam naquele momento histórico, liderados

¹³³ Segundo Souza (2009, p. 151) “[...] o relatório de Almeida Junior, diretor do ensino em 1936, é bastante elucidativo. Um dos maiores problemas assinalado por ele era a insuficiência de vagas. Das 700 mil crianças em idade escolar residentes no campo, apenas 130 mil freqüentavam a escola. Para atender toda a população rural seriam necessárias 7.500 novas escolas.”.

por educadores reconhecidos. Como forma de legitimar e propagar esses ideais, a escola foi escolhida como local privilegiado, pois “[...] só pela educação que a doutrina democrática, utilizada como um princípio de desagregação moral e de indisciplina, poderá transformar-se numa fonte de esforço moral, de energia criadora, de solidariedade social e de espírito de cooperação.” (MANIFESTO DA EDUCAÇÃO..., 2011, p. 65).

Segundo Werle (2005):

Os indivíduos que compõem o aparelho técnico burocrático do estado agem, pois, mesmo sem terem consciência do fato, tanto no terreno do político como no do administrativo e, com isso, fortalecem o poder do Estado e contribuem para a estabilidade do sistema de relações capitalistas. Os funcionários trazem para o desempenho de suas funções a noção de que o Estado e eles próprios estão acima das classes e dos conflitos da sociedade civil. Com esta percepção fazem funcionar tal sistema [...]

O Estado precisa apresentar-se, fundamentalmente, como um organizador de modos de operação da sociedade sem comprometer-se, aparentemente, com interesses específicos que nele existam. (WERLE, 2005, p. 24-25).

De acordo com Werle (2005), o Estado apresenta e institui propostas que são executadas por indivíduos que compõem o sistema de produção e que, muitas vezes, não têm consciência de que estão contribuindo para propagar e fortalecer um sistema que beneficia diretamente pequena parcela da população, composta principalmente políticos e grandes proprietários. Dessa forma, essa pequena parcela é cada vez mais fortalecida, enquanto a maioria da população não usufrui de benefícios que lhe é de direito.

A função do Estado é, portanto, organizar instituições que estejam em consonância com o sistema político instaurado, por meio de ações que aparentam contribuir para o bem e o progresso de todos.

6.1 A escola isolada rural no Brasil, a “ruralização do ensino” e a série *Na roça*

A escola seriada foi criada em São Paulo em 1887 diante de propostas de republicanos e liberais. Essa escola era concebida “[...] nos moldes da escola de um só professor ensinando a alunos de diferentes graus de adiantamento divididos em classes.” (SOUZA, 2009, p. 60). A partir da proposta de Gabriel Prestes, Diretor da Escola Normal de São Paulo, entre 1893 e 1898¹³⁴ (lei n. 88 de 8/9/1892), foram estabelecidas,

¹³⁴ Segundo Souza (2009, p. 57), Gabriel Prestes nasceu em 1867 e faleceu em 1911. Estudou na Escola Normal entre 1886 e 1888. Em 1891 foi eleito deputado pelo Partido Republicano Paulista. Chegou a

para o Estado de São Paulo, diferentes tipos de escolas, conforme a localidade e o número de alunos. Dessa maneira, o curso primário seria ministrado em escolas preliminares e em escolas intermédias, provisórias e ambulantes¹³⁵. Nessas escolas havia um professor para ensinar alunos em diferentes níveis de adiantamento.

Segundo Marcílio (2005):

O professor deveria começar sua carreira pela escola isolada rural, do interior ou da capital. Só depois de cumprido um determinado tempo poderia ser ele removido para uma escola urbana. [...]

De fato, a vida do professor das escolas isoladas era dura, ainda mais porque trabalhava com crianças de diferentes níveis de adiantamento de idade, ganhava menos, era pouco valorizado, e respeitado pelos fazendeiros locais e não raras vezes tinha de morar em áreas de difícil acesso ou de endemias disseminadas. (MARCÍLIO, 2005, p. 174-175).

Conforme mencionei anteriormente, as condições oferecidas aos professores, alunos e às escolas isoladas rurais não eram propícias para um bom funcionamento.

Em 1893, para reunir as escolas, diminuir os gastos e aumentar o controle sobre elas, foram criados os grupos escolares, nas áreas urbanas de São Paulo e nos principais centros urbanos do interior. Formados pela reunião dessas escolas (lei n. 169, de 7/8/1893). Os grupos escolares foram propagados com condições materiais adequadas e modernas, mostrando a modernização do ensino primário. Em contrapartida, nas escolas localizadas nos bairros de São Paulo e na zona rural das cidades do interior de São Paulo, permanecia o descaso do Estado “[...] servindo a população dos pequenos vilarejos e vilas dependentes da atividade rural.” (SOUZA, 2009, p. 64). Essas escolas foram designadas como “preliminares” e “isoladas”. (SOUZA, 2009, p. 52-66).

As escolas isoladas que funcionavam na zona rural preocupavam os educadores, pois a elas, aos professores e aos alunos não eram proporcionadas condições mínimas de funcionamento, ao contrário das boas condições oferecidas às escolas dos centros

assumir a direção da Escola Normal de São Paulo, mas em meados de 1900 abandonou o magistério e passou a se dedicar ao comércio.

¹³⁵ Segundo Souza (2009): “Eram consideradas escolas preliminares as regidas por professores normalistas; intermédias, as regidas por professores habilitados de acordo com os regulamentos de 18 de abril de 1869 e 22 de agosto de 1887; provisórias, as preenchidas por professores interinos examinados perante os inspetores de distrito; e ambulantes, aquelas criadas em locais de população rarefeita, devendo o professor percorrer os bairros para ministrar o ensino em dias alternados. Em relação aos programas de ensino, estabelecia-se a divisão em séries e anos letivos. Dessa maneira, o curso preliminar teria a duração de quatro anos, sendo dividido em séries, abrangendo cada uma delas um semestre do ano letivo. As escolas intermédias ficavam obrigadas a adotar o mesmo programa das escolas preliminares, mas os professores não estavam obrigados a ensinar matérias acrescidas para as quais não tinha prestado exames. Nas escolas provisórias, entretanto, o programa era bem mais restrito abrangendo: leitura, escrita,

urbanos. Essas diferenças “[...] feriam também os princípios liberais democráticos de unidade do ensino público.” (SOUZA, 2009, p. 69) e muitos professores, inspetores de ensino e diretores passaram a criticar veementemente essa situação.

Os republicanos deram à educação um lugar de destaque, sendo o grupo escolar representante dessa política de valorização da escola pública; dessa forma, eles conferiam a um só tempo: visibilidade à ação política do Estado e propaganda do novo regime republicano. Criar um grupo escolar tinha um significado muito maior que a criação de uma escola isolada, cuja precariedade mais se assemelhava às condições das escolas públicas do passado imperial com o qual o novo regime queria romper. Em certo sentido, o grupo escolar, pela sua arquitetura, sua organização e suas finalidades aliava-se às grandes forças míticas que compunham o imaginário social naquele período, isto é, a crença no progresso, na ciência, na civilização. Não podendo universalizar o ensino primário, optou-se por privilegiar as escolas urbanas com maior visibilidade política e social. (SOUZA, 1998, p. 91).

Souza (1998, 2009) constata que a disseminação de escolas estava diretamente relacionada aos interesses de uma parcela da população brasileira que queria mostrar, por meio da educação, o progresso com o novo sistema republicano. Por isso, os grupos escolares eram construídos nos centros urbanos, apesar de a maioria da população em idade escolar se concentrar na zona rural.

Com a criação do Grupo Escolar, o professor saiu engrandecido, valorizado socialmente. Nada teve em comum com o antigo mestre régio de primeiras letras que trabalhava solitário em sua escolinha isolada. (MARCÍLIO, 2005, p. 169).

Entre 1910 e 1920, “[...] visando à erradicação do analfabetismo e à universalização do ensino primário [...]” (SOUZA, 2009, p. 115), a escola isolada e seu tempo de duração, passaram por várias reformulações. Porém, eram explícitas as diferenciações de acesso:

[...] à cultura aos diferentes grupos sociais. Nos grupos escolares localizados nos núcleos urbanos, atendendo uma população diversificada – filho de trabalhadores do comércio, da indústria, de ferroviários, de artesãos, de profissionais liberais, de latifundiários e industriais –, era ministrado ensino mais completo, mais extenso e aprofundado. Nas escolas isoladas urbanas, ensino mais simplificado. E nas escolas, localizadas em vilas e zonas rurais, o ensino aligeirado reduzido aos rudimentos, às noções básicas e a alfabetização. (SOUZA, 2009, p. 86).

Em 1918, foi constatado o alto índice de analfabetismo da população no estado de São Paulo e que grande parte dessa população estava concentrada na zona rural. Segundo recenseamento feito por Sampaio Dória, na Reforma de 1920, 69,4% da população com idade escolar não frequentavam as escolas e desse total, a maior parte concentrava-se na zona rural. (SOUZA, 2009). Sampaio Dória enfatizou, então, que o problema das escolas isoladas era o mais urgente para se resolver. (SOUZA, 2009, p. 121).

Segundo Hilsdorf (1998), a reforma Sampaio Dória alterou a organização de todos os níveis de ensino “[...] ao assumir um conjunto de paradigmas inteiramente modernos na sua proposição [...]” (HILSDORF, 1998, p. 97) que estavam relacionados com uma renovação educacional, que mais tarde viriam ser estruturados em um manifesto para a reconstrução educacional do sistema educativo no Brasil.

Considerando que, apesar das reformulações feitas nas escolas isoladas, o índice de analfabetismo continuava elevado, em 1925 foi proposta uma mudança no programa dessas escolas: “[...] um programa específico [...] com as considerações gerais sobre a educação moral e cívica cujo objetivo era desenvolver hábitos de civilidade, moralidade e civismo [...]”. (SOUZA, 2009, p. 115). A partir desse ano, também, o ensino nas escolas isoladas rurais foi restabelecido em três anos de duração.

Nesse contexto, iniciaram-se entre as décadas de 1920 e 1930 intensas reivindicações das classes populares pela alfabetização. Apesar de os discursos dos educadores serem favoráveis às classes populares, neles estavam implícitos outros interesses político-educacionais. Segundo Werle (2007):

No Estado Novo as idéias de ruralismo pedagógico vinculavam-se a uma orientação pragmática, ou seja, o valor da escola rural se traduzia para além da ação educativa, em um trabalho cívico, patriótico e com finalidades econômicas. Se o objetivo da escola rural era valorizar, fixar o homem do campo ao seu meio, cabia ao professor primário rural divulgar a ideologia oficial [...] (WERLE, 2007, p. 88).

Na década de 1930, Sud Mennucci, Lourenço Filho, Fernando de Azevedo, Almeida Junior, Renato Fleury, entre outros, foram alguns dos educadores que passaram a defender a “ruralização do ensino”. Segundo eles, o grande problema da educação no Brasil estava na educação rural. Era necessário, então, fornecer condições de funcionamento, reconhecimento ao professor e estrutura para que os alunos dessas escolas pudessem ter oportunidades iguais e acesso a uma educação de qualidade.

Porém, esses discursos estavam relacionados aos interesses políticos daqueles que queria manter a ordem social e econômica do país. Segundo López e Pérez (2009)

El diseño de pedagogías y currículum para la educación rural ha pasado por inclinaciones hacia uno u otro perfil o haciendo mixturas que responden más a las políticas educativas hegemónicas que a las expectativas de los campesinos y comunidades. (LÓPEZ; GONZÁLEZ, 2009, p. 16).

O mercado editorial passou, então, ajustar sua produção à nova demanda aliada aos interesses políticos, pois era o governo quem autorizava e comprava os livros didáticos que eram utilizados nas escolas. Como estratégia editorial, Renato Fleury que tinha participação na Companhia Melhoramentos e tinha publicações, em artigos de jornais, sobre a importância e a necessidade de “ruralizar o ensino”, foi o autor da primeira série de leitura com destinação específica aos alunos dessas escolas. A publicação está, então, diretamente relacionada com anseios políticos e educacionais daquele momento histórico.

6.2 Considerações sobre a relação entre a série *Na roça* e o movimento da “Escola Nova”

Mas, subordinada a educação pública a interesses transitórios, caprichos pessoais ou apetites de partidos, será impossível ao Estado realizar a imensa tarefa que se propõe da formação integral das novas gerações. Não há sistema escolar cuja unidade e eficácia não estejam constantemente ameaçadas, senão reduzidas e anuladas, quando o Estado não soube ou não quis se acautelar contra o assalto de poderes estranhos, capazes de impor a educação fins inteiramente contrários aos fins gerais que assinala a natureza em suas funções biológicas. Toda a impotência manifesta do sistema escolar atual e a insuficiência das soluções dadas às questões de caráter educativo não provam senão o desastre irreparável que resulta, para a educação pública, de influências e intervenções estranhas que conseguiram sujeitá-la a seus ideais secundários e interesses subalternos. (MANIFESTO DOS PIONEIROS..., 2011, p. 47-48).

Conforme mencionei anteriormente, diante do alto índice de analfabetismo da população brasileira e da constatação que essa população estava, em sua maioria, concentrada nas zonas rurais, a preocupação de educadores relacionada aos interesses de proprietários rurais e políticos passou ser divulgada no movimento de “ruralização do ensino”.

Proposição pedagógica de cunho eminentemente social, a Escola Nova tinha como horizonte a regeneração da sociedade brasileira e a transformação do país. O indissociável vínculo entre projeto político e

projeto educacional articulou questões pedagógicas (pertinente à discussão sobre método e processos de ensino) e questões sociopolíticas, como a ordenação do trabalho, a construção da nacionalidade, a modernização da sociedade e a democratização do país. A mudança da sociedade e da educação mobilizava as aspirações de parte da elite intelectual e política brasileira inconformada com os desvirtuamentos e desatinos da realidade nacional. (SOUZA, 2009, p. 169).

Esse movimento de “ruralização do ensino” passou a ser teorizado e divulgado como forma de despertar, nos filhos dos trabalhadores rurais, “o amor pela terra”, mostrando a importância de permanecerem ali, pois o trabalho rural era fundamental para o desenvolvimento do Brasil.

Esse movimento de ruralização estava, porém, relacionado com um movimento político-educacional mais amplo que vinha sendo debatido entre os principais educadores brasileiros, que, segundo Ribeiro e Pagni (2003), queriam reformar o “aparelho educacional brasileiro”, pela introdução de novas técnicas e concepções pedagógicas.

Como havia muitos educadores envolvidos nesse projeto de renovação educacional, quando ele começou a ganhar destaque no pensamento educacional brasileiro, preservava “[...] algumas confusões entre as diferentes correntes pedagógicas e filosóficas que o influenciam.”. (PAGNI, 2000, p. 3).

Principalmente a partir das reformas que diferentes educadores eram solicitados a fazer em outros estados brasileiros e das respostas ao Inquérito da Instrução Pública paulista¹³⁶ de 1926, esse movimento começou a se consolidar e a ganhar forças. Segundo Mortatti (2000a, p. 142), o Inquérito de 1926 foi promovido pelo jornal *O Estado de S. Paulo* e coordenado por Fernando de Azevedo e,

[...] contou com a participação de eminentes autoridades do ensino, convidadas a debater o problema da educação no estado. [...] o diagnóstico dos problemas educacionais, fundamentado no movimento de renovação pedagógica, denunciava a incongruência entre a organização escolar existente e as necessidades impostas pela transformação econômica e social do país. (SOUZA, 2009, p. 171)

Com a reforma realizada por Fernando de Azevedo, em 1928, no Distrito Federal, esse movimento,

¹³⁶ Segundo Souza (2009) esse Inquérito foi organizado no livro *A educação pública em São Paulo: Inquérito para o Estado de São Paulo em 1926*, de Fernando de Azevedo e publicado pela Cia Editora Nacional em 1937.

[...] foi considerado como um processo revolucionário pelos seus integrantes e, particularmente, por Azevedo (1976). Para esse autor, esse processo foi desenvolvido por grupos políticos e tendências diversas, tornando-se importante, na medida em que contribuiu para a "democratização" da educação no país e para acelerar as reformas culturais e sociais de maior envergadura. Na sua concepção, ainda, pretendeu-se nessa época implantar no Brasil uma concepção democrática de educação, baseada na idéia de "educação universal" para todos e em propostas pedagógicas inspiradas, entre outros, pelo filósofo norte-americano John Dewey¹³⁷. (RIBEIRO; PAGNI, 2003, p. 152).

Conforme mencionei na introdução desta dissertação, os ideais escolanovistas foram sistematizados, em 1932, no *Manifesto dos pioneiros da educação nova*: a reconstrução educacional do Brasil – ao povo e ao governo, redigido por Fernando de Azevedo e assinado por 21 signatários¹³⁸. Apesar de algumas contradições, os signatários desse movimento visavam à educação como possibilidade de ação, portanto de mudanças sociais que estavam pautadas em ideais filosóficos, educacionais, políticos e administrativos.

Fernando de Azevedo (1976), redator desse Manifesto, define que com ele:

[...] lançaram-se as diretrizes de uma política escolar, inspirada em novos ideais pedagógicos e sociais e planejada para uma civilização urbana e industrial, com o objetivo de romper contra as tradições excessivamente individualistas da política do país, fortalecer os laços de solidariedade nacional, manter os ideais democráticos de nossos antepassados e adaptar a educação, como a vida, “às transformações sociais e econômicas, operadas pelos inventos mecânicos que governam as forças naturais e revolucionaram nossos hábitos de trabalho, de recreio, de comunicação e de intercâmbio”. (AZEVEDO, 1976, p. 174-175).

¹³⁷ John Dewey propôs uma filosofia “[...] para reconciliar os dois mundos distintos, o do conhecimento empírico e positivo e o do conhecimento tradicional e religioso – em essência poético – da humanidade.” (TEIXEIRA, 1967, p. 137). Ao aproximar filosofia e educação, propôs uma educação prática, progressiva, “[...] o mais importante em Dewey é saber que a sua tentativa em solucionar problemas em sala de aula foi por meio de um *fazer-filosofia da educação*. Em outras palavras, ele criou uma filosofia da educação na qual aprender é aprender pela experiência.” (CAVALLARI FILHO, 2009, p. 45).

¹³⁸ Os 21 signatários que assinaram o *Manifesto dos pioneiros da educação nova* foram: Afrânio Peixoto (1876-1947), A. de Sampaio Doria (1883-1964), Anísio Teixeira (1900-1971), M. B. Lourenço Filho (1897-1970), Roquete Pinto (1884-1954), J. G. Frota Pessoa, Julio de Mesquita Filho (1892-1969), Raul Briquet (1887-1953), Mario Casassanta (1898-1963), C. Delgado de Carvalho (1884-1990), A. Ferreira de Almeida Jr (1892-1971), J. P. Fontenelle, Roldão Lopes de Barros (1884-1951), Noemy M. da Silveira (1902-1988), Hermes Lima (1902-1978), Attilio Vivacqua (1894-1961), Francisco Venâncio Filho (1894-1994), Paulo Maranhão, Cecilia Meirelles (1901-1964), Edgar Sussekund de Mendonça (1896-1958), Armanda Álvaro Alberto (1892-1974), Garcia de Rezende, Nóbrega da Cunha, Paschoal Lemme (1904-1997) e Raul Gomes.

Segundo Pagni (2000), a posição de vanguarda assumida por Fernando de Azevedo garantiu repercussão de seu pensamento¹³⁹. Segundo Pagni (2000), a recepção das idéias de renovação educacional contidas no *Manifesto*:

[...] se deu muito mais pelas diretrizes e pela operacionalização de uma nova psicologia da aprendizagem, que visavam reorientar a prática pedagógica, do que pela busca de um conhecimento mais aprofundado da filosofia e pela filosofia da educação deweyana. Mesmo entre aqueles que se consideravam como a vanguarda do movimento escolanovista, como Fernando de Azevedo, o pragmatismo foi apropriado muito mais como uma filosofia política que legitimava a prática do grupo ao qual pertencia do que como uma filosofia da educação, que se dispunha a reformar os hábitos mentais e valores e propiciar uma experiência democrática no interior da escola, onde as crianças teriam possibilidade de vivenciá-la como uma expressão ética de vida e como uma forma de vida social. Eram estas as preocupações da filosofia da educação propagada por Anísio Teixeira que, a meu ver, deixaram de ser contempladas pelo seu público e em especial por outros intelectuais que estavam a frente do movimento *escolanovista* brasileiro. (PAGNI, 2000, p. 3-4).

Considerando que as propostas educacionais no Brasil sempre estiveram vinculadas aos interesses políticos, nesse manifesto estavam expressas preocupações que foram planejadas para uma civilização urbana e industrial. (AZEVEDO, 1976). Grande parte da população em idade escolar se encontrava na zona rural e era necessário instruí-las e orientá-las diante dessas transformações “sociais e econômicas, operadas pelos inventos mecânicos”.

¹³⁹ Em contrapartida, o pensamento de Anísio Teixeira (que havia se afastado, em 1927, do seu cargo do magistério paulista para estudar a filosofia e a teoria de educação de John Dewey na Universidade de Colúmbia e que foram divulgados a partir de 1929, quando retornou ao Brasil, em artigos e livros), não foram contemplados como deveria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação de Mestrado, apresentei resultados de pesquisa histórica sobre o ensino da leitura no Brasil que foram obtidos a partir da análise da configuração textual dos livros que integram a série *Na roça*, de autoria de Renato Fleury, publicada pela Companhia Melhoramentos.

Para desenvolver essa pesquisa, utilizei procedimentos de localização, recuperação, reunião, seleção, ordenação e análise de fontes documentais e da bibliografia especializada. Considerando que na pesquisa histórica o pesquisador deve ter paciência intelectual e estar atento para as minúcias de cada etapa para conseguir reunir o maior número de documentos e informações relacionados ao tema, muitas vezes senti que o caminho estava longo e que eu não conseguiria chegar até o final. Principalmente com as produtivas sessões de orientação que tive com minha orientadora, me encorajei e persisti, mesmo achando muito difícil essa tarefa de ser autora, assumir escolhas fundamentadas e conseguir apresentá-las autenticamente em um texto científico-acadêmico.

Dentre as minhas inúmeras dificuldades, destaco a de muitas vezes “aderir” como verdade o “discurso da época” contido em fontes documentais, fazendo com que eu me confundisse entre esse discurso e o discurso contemporâneo. Dessa forma, muitas vezes estava reproduzindo os fatos como “verdade absoluta” sem ter o distanciamento necessário para compreender criticamente aquele momento histórico. Minha orientadora e as pesquisas desenvolvidas pelos integrantes do GPHELLB tiveram contribuição fundamental para que eu me ativesse e conseguisse lidar com isso.

Ao contrário do que muitos pesquisadores em história da educação relatam em suas pesquisas eu não tive dificuldade em localizar documentos. Certamente o fato de essa pesquisa ter sido continuidade da pesquisa que desenvolvi na iniciação científica contribuiu para que, no mestrado, eu localizasse muitos documentos relacionados à vida, atuação e produção de Renato Fleury. Apesar disso e das criteriosas e direcionadas orientações da minha orientadora, diante da minha inexperiência científica, muitas vezes não soube o que fazer com demasiadas informações e como apresentá-las em texto acadêmico-científico. Por isso, priorizei a análise de alguns documentos, não tendo analisado todos com o mesmo grau de detalhamento.

A metodologia de análise da configuração textual me ajudou no desenvolvimento da pesquisa, apesar de em muitos momentos eu perceber que estava priorizando alguns aspectos que não tinham relação com meu *corpus* documental.

Os procedimentos metodológicos e as orientações que tive contribuíram para que eu desenvolvesse a pesquisa e finalizasse a redação desta dissertação.

A partir da análise dos aspectos que constituem o sentido dos textos eleitos como *corpus* para análise, constatei que essa série de leitura foi publicada em um determinado momento da história da alfabetização no Brasil, para atender os interesses de uma parcela da população brasileira. Essa parcela da população, composta, principalmente, por educadores renomados e representantes políticos, visava à renovação do ensino primário, tendo em vista o alto índice de analfabetismo da população brasileira. Considerando que grande parte dessa população estava concentrada nas zonas rurais e que nas reformas propostas para o ensino eram defendidos princípios de igualdade de educação e condições físicas e materiais para possibilitar o acesso a todos, um movimento político e educacional que voltou a ganhar destaque foi o do “ruralismo”. O ruralismo congregava uma parcela dos ideais defendidos em outro movimento: da Escola Nova.

A série *Na roça* foi publicada dentre inúmeras cartilhas, livros de leitura e séries graduadas de leitura que estavam sendo publicadas por diferentes editoras. A partir de informações que localizei até o momento que encerrei a redação desta dissertação, ela foi a primeira série de leitura publicada pela Companhia Melhoramentos, com destinação específica aos alunos das escolas isoladas, localizadas na zona rural. Porém, o conteúdo apresentado nos livros que integram a série *Na roça* não era significativamente diferente do conteúdo apresentado em séries de leitura que também circularam naquele momento histórico.

Constatei que a escolha de Renato Fleury para ser o autor da série *Na roça*, o título dado a série de leitura, a editora que a publicou, a população a que foi destinada, as ilustrações da capa, o conteúdo das lições que compõem os livros que a integram, estão em consonância com interesses e preocupações daquele momento histórico, que vão além do ensino a leitura.

Renato Fleury nasceu na região central de Sorocaba-SP e, apesar de ter tido muitos irmãos e de ter perdido o seu pai muito novo, teve o privilégio de mudar para São Paulo e estudar nas melhores escolas que havia. Assim como ele, seu único irmão homem Luiz Gonzaga Fleury, também teve boas oportunidades de estudos e se destacou na carreira educacional. Possivelmente isso se deveu ao fato de o pai deles, major Fleury, ter sido delegado de polícia em Sorocaba-SP e ter lhes proporcionado condições financeiras favoráveis. Dessa forma, tiveram contato com educadores influentes e

renomados, que futuramente lhes proporcionaram boas oportunidades de atuação no âmbito educacional.

Desde pequeno, Renato Fleury tinha contato com diversos livros de leitura e poesias, o que o estimulou a começar escrever com aproximadamente seis anos de idade. Formou-se em 1912, na Escola Normal de São Paulo, considerada uma escola de referência para o país e, como ocorria com todos os normalistas, começou a dar aula em escola isolada para adquirir experiência. Justamente na escola em que iniciou sua atuação, Renato Fleury substituiu o professor Sud Mennucci. O professor Sud Mennucci, (considerado o “pai do ruralismo brasileiro”) ao deixar seu cargo na escola isolada, passou a integrar o grupo dos educadores que queriam reformar o ensino no Brasil. Certamente esse fora o primeiro contato de Renato Fleury com Sud Mennucci, quem ele posteriormente mencionou em seus artigos sobre a ruralização do ensino.

Passados seis anos de experiência em escolas isoladas rurais e em grupos escolares, Renato Fleury ocupou seu primeiro cargo como diretor em Grupo Escolar de Sorocaba-SP (Igarapava). Nesse momento, a preocupação com a higiene começou a ganhar destaque entre os educadores e começaram a ser ministrados cursos para melhorar as condições de funcionamento das escolas primárias, principalmente as localizadas na zona rural. Como diretor de Grupo Escolar, Renato Fleury foi selecionado para fazer um curso de higiene no Instituto Soroterápico do Instituto Butantã, onde teve a oportunidade de entrar em contato com um tema “quente” e com sujeitos que ocupavam cargos importantes no âmbito político-educacional, dentre eles, o diretor da Instrução Pública paulista, Oscar Thompsom.

A participação nesse curso pode ter sido, ainda, a grande porta de entrada de Fleury para o mercado editorial, que trazia benefícios muito mais significativos do que a carreira no magistério paulista. Poucos anos depois desse curso, teve sua primeira publicação pela Companhia Melhoramentos de São Paulo, ao escrever as características de produtos vegetais e minerais brasileiros em quadros ilustrados que formavam a coleção riquezas do Brasil. Esses quadros passaram a ser utilizados em escolas de todo o Brasil.

Presumivelmente, no final da década de 1930, posteriormente à publicação da série *Na roça*, Renato Fleury exerceu funções administrativas na Companhia Melhoramentos de São Paulo, ao lado de Lourenço Filho, renomado e conhecido educador. Sob a orientação de Lourenço Filho, Renato Fleury escreveu e teve publicado mais de 40 livros de literatura infantil, que integravam a coleção *Biblioteca Infantil*.

Essa editora era considerada uma das mais importantes naquele momento histórico, com destaque para produção de livros didáticos e de literatura infantil.

O significativo número de contatos que Fleury fez ao longo de sua formação contribuiu para que ele se destacasse, principalmente, no âmbito educacional.

Conforme mencionei, a Companhia Melhoramentos era considerada uma das mais importantes do país, principalmente por ter, como responsável administrativo, o professor Lourenço Filho, que assumia papel de destaque e vanguarda naquele momento histórico. A escolha de Renato Fleury por essa editora para publicar a primeira série de leitura com destinação aos alunos de escolas isoladas rurais vem confirmar o contato e a relação de proximidade que tinha com Lourenço Filho, principalmente por também exercer funções administrativas nessa editora.

Como política editorial, consoante aos ideais político-educacionais propagados pelo movimento da Escola Nova, na década de 1930 a preocupação da Companhia Melhoramentos era levar informes úteis ao povo e democratizar a educação por meio da publicação de livros didáticos que atendessem as necessidades da população em idade escolar. Os livros didáticos publicados por essa editora eram majoritariamente aprovados e comprados pela Diretoria da Instrução Pública paulista.

Na cartilha e nos livros que integram a série *Na roça*, há aspectos que vão além de proposição de métodos didáticos e propostas para o ensino da leitura. Renato Fleury se declarou defensor da “ruralização do ensino” e com isso, divulgou princípios pedagógicos defendidos pela Escola Nova. Nesses movimentos político-educacionais, estavam sendo divulgadas concepções que perpassavam a necessidade de reformar o ensino. Neles, estavam implícitos interesses de uma parcela da população brasileira atrelados aos interesses do Estado.

Destaco que pude perceber isso com o desenvolvimento da pesquisa, a análise das referências de textos reunidas no instrumento de pesquisa, leitura de bibliografia especializada e a leitura de fontes documentais. No início, utilizei essas fontes documentais para obter informações. Diante das inúmeras informações obtidas e da descrição excessiva delas, meus primeiros interlocutores, membros da banca do meu Exame Geral de Qualificação de Mestrado, mostraram que era necessário estabelecer relações entre essas informações e os movimentos políticos que ocorreram naquele momento histórico, principalmente do “ruralismo pedagógico” e o da “Escola Nova”.

Voltei, então, a essas fontes e apesar das dificuldades em lê-las de outra forma, consegui fazer algumas constatações, reflexões e relações que apresento nesta

dissertação como tentativa de efetivamente contribuir para a formação de uma história do ensino da leitura no Brasil. Ressalto que essa contribuição está direta e especificamente relacionada à proposta contida na série de leitura *Na roça*, de Renato Fleury, publicada entre 1935 e 1936 pela Companhia Melhoramentos de São Paulo.

Considero, portanto, que o que apresentei nesta dissertação foi uma singela contribuição sobre aspectos da vida, atuação e produção de Renato Fleury e a contribuição que ele teve para a história da alfabetização em um determinado momento histórico e político. Acredito que com os resultados dessa pesquisa, mesmo que modestamente, esteja contribuindo para preencher uma lacuna dessa história que sendo formada pelos pesquisadores do GPHELLB que, há 16 anos, vem contribuindo para a produção da história do ensino de língua e literatura no Brasil.

REFERÊNCIAS

AMÂNCIO, Lazara Nanci de Barros. *Ensino de leitura e grupos escolares*: Mato Grosso 1910-1930. Cuiabá, MT: EdUFMT, 2008.

_____. Ensino de leitura na escola primária no Mato Grosso: contribuição para o estudo de aspectos de um discurso institucional no início do século XX. 2000. 2v. Tese (Doutorado em Educação)-Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2000. (v.1, 264f.; v.2 Apenso, 155f.).

ANTUNES, Helenise Sangoi. As cartilhas nas escolas do campo (rurais) e as lembranças das alfabetizadoras sobre a leitura e a escrita. *Poíesis Pedagógica*, v. 8, n.1, p. 46-63, jan./jul. 2010.

AZEVEDO, Fernando de. *A transmissão da cultura*. São Paulo: Melhoramentos, 1976.

BARROS, Francisca Argentina Gois. *A arte como princípio educativo*: uma nova leitura biográfica do Pedro Américo de Figueiredo e Melo. 2006. 172 f. Tese (Doutorado em Educação)-Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.

BARREIRA, Luiz Carlos. Contribuições da história da escola pública sorocabana para a história da educação brasileira. In: LOMBRADI, José Claudinei; SAVIANI, Dermeval NASCIMENTO, Maria Isabel Moura. (Org.). *A escola pública no Brasil*: história e historiografia. Campinas: Autores Associados, 2005, v. 1, p. 193-219.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; KLINKE, Karina. Livros escolares: uma morfologia (1866-1956). *Revista Brasileira de Educação*, n. 20, p. 27-47, maio/ago. 2002.

BERNARDES, Vanessa Cuba. *Um estudo sobre Cartilha analytical, de Arnaldo de Oliveira Barreto (1969-1925)*. 2003. 67 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia)-Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2003.

BERTOLETTI, Estela natalina Mantovani. *Lourenço Filho e a alfabetização*: um estudo de *Cartilha do povo* e da *Upa, cavalinho!* São Paulo: Editora Unesp, 2006.

_____. *Cartilha do povo e Upa, cavalinho!*: o projeto de alfabetização de Lourenço Filho. 1997. 129f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília. 1997.

BITTENCOURT, Circe M. F.. Autores e editores de compêndios e livros de leitura (1810-1910). *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 475-491, set./dez. 2004.

BUENO, Newton Paulo. A Revolução de 1930: uma sugestão de interpretação baseada na nova economia institucional. *Estado e economia*, São Paulo, p. 435-455, abr./jun. 2007.

CAMPELO, Kátia Gardênia Henrique da Rocha; MACIEL, Francisca Izabel Pereira. História da alfabetização mineira: um olhar sobre a circulação de cartilhas de alfabetização em Minas Gerais no período de 1930 a 1945. In: CONGRESSO LUSO-

BOTO, Carlota. Aprender a ler entre cartilhas: civilidade, civilização e civismo pelas lentes do livro didático. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 30, n. 3, não paginado, nov. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php>>. Acesso em 11 abr. 07.

BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 7., 2008, Portugal. *Anais...* Disponível em: <http://web.letras.up.pt/7clbheporto/trabalhos_final.aspx>. Acesso em 21 maio 2009.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. *A escola e a república*. São Paulo: editora Brasiliense, 1989. 86p.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de; TOLEDO, Maria Rita de Almeida. a coleção como estratégia editorial de difusão de modelos pedagógicos: o caso da Biblioteca de Educação, organizada por Lourenço Filho. In: SEMINÁRIO BRASILEIRO SOBRE LIVRO E HISTÓRIA EDITORIAL, 1., 2004, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: casa de Rui Barbosa, 2004

CAVALLARI FILHO, Roberto. A filosofia de Dewy como atitude crítica e a educação: um caminho para o presente. In: BRANDÃO, Carlos da Fonseca (Org.). *Intelectuais do século XXI: o que podemos aprender com eles?* Marília: Poëses Editora, 2009. p. 31-52.

CHARTIER, Anne-Marie. Alfabetização e formação dos professores da escola primária. Tradução Maria Cecília Silveira Bueno. Conferência proferida na XX Reunião Anual da Anped, Caxambu, setembro de 1997. *Revista Brasileira de Educação*, maio/ago, p. 4-12, 1998.

CHOPPIN, Alain. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 549-566, set./dez. 2004.

CORRÊA, Rosa L. T.. O livro escolar como fonte de pesquisa em História da Educação. *Cadernos CEDES, CIDADE*, ano 20, n. 52, p. 11-24, nov. 2000.
D'ÁVILA, Antônio. *Literatura infanto-juvenil* – de acordo com o Programa das Escolas Normais. 3. ed. Revista e aumentada. São Paulo: Editora do Brasil S/A., 1964. (Série Normal, v. 20, Coleção Didática do Brasil).

DAMASCENO, Maria N.; BESERRA, Bernadete. Estudo sobre educação rural no Brasil: estado da arte e perspectivas. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 73-89, jan./abr. 2004.

DIRECTORIA GERAL DA INSTRUÇÃO PÚBLICA. *Instruções praticas para o ensino da leitura pelo methodo analytico –modelo de lições*. São Paulo: Typographia do “Diario Official”, 1915. (Pelos professores Arnaldo de Oliveira Barreto, Ramon Rocca Dordal e Mariano de Oliveira).

DIETZSCH, Mary Julia Martins. *Alfabetização: propostas e problemas para uma análise do seu discurso*. 1979. 122f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano)-Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 1979.

DONATO, Hernâni. *100 anos da Melhoramentos: 1890-1990*. São Paulo: Melhoramentos, 1990.

EVANGELISTA, Olinda. Formar o mestre na universidade: a experiência paulista nos anos de 1930. *Educação e Pesquisa*. [online]. 2001, vol.27, n.2, pp. 247-259. ISSN 1517-9702. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v27n2/a04v27n2.pdf>

FERNANDES, Maria Fernanda Lombardi. *A esperança e o desencanto: Silva Jardim e a República*. São Paulo: Humanitas, 2008.

FERREIRA, Valdelice Borghi; SANDANO, Wilson. Educação Escolar e movimentos sociais em Sorocaba, no início da República (1889/1920). *Revista HISTDBR On-line*, Campinas, n. 27, p. 172-178, set. 2007.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. Métodos de alfabetização, métodos de ensino e conteúdos da alfabetização: perspectivas históricas e desafios atuais. *Educação Santa Maria*, v. 32, n. 1, p. 21-40, 2010.

GANDINI, Raquel. *Almeida Júnior*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Editora Massangana, 2010.

GARCIA, Elenira M. S.. *A educação do homem no campo (1920-1940)*. 2006. 181 f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Universidade São Francisco, Programa de Pós-Graduação em Educação. Itatiba, São Paulo, 2006.

GARNICA, Antonio Vicente Marafiotte. Escolas, professores e caipiras: exercício para um descentramento histórico. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 121-136, jan./abr. 2005.

GAZOLI, Monalisa Renata. *O método analítico para o ensino da leitura em **Série de leitura Proença** (1926-1928), de Antonio de Firmino Proença*. 2010. 209 f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010.

_____. *O método analítico para o ensino da leitura em **Cartilha Proença** (1926), de Antonio Firmino Proença*. 2007. 92 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia)-Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2007.

GONÇALVES, Gisele Nogueira. *A trajetória profissional e as ações de Oscar Thompson sobre a instrução pública em São Paulo (1889-1920)*. 121f. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2002.

GRISI, Rafael. O ensino da leitura: o método e a cartilha. *Educação*, São Paulo, v. 32, 36-90, 1946. (Separata da revista *Educação*)

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. Tradução Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade Estadual de São Paulo, 2005.

HILSDORF, Maria Luisa Spedo. *Pensando a educação nos tempos modernos*. São Paulo: EDUSP, 1998

JACINTO, Daniela. Renato Sêneca de Sá Fleury: um talento a ser descoberto. *Cruzeiro do Sul*. Notícia publicada em 09/09/2010

LABEGALINI, Andréia Cristina Fregate Baraldi. *A formação de professores alfabetizadores nos institutos de educação do estado de São Paulo (1933 a 1975)*. 2005. 315 f. Tese (Doutorado em Educação)-Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2005.

LOPES, Nei. *Dicionário escolar afro-brasileiro*. São Paulo: Selo Negro Edições, 2006. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=FZgihSGIthMC&pg=PA67&lpg=PA67&dq=Francisco+Camerino&source=bl&ots=KV9sGgae0M&sig=4T4arvbWlOE0XkpiRI8AGe9Mhw4&hl=ptBR&ei=eb6ATs7rI4T00gHJ6ejVDw&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=2&ved=0CCcQ6AEwAQ#v=onepage&q=Francisco%20Camerino&f=false>. Acesso em set. 2006.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução Bernardo Leitão [et. al]. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

LUCA, Walter Alberto de. O fortalecimento dos jornais locais e a desconcentração da imprensa no interior de São Paulo: um estudo de caso. In: CONGRESSO IBERCOM, 10, Sevilla-Cádiz, 2006.

MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. *Os sentidos da alfabetização: a "questão dos métodos" e a constituição de um objeto de estudo* (São Paulo: 1876/1994). 1997. 389 f. Tese (Livre-Docência em Metodologia do Ensino de 1º Grau: Alfabetização)-Faculdade de Ciência e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 1997.

MANIFESTO DOS PIONEIROS DA EDUCAÇÃO NOVA (1932) E DOS EDUCADORES (1959). Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Editora Massangana, 2010. Coleção Educadores.

MARCÍLIO, Maria Luiza. *História da escola em São Paulo e no Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Instituto Fernand Braudel, 2005.

MARINS, Luiz Almeida. *A casa de Aluísio de Almeida*. Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba, 1996. Disponível em <<http://www.ihggs.org.br>>. Acesso em set. de 2011.

MATOS, Júlia Silveira. A revolução de 1930, os intelectuais e as críticas ao personalismo: heranças da tradição do pensamento político brasileiro. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA: PODER, VIOLÊNCIA E EXCLUSÃO, XIX. *Anais da Anpuh...*, São Paulo, 2008. p. 1-12.

MENDONÇA, Sônia Regina. Imperialismo, educación rural y dualidad pedagógica en Brasil, 1946-1951. 2011.

_____. Mundo rural, intelectuais e organização da cultura no Brasil: o caso da Sociedade Nacional de Agricultura. In: *Mundo Agrario: Revista de estudios rurales*,

vol. 1, n.1. Centro de Estudios Históricos Rurales: Universidad Nacional de La Plata, 2000.

_____. A Sociedade Nacional de Agricultura e a institucionalização de interesses agrários no Brasil. In: *Revista do Mestrado de História da Universidade Severino Sombra* – USS, ano II (1999). Vassouras: Centro Gráfico da FUSVE, 1999. p. 21-58.

_____. *O ruralismo brasileiro (1888-1931)*. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

MELO, Luis Correia de. *Dicionário de autores paulistas*. São Paulo: Irmão Andriolis, 1954. (Comissão do VI Centenário da cidade de São Paulo).

MELLO, Márcia Cristina de Oliveira. *Emilia Ferreiro e a alfabetização no Brasil: um estudo sobre a Psicogênese da língua escrita*. São Paulo: Editora Unesp, 2007.

_____. *Um estudo sobre o pensamento construtivista de Emilia Ferreiro sobre a alfabetização*. 2003. 172 f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília. 2003.

MENIN, Ana Maria da Costa Santos. *O Patinho feio, de H. C. Andersen: o “abrasileiramento” de um conto para crianças*. 1999. 280f. Tese (Doutorado em Educação)-Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 1999.

MESSENBURG, Cyntia. *Um estudo sobre Na roça: cartilha rural para alfabetização rápida (1935), de Renato Sênaca Fleury*. 2008. 75 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia)-Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2008.

MOMENTOS do livro no Brasil. São Paulo: Ática, 1998.

MONARCHA, Carlos. Cânon da Reflexão Ruralista no Brasil: Sud Mennucci. In: WERLE, Flávia Obino Corrêa (Org.). *Educação rural em perspectiva internacional: instituições, práticas e formação do professor*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2007. p. 19-51.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. *Os sentidos da alfabetização: São Paulo/1876-1994*. 2 reimp. São Paulo: Editora UNESP, 2000a.

_____. Cartilha de alfabetização e cultura escolar: um pacto secular. *Cadernos Cedes*, São Paulo, ano 19, n. 52. p. 41-54, nov. 2000b.

_____. João Köpke. In: Maria de Lourdes A. Fávero; Jarder M. Britto. (Org.). *Dicionário de educadores no Brasil: da colônia aos dias atuais*. 2.ed.. 2.e ed. Rio de Janeiro; Brasília: Editora UFRJ; MEC/ INEP/COMPED, 2002, v. 1.

_____. *Ensino de língua e literatura no Brasil: repertório documental republicano*. Marília, 2003. (Digitado).

_____. *Educação e letramento*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

_____. História dos métodos de alfabetização no Brasil. *Portal MEC*, abr. 2006. Disponível em: <[http:// portal.mec.gov.br/seb](http://portal.mec.gov.br/seb)>. Acesso em 23 ago. 2009.

_____. Letrar é preciso, alfabetizar não basta... mais?. In: SHOLZE, Lia; RÖSING, Tânia (Org.). *Teorias e práticas de letramento*. Brasília, DF: INEP... p. 155-168, 2007.

_____. A “querela dos métodos” de alfabetização no Brasil: contribuições para metodizar o debate. *Acolhendo a alfabetização em países de língua portuguesa* (ACOALFAPLP), v. 3, p. 91-114, 2008a. Disponível em: <http://www.acoalfaplp.net/0005acoalfaplp/0005acoalfaplp_tx/3fundaeducalfab/302metodomortatti.pdf>. Acesso em 29 dez. 2008.

_____. (Org.). *Alfabetização no Brasil: uma história de sua história*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Marília: Oficina Universitária, 2011. ISBN: 978-85-7983-178-2.

OLIVEIRA, Cátia Regina Guidio de; SOUZA, Rosa Fátima de. As faces do livro de leitura. *Cadernos Cedes*, São Paulo, ano 20, n. 52, p. 26-40, nov. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v20n52/a03v2052.pdf>>. Acesso em 15 jun. 2010.

_____. *As séries graduadas de leitura na Escola Primária Paulista (1890-1940)*. 2004. 107 f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2004.

OLIVEIRA, Eliane de Christo; KUHLMANN JR., Moysés. A promoção da educação infantil na obra e pensamento de Anália Franco. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 3., 2004. *Anais...*, Curitiba, 2004. p. 1-10. Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/individuais-coautorais/eixo02/Eliane%20de%20Christo%20Oliveira%20e%20Moyses%20Kuhlmann%20Jr.%20-%20Texto.pdf>>.

ORIANI, Angélica Pall. Série "Leituras Infantis" (1908-1919), de Francisco Vianna, e a história do ensino da leitura no Brasil. 2010. 288f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília. 2010.

_____. A abordagem histórica na produção acadêmica sobre alfabetização no Brasil (1979-2007): um instrumento de pesquisa. *Revista de iniciação científica da FFC*, Marília, v. 8, n. 2, p. 163-173, 2008. Disponível em: <<http://www.portallppgi.marilia.unesp.br/ric/viewarticle.php?id=165&layout=abstract>> Acesso em 2 fev. 2009.

_____. *Relatório científico final (julho a dezembro de 2008)*. Relatório científico (FAPESP). 25 f. Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2009.

OS EDUCADORES: Adolphe Ferriere, entusiasta da escola nova. *Revista virtual Reconstruir*, ano 8, n. 72. 15 maio 2009. Disponível em: http://www.educacaomoral.org.br/reconstruir/os_educadores_edicao_72_adolphe_ferriere.htm. Acesso em 15 ago. 2011.

PAGNI, Pedro Ângelo; BROCANELLI, Cláudio Roberto. Filosofia da Educação e Educação Filosófica segundo John Dewey. In: PAGNI, Pedro Ângelo; SILVA, Divino

José da. (Orgs.). *Introdução à Filosofia da Educação: Temas Contemporâneos e História*. São Paulo: Avercamp, 2007, v. 1, p. 216-242.

PAGNI, Pedro Ângelo. *Do manifesto de 1932 à construção de um saber pedagógico: ensaiando um diálogo entre Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2000a. 344p.

_____. *Anotações sobre a filosofia da educação de Anísio Teixeira*. Conferência apresentada no GT de Filosofia da Educação, Anped 2000b.

_____. *Anotações sobre a filosofia da educação de Anísio Teixeira*. Conferência apresentada no GT de Filosofia da Educação – Anped 2000. (trabalho encomendado).

PASQUIM, Franciele Ruiz. *Um estudo sobre **Cartilha infantil pelo methodo analytico** [1910?], de Carlos Alberto Gomes Cardim*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010.

PEREIRA, Bárbara C. *Theodoro de Moraes (1877-1956): um pioneiro no ensino da leitura pelo método analítico no Brasil*. 2009. 219 f. Dissertação (Mestrado em Educação)-FFC-Unesp-Marília, 2009.

_____. *Um estudo sobre **Meu livro** (1909), de Theodoro de Moraes*. 2006. 72 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2006.

PÉREZ, Tereza González; LÓPEZ, Oresta (Org). *Educación rural en Iberoamérica: experiencia histórica y construcción de sentido*. Anroart Ediciones; Imprime Publicep: Espanha, 2009.

PILETTI, Nelson. *História da Educação no Brasil*. 7 ed. São Paulo: Ática, 2002.

PINTO JUNIOR, Arnaldo. *A invenção de “Manchester Paulista”: embates culturais em Sorocaba (1903-1914)*. 2003. 206 f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Campinas, São Paulo, 2003. Disponível em: < <http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000311541>>. Acesso em 20 ago. 2010.

PFROMM NETO, Samuel; DIB, Carlos Z.; ROSAMILHA, Nelson. Cartilhas, gramáticas, livros de texto. In: PFROMM NETO, Samuel; DIB, Carlos Z.; ROSAMILHA, Nelson. *O livro na educação*. Rio de Janeiro: Primor/INL, 1974, p. 153-204.

RAZZINI, Marcia de Paula Gregório (Org.). *Antonio Firmino de Proença: professor, formador, autor (Sorocaba, 1880 – São Paulo, 1946)*. São Paulo: Porto de Idéias, 2010.

_____. A produção de livros escolares da Editora Melhoramentos na Primeira República. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – INTERCOM, 2007, Santos. *Anais...* Santos:[s.e], 2007.

Disponível em: <[HTTP://www.adevento.com.br/intercom/2007/resumos/R1479-2.pdf](http://www.adevento.com.br/intercom/2007/resumos/R1479-2.pdf)>. Acesso em 20 set. 2008.

RIBEIRO, Maria Luisa Santos. *História da educação brasileira: a organização escolar*. 10. ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1990. 180. Coleção educação contemporânea.

REIS FILHO, Casemiro dos. *A Educação e a ilusão liberal*. São Paulo: Cortez, 1981.

RIBEIRO, Elisabete Aparecida; PAGNI, Pedro Ângelo. Pragmatismo e Escola Nova no Brasil. In: *Nuances: estudos sobre educação*, ano IX, n. 9/10, jan./jun. e jul./dez., 2003. p. 149-166.

RIBEIRO, Neucinéia Rizzato. *Um estudo sobre “A leitura analítica” (1896), de João Köpke*. 2001. 66 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia)-Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2001.

RODRIGUEZ, Ricardo Vélez. *Perfil bio-bibliográfico de Sílvio Romero*. Proyecto Ensayo: mar., 2003. Disponível em: <<http://www.ensayistas.org/filosofos/brasil/romero/introd.htm>>. Acesso em set. de 2011.

SANTOS, Luana. *Um estudo sobre Cartilha da infância (188?), de Thomaz Galhardo*. 2008. 62 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia)-Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2008.

SILVA, Ruth Ivoty Torres da. *A escola primária rural*. 2. ed. Rio de Janeiro...: Editora Globo, 1957. (Biblioteca vida e educação. v. 10).

SOARES, Gabriela Pellegrino. Os irmãos Weiszflog em busca dos mercados escolares: identidades das Edições Melhoramentos dos primórdios à década de 1960. In: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (Org.). *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*, São Paulo: Editora Unesp, 2010. p. 157-159.

_____. *Semear horizontes: uma história da formação de leitores na Argentina e no Brasil, 1915-1954*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

SOARES, Magda Becker. *Alfabetização no Brasil: o estado do conhecimento*. Brasília, DF: INEP, 1989.

SOARES, Magda Becker; MACIEL, Francisca. *Alfabetização*. Brasília: MEC, Inep, Comped, 2000, (Série Estado do Conhecimento, n.1).

SOBRAL, Patrícia de Oliveira. *Um estudo sobre Nova cartilha analítico-sintética (1916), de Mariano de Oliveira*. 2007. 60 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia)-Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2007.

SOUZA, Rosa Fátima de. *Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910)*. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998.

_____. *Alicerces da pátria: história da escola primária no Estado de São Paulo (1890-1976)*. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2009.

SOUZA, Rodrigo Augusto de. O Ensino de História na Perspectiva Intelectual de Alfredo Miguel Aguayo. In: JORNADA DO HISTEDBR, 10., 2011. *Anais...*, Bahia, jul. 2011. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada10/trabalhos.html>. Acesso em 20 ago. 2011.

TANURI, Leonor Maria. *O ensino normal no estado de São Paulo: 1890-1930*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, 1979.

TEIXEIRA, Anísio Spinola. *Pequena introdução à filosofia da educação: a escola progressiva ou a transformação da escola*. 5. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1967. (Biblioteca da educação, ciência e cultura).

TREVISAN, Thabatha Aline. *A pedagogia por meio da Pedagogia: Teoria e prática (1954), de Antonio d'Ávila*. 2007. 165 f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2007.

VALDEMARIN, Vera Teresa. Os sentidos e a experiência: professores, alunos e métodos de ensino. In: SAVIANI, Dermeval; ALMEIDA, Jane Soares; SOUZA, Rosa Fátima de; VALDEMARIN, Vera Teresa. *O legado educacional do século XX no Brasil*. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2006, p. 163-203.

VIEIRA, Maria do P. de A.; PEIXOTO, Maria do Rosário da C.; KHOURY, Yara M. A. *A pesquisa em história*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2005.

WERLE, Flávia Obino Corrêa (Org.). *Educação rural em perspectiva internacional: instituições, práticas e formação do professor*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2007a.

_____. Escola Normal rural e seu impresso estudantil. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 45, p. 81-105, jun. 2007b.

_____. Escola Normal rural no Rio Grande do Sul: história institucional. *Revista Diálogo Educacional*, Curitiba, v. 5, n.14, p.35-50, jan./abr. 2005.

WERLE, Flávia Obino Corrêa; BRITO, Lenir Marina Trindade de Sá. O professor e a Escola para a Zona Rural: concepções e desdobramentos de uma Escola Normal rural. *Contexto e Educação*, Unijuí, ano 21, n. 75, p. 109-129, jan.-jul. 2006.

WRIGHT, Arnold. *Impressões do Brasil no Séclo Vinte: sua historia, seo povo, commercio, industrias e recursos*. Inglaterra: Lloud's Greater Britain Publishing Company, Ltd., 1913. Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0300g00.htm>>. Acesso em 26 set. 2011.

2. Fontes documentais citadas¹⁴⁰

2.1 Livros

BEZERRA, Aristóteles. Na Seara Pedagógica – cartilha rural do prof. Sêneca Fleury. O nordeste, Fortaleza-CE, 4 jun. 1936.

FLEURY, Renato Sêneca. *Barão do Rio Branco*. São Paulo: O Ypiranga, nov. de 1907.

_____. *Na roça*: cartilha rural para alfabetização rápida. São Paulo: Melhoramentos, 1935, 64p.

_____. *Educação rural*: ensaio. São Paulo: Companhia Melhoramentos. 1936b.

_____. *Brincar de ler*: livro de figuras. São Paulo: Melhoramentos, 1939.

_____. *Na roça*: primeiras leituras. 13. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1940. 58p.

_____. *Na roça*: segundas leituras. 13. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1942. 54p.

_____. *Na roça*: terceiras leituras. 9. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1943. 56p.

_____. Missões de professores paulistas. *Revista de educação*. dez.-jan. 1946. p. 183. (Através de Revistas e Jornais).

_____. *Proezas na roça*. São Paulo: Melhoramentos, 1953.

_____. *Cartilha para todos*: para o rápido aprendizado da leitura. 54. ed. São Paulo: Companhia editora nacional, 1950. 63p. (Série “Céus e Terras do Brasil) (ilustrações OTTO BENDIX)

_____; PENNA, V. L. F. *O Duque de Caxias*. 7.ed. São Paulo: Melhoramentos; Brasília: INL/MEC. 1975. 63p. il. (Série Grandes Brasileiros). (IEL – Instituto de Estudos da Linguagem)

_____. *Vamos Ler?*: cartilha analítico-sintética. 15. ed. São Paulo: Nacional, 1944. 102p.

_____. *Vamos Ler?*: leituras intermediárias. 14. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944. 92p.

¹⁴⁰ Segundo informações contidas na Norma Brasileira de Referência (NBR 6023, publicada em 2002), quando se refere à elaboração de referência de artigos e/ou matéria publicada em jornal “Os elementos essenciais são: autor(es) (se houver), título, título do jornal, local de publicação, data de publicação, seção, caderno ou parte do jornal e a paginação correspondente. Quando não houver seção, caderno ou parte, a paginação do artigo ou matéria precede a data.”. (NBR 6023, 2002, p. 6).

2.2 Artigos em jornais com autoria

ALMEIDA, Aluisio. Galeria de sorocabanos notáveis. *Cruzeiro do sul*, Sorocaba, 21 fev. 1943.

FLEURY, Renato Sêneca. Questões de ensino – Reajustamento-Ruralização. *Diário da noite*, Sorocaba. 19 abr. 1932.

_____. A psicologia da adolescência – O complexo antithetico psychismo do adolescente torna-o indisciplinado e rebelde, diz ao “Diário da Noite”, o prof. Renato S. Fleury. *Diário da noite*, Sorocaba. 5 set. 1934.

_____. Sobre a carreira no magistério em São Paulo: Uma grande injustiça contida no decreto 6.197 – Fala ao “Diário da Noite”, o professor Renato Sêneca de Sá Fleury. *Diário da noite*, Sorocaba. 01 mar. 1934.

_____. O moderno livro de leitura para a infancia. *Diário Popular*, São Paulo. 2 jun. 1936a.

_____. Rumo ao campo. *O Bariry*, Bariri. 28 jan. 1937.

_____. A Educação Rural Renovada. *Correio de Marília*, Marília. 22 jan. 1938.

_____. A função da escola rural. *Correio do Povo*, Porto Alegre-RS, [s.d].

_____. Literatura infantil. *Folha da manhã*, São Paulo. 19 fev. 1939.

_____. Missões de professores paulistas. *Diário de São Paulo*, São Paulo, 17 mar. 1947.

_____. O livro didático. *Cruzeiro do Sul*, Sorocaba, 06 abr. 1961.

_____. Fui aluno de Vital Brasil. *Cruzeiro do Sul*, Sorocaba, 20 abr. 1965.

_____. Aspectos de Julio Ribeiro. *Cruzeiro do Sul*, Sorocaba, 30 out. 1974.

_____. Estórias em quadrinhos. *Cruzeiro do Sul*, Sorocaba, 17 mar. 1976.

_____. O ensino áudio-visual, Recordações úteis. *Diário de Sorocaba*, Sorocaba, 09 abr. 1978.

_____. O que eu lia quando menino. *Diário de Sorocaba*, Sorocaba, 17 set. 1978. Recordações úteis.

_____. As Escolas Normais Paulistas depois da reforma Fernando de Azevedo (1933). *Diário de Sorocaba*, Sorocaba, 02 dez. 1979.

MARINS, Francisco. A Literatura infantil. *Folha de Botucatu*, Botucatu. 2 fev. 1944.

2.3 Artigos em jornais sem autoria

CONCURSO de contos. *Correio de Sorocaba*, Sorocaba, 29 dez. 1933.

NOTAS sociaes. *O Grêmio*, Sorocaba, set. 1934.

O COMERCIO. *Bibliotheca Infantil*. Florianópolis-SC. Nov. 1935.

NA ROÇA. *Correio de São Paulo*. São Paulo, 9 abr. 1936.

JUBILEU literário do prof. Renato Fleury. *Cruzeiro do Sul*, Sorocaba, 10 mar. 1946.

O PROF. RENATO Sêneca de Sá Fleury foi eleito para a Academia de Ciências e Letras de S. Paulo. *Cruzeiro do Sul*, Sorocaba, 1937. Com foto.

FLEURY, PARANINFO dos normalistas. *O Grêmio*, Sorocaba, ano VIII, nov. 1939.

PROF. Renato Sêneca de Sá Fleury. *Cidade de Itapira*, Itapira, 23 jun. 1940.

PROF. Renato Sêneca Fleury. *Cruzeiro do Sul*, Sorocaba, 9 dez. 1941

JORNAL DO ESTADO. *Edições Melhoramentos*. Porto Alegre, 21 mar. 1942.

CARTILHA Na roça. *Diário da tarde*. Franca, 17 abr. 1944.

EXEMPLO a ser imitado. *Liberdade*. João Pessoa-PB. 12 jun. 1944.

SANTOS Dumont. *El hogar*. Uruguai, Montevide, dez. 1944.

FLEURY NA ACADEMIA Brasileira de Literatura infantil. *Cruzeiro do Sul*, Sorocaba, 15 jul. 1979. Com foto.

INSTITUIÇÕES, ACERVOS E *SITES* CONSULTADOS

Instituições e acervos

- Marília

Acervo do GPHELLB – Grupo de Pesquisa “História do Ensino de Língua e Literatura no Brasil” – FFC-Unesp-Marília

Biblioteca da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista – FFC-Unesp-Marília.

- São Paulo-SP

Arquivo Público do Estado de São Paulo

Biblioteca Infanto-Juvenil “Monteiro Lobato”

Biblioteca Professor “Sólon Borges dos Reis” do Instituto de Estudos Pedagógicos “Sud Mennucci” (Centro do Professorado Paulista – CPP)

Biblioteca da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – FE-USP

Biblioteca do Livro Didático (LIVRES) da FE-USP

Biblioteca “Paulo Bourroul” – FE-USP

- Campinas-SP

Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas – IEL-Unicamp

Biblioteca da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas – FE-Unicamp

- Sorocaba

Biblioteca Municipal Infantil “Renato Sêneca Fleury”

Acervo do Museu Histórico Sorocabano, Centro Cultural Antonio Francisco Gaspar

Bases de dados disponíveis *on-line* e sites da Internet

Banco de Dados Bibliográficos da Universidade de São Paulo - USP

Disponível em: <<http://dedalus.usp.br>>

Serviço de Biblioteca e Documentação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – FE-USP

Disponível em: <<http://www.3fe.usp.br/secoes/inst/novo/biblio.htm>>

Sistema de Biblioteca da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – FFLCH-USP

Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br>>

Banco de Dados de Livros Escolares Brasileiros (LIVRES) – da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – FE-USP

Disponível em: <<http://paje.fe.usp.br/estrutura/livres/>>

Base de Dados Bibliográficos da Biblioteca da Universidade Estadual Paulista - UNESP

Disponível em: <<http://www.athena.biblioteca.unesp.br>>

Base de dados do Sistema de Bibliotecas da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp

Disponível em: <<http://www.sbu.unicamp.br.>>

Base de Dados de Livros e Teses do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas – IEL-Unicamp

Disponível em: <<http://www.iel.unicamp.br/biblioteca/index.php>>

Banco de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES

Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/servicos/banco-de-teses>>

Biblioteca Digital da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ

Disponível em: <<http://biblioteca.fnli.org.br:81/pergamum/biblioteca/>>

Centro de Referência em Educação “Mário Covas” – Núcleo de memória da educação paulista

Disponível em: <<http://www.crmariocovas.sp.gov.br/>>

Scientific Electronic Library – SCIELO

Disponível em: <<http://www.scielo.br>>

Site de Busca “Google”

Disponível em: <<http://www.google.com.br>>

Site de Busca “Google Acadêmico”

Disponível em: <<http://scholar.google.com.br/>>

APÊNDICE
BIBLIOGRAFIA *DE* E *SOBRE* RENATO FLEURY:
UM INSTRUMENTO DE PESQUISA

CYNTIA GRIZZO MESSENBURG

**BIBLIOGRAFIA *DE E SOBRE* RENATO FLEURY (1895-1980):
UM INSTRUMENTO DE PESQUISA**

**Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
Faculdade de Filosofia e Ciências
Campus de Marília
Programa de Pós-Graduação em Educação
Marília-SP**

Introdução

Desde que iniciei a pesquisa de iniciação científica, em março de 2008, iniciei, simultaneamente, a elaboração de instrumento de pesquisa¹⁴¹ a fim de me situar no campo da história do ensino da leitura e da escrita e de conhecer o que havia sido produzido, cientificamente, nessa temática. Para tal, considerando a abordagem histórica da pesquisa, centrada em pesquisa documental e bibliográfica, utilizei os procedimentos de localização, recuperação, reunião, seleção e ordenação de referências¹⁴² de textos *de* e *sobre* o professor paulista Renato Fleury – autor da cartilha de alfabetização *Na roça*, escolhida como *corpus* da pesquisa – em catálogos digitais e bases de dados de bibliotecas universitárias disponíveis *on-line*, e, em etapa posterior, em: bibliotecas, institutos de educação, acervos e sebos, nas cidades de Marília, Campinas e São Paulo.

Durante essas consultas, localizei um número significativo de textos de autoria de Renato Fleury, bem como de textos que continham menção a sua atuação profissional ou produção escrita e/ou citassem textos seus, porém, constatei a inexistência de pesquisas acadêmico-científicas sobre a cartilha *Na roça*, bem como sobre a atuação profissional e os demais livros de Renato Fleury.

Constatei também, quão válida e oportuna estava sendo a elaboração desse instrumento de pesquisa uma vez que muitas vezes recorria, dentre outras fontes, ao conjunto de referências de textos ordenadas para compreender aspectos que os documentos “silenciavam”, como quantidade de edições de um mesmo texto, diversidade de textos publicados em diferentes anos e por diferentes editoras, entre outros. Pude compreender o sentido de instrumento de pesquisa que Bellotto (2008, p. 142) descreve em seu texto, de que: “[...] os índices apontando apenas nomes, lugares ou assuntos em ordem alfabética e remetendo o leitor às respectivas cotas de identificação são de extrema utilidade para a fase inicial da pesquisa ou, para algum esclarecimento, no decorrer dela”.

¹⁴¹ Apesar da elaboração do instrumento de pesquisa fazer parte do desenvolvimento da pesquisa científica, classifico-os como processos “separados”, uma vez que, apesar de concomitantes e inter-relacionados, compreendem procedimentos e funções que se distinguem quando considerado o desenvolvimento prático da pesquisa. Para exemplificar, considero, dentre outros aspectos: a função do instrumento de pesquisa enquanto documento de consulta periódica e o acréscimo de informações que ocorre constantemente.

¹⁴² Na Norma Brasileira de Referências (NBR 6023), da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT-2002), o termo “referência” é definido como: “Conjunto padronizado de elementos descritivos, retirados de um documento, que permite sua identificação individual.” (p. 2).

Em dezembro de 2008, para a apresentação pública do meu Trabalho de Conclusão de Curso (MESSEMBERG, 2008), finalizei a pesquisa documental e bibliográfica e, conseqüentemente, a elaboração do instrumento de pesquisa em que eu havia reunido 103 referências de textos, apesar de ter consciência que ainda havia inúmeros aspectos a serem explorados sobre Renato Fleury e a sua produção bibliográfica.

Em continuidade a pesquisa de iniciação científica, elaborei, então, um projeto de pesquisa sobre a série de leitura *Na roça*, também escrita por Renato Fleury e, em março de 2010, ingressei no Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da FFC-Unesp-Marília. Considerando que o instrumento de pesquisa possibilita que o historiador tenha um “retrato de seu acervo”, Bellotto (2008, p.135), recuperei o instrumento de pesquisa e continuei inserindo referências de textos, a partir de outras referências que foram sendo localizadas naquelas e em outras bibliotecas e acervos, nas cidades de Sorocaba e Santa Cruz do Rio Pardo, seguindo os mesmos procedimentos metodológicos já mencionados.

Em três anos de pesquisa, ampliei o número de referências de textos reunidas no instrumento de pesquisa em 632, considerando as diferentes edições de um mesmo título, e mantive sua divisão em duas seções: bibliografia *de* e bibliografia *sobre* Renato Fleury, ou seja, uma seção em que constam as referências de textos escritos por Fleury e, a outra seção, em que constam as referências de textos de outros autores que mencionam Fleury, seja pela sua atuação profissional, pela produção escrita e/ou àqueles que citam textos seu. Observa-se essa divisão, no Quadro 1, que numerei de acordo com os tópicos que apresento no instrumento de pesquisa.

Quadro 1: Quantidade de referências de textos *de* e *sobre* Renato Sêneca Fleury, por seção.

Bibliografia	Total
1. De Renato Sêneca Fleury	534
2. Sobre Renato Sêneca Fleury	198
Total	732

Fonte: *Bibliografia de e sobre Renato Fleury (1895-1980)*: um instrumento de pesquisa (MESSEMBERG, 2011).

Esse aumento significativo do número de referências que localizei permitiu, dentre outros fatores, a constatação de que no desenvolvimento da pesquisa histórica, que envolve “postura” e “paciência intelectual”, o pesquisador deve ter cautela e

atenção, pois muitas “pistas” são falsas e/ou “passam” despercebidas, fazendo com que haja “[...] muitos problemas em cada texto, na medida em que seus autores, enquanto sujeitos, nunca estão prontos [...]” (MAGNANI, 1997) e que, dessa forma, haja a conscientização de que a pesquisa científica não é algo “acabado e fechado”.

Apresento neste instrumento de pesquisa o conjunto de referências reunidas, considerando as diferentes edições de um mesmo texto, a fim de compreender a representatividade dessas quanto à atuação e contribuição de Renato Fleury para o ensino da leitura e escrita no Brasil, considerando que os instrumentos de pesquisa “constituem-se nas vias de acesso primeiro do historiador ao documento custodiado [...]” (BELLOTTO, 2008, p. 134).

Além da divisão das referências de textos em duas seções, bibliografia *de* e bibliografia *sobre* Fleury, considerei pertinente dividi-las em subseções a fim de proporcionar uma melhor organização e uma visualização mais específica do conjunto de referências de textos, de acordo com a forma de veiculação. Dessa forma, as referências de textos *de* Fleury foram divididas em onze subseções, cujos títulos e a quantidade de referências correspondente são: cartilhas: 26; livros de leitura: 28; literatura infanto-juvenil: 63; artigos em revistas: 8; jornal ou artigos em jornais: 400; livros de língua portuguesa: 3; ensaio: 1; livros de psicologia: 1; livro de matemática: 1; tradução: 1; e, outros¹⁴³: 2.

Inseri as referências de texto no instrumento de pesquisa de acordo com a Norma Brasileira de Referências (NBR 6023), da Associação Brasileira de Normas Técnicas. Foi necessário, porém, adequar essas normas às especificidades e aos objetivos da pesquisa histórica, no seguinte caso: repetir em todas as referências o nome do autor Renato Sêneca Fleury, que teve vários livros referenciados sucessivamente na mesma página (fiz essa opção para facilitar a organização e o remanejamento das referências, quando necessário¹⁴⁴). Optei, também, pelos mesmos motivos, por dividir as subseções com o maior número de referências pelo título do texto. Ressalto que as referências de

¹⁴³ Criei a subseção “outros” para inserir os livros que não consegui classificar ou livros que não tive acesso “físico”, e, que não apresentavam classificação pela editora. Dessa maneira, considerando apenas o título, não foi possível classificá-las e inseri-las em nenhuma seção específica, criando, por isso, a seção outros.

¹⁴⁴ Na Norma Brasileira de Referências (NBR 6023), da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT-2002), encontra-se a seguinte redação referente à indicação de nome de autor: “Eventualmente, o(s) nome(s) do(s) autor(es) de várias obras referenciadas sucessivamente, na mesma página, *pode(m)* ser substituído(s), nas

textos reunidas na subseção “Literatura infanto-juvenil”, por se tratar de livros que se distinguem quanto ao tema abordado e/ou às diferentes coleções que integram, foram divididas, também, em outras três subseções: “Biografias”, “Coleção Biblioteca Infantil” e “Outros”.

No Quadro 2, apresento a quantidade de referências de texto *de* Fleury, ordenados por subseção.

Quadro 2: Quantidade de referências de textos *de* Renato Sêneca Fleury, por subseção.

Bibliografia <i>de</i> Fleury	Total 1
1.1 Em cartilhas	26
1.2 Livros de leitura	28
1.3 Literatura infanto-juvenil:	-
1.3.1 <i>Biblioteca Infantil</i>	29
1.3.2 Biografias	20
1.3.3 Outros	14
1.4 Artigos em revistas	8
1.5 Jornais e/ou artigos em jornais	400
1.6 Livro de Língua Portuguesa	3
1.7 Ensaio	1
1.8 Livro de psicologia	1
1.9 Livro de Matemática	1
1.10 Tradução	1
1.11 Outros	2
Total	534

Fonte: *Bibliografia **de** e **sobre** Renato Fleury (1895-1980)*: um instrumento de pesquisa (MESSEMBERG, 2011).

No que se refere à produção escrita *sobre* Renato Fleury, reuni 198 referências de textos *sobre* Renato Fleury, incluindo textos que abordam especificamente aspectos da vida e da produção escrita de Fleury, além de textos que contêm menções a ele, sua atuação profissional, sua produção escrita e/ou citam textos seus.

Ordenei as 195 referências de textos em duas subseções: textos que abordam especificamente aspectos da vida e da produção escrita de Fleury: 20; e textos que contêm menções a ele, sua atuação profissional, sua produção escrita e/ou citam textos seus: 178. Considerando que localizei apenas uma edição de cada texto, dividi a primeira subseção em outras duas, de acordo com a localização da referência: em textos acadêmicos, revistas eletrônicas ou anais de eventos: 10; em jornais de notícias: 10.

referências seguintes à primeira, por um traço sublinear (equivalente a seis espaços) e ponto” (2002, p. 21, Grifo meu).

Dividi, também, a segunda subseção em outras seis, de acordo com a localização da referência: em livro: 12; em livro de literatura infantil: 10; em artigo em periódico: 5; em textos acadêmicos: 17; em revista eletrônica: 19; e em artigos e notas de jornais de notícias: 115. Ressalto que pelo fato das referências de texto reunidas na subseção “notas de jornais” serem propagandas dos livros de Fleury, optei por dividir essa subseção no instrumento de pesquisa de acordo com o título do livro.

Especificamente em relação a algumas notas *sobre* Renato Fleury publicados em jornais de notícias não pude identificar informações como: local de publicação, ano de publicação ou, ainda, jornal no qual o artigo ou a nota foi publicado. O fato de eu não localizar essas informações deve-se porque essas notas foram recortadas dos jornais nos quais foram publicados sem que se preservassem essas informações.

Para propiciar uma visão de conjunto e síntese das publicações *sobre* Renato Fleury, apresento, no Quadro 3, os textos escritos *sobre* Fleury, ordenadas por subseção.

Quadro 3: Quantidade de referências de textos *sobre* Renato Sêneca Fleury, por subseção

Subseção	Total por subseção
2.1 Textos que abordam especificamente aspectos da vida e da produção escrita de Fleury:	-
2.1.1 Textos acadêmicos, revistas eletrônicas e anais de eventos	10
2.1.2 Textos em jornais de notícias	10
2.2 Textos com menções a Renato Fleury, sua atuação profissional ou produção escrita e/ou citações de textos seus:	-
2.2.1 menções e/ou citações em livro	12
2.2.2 menções e/ou citações em livro de literatura infantil	10
2.2.3 menções e/ou citações em artigo em periódico	5
2.2.4 menções e/ou citações em textos acadêmicos	17
2.2.6 menções e/ou citações em revista eletrônica	19
2.2.7 menções e/ou citações em artigos e notas de jornais de notícias	115
Total da seção	198

Fonte: *Bibliografia de e sobre Renato Fleury (1895-1980): um instrumento de pesquisa* (MESSEMBERG, 2011).

Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *Norma Brasileira de Referências* (NBR 6023). Rio de Janeiro, 2002.

BELLOTTTO, Heloísa Liberalli. Os instrumentos de pesquisa no processo historiográfico. In: CD-ROM COMEMORATIVO XIV CONGRESSO BRASILEIRO

DE ARQUIVOLOGIA: a arquivologia e a construção social do conhecimento. [s/l]: FEMADE Tecnologia, 2008. CD-ROM.

MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. *Em sobressaltos: formação de professores*. 2ª. Ed. Campinas; Ed. Unicamp, 1997.

MESSEMBERG, Cyntia Grizzo. *Um estudo sobre Na roça: cartilha rural para alfabetização rápida (1935), de Renato Sêneca Fleury*. 2008, 78f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Campus de Marília, 2008.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. *Os sentidos da alfabetização: São Paulo/ 1876-1994*. São Paulo: Editora UNESP, 2000a.

1. BIBLIOGRAFIA DE RENATO SÊNECA FLEURY

1.1 CARTILHAS

FLEURY, Renato Sêneca. *Na roça*: cartilha rural para alfabetização rápida. 1.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1935. 64p., il.

FLEURY, Renato Sêneca. *Na roça*: cartilha rural para alfabetização rápida. 25.ed. São Paulo: Melhoramentos, [19--]. 64p., il.

FLEURY, Renato Sêneca. *Na roça*: cartilha rural para alfabetização rápida. 39.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1943. 64p., il. Adotada em todos os estados do Brasil.

FLEURY, Renato Sêneca. *Cartilha na Roça*. 47. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1944. 64p. Edição revista. (n. 406 – Ilustrações Augustus) Adotada em todos os estados do Brasil.

FLEURY, Renato Sêneca. *Cartilha na Roça*. 57. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1945.

FLEURY, Renato Sêneca. *Cartilha na Roça*. 107. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1952. Uso autorizado pelo Ministério de Educação e Saúde, registro n. 932. Edição revista

FLEURY, Renato Sêneca. *Cartilha na Roça*. 123. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1955. 48p., il.

FLEURY, Renato Sêneca. *Cartilha na Roça*. 133. ed. São Paulo: Melhoramentos, [s.d]. 48p. (Ilustração Rosa Monzel) (Edição Revista e simplificada)

FLEURY, Renato Sêneca. *Brincar de ler*: livro de figuras. São Paulo: Melhoramentos, 1939.

FLEURY, Renato Sêneca. *Brincar de ler*: livro de figuras. 7.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1942. 70p. il,col. (Orientação professor Lourenço Filho)

FLEURY, Renato Sêneca. *Brincar de ler*: livro de figuras. 10.ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1945. 70p. (Orientação professor Lourenço Filho)

FLEURY, Renato Sêneca. *Brincar de ler*: livro de figuras. 12.ed. São Paulo: Melhoramentos. 1947. 70p. il.

FLEURY, Renato Sêneca. *Brincar de ler*: livro de figuras. 17. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1953. 70p. Série Brincar e aprender. (Uso autorizado pelo Ministério da Educação e Saúde. Registro – n. 878).

FLEURY, Renato Sêneca. *Brincar de ler*: livro de figuras. 19.ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1955. 70p.

FLEURY, Renato Sêneca. *Brincar de Ler*: livro de figuras. 24.ed. São Paulo: Melhoramentos, [19--].

FLEURY, Renato Sêneca. *Brincar de Ler*: livro de figuras. 28.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1963. 64p.

FLEURY, Renato Sêneca. *Brincar de Ler*: livro de figuras. 28.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1965.

FLEURY, Renato Sêneca. *Brincar de Ler*: livro de figuras. 31.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1965. 64p.

FLEURY, Renato Sêneca. *Vamos ler?* São Paulo: Nacional, 1938. 102p.

FLEURY, Renato Sêneca. *Vamos ler?* 9.ed. São Paulo: Nacional, 1941. 140p. il.

FLEURY, Renato Sêneca. *Vamos Ler?*: cartilha analítico-sintética. 15. ed. São Paulo: Nacional, 1944. 102p.

FLEURY, Renato Sêneca. *Vamos ler?* 39.ed. São Paulo: Nacional, 1951. 102p. il.

FLEURY, Renato Sêneca. *Cartilha para todos*: para o rápido aprendizado da leitura. 5. ed. São Paulo: Companhia editora nacional, 1948. (Série “Céus e Terras do Brasil”) (ilustrações OTTO BENDIX)

FLEURY, Renato Sêneca. *Cartilha para todos*: para o rápido aprendizado da leitura. 54. ed. São Paulo: Companhia editora nacional, 1950. 63p. (Série “Céus e Terras do Brasil”) (ilustrações OTTO BENDIX)

FLEURI, Renato Sêneca. *Minha cartilha*. 11. ed. São Paulo: Companhia editora nacional 1962.

FLEURI, Renato Sêneca. *Minha cartilha*. 26. ed. São Paulo: Companhia editora nacional 1962. Ilustrações de João Gargiulli.

1.2 LIVROS DE LEITURA

FLEURY, Renato Sêneca. *Na roça*: primeiras leituras. 1. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1936.

FLEURY, Renato Sêneca. *Na roça*: primeiras leituras. 13. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1940. 58p.

FLEURY, Renato Sêneca. *Na roça*: primeiras leituras. 17. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1942. 58p.

FLEURY, Renato Sêneca. *Primeiras Leituras Na roça*. 21. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1944. 56p. n.414.

FLEURY, Renato Sêneca. *Primeiras Leituras Na roça*. 26. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1952. 235 milheiro. Uso autorizado pelo Ministério de Educação e Saúde, registro n. 887.

FLEURY, Renato Sêneca. *Na roça: segundas leituras*. 1. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1936.

FLEURY, Renato Sêneca. *Na roça: segundas leituras*. São Paulo: Companhia Melhoramentos de São Paulo. 56p. (Weisflog Irmão Incorporada)

FLEURY, Renato Sêneca. *Na roça: segundas leituras*. 13. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1942. 54p.

FLEURY, Renato Sêneca. *Segundas Leituras Na roça*. 16. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1947. Adotada em todos os estados do Brasil.

FLEURY, Renato Sêneca. *Segundas Leituras Na roça*. 19. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1951. 210 milheiro.

FLEURY, Renato Sêneca. *Na roça: terceiras leituras*. 1. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos.

FLEURY, Renato Sêneca. *Na roça: terceiras leituras*. 3. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, [s.d.].

FLEURY, Renato Sêneca. *Na roça: terceiras leituras*. 9. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1943. 56p; il. Adotada em todos os estados do Brasil.

FLEURY, Renato Sêneca. *Na roça: terceiras leituras*. 11 ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1944. Adotada em todos os estados do Brasil.

FLEURY, Renato Sêneca. *Na roça: terceiras leituras*. 12. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1948. 56p; il. 85 milheiro. “Uso autorizado pelo Ministério da Educação e Saúde, Registro nº. 886”

FLEURY, Renato Sêneca. *Vamos ler? 2º. Livro de leitura, 3º. Grau primário*. 4. ed. São Paulo; Rio de Janeiro; Recife; Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1941. 156p.

FLEURY, Renato Sêneca. *Vamos Ler?: leituras intermediárias*. 14. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944. 92p.

FLEURY, Renato Sêneca. *Vamos Ler?: leituras intermediárias*. 32. ed. São Paulo: Nacional, 1950.

FLEURY, Renato Sêneca. *Série pátria brasileira: leitura I*. São Paulo: Melhoramentos, 1942.

FLEURY, Renato Sêneca. *Série pátria brasileira: leitura I*. 14 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1949. (190 milheiro – Orientação do prof. Lourenço Filho)

FLEURY, Renato Sêneca. *Série pátria brasileira: leitura II*. São Paulo: Melhoramentos, 1942. 126p.

FLEURY, Renato Sêneca. *Série pátria brasileira: leitura II*. 11 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1942. 151p. (135º milheiro)

FLEURY, Renato Sêneca. *Série Pátria Brasileira: Leitura II*. 11. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1948, 148p. (Orientação do prof. Lourenço Filho – Uso autorizado pelo Ministro da Educação e Saúde, registro n. 884).

FLEURY, Renato Sêneca. *Série Pátria Brasileira: Leitura III*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1943.

FLEURY, Renato Sêneca. *Série Pátria Brasileira: Leitura IV*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1943.

FLEURY, Renato Sêneca.. *Série Pátria Brasileira: Leitura IV*. 2. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1944, 203p. (30º. Milheiro – Orientação do prof. Lourenço Filho – Uso autorizado pelo Ministro da Educação e Saúde, registro n. 884).

FLEURY, Renato Sêneca (Org.). *Série pátria brasileira – Leitura IV*. 6.ed. São Paulo: Melhoramentos. 1949. 208p.

FLEURY, Renato Sêneca. *Série Pátria Brasileira: Leitura IV*. 7. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1950, 203p. (Orientação do prof. Lourenço Filho – Uso autorizado pelo Ministro da Educação e Saúde, registro n. 946).

FLEURY, Renato Sêneca. *Série Pátria Brasileira: Leitura IV*. 9. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1951, 197p. (Ilustrações de Osvaldo Storni).

1.3 LITERATURA INFANTO-JUVENIL

1.3.1 Biblioteca Infantil

FLEURY, Renato Sêneca. *As chinelinhas de cristal*. São Paulo: Edições Melhoramentos, [1943?]. 54p. n.69. il. (Orientação do professor Lourenço Filho)

FLEURY, Renato Sêneca. *As chinelinhas de cristal*. 5. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos. 47p. Livro n. 69 (Orientação do prof. Lourenço Filho)

FLEURY, Renato Sêneca. *As duas gatas pretas*. 2. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos. 54p. Livro n. 59 (Orientação do prof. Lourenço Filho)

FLEURY, Renato Sêneca. *A escrava que se tornou princesa*. 6. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos. 47p. Livro n. 66 (Orientação do prof. Lourenço Filho)

FLEURY, Renato Sêneca. *A vingança do João-de-Barro*. 3. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos. 56p. Livro n. 58 (Orientação do prof. Lourenço Filho)

FLEURY, Renato Sêneca. *A vingança do João-de-Barro*. 4. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos. 56p. Livro n. 58 (Orientação do prof. Lourenço Filho)

FLEURY, Renato Sêneca. *A Rabequinha Maravilhosa*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1938.

FLEURY, Renato Sêneca. *A Rabequinha Maravilhosa*. 7 ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, [s.d]. 47p. (nº60 – orientação do Prof. Lourenço Filho)

FLEURY, Renato Sêneca. *As três noivas*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1938.

FLEURY, Renato Sêneca. *As três noivas*. 9 ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, [s.d]. 48p. (nº65 – orientação do Prof. Lourenço Filho)

FLEURY, Renato Sêneca. *Histórias do Pai João*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, [s.d]. 56p. (nº67 – orientação do Prof. Lourenço Filho)

FLEURY, Renato Sêneca. *Linda flor e o príncipe*. São Paulo: Edições Melhoramentos, [1943?]. 56p. n.70. il. (Orientação do professor Lourenço Filho) (AHLE)

FLEURY, Renato Sêneca. *O mercador e o Gênio*. 6 ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, [s.d]. 47p. (nº53 – orientação do Prof. Lourenço Filho) (Ilustração Oswaldo Storni)

FLEURY, Renato Sêneca. *O anão e a fiandeira*. 2. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos. 48p. Livro n. 84 (Orientação do prof. Lourenço Filho)

FLEURY, Renato Sêneca. *O pássaro de ouro*. São Paulo: Edições Melhoramentos. Livro n. 72.

FLEURY, Renato Sêneca. *Os vasos de ouro*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1938. 54p.

FLEURY, Renato Sêneca. *Os vasos de ouro*. 3. ed. São Paulo: Companhia Melhoramentos. 54p. Livro n. 63 (Orientação do prof. Lourenço Filho)

FLEURY, Renato Sêneca. *Os três cysnes*. São Paulo: Companhia Melhoramentos. 1938. (Orientação do prof. Lourenço Filho)

FLEURY, Renato Sêneca. *Os três cavallos encantados*. São Paulo: Companhia Melhoramentos. 1938. (Orientação do prof. Lourenço Filho)

FLEURY, Renato Sêneca de Sá. *Os cães encantados: o menino que conversava com os bichos*. 1 ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, [19--]. 56p. n.80. il.

FLEURY, Renato Sêneca. *Os cães encantados*. 2. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos. 47p. Livro n. 80 (Orientação do prof. Lourenço Filho)

FLEURY, Renato Sêneca. *Os cães encantados*. 4 ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, [s.d]. 48p. (nº80 – orientação do Prof. Lourenço Filho) (Ilustração Augustus)

FLEURY, Renato Sêneca. *O cágado e o teiú*. São Paulo: Edições Melhoramentos. 1935. (Orientação do prof. Lourenço Filho)

FLEURY, Renato Sêneca. *O rei castigado*. São Paulo: Companhia Melhoramentos. 56p. Livro n. 74 (Orientação do prof. Lourenço Filho)

FLEURY, Renato Sêneca. *O príncipe dos pés pequenos*. 2. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos. 47p. Livro n. 82 (Orientação do prof. Lourenço Filho)

FLEURY, Renato Sêneca. *O príncipe sem coração*. 3. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos. 48p. Livro n. 75 (Orientação do prof. Lourenço Filho)

FLEURY, Renato Sêneca. *O pequeno polegar*. 4. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos. 47p. Livro n. 52 (Orientação do prof. Lourenço Filho)

FLEURY, Renato Sêneca. *Pedro Malasartes*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1938.

FLEURY, Renato Sêneca. *Pedro Malasartes*. 2. ed. São Paulo: Companhia Melhoramentos. 56p. Livro 64 (Ilustrações de Hilde Weber Mueller Carioba)

1.3.2 Biografias

FLEURY, Renato Sêneca. *Anchieta*. Ilustrações de Seth. 4. ed. São Paulo: Melhoramentos. 1967. 60p. il. (19cm – Série Grandes Brasileiros)

FLEURY, Renato Sêneca. *Anchieta*. 5.ed. São Paulo: Loyola, 1978, 70p.

FLEURY, Renato Sêneca. *O Almirante Tamandaré*. Ilustrações de Renato Silva. 3. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1967. 76p. il. (19cm – Série Grandes Brasileiros)

FLEURY, Renato Sêneca. *Barão do Rio Branco*. Ilustrações de Seth. 3. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1967. 65p. il. (19cm – Série Grandes Brasileiros)

FLEURY, Renato Sêneca. *Dom Pedro II*. Ilustrações de Percy Lau. 4. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1967. 76p. il. (19cm – Série Grandes Brasileiros)

FLEURY, Renato Sêneca. *Dom Pedro II*. São Paulo: Melhoramentos, 1975.

FLEURY, Renato Sêneca; PENNA, V. L. F. *O Duque de Caxias*. 7.ed. São Paulo: Melhoramentos; Brasília: INL/MEC. 1975. 63p. il. (Série Grandes Brasileiros). (IEL – Instituto de Estudos da Linguagem)

FLEURY, Renato Sêneca. *Francisco Adolfo de Varnhagem: Visconde de Porto Seguro* (“Natural de Sorocaba”). Edição do autor. Rio de Janeiro: Soc. Gráfica Vida Doméstica LTDA. 1978. 61p. (IEL)

FLEURY, Renato Sêneca. *Heroínas e mártires brasileiras*. São Paulo: Melhoramentos, 82p.

FLEURY, Renato Sêneca. *José Bonifácio*. Ilustrações de Oswaldo Storni. 3. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1967. 59p. il. (19cm – Série Grandes Brasileiros)

FLEURY, Renato Sêneca. *O Padre Feijó*. Ilustrações de Oswaldo Storni. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1967. 88p. il. (19cm – Série Grandes Brasileiros)

FLEURY, Renato Sêneca. *Oswaldo Cruz*. Ilustrações de Renato Silva. 3. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1967. 74p. il. (19cm – Série Grandes Brasileiros)

FLEURY, Renato Sêneca. *O Padre Gusmão*. Ilustrações de Oswaldo Storni. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1967. 54p. il. (19cm – Série Grandes Brasileiros)

FLEURY, Renato Sêneca. *Pedro Américo*. Ilustrações de Olavo Silveira Pereira. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1967. 66p. il. (19cm – Série Grandes Brasileiros)

FLEURY, Renato Sêneca. *Prudente de Moraes* – com vocabulário e síntese biográfica.. Ilustração de Oswaldo Storni. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1967. 80p. il. (20cm – Série Grandes Brasileiros)

FLEURY, Renato Sêneca. *Rui Barbosa*. 4. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1967. 89p. il. (19cm – Série Grandes Brasileiros)

FLEURY, Renato Sêneca. *Santos Dumont*. São Paulo: Melhoramentos, 1943.

FLEURY, Renato Sêneca. *1895 - Santos Dumont*. 2 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1944. 40p. il.

FLEURY, Renato Sêneca. *Santos Dumont*. Ilustrações de Belmonte. 6. ed. São Paulo: Melhoramentos; Brasília: INL/MEC, 1967. il. (20cm – Série Grandes Brasileiros)

FLEURY, Renato Sêneca. *Santos Dumont*. Ilustrações de Belmonte. 7. ed. São Paulo: Melhoramentos; Brasília: INL/MEC, 1975. 72p. il. (20cm – Série Grandes Brasileiros)

1.3.3 Outros

FLEURY, Renato Sêneca. *A festa da bicharada*. São Paulo: Edições Melhoramentos. 1941.

FLEURY, Renato Sêneca. *A generosidade do servo*. São Paulo: Edições Melhoramentos. 1939.

FLEURY, Renato Sêneca. *A escrava que se tornou princesa*. 7 ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, [s.d]. 47p. (nº66 – orientação do Prof. Lourenço Filho)

FLEURY, Renato Sêneca. *A horta do Juquinha*. São Paulo: Edições Melhoramentos, [19--]. 32p. n.80. il. (ilustração Lisa Modern)

FLEURY, Renato Sêneca. *A horta do Juquinha*. Ilustração de Lisa Modern. 5. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1967. 28p. il. col. (Coleção Primavera).

FLEURY, Renato Sêneca. *Ao passo das caravanas*. São Paulo: Edições Melhoramentos. 1942. (Série Histórias Maravilhosas)

FLEURY, Renato Sêneca. *Aventuras do macaco Simão*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1942. 48p.

FLEURY, Renato Sêneca. *Breves histórias orientais*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1939. (Série Histórias Maravilhosas)

FLEURY, Renato Sêneca. *Breves histórias orientais*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1970. 70p. il.

FLEURY, Renato Sêneca. *Contos e lendas Orientais*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1941. 78p. (Série Histórias Maravilhosas – livro 19) (Secção Editora – Orientação do professor Lourenço Filho).

FLEURY, Renato Sêneca. *Contos e lendas do deserto*. São Paulo: Melhoramentos, 1957. 198p. il. nº 901.

FLEURY, Renato Sêneca de Sá. *Histórias de bichos*. São Paulo: Companhia Melhoramentos de São Paulo – Secção Editora, [1942?]. 55p. n.55. (Orientação do professor Lourenço Filho)

FLEURY, Renato Sêneca. *Proezas na roça*. São Paulo: Melhoramentos, 1953.

FLEURY, Renato Sêneca. *Proezas na roça*. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1965. 94p. Ilustrações de Zaé Júnior.

4. LÍNGUA PORTUGUESA

FLEURY, Renato Sêneca. *Consultor popular da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, [19--]. 68p. (SBD-USP)

FLEURY, Renato Sêneca. *Consultor popular da Língua Portuguesa*: contendo um vocabulário ortographico com mais de 4.000 termos. São Paulo, Caieiras, Rio de Janeiro: Companhia Melhoramentos de São Paulo, s.d. 178p. (CPP)

_____. *Emendas à gramática*: livro dedicado a professores, estudantes e estudiosos. Rio de Janeiro: Companhia Editora Americana. [19--]. 99p. (Edição do Autor). (IEL)

5. TRADUÇÕES

GUSTAVO, Paulo; FLEURY, Renato Sêneca [Trad.]. *Caminho de ouro*: um mundo maravilhoso para a infância. 2 ed. Rio de Janeiro: Alfa, 1960. 260 p.

6. ARTIGOS EM REVISTAS

FLEURY, Renato Sêneca. O homem que tinha duas línguas: conto. *A cidade*. Sorocaba, n. XXIV, mar. 1945. p. 14.

FLEURY, Renato Sêneca. A vida diária do índio. *Folhas avulsas*. São Paulo: Ed. Melhoramentos, n. 8, out. 1950. p. 13.

FLEURY, Renato Sêneca. Sobre a gênese da psicologia da adolescência. *Revista do professor*. São Paulo: Typhografia Siqueira, ano II, n.10, mar-abr 1935. p.2.

FLEURY, Renato Sêneca. Emotividade juvenil. *Revista do professor*. São Paulo: Typhografia Siqueira, ano I, n.12. jun-jul 1935. p.1.

FLEURY, Renato Sêneca. Reparo sobre as Normais Livres. *Revista do professor*. São Paulo: Typhografia Siqueira, ano IV, n.21, out. 1937. p.2.

FLEURY, Renato Sêneca. Ciência e Filosofia. *Revista do professor*. São Paulo: Typhografia Siqueira, ano III, n.16, set. 1936, p.13.

FLEURY, Renato Sêneca. São Paulo: Directoria do Ensino do Estado. *Revista de educação*. vol VIII, n. 8, dez. 1934.

FLEURY, Renato Sêneca. Missões de professores paulistas. *Revista de educação*. dez.-jan. 1946. p. 183. (Através de Revistas e Jornais).

7. ENSAIO

FLEURY, Renato Sêneca de Sá. *Educação rural*: ensaio. São Paulo: Melhoramentos, 1936. 108p.

8. PSICOLOGIA

FLEURY, Renato Sêneca. *Adolescência*. São Paulo; Caieiras; Rio de Janeiro: Companhia Melhoramentos de São Paulo, 1936. 117 p.

9. MATEMÁTICA

FLEURY, Renato Sêneca. *Calculo escolar*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1944.

FLEURY, Renato Sêneca. *Calculo escolar*: Série de problemas perfeita e suavemente graduados, de acôrdo com os programas dos cursos primários e para os exames de admissão aos ginásios, com as respectivas soluções. 7. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1951. 167p, 28 milheiro. (Uso autorizado pelo Ministério da Educação e Saúde – registro n. 564).

10. OUTROS

FLEURY, Renato Sêneca. *Quadros para o ensino intuitivo*. São Paulo: Melhoramentos, 1921.

FLEURY, Renato Sêneca. *Correspondencia para todos*. São Paulo: Melhoramentos. Guia do comerciante – Imposto sobre a renda – Contas assignadas – Correspondencia em geral. 1924.

2. BIBLIOGRAFIA SOBRE RENATO SÊNECA FLEURY

2.1 TEXTOS QUE ABORDAM ESPECIFICAMENTE ASPECTOS DA VIDA E DA PRODUÇÃO ESCRITA DE FLEURY

2.1.1 Textos acadêmicos, revistas eletrônicas e anais de eventos

MESSEMBERG, Cyntia Grizzo. *Um estudo sobre Na roça: cartilha rural para alfabetização rápida (1935), de Renato Sêneca Fleury*. 2008. 101f. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Programa de Pós-Graduação em Educação. Marília-SP, 2008.

_____. Um estudo sobre 'Na roça': cartilha rural para alfabetização rápida (1935), de Renato Sêneca Fleury. III SEMINÁRIO INTERNACIONAL: ESCOLA E CULTURA DA PUC-SP. In: *Anais...* São Paulo: Educ, 2008. p.1-12.

_____. Um estudo sobre *Na roça*: cartilha rural para alfabetização rápida (1935), de Renato Sêneca Fleury. *Revista de Iniciação Científica da FFC*, Marília, v.9; n.2, 2009. p. 200-213.

_____. Cartilha 'Na roça' (1935), de R. S. Fleury, na história da alfabetização no Brasil. 17 CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL (COLE). In: *Anais...* Campinas: Unicamp; FE; ALB, 2009. p.1-9.

_____. A série Na Roça, de Renato S. Fleury, na história do ensino da leitura no Brasil. XI SEMINÁRIO DE PESQUISA DA PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO. In: *Anais...* Marília: Fundepe, 2010. p. 1-11.

_____. A Série 'Na roça' (1936), de Renato Fleury, e o ensino primário nas escolas rurais. VII COLÓQUIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO. In: *Anais...* São João del Rei: Editora da UFSJ, 2010. p.1 - 10

_____. Renato Fleury (1890-1985) e a proposta do método 'misto' para o ensino da leitura em escolas rurais. VII ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL-ANPED SUL. In: *Anais...* Londrina, 2010. p.1 – 12.

_____. Renato Fleury (1895-1980) na História da Educação no Brasil In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 6. 2011. *Anais...*, Vitória: Ufesp, 2011. p. 1-12.

_____. The contribution of Renato Fleury (1895-1980) for rural education in Brazil In: INTERNATIONAL STANDING CONFERENCE FOR THE HISTORY OF EDUCATION, 33. 2011. *Anais...*, San Luis Potosi-México: Irubí Camacho, 2011. p. 1-10.

_____. Renato Fleury e o ensino da leitura em escolas rurais do Brasil na década de 1930 In: ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUDESTE, 10. 2011, *Anais...* Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <http://www.fe.ufrj.br/anpedinha2011/anais/anais.php>.

2.1.2 Textos em jornais de notícias

O GREMIO. *Notas sociaes*. Sorocaba, set. 1934.

BEZERRA, Aristóteles. Na Seara Pedagógica – cartilha rural do prof. Sêneca Fleury. *O nordeste*, Fortaleza-CE, 4 jun. 1936.

CORREIO DE SÃO PAULO. *Na roça*. 9 abr. 1936.

CRUZEIRO DO SUL. *Jubileu literário do prof. Renato Fleury*. Sorocaba, 10 mar. 1937.

CRUZEIRO DO SUL. *O Prof. Renato Sêneca de Sá Fleury foi eleito para a Academia de Ciências e Letras de S. Paulo*. Sorocaba, 1937. Com foto.

O GREMIO. *Fleury, paraninfo dos normalistas*. Sorocaba, nov. 1939.

CIDADE DE ITAPIRA. *Prof. Renato Sêneca de Sá Fleury*. Itapira, 23 jun. 1940.

CRUZEIRO DO SUL. *Prof. Renato Sêneca Fleury*. Sorocaba, 9 dez. 1941.

ALMEIDA, Aluisio. Galeria de sorocabanos notáveis. *Cruzeiro do sul*, Sorocaba, 21 fev. 1943.

ERBOLATO, Mario L. O ensino da leitura nas escolas rurais. *O comercio*, Sorocaba. 11 maio 1944.

2.2 TEXTOS QUE CONTÊM MENÇÕES A RENATO FLEURY, SUA ATUAÇÃO PROFISSIONAL OU PRODUÇÃO ESCRITA E/OU CITAÇÕES DE TEXTOS SEUS

2.2.1 Em livro

DONATO, Hernani. *100 anos da Melhoramentos: 1890-1990*. São Paulo: Melhoramentos, 1990.

LEMOES, Carlos A. C. *Viagem pela carne*. São Paulo: Edusp.

Disponível em: <http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=Hq0EIX5-LhkC&oi=fnd&pg=PA40&dq=Renato+S%C3%AAAneca+Fleury&ots=uu1LbD96Xp&sig=g8P4dRxRsDh6HCZZtS265sjgbFE#v=onepage&q=Renato%20S%C3%AAAneca%20Fleury&f=false>. Acesso em 11/12/2010.

MELO, Luis Correia de. *Dicionário de autores paulistas*. São Paulo: Irmão Andriolis, 1954. (Comissão do VI Centenário da cidade de São Paulo).

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE. *Problemas de Educação rural*: curso promovido pelo INEP, em 1949, a cargo do Prof. Robert King Hall, da Columbia University, NY. Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, publicação n. 47, 1950. 105p.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. *Os sentidos da alfabetização*: São Paulo/ 1876-1994. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

MOUTINHO, Pe. Murillo. *Bibliografia para o VI Centenário da morte do beato José de Anchieta, 1597-1997*. vol. I. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

PEREIRA, Gilson R. de M. *Servidão ambígua: valores e condições do magistério*. 2. ed. São Paulo: Escrituras Editora, 2005. (Coleção ensaios transversais).

PFROMM NETO, Samuel; DIB, Carlos Z.; ROSAMILHA, Nelson. *O livro na educação*. Rio de Janeiro: Primor/INL, 1974.

POLIANTEIA comemorativa do 1º centenário do Ensino Normal de São Paulo. São Paulo: Gráfica Brescia, 1946.

SILVIA, Ruth Torres da. *A escola primária rural*. 3. ed. Rio de Janeiro; Porto Alegre; São Paulo: Editora Globo, 1970. (atualizada e ampliada).

SOARES, Gabriela Pellegrino. *Semear horizontes: uma história da formação de leitores na Argentina e no Brasil, 1915-1954*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007, 504p. il.

SOBRINHO, Vicente Caputti. *Colar de Sabugos: contos e crônicas*. 1947. p. 69-71.

2.2.2 Em livro de literatura infantil

CARVALHO, Barbara Vasconcelos de. *A literatura infantil: visão histórica e crítica* 5. ed. São Paulo: Global, 1987.

CARVALHO, Barbara Vasconcelos de. *Compêndio da literatura infantil: para o 3º ano do curso normal*. 2. ed. ampl. São Paulo: Leia, 1961.

CARVALHO, Barbara Vasconcelos de. *Compêndio de literatura infantil*. 3. ed. ampl. São Paulo: Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas (IBEP), [s.d.].

CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. *Literatura infantil: estudos*. São Paulo: Lótus, [s.d.].

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira*. 5.ed. rev. atual. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006.

D'ÁVILLA, Antônio. *Literatura infanto-juvenil – de acordo com o Programa das Escolas Normais*. 3. ed. São Paulo: Editora do Brasil S/A. v. 20, Série Normal, 1964. Coleção Didática do Brasil. (Revista e aumentada)

FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO INFANTIL E JUVENIL. *Bibliografia analítica da literatura infantil e juvenil publicada no Brasil*. v2. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984.

FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO INFANTIL E JUVENIL. *Bibliografia analítica da literatura infantil e juvenil publicada no Brasil: 1965-1974*. São Paulo:

Melhoramentos; Brasília: INL, 1977. (com convênio com o Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e Cultura).

PINTO, José Benedicto. *Pontos de literatura infantil* – para alunos do 3º. Ano normal. 4.ed. São Paulo: Editora F.T.D., 1967. (aumentada e revista).

SALEM, Nazira. *Literatura infantil*. São Paulo: Editora Mestre Jou. 1959. 261p.

2.2.3 Em artigo em periódico

MENNUCCI, Sud (Dir.). Renato Sêneca Fleury – Educação rural. *Revista do professor: Órgão do Centro do Professorado Paulista*. São Paulo, ano III, n.16, set. 1936, p.26. (Bibliografia pedagógica)

MUNIZ, Irene Martins. Renato Sêneca Fleury – A cartilha rural “Na roça”. *Revista de Educação: orgam da directoria do ensino*. São Paulo: Typ. Siqueira, vol. XIII e XIV, n. 13 e 14, mar. e jun., 1936. p. 213. (Bibliographia)

LOURENÇO FILHO, Manuel Bergström. Como aperfeiçoar a literatura infantil. *Revista Brasileira (ABL)*. Rio de Janeiro, v.7, n.3, agosto 1943. p. 146-169.

FOLHAS AVULSAS. *O ensino da leitura nas escolas rurais*. Sorocaba, mar. 1946. p.8.

A CIDADE (revista). Renato Sêneca Fleury. Sorocaba.

2.3 Em textos acadêmicos

BARROS, Francisca Argentina Goes. A arte como princípio educativo: uma nova *leitura biográfica de Pedro Américo de Figueiredo e Melo*. 2006. 172f. Tese (Doutorado em Educação: história, memória e política educacional) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Fortaleza – Ceará, 2006.

BERTOLLETTI, Estela Natalina Mantovani. *A produção de Lourenço Filho sobre e de literatura infantil e juvenil (1942-1968): fundação de uma tradição*. 275 p. Tese (Doutorado em Educação – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Programa de Pós-Graduação em Educação. Marília-SP. 2006.

CAMPELO, Kátia Gardênia Henrique da Rocha. *Cartilhas de alfabetização: subsídios para a compreensão da história da alfabetização mineira (1930-1945)*. 2007. 142f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Educação: conhecimento e inclusão social. Belo Horizonte-MG. 2007.

DESSOTTI, Isabel Cristina Caetano. *História da educação de Votorantim: do apito da fábrica à sineta da escola*. 2007. 214f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Sorocaba, Programa de Pós-Graduação em Educação. Sorocaba-SP 2007.

GARCIA, Elenira Martins Sanches. *A educação do homem no campo (1920-1940)*. 2006. 181f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade São Francisco, Programa de Pós-Graduação em Educação. Itatiba, São Paulo, 2006.

GAZOLI, Monalisa Renata. *O método analítico para o ensino de leitura em **Série de leitura Proença** (1926-1928), de Antonio Firmino de Proença*. 2010. 209f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Programa de Pós-Graduação em Educação. Marília-SP. 2010.

GOLSALVES, Silvia Leticia. *Entre textos e imagens: a independência do Brasil na literatura infantil e juvenil*. 2004. 110f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Campinas, São Paulo, 2004.

MEDEIROS, Rita de Cássia Tavares; NATIED, Siara Marroni. *Cartilhas escolares: ideários, práticas pedagógicas e editoriais: construção de repertórios analíticos e de conhecimento sobre a história da alfabetização e das cartilhas (MG/RS, 1870-1980)*. 2001. Projeto de Pesquisa Interinstitucional - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação. Universidade Federal de Pelotas, Faculdade de Educação; Minas Gerais, Pelotas, 2001.

MELLO, Márcia Cristina de Oliveira. *A alfabetização na imprensa periódica educacional paulista (1927-1943)*. 2007. 239f. Tese (Doutorado em Educação). – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Programa de Pós-Graduação em Educação. Marília-SP, 2007.

ORIANI, Angélica Pall. *Série "Leituras Infantis" (1908-1919), de Francisco Vianna, e a história do ensino da leitura no Brasil*. 2010. 288f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Programa de Pós-Graduação em Educação. Marília-SP. 2010.

OLIVEIRA, Ana Célia. *Grupo escolar noturno de Sorocaba (1937-1945)*. 2006. 106f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Sorocaba, Programa de Pós-Graduação em Educação. Sorocaba, São Paulo, 2006.

PASQUIM, Franciele Ruiz. *Um estudo sobre **Cartilha Infantil pelo Methodo Analytico** (1910), de Carlos Alberto Gomes Cardim*. 103f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – FFC-Unesp-Marília, 2010.

PEREIRA, Bárbara Cortella. *Theodoro de Moraes (1877-1956): um pioneiro na história do ensino da leitura pelo método analítico no Brasil*. 2009. 219f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Programa de Pós-Graduação em Educação. Marília-SP. 2009.

PINTO JUNIOR, Arnaldo. *A invenção de "Manchester Paulista": embates culturais em Sorocaba (1903-1914)*. 2003. 206 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Campinas, São Paulo, 2003. Disponível em: < <http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000311541>>. Acesso em 05/06/2008.

SANTOS, Maria de Lourdes Cardoso da Silva. *Revista do professor (1934 a 1939): contribuições para a formação do pensamento político-pedagógico do magistério primário do Estado de São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Metodista de Piracicaba, Faculdade de Educação. Piracicaba, São Paulo, 2001.

SOARES, Meire Terezinha Muller. *O impacto da industrialização no sistema educacional de municípios agrários: a trajetória de Paulínia-SP*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Campinas, São Paulo, 2004.

2.4 Em revista eletrônica

AMÂNCIO, Lázara Nanci de Barros; SOUZA, Terezinha Fernandes Martins de. Escolas rurais e alfabetização em Mato Grosso: aspectos de uma trajetória nas décadas de 1930-1940. (UFMT/MT). CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO. In: *Anais...* 2006. Disponível em: <www.sbhe.org.br/pdf>. Acesso em 07/04/2008.

AMÂNCIO, Lazara Nanci de Barros; CARDOSO, Cancionila Janzkovski. Circulação de cartilhas e ensino de leitura em Mato Grosso: uma contribuição à história da alfabetização (1927-1977). CONGRESSO LUSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO. In: *Anais...* 2006. Disponível em: http://www.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/365LazaraAmancio_e_Cancionila.pdf. Acesso em 17/03/2010.

ARAÚJO, Gustavo Cunha de; SANTOS, Sônia Maria dos. História, memória e iconografia nas cartilhas de alfabetização. Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas – UFU. [s.d.] Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/horizontecientifico/article/viewFile/4015/2992>>. Acesso em 21/04/2010.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; KLINKE, Karina. Livros escolares de leitura: uma morfologia (1866-1956). *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo: Autores Associados, n.20, maio/jun/jul/ ago. 2002, ISSN 1413-2478, p. 27-47. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/275/27502003.pdf>>. Acesso em 12/05/2008.

BRITO, Tarsilla Couto de. Leitura e memória: Monteiro Lobato na tradição literária brasileira. *Revista de Literatura*, História e Memória: inter-relações entre a literatura e a sociedade. vol. 5, n. 6. Cascavel: Unioeste, 2009. ISSN 1983-1498, p. 37-45.

CÔRREA, Maria do Carmo Almeida. A voz da autoridade na literatura infantil. *Itinerários: revista de literatura*. Araraquara, n. especial. 2003. p. 133-150. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/index.php/itinerarios/article/view/2701/2411>. Acesso em 16/03/2011.

LAGUNA, Shirley Puccia. O livro de leitura (1889-1933): instrumento de educação e instrução. . 14 CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL (COLE). In: *Anais...* Campinas, 2003. p.1-5. Disponível em:

<alb.com.br/arquivo_morto/edicoes_anteriores/anais14/.../C08037.doc>. Acesso em 17/03/2011.

MORTATTI, M. R. L., PEREIRA, B. C., GAZOLI, M. R., ORIANI, A. P., MESSENERG, C. G. Cartilhas de professores paulistas do início do século XX e a conformação de práticas de alfabetização no Brasil. II SEMINÁRIO INTERNACIONAL DO LIVRO DIDÁTICO (LIHED). In: *Anais...* Niterói. v.1. 2009. p.1-15.

PASIN, José Luiz (Org.). Catálogo da sala “Euclides da Cunha” de Lorena. *Revista da Faculdade Salesiana*. Lorena, ano 15, n.23, 1974. p.128-147. Disponível em: <<http://www.euclides.site.br.com>>. Acesso em 16/09/2008.

RAZZINI, Marcia de Paula Gregório. Leitura escolar em São Paulo na primeira república: as bibliotecas infantis. 16 CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL (COLE): No mundo há muitas armadilhas e é preciso quebrá-las.. In: *Anais...* Campinas. 2007. p. 1-10. Disponível em: <www.alb.com.br/anais16.pdf>. Acesso em 12/05/2008.

RAZZINI, Marcia de Paula Gregório. A produção de livros escolares da Editora Melhoramentos na Primeira República. CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO -INTERCOM. In: *Anais eletrônicos*. Santos. 2007. Disponível em: <[HTTP://www.adtevento.com.br/intercom/2007/resumos/R1479-2.pdf](http://www.adtevento.com.br/intercom/2007/resumos/R1479-2.pdf)>. Acesso em 20/09/2008.

RAZZINI, Márcia de Paula Gregório. Práticas de leitura e memória escolar. CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO. In: *Anais...* 2002. Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema3/0303.pdf>>. Acesso em 17/03/2011.

SILVEIRA, Tânia Cristina da. A ‘Modernidade’ em Uberlândia e o ensino rural. *Cadernos de História da Educação*. São Paulo, v. 9, n.2, jul./dez. 2010. p. 543-565.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel; BONIN, Iara Tatiana. Gênero, Heroísmo e Patriotismo em obras de literatura para crianças. *Revista HISTEDBR On-line*. Campinas, n. 34, jun. 2009, p. 255-269.

SOARES, Zenaide Bassi Ribeiro. Literatura, imprensa e censura: infância e juventude em foco. *Revista Tema UNIESP*. São Paulo, n.56, jul./dez. 2010. p. 106-127.

SOUZA, Loide Nascimento de.; VALERO, Caroline Brero. Literatura infantil brasileira: dos primórdios à consolidação. *Revista UNIFAMMA*, Maringá, vol.2, n.1, nov. 2003. p. 21-35. Disponível em: <<http://www2.unifamma.edu.br/site2/site/revista/2003.pdf>>. Acesso em 16/09/2008.

SOUZA, Terezinha Fernandes Martins. A leitura e a escrita na escola primária em Mato Grosso (1930 a 1970). VII CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO. In: *Actas...* Porto: Faculdade de Psicologia e Ciência da Educação. jun. 2008. p. 1-14.

TANURI, Leonor Maria. História da formação de professores. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo: Universidade Estadual de São Paulo. [s.d.]. Disponível em: <http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE14/RBDE14_06_LEONOR_MARIA_TANURI.pdf>. Acesso em 16/09/2008.

TREVISAN, Thabatha Aline. A Pedagogia segundo Antônio D'Ávila. 16 CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL (COLE): No mundo há muitas armadilhas e é preciso quebrá-las.. In: *Anais...* Campinas. 2007. p. 1-10. Disponível em: <www.alb.br/cole> Acesso em: 15/04/2009.

2.5 Em artigos e notas de jornais de notícias

- Artigos

CORREIO DE SOROCABA. *Concurso de contos*. Sorocaba, 29 dez. 1933.

DIÁRIO DA NOITE. *Os professores-fiscaes das escolas normaes livres ainda não receberam os vencimentos de maio!* Sorocaba, 26 jun. 1933.

AMARAL, Rubens do. Livros e idéias. *Folha da manhã*, São Paulo, 2 dez. 1936.

AMARAL, Rubens do. Livros e idéias. *Folha da manhã*. Sorocaba, 22 nov. 1941.

FOLHA DA MANHÃ. É de grau superior o curso normal? Sorocaba, 25 dez. 1941.

PANORAMA LITERÁRIO. *Panorama Literario*. O Comercio, Sorocaba, 07 abr. 1943.

LIBERDADE. *Exemplo a ser imitado*. João Pessoa-PB. 12 jun. 1944.

MARINS, Francisco. A Literatura infantil. *Folha de Botucatu*, Botucatu. 2 fev. 1944.

DIÁRIO DE S. PAULO. *Centenário do Ensino Normal*. São Paulo, 16 mar. 1946. p. 6.

A GAZETA. Os professores e o projeto de lei n. 209. São Paulo, 24 set. 1949.

CRUZEIRO DO SUL. *Fleury na Academia Brasileira de Literatura infantil*. Sorocaba, 15 jul. 1979. Com foto.

LETRAS DA PROVÍNCIA. *Restabelecimento da denominação: Escola Normal*. n.205, jul. 1979. p. 12.

LETRAS DA PROVÍNCIA. *Psicologia Vital*.

- Notas

A FESTA da bicharada. *O povo*, Fortaleza-CE, 8 jan. 1941.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Porto Alegre-RS, 12 nov. 1942.

“ADOLESCÊNCIA”, de Renato Sêneca Fleury. *A gazeta*. São Paulo, 12 ago. 1936.

BIBLIOGRAPHIA. 22 nov. 1936.

ADOLESCÊNCIA. *Correio de São Paulo*, 7 ago. 1936.

NAS LIVRARIAS. *Correio paulistano*, São Paulo, 27 nov. 1939.

LIVROS novos. *O povo*, Fortaleza-CE, 23 nov. 1939.

A GENEROSIDADE do servo. *Diario popular*, São Paulo, 27 nov. 1939.

A GENEROSIDADE do servo. *A tribuna*, Santos, 2 nov. 1939.

AO PASSO das caravanas. *O jornal*, Manaus-AM. 20 jun. 1943.

LIVROS novos. *Estado do Pará*, Belém-PA. 27 maio 1943.

AO PASSO das caravanas. *O dia*, Curitiba-PA. 7 abr. 1943.

LIVROS. *Folha da tarde*. Porto Alegre, 29 dez. 1942.

AO PASSO das caravanas. *O diário*, Santos, 3 abr. 1943.

AVENTURAS do macaco Simão. *O imparcial*, São Luiz-MA, 23 nov. 1942.

AVENTURAS do macaco Simão. *O estado do Pará*, Belém-PA. 12 nov. 1942.

LIVROS NOVOS. *Jornal de Alagoas*, Maceió, 10 jun. 1943.

AVENTURAS do macaco Simão. *Criança*, São Paulo.

LIVROS NOVOS. *Jornal de Petrópolis*, Petrópolis-RJ, 2 set. 1942.

PUBLICAÇÕES. *Diário do povo*, Campinas, 25 ago. 1942.

AVENTURAS do macaco Simão. *Diário de noticias*, Porto Alegre-RS. 5 set. 1942.

AVENTURAS do macaco Simão. *O diário*, Belo Horizonte. [s.d]

O ESTADO DE SÃO PAULO. 24 dez. 1938.

LIVROS de historias para crianças. *O estado de São Paulo*, 21 abr. 1938.

AS DUAS gatas pretas e as maçãs do escravo. *Tribuna do norte*, Pindamonhangaba, 30 jan. 1938.

BIBLIOTHECA Infantil. *Diario do povo*, Campinas, 8 fev. 1939.

LIVROS INFANTIS de Renato S. Fleury. *Correio paulistano*, São Paulo, 24 dez. 1938.

- PARA as nossas creanças. *A gazeta*, São Paulo, 21 abr. 1938.
- BIBLIOTHECA Infantil. *O povo*, Fortaleza-CE, 28 mar. 1939.
- BIBLIOTHECA Infantil. *O comercio*, Florianópolis-SC. Nov. 1935.
- LIVROS para creanças. *Diario de Pernambuco*, Recife, 1 jul. 1938.
- LIVROS novos. *Jornal pequeno*, Recife, 22 nov. 1940.
- BRINCAR de ler. *Folha da manhã*, Recife, 23 fev. 1940.
- BRINCAR de ler. *Jornal de alagoas*, Maceió, 9 maio 1939.
- LIVROS didáticos. *Diário popular*. São Paulo, 5 maio 1939.
- BRINCAR de ler. *Brasilidade*, Santos, 1939.
- LIVROS escolares. *A gazeta*, São Paulo, 5 maio 1939.
- BRINCAR de ler. *A nação*, Porto Alegre-RS. 11 maio 1939.
- BIBLIOGRAFIA. *A união*, João Pessoa-PB. 7 jun. 1939.
- BRINCAR de ler. *Folha da manhã*, São Paulo, 29 abr. 1939.
- CÁLCULO Escolar. *Folha da manhã*, São Paulo, 9 abr. 1944.
- CÁLCULO Escolar. *Gazeta de limeira*, São Paulo, 29 abr. 1944.
- CÁLCULO Escolar. *O estado de são Paulo*, 24 mar. 1944.
- CÁLCULO Escolar. *Mogiana* (revista), Campinas, maio 1944.
- CÁLCULO Escolar. *Correio paulistano*, São Paulo, 18 mar. 1944.
- CÁLCULO Escolar. *A gazeta*, São Paulo, 23 mar. 1944.
- LIVROS novos. *A gazeta*, Vitória-ES, 19 abr. 1944.
- CONTOS e lendas orientais. *O dia*, Curitiba, 16 jun. 1941.
- LIVROS. *O diário*, Natal-RN, 19 jul. 1941.
- CONTOS e lendas orientais. *O estado de São Paulo*, 3 jul. 1941.
- EDUCAÇÃO rural. *Sem nome*, São Paulo, 25 set. 1936.
- BIBLIOGRAPHIA. *O estado de São Paulo*, São Paulo, 15 dez. 1936.

NA ROÇA – cartilha rural para alfabetização rápida. *Educação*, Espírito Santo-VI. [s.d.].

CARTILHA *Na roça*. *O estado de São Paulo*, 20 fev. 1944.

CARTILHA *Na roça*. *Diário da tarde*, 17 abr. 1944.

CARTILHA *Na roça*. *A gazeta*, 10 mar. 1944.

LIVROS novos. *Folha da manhã*, São Paulo, 20 nov. 1935.

BIBLIOGRAPHIA. *O estado de S. Paulo*, São Paulo, 26 abr. 1936.

BIBLIOGRAPHIA. *O estado de S. Paulo*, São Paulo, 23 NOV. 1935.

PUBLICAÇÕES. *Minas Gerais*, Belo Horizonte 5 out. 1943.

LIVROS NOVOS. *diário da manhã*, Ribeirão Preto, 22 out. 1943.

NOVIDADES INFANTIS. *Diario do povo*, Campinas, 5 out. 1943.

SANTOS DUMONT. *A gazeta*, São Paulo, 23 mar. 1944.

SANTOS DUMONT. *A tribuna*, Santos, 13 out. 1943.

SANTOS DUMONT. *Correio paulistano*, São Paulo, 12 set. 1943.

SANTOS DUMONT. *Folha da manhã*, São Paulo, 17 nov. 1943.

SANTOS DUMONT. *El hogar*, Uruguai, Montevide, dez. 1944.

SANTOS DUMONT. *O nordeste*, Fortaleza-CE, 14 jan. 1944.

SANTOS DUMONT. *O diário*, Belo Horizonte, 2 set. 1943.

FEIRA DE LIVROS. *O progressista*, Campo Grande-MT. 26 out. 1943.

SANTOS DUMONT. *Vanguarda*, Rio de Janeiro, 31 ago. 1943

SANTOS DUMONT. *Vida nova*, Caieiras-SP, 31 mar. 1944.

SÉRIE PÁTRIA BRASILEIRA. *Folha da manhã*, São Paulo, 30 abr. 1943.

SÉRIE PÁTRIA BRASILEIRA. *Folha da manhã*, São Paulo, 14 fev. 1943.

SÉRIE PÁTRIA BRASILEIRA. *O estado*, Florianópolis-SC. 13 mar. 1943.

EDIÇÕES MELHORAMENTOS. *Jornal do estado*, Porto Alegre, 21 mar. 1942.

BIBLIOGRAFIA. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 5 ago. 1938.